

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGED
NÚCLEO: MOV. SOCIAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E ESCOLA - NMS
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA - ME

FILOSOFIAS QUE SOPRAM DO MAR:
mapeando conceitos de *Povos do Mar* com os
habitantes de *Tatajuba*, Camocim-Ce.

RAIMUNDO NONATO JÚNIOR



Praia de Tatajuba

Fortaleza
2006

RAIMUNDO NONATO JÚNIOR

FILOSOFIAS QUE SOPRAM DO MAR:
mapeando conceitos de *Povos do Mar* com os habitantes de
Tatajuba, Camocim-Ce.

Dissertação apresentada à
Universidade Federal do Ceará –
Programa de Pós-graduação em
Educação – como requisito parcial para
a obtenção do grau de Mestre em
Educação Brasileira, sob orientação da
Dra. Sandra Haydée Petit.

Fortaleza
2006

FILOSOFIAS QUE SOPRAM DO MAR:
mapeando conceitos de *Povos do Mar* com os habitantes de *Tatajuba*, Camocim-Ce.

Raimundo Nonato Júnior

Aprovado em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Sandra Haydée Petit - UFC (presidente)
Doutora em Ciências da Educação – Universidade de Paris VIII

Profa. Kelma Socorro Lopes de Matos - UFC
Doutora em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará

Profa. Lílian Ferreira Lobo - UFF
Doutora em Psicologia

À Nívea,
minha irmã,
exemplo de competência e coragem.

AGRADECIMENTOS

À **Deus**, fonte luminosa no meu caminhar;

A **mim**, por superar os muitos percalços surgidos no caminhar desta pesquisa;

Ao **mar** que inspirou todas as produções deste trabalho;

À **comunidade de Tatajuba**, em especial aos membros do grupo de pesquisa;

Aos meus pais, **Raimundo Nonato Sobrinho e Antônia Hozana Sousa de Assis**, que me ensinaram honrosamente a encarar o medo como desafio, crescendo e amadurecendo com ele;

Aos meus irmãos, **Maria Aurizete – Maria Aurínívea – Raimundo Jucier**, que me impulsionam para a vitória em todos os desafios de minha vida;

A **Levi Freitas**, meu sobrinho, por sua doce presença;

Ao meu grande amigo **Joubert Arrais**, mestrando em Dança pela UFBA, parceiro de muitas inquietações acadêmicas e apoio constante nos percursos que envolveram este trabalho;

A **Elaine Freitas** que, com grande dedicação, participou ativamente da montagem final desta dissertação;

A minha amiga **Rosileide Soares** por ter sido fonte constante de apoio, respeito e incentivo a meu desenvolvimento enquanto pesquisador;

Aos outros membros do grupo de estudos em Sociopoética e Análise Institucional, principalmente: Profa. Orientadora **Sandra Petit, Eveline Perdigão, Rebeca Alcântara, Antônio Rodrigues, Madalena Bonfim, Valdênia Morais**– que me ajudaram a pensar a Ciência enquanto sistema aberto e a perceber a riqueza filosófica do método de pesquisa sociopoético;

À Profa. Dra. **Kelma Matos**, grande amiga e exemplo de competência acadêmica e humana, que me incentivou a continuação deste trabalho em seus períodos mais difíceis;

À Profa. Dra. **Lilia Ferreira Lobo** (UFF), por participar da banca de defesa deste trabalho;

Aos professores doutores, **Lia Silveira e Sylvio Gadelha**, que participaram da banca de qualificação do projeto que originou esta pesquisa;

À **Débora Leite**, professora competente, colega de trabalho leal, grande incentivadora e apoiadora de minha ascensão docente;

Aos demais colegas de trabalho do Departamento de Fundamentos da Educação na UFC, em especial: Profa. **Maria Isabel**, Profa. **Bernadete Beserra**, Profa. **Cleide**, Profa. **Joyce**, Profa. **Paula Barcelar** – pelo acolhimento que me deram na chegada ao departamento e/ ou pelas idéias partilhadas ao longo do Mestrado;

À **Carlos, Adriana, Maria** e todos os demais funcionários do departamento de Fundamentos da Educação da UFC;

À **Geísa, Adalgisa, Mara** e demais funcionários do Programa de pós-graduação em Educação, pela atenção e dedicação;

À **Maria Auxiliadora Gadelha, Piedade Videira** e **Ana Cláudia**, que também ingressaram no Programa de Pós-Graduação na turma de 2004 e se tornaram presenças fortes e inspiradoras ao longo de minha caminhada;

À **Rosaline Mota**, amiga verdadeira, exemplo de determinação, superação e fé;

A **Laécio Ricardo, Viviane, Grazielly** que partilharam comigo as muitas aprendizagens necessárias ao convívio acadêmico;

À **Liu** que partilhou comigo tantas dificuldades em sua carreira acadêmica e hoje colhe os louros do seu justo sucesso em Mestrado nos Estados Unidos;

Ao **LABOMAR**, pelas fontes de pesquisa;

Aos literatos, artistas, filósofos e teóricos que dialogaram comigo ao longo das análises deste trabalho, por suas idéias brilhantes;

Ao **CNPq** pela concessão da bolsa de pesquisa, imprescindível para que esta investigação tenha se realizado com sucesso;

E, finalmente, a todos os que de alguma forma passaram pela minha vida e colaboraram para a construção do indivíduo e do profissional que sou hoje. Todos os que direta ou indiretamente participaram da produção digna deste trabalho.

A vida se me é!
(LISPECTOR)

*“Que importa que teu barco seja um nada,
Na vastidão do oceano
Se à proa vão heróis e marinheiros
E vão no peito corações guerreiros?”*
(Trecho do Hino do Estado do Ceará)

RESUMO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa sobre os conceitos de *Povos do Mar* realizada com os habitantes da comunidade litorânea de Tatajuba, em Camocim – Ceará. A investigação de campo foi feita entre agosto de 2005 e janeiro de 2006. O método utilizado foi a Sociopoética. Para tanto, foram realizadas seis oficinas de produção de dados na comunidade nos meses de setembro e outubro de 2005, bem como duas oficinas de contra-análise em dezembro do mesmo ano. O grupo alvo da pesquisa foi composto 17 moradores de Tatajuba. Estas oficinas visaram à valorização do potencial filosófico dos participantes, produzindo dados a partir de técnicas que se utilizaram da arte, da mitologia, da corporeidade e do inconsciente. Além destes procedimentos, a pesquisa de campo contou com a produção do diário do pesquisador elaborado a partir de observações na comunidade e experiências pessoais, datadas de janeiro de 2004 a julho de 2006. Ainda foram produzidos outros 13 diários por moradores de Tatajuba. A análise dos dados foi realizada em duas etapas: 1) dos conceitos produzidos nas oficinas sociopoéticas; 2) da análise teórico-filosófica dos dados. Os resultados apontam para conceitos de *Povos do Mar* que demonstram polifônicos sentidos nas relações: espaço/ natureza/ modernidade/ progresso/ imaginação/ inconsciente/ realidade/ mito/ espiritualidade/ educação/ cotidiano. Todas estas dimensões apresentam-se imbricadas tanto entre si como também ao tema proposto. Em Tatajuba, os Povos do Mar apresentam-se, sobretudo, enquanto povos da *diversidade cultural, Filósofos do mar*.

Palavras-chave: Filosofia, Povos do Mar, Tatajuba, Mitologia, Educação Popular, Sociopoética.

RESUMÉ

Ce memoire est le résultat d'une recherche à propos des concepts des "Peuples de la mer", réalisé avec les habitants de la plage de *Tatajuba* – a la ville de *Camocim* - dans la côte nord du *Ceará* . L'investigation c'est réalisé entre août 2005 et janvier 2006. La méthode utilisé a été la *Sociopoétique*. Alors, on a fait six ateliers pour la production des données dans la communauté, entre les mois de septembre et octobre 2005. On a encore fait deux autres ateliers pour la contre-analyse des données. Cela c'est passé en décembre de la même anée. Le groupe de recherche avait 17 habitants locales. Les ateliers ont eu l'objective de valoriser l'ampleur de la création philosophique des pleuples de la mer. On a produit des données en utilisant des tecniques qui avait des éléments de l'Art, de la Mythologie, de la conscience corporel et de l'inconscient. Cette recherche a encore compté sur le *journal de recherche* qui a été produit par le chercher. Là, il a écrit des observations a propôs de la communauté et des experiences personnelles, ce procédé a été fait entre les anées 2004 et 2006. Enfin, on a eu autres 13 journaux des recherches qui ont été élaboré par les habitants de cette ville du litoral nord-est bresilien. L'analyse des données a été faite en deux étapes: 1) des concepts produits dans les ateliers sociopoétiques; 2) de l'analyse théoriques des données. Les résultats indiquent plusieurs senses dans les relations: espace / nature / modernité / progress / imagination / inconscient / réalité / mythe / espiritualité / education / cotidien. Touts ces domaines se revèlent integrés entre eux-mêmes et, aussi, liés au thème du memoire. En *Tatajuba*, les peuples de la mer se revèlent, surtout, comme peuples de la diversité culturel, *Philosophes de la mer*.

Mots-clés: Philosophie, Peuples de la mer, *Tatajuba*, Mythologie, Education Populaire, Sociopoétique.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO

13
13

16
16

Capítulo 01 – A CAPTURA DA PESQUISA: implicações iniciais, apresentação/ problematização do cenário de pesquisa e caminhos teórico-metodológicos.

- 1.1 – Encontros com a temática de investigação
- 1.2 – Apresentação do Cenário: Tatajuba e a Formação das Comunidades do Litoral
- 1.3 – Problematização do Cenário: Os Povos do Mar
- 1.4 – Referenciais Teórico –Metodológicos
 - 1.4.1 – O Método Sociopoético
 - 1.4.1.1 – As Oficinas Sociopoéticas
 - 1.4.1.2 – Realização das oficinas
 - 1.4.2 – A Análise Institucional: relações com o Método Sociopoético e o Diário de Pesquisa
 - 1.4.2.1 –Analisador e Restituição
 - 1.4.2.2 – Implicação e Diário de Pesquisa
 - 1.4.2.2.1 – Diário das implicações
- 1.5 – Análise
 - 1.5.1 – Análise das produções sociopoéticas

52
52

Capítulo 02 – OS MARES DO IMAGINÁRIO

- 2.1 – Relato da produção de dados do grupo pesquisador I
- 2.2 – Análise plástica
 - 2.2.1 – Análise descritiva das produções plásticas
 - 2.2.2 – Linhas e entrelinhas: análise plástica x conceitos de *Povos do Mar*
- 2.3 – Análise classificatória dos relatos orais e escritos I: *muitos mares, muita vida!*
- 2.4 – Categorias e Conceitos
- 2.5 – Análise transversal: *mitificando os mares do imaginário*
 - 2.5.1 – Mito de *Philosophus*: O mar do Ártico

Capítulo 03 – MITO DA PRINCESA DO MORRO ENCANTADO DE TATAJUBA

97
97

- 3.1 – Relato da produção de dados do grupo pesquisador II
- 3.2 – Análise classificatória dos relatos orais e escritos II: *tempos fabulosos*
- 3.3 – Categorias e Conceitos
- 3.4 – Análise Transversal: *postagem mítica*
 - 3.4.1 – Carta à Princesa do Morro Encantado

121
121

Capítulo 04 – MAR DE MIM

- 4.1 – Relato da produção de dados do grupo pesquisador III
- 4.2 – Análise classificatória dos relatos orais III: *eu-mar*
- 4.3 – Categorias e Conceitos
- 4.4 – Análise Transversal: maritimidade na *Literatura de Cordel*
 - 4.4.1 – Cordel: os Filósofos da Praia-mar

153
153

Capítulo 05 – TRANSVERSALIZANDO CONCEITOS: percepções analíticas do grupo pesquisador

- 5.1 – contribuições das *Análises Transversais* feitas pelo grupo pesquisador
- 5.2 – contribuições da Contra-análise: desenvolvendo um *processo de restituição*

171
171

Capítulo 06 – FILÓSOFOS DO MAR/ TEÓRICOS DA TERRA

- 6.1 – Filosofia, Espaço e Natureza
- 6.2 – Modernidade, ‘Progresso’ e Turismo
- 6.3 – Tatajuba e alguns Paradigmas contemporâneos
- 6.4 – Povos do Mar & Mitologia
 - 6.4.1 – Os Mitos de Tatajuba e as Teorias Mitológicas
 - 6.4.2 – A Mitologia de Tatajuba e a Epistemologia Mitológica
- 6.5 – Povos do Mar & Educação
 - 6.5.1 – Tatajuba & Educação Popular
 - 6.5.1.1 – Educação Popular-erudita

6.6 – Povos do Mar & Maritimidade

212
212

Capítulo 07 – DIÁRIOS DE PESQUISA

7.1 – Diário das Implicações

7.1.1 – *Mar de papel*: trechos dos diários das implicações

7.2 – Diário do Pesquisador

262
262

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

Fiquei de frente para a imensidão do mar,
vendo o que o olhar não chega a compreender.
(LAGE, 1988: 01)

Um passeio por múltiplos fios da vida dos povos marítimos: este foi o desafio central que me moveu à elaboração deste estudo. Ao longo deste trabalho, elaborei, juntamente com o grupo de pesquisa, muitos conceitos de “Povos do Mar”, pensados a partir de experiências cotidianas, desejos coletivos e individuais, sentimentos, percepções, mitos e – sobretudo – da imaginação popular.

Mapear a potência filosófica dos povos do mar à luz do Método Sociopoético foi outro instigante desafio. Foi uma provocação à imaginação, à criação no momento do fazer acadêmico, dotando minha pesquisa de vida. A elaboração longa e constante de meu diário de campo foi também de extrema importância para que meu posicionamento ante a pesquisa fosse evidenciado.

Neste trabalho, os participantes da pesquisa não analisam o conceito de *Povos do Mar*¹ falando ‘sobre’ o tema. O que trago são depoimentos em primeira pessoa, mediante o qual os moradores de Tatajuba falam dos povos do mar, analisando a si próprios e a sua comunidade. Logo, os conceitos são – comumente – atrelados a uma grande rede de conhecimentos e experiências populares, não satisfazendo a uma lógica cartesiana objetiva e compartimentada.

Se quiseres mergulhar neste mar polifônico de conceitos, basta virar a página e permitir-se o mesmo que fiz: viver o mar a partir da Filosofia de seus povos.

¹ Ao longo do trabalho, grafarei a expressão *Povo do Mar* com iniciais maiúsculas, objetivando destacá-la.

Para permitir este passeio, tracei um labirinto dentro do mar. Nesta encruzilhada, começo por expor uma breve contextualização dos passos que me levaram a este estudo através do **Capítulo 01 – implicações iniciais, apresentação/ problematização do cenário de pesquisa e caminhos teórico-metodológicos.**

Já no **Capítulo 02 – Os mares do imaginário** - trago as experiências do primeiro dispositivo utilizado nas oficinas sociopoéticas. Faço um relato da abordagem à comunidade de Tatajuba, da realização das oficinas, dos processos de produção e análise dos co-pesquisadores. Em seguida, realizo minhas análises, dentre as quais à análise transversal traz a produção de um mito que criei inspirado nos depoimentos da comunidade.

No **Capítulo 03 – A princesa do Morro Encantado de Tatajuba** - realizo o mesmo processo feito no capítulo anterior. A análise ocorre, porém, com o segundo dispositivo de produção de dados, que foi a leitura e complementação de um mito local. Na análise transversal deste capítulo, produzo uma carta endereçada à princesa do mito, por meio da qual discuto os conceitos elaborados.

O **Capítulo 04 – Mar de Mim** - traz o relato de produção e análise do 3º dispositivo das oficinas sociopoéticas. Esta técnica produziu dados à beira-mar. Nela os participantes se envolveram fisicamente com o mar, fazendo um pequeno mergulho e refletindo relações psicossociais entre os sujeitos e o mar. As produções foram inéditas em pesquisas sociopoéticas, tendo sido feitas em esculturas de areia. No próprio local, os participantes iniciaram a análise. Ao final deste capítulo, produzo um cordel intitulado “os filósofos da praia- mar”.

É, sobretudo, no **Capítulo 05 – Análises do Grupo Pesquisador** - que trago as principais análises que os próprios sujeitos da pesquisa fazem do material produzido. Esta análise está distribuída em dois momentos: um exame transversal geral que os membros da pesquisa fizeram das oficinas e a contra-análise, realizada posteriormente.

Já o **Capítulo 06 – Filósofos do Mar/ Teóricos da Terra** - faço uma análise teórica dos conceitos produzidos nas oficinas pelo grupo pesquisador. Para tanto, utilizo diversos teóricos que possuem conceitos já instituídos sobre os temas que vêm à discussão, realizando um estudo a partir da multirreferencialidade. Nestes estudos, são analisadas compreensões teóricas de: espaço, natureza, progresso, modernidade, mitologia, educação, escola, dentre outros.

No **Capítulo 07 – Diários de Pesquisa** - trago alguns trechos das produções dos *Diários da Implicações*, feitos pelos sujeitos da pesquisa. Estes extratos foram selecionados tendo como base as diversas percepções que os sujeitos litorâneos possuem do mar. Também neste capítulo final encontra-se meu diário de pesquisa. Nele exponho 33 episódios que registrei ao longo do Mestrado. Estes episódios selecionados estão distribuídos desde a admissão ao Programa até a conclusão das análises da dissertação.

Ao longo deste passeio, busco narrar, criar, discutir, teorizar tantos saberes produzidos junto à comunidade de pesquisa, estando aberto a expor as ‘situações processo’ que originaram este trabalho, pois *já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas*. (LISPECTOR, 1999: 19).

CAPÍTULO 01

A CAPTURA DA PESQUISA: IMPLICAÇÕES INICIAIS, APRESENTAÇÃO/ PROBLEMATIZAÇÃO DO CENÁRIO INVESTIGATIVO E CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.

Uma das coisas mais preciosas de uma pesquisa é seu nascedouro no pesquisador. Certamente, os motivos - conscientes e inconscientes - que levam um pesquisador a realizar sua investigação dariam um trabalho tão espesso e rico quanto os próprios achados da pesquisa. Encontrar estas motivações ao longo da investigação é um desafio a que me proponho nesta Dissertação.

Acredito que toda pesquisa é autobiográfica, pois fala tanto do pesquisador como dos dados por ele elaborados. Mesmo que ele esteja bem escondido, bem normalizado ao teor 'científico' da neutralidade, ele se mostra nas entrelinhas de seus escritos, em suas interpretações dos dados, em seu posicionamento político e em suas considerações finais.

Nesta pesquisa, opto pela escrita em primeira pessoa do singular. Isto ocorre pelo fato de eu assumir meu posicionamento como sujeito ao longo do trabalho, analisando minhas *implicações*² no curso de toda investigação. Também, vejo esta investigação a partir de suas condições de possibilidade³, ou seja, desde sua elaboração; não como algo dado ou acabado.

1.1 – Encontros com a temática de investigação

São diversos os meus envolvimento com as temáticas que compõem esta dissertação, tais como: meu relacionamento com a pesquisa em Educação (Programa de Pós-Graduação), minha aproximação com os saberes da Educação Popular (linha de pesquisa) e a escolha do cenário de pesquisa (Povos do Mar).

² Ver: referenciais teórico-metodológicos.

³ Termo em Lourau (1999) utilizado para designar as condições de realização de algum evento, seus impasses, suas influências. Trata-se de uma constante análise do processo de pesquisa a partir dos acontecimentos concretos que o envolvem, bem como trata da análise do pesquisador ao longo destas possibilidades.

A Educação faz parte das grandes inquietações da minha vida pessoal e acadêmica. Desde a infância – acompanhando os trabalhos de minha mãe como professora primária – até os dias atuais, atuando como professor do Departamento de Fundamentos da Educação na UFC, observo as polifônicas faces com que os processos de ensino/ aprendizagem se produzem na sociedade. Estas percepções me direcionam ao estudo da Educação a partir das práticas dos próprios sujeitos que a constituem. Uma educação que tem como fundamento o conhecimento em curso, vivenciado, teorizado e partilhado a partir dos sujeitos de uma comunidade, de grupos de interesses de gênero, étnicos, científicos, políticos, sociais etc.

Foi em busca das concepções ora citadas que me engajei em diversas iniciativas que se fundamentam em tal idéia de educação. Em 2001, no grupo de estudos em Psicologia Social e Comunitária da UFC, realizei alguns trabalhos teóricos e de extensão, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vieira Severiano. Também sob sua orientação da mesma professora vim a integrar seu grupo de estudos, tendo publicado o artigo “*Autogestão e Sociedade de Consumo: a gestão da autonomia do indivíduo frente aos ideais de consumo na contemporaneidade*”. No referido grupo, conheci também a Filosofia Educacional de Paulo Freire e a proposta teórica da Educação Popular. Tais percepções teóricas me causaram grande interesse acadêmico e me levaram à procura da linha de pesquisa em *Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola*, no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Na citada linha de pesquisa, conheci o Método Sociopoético, que propõe o trabalho com Educação Popular a partir da produção de conceitos que se elaboram da Filosofia dos próprios sujeitos alvos da pesquisa. Também passei a adotar diálogo com correntes teóricas próximas da Sociopoética, como a Análise Institucional. O fato de já ser professor de Língua Francesa facilitou-me, e motivou-me, o contato com estes referenciais oriundos do Movimento Institucionalista Francês.

Neste período, lecionava na Educação de Jovens e Adultos e aplicava alguns pressupostos teóricos de Paulo Freire em sala de aula: o ensino a partir do saber do aluno; reconhecimento e valorização das diferenças; superação da ‘teoria da carência’⁴; legitimidade dos saberes discentes; metodologias que valorizem o corpo, a espiritualidade e a memória coletiva.

Foi, porém, por intermédio de um trabalho de extensão na Universidade Estadual do Ceará – UECE – que pude conhecer algumas comunidades costeiras no Estado do Ceará. Desde então, passei a visualizar nestas comunidades algumas das mais interessantes experiências de Educação Popular, vendo também a pluralidade de fluxos que compõem a produção de seu cotidiano e de seus sujeitos. Em 2003, também tomei contato, em São Paulo⁵, com alguns trabalhos que estudavam os povos do litoral por uma abordagem cultural e interessei-me ainda mais em realizar uma investigação sobre concepções filosóficas dos povos do mar.

Em 2004.1, ingressei no Mestrado em Educação Brasileira da UFC, com o projeto *Construindo saberes de autonomia com os povos do mar: um estudo sociopoético na Prainha do Canto Verde, Beberibe - Ce.* Logo, o tema inicial a ser investigado era a “autonomia” e a comunidade proposta no primeiro projeto não era Tatajuba e sim “Prainha do Canto Verde”. As mudanças, tanto de foco como de local da pesquisa de campo foram resultado de longas reflexões que elaborei no curso do primeiro ano do Mestrado. O tema “povos do mar” mostrou-se, paulatinamente, como mais ‘vivo’, mais relevante ao tipo de investigação que buscava empreender, pois possibilitaria que os co-pesquisadores falassem sobre si próprios e acerca da sua comunidade. Neste caso, busquei uma comunidade que demonstrasse outras ligações com o mar, além das já óbvias (pesca e turismo), tendo encontrado Tatajuba em meados do ano passado⁶.

Assim, a comunidade de Tatajuba, alvo desta investigação, foi conhecida por mim em 2005, ou seja, no segundo ano do curso de mestrado.

⁴ ver: Cap. 06

⁵ PPG em Ciências Ambientais/ Geografia/ Ciências Sociais. Universidade de São Paulo – USP, 2003.

⁶ Para saber detalhes da “descoberta de Tatajuba” ler CAP 07 –Diário do Pesquisador, Atos IX à XIV.

1.2 – Apresentação do Cenário: Tatajuba e a Formação das Comunidades do Litoral

No intuito de compreender a comunidade de Tatajuba a partir da categoria de uma comunidade de Povos do Mar, traço um perfil da formação das comunidades do litoral, bem como de seus habitantes.

Há centenas de anos, o homem demonstra grande fascínio pelo mar, de forma que o busca estudar minuciosamente. Tais estudos estenderam-se, ao longo dos tempos, aos grupos humanos que habitam as encostas marinhas. O fascínio pela compreensão do homem do mar começa desde as grandes navegações, passa por grandes nomes da literatura - como Victor Hugo⁷ - e das artes, desembocando nos estudos científicos dos últimos 100 anos.

No Brasil, sabe-se que cerca de 8.000 km compõem a faixa litorânea banhada pelo oceano Atlântico. No caso do Estado do Ceará, esta costa é composta por aproximadamente 573 km. Podem-se encontrar cerca de 20 municípios ao longo desta extensão, havendo no total mais de 100 comunidades litorâneas.

No tocante à origem destas comunidades na costa cearense, existem muitas versões, dentre as quais as principais se fundamentam na habitação indígena. De acordo com Tupinambá (1999) havia diversos grupos indígenas que, no século XVI, ocupavam a encosta do Ceará. Os principais eram: grupos *Tupis (Tabajara e Potiguara)*, *Cariris*, *Tremembés*, *Taraiús*, *Jês e Anacés*.

De acordo com o historiador cearense Airton de Farias (1999), os índios Tremembés se distribuía na costa norte do Nordeste brasileiro. Iam da bacia de São Marcos, no Maranhão, até as margens do rio Curu, no Ceará (onde hoje se localiza a divisa entre os Municípios de Paraipaba e Paracuru). Tatajuba se localiza exatamente na citada faixa.

⁷ Referência à famosa obra: HUGO, Victor. *Les travailleurs de la mer*. Paris, 1999.

Esta informação é fundamentada por muitos dos moradores de Tatajuba que situam a origem do lugarejo nas tribos indígenas. Segundo alguns tatajubenses, os fundadores de Tatajuba encontraram no início do século passado diversos utensílios e abrigos de origem indígena. Estas descobertas teriam sido, inclusive, utilizadas pelos fundadores de Tatajuba, na primeira metade do século passado.

Para Tupinambá (1999:36), fato que pode atestar que a concentração das comunidades indígenas cearenses se dava no litoral é que, até hoje, encontramos as nações indígenas mais expressivas de nosso Estado *restringidas à zona costeira, como se evidencia no caso dos Tapebas (Caucaia), dos Tremembés de Almofala (Itarema) e dos Genipapo-Kanindé (Aquiraz)*.

A história também conta que as primeiras ocupações européias no Ceará ocorreram a partir da costa, fundando a vila de Aquiraz (a primeira capital) em 1700 e Fortaleza em 1726. Segundo Muniz (2005:15), *o capitalismo e o comércio nasceram no litoral*. Apesar disso, a ocupação do litoral da Capitania do *Siará Grande* é considerada tardia se comparada às de Pernambuco, Maranhão e Bahia. Daí surgem evidências de a ocupação sertaneja haver ocorrido com maior velocidade, uma vez que os terrenos interioranos tanto eram utilizados como local de passagem, como posteriormente foram importantes centros de pastagem. Este fato daria à ocupação cearense um aspecto peculiar em relação ao restante do Brasil, havendo uma migração no sentido interior/ litoral entre os séculos XVIII e XX.

Esta diversificação de habitantes provindos: 1) da origem indígena; 2) da ocupação européia via mar; 3) da migração interior/ litoral - em busca da atividade pesqueira e do agradável ambiente marinho – fundaram os núcleos populacionais da costa cearense.

Assim, a ocupação do litoral cearense aconteceu de maneira descontínua, com formação de pequenos núcleos demográficos relativamente autônomos. Este é, segundo minha análise, um dos principais motivos da forte peculiarização das comunidades litorâneas. Daí tornar-se possível encontrar concepções de natureza, habitação, sociedade e

mito bem diferentes das vivenciadas no continente e com maior relação variedade/distância. Consoante Gomes (2002: 27):

Durante muito tempo esses pequenos núcleos mantiveram-se relativamente isolados, em função da distância em relação aos conglomerados maiores e da localização em regiões de difícil acesso – em áreas de constante movimentação de ventos e dunas, fruto da dinâmica natural das marés e areias no processo de (retro) alimentação da faixa de praia.

Vários fatores contribuíram para que acontecessem referidas ocupações, dentre os quais um dos principais é o fato de estes territórios não serem de uso privado de ninguém. Eles pertencem, desde a legislação do Brasil Imperial até os dias atuais, à União. Em Tatajuba, alguns moradores antigos declararam que este foi o principal motivo para que migrassem de territórios no interior, onde não possuíam posse, para o litoral.

Silva (1988) declara que, ao longo da história de ocupação do litoral cearense, também encontramos reflexos da escravidão. Para o referido autor, pode-se encontrar três tipos de pesca ao longo da instauração das comunidades: 1) a de escravos, buscando complementar sua alimentação; 2) a de escravos, que pescavam diretamente para seus senhores; 3) a de pescadores livres, que se instalavam ao longo da costa. Assim, a costa cearense seria um bom mostruário da miscigenação de raças e etnias do Brasil. Nela pode-se encontrar a participação ativa de índios, negros e europeus. Comprovei isto a partir de minhas observações em Tatajuba, onde pude perceber que se pode encontrar pessoas com características biotípicas bem distintas destas três descendências. Rebeca (que participou como co-facilitadora das oficinas de campo), pesquisadora na área de raça e etnia, ajudou-me a observar mais atentamente estas questões.

Na segunda metade do século XX, com a intensificação da sociedade de consumo, crescem as demandas por casas de veraneio, terrenos à beira-mar, clubes litorâneos etc.

Este fato vai motivar as muitas lutas travadas entre os habitantes do litoral e os novos ‘invasores’ da praia (negociantes do espaço litorâneo).

Obviamente que, juntamente com todos estes processos históricos, há as muitas estórias que os documentos oficiais não abordam. As relações de instabilidade e isolamento destas comunidades fazem com que o contato homem/ natureza seja constantemente revisto. As relações destes habitantes com a espiritualidade vão – paulatinamente – incorporando diversos aspectos que lembram o mar e outros acidentes litorâneos. Mitologias diversas se desenvolvem ao longo de todo o litoral do *Siará Grande*. Assim, os povos do mar (como fazem todos os grupos) atuam como produtores e leitores de seu próprio cotidiano, ao passo que, processualmente, conceituam a realidade em que vivem, organizando-a, experimentando-a e teorizando-a, logo, atuando como filósofos do seu espaço.

Tatajuba, particularmente, tem sua história⁸ contada a partir de 1905, quando os primeiros habitantes declaram ter encontrado os vestígios de ocupação indígena e construíram as primeiras casas da vila. Como declara um antigo morador de Tatajuba:

Antes de descobrir’ Cabaceiras’ aqui só tinha índio. A gente via os lugares onde eles passavam para comer ostra, siri, caranguejo e peixes. Era uma tribo que tinha o nome de índios Tremembés. Eles saíam da serra de Viçosa do Ceará, vinham para Camocim e seguiam atravessando o rio de Camocim rumo à Fortaleza. Ao passarem em Tatajuba pararam no canto do Sesaco, lá acampavam perto de uma duna que ficou conhecida como morro dos Tremembés ... ainda podemos ver as cascas de ostra que eles deixaram no acampamento ... foi nesta caminhada que chagaram até Caucaia e encontraram os Tapebas com quem não se relacionaram bem ... voltaram pelo mesmo caminho do litoral ... e foram fundando ao longo de sua passagem algumas vilas Tremembés que existem no litoral até hoje ...
(DIÁRIO DAS IMPLICAÇÕES, Nº 05).

⁸ Para compor esta história, utilizei-me da historiografia mais comum entre os habitantes, levantada a partir de eventos acontecidos historicamente em ordem cronológica. Os diários das Implicações (ver: Cap 07) foram também muito importantes para a ‘motagem’ desta história. Em publicações escritas, não há documentos da história do lugarejo. A moradora Raimunda de Sousa Monteiro, líder comunitária local, está fazendo a primeira coletânea escrita de relatos e documentos, com o intuito de escrever a História de Tatajuba.

O nome Cabaceiras decorreu da existência de muitas plantas deste tipo no território litorâneo, sendo muito utilizada para várias funções, desde utensílio até alimentação. Ela caracterizou a primeira vila. Muitos moradores antigos contaram, ao longo de conversas no período em que fiz observação na comunidade, como também em seus diários das implicações⁹, a origem das Cabaceiras.

Contam que, por volta de 1905, um senhor de nome Neuzinho passava pelo litoral, quando encontrou a camboa de Tatajuba (na época sem nome) plena de peixes e com uma beleza exuberante. Águas totalmente límpidas e transparentes. Seguindo o sangradouro da Camboa, que é oriundo do lago Grande, este homem chegou ao laguinho da Torta, onde encontrou acampada a família de Chico Pescada. Neuzinho e Chico foram então pescar na Camboa, construíram uma barraca para se alojar. Plantaram sementes de cabaça que haviam encontrado nas regiões de dunas. Assim, botaram neste local muitas cabaceiras e foi a partir daí que estes dois pescadores batizaram o local de camboa das Cabaceiras. Em razão da fartura da pesca e do encantamento das belezas do lugar, várias pessoas migraram de comunidades interioranas para habitar na camboa das Cabaceiras. A notícia se espalhava entre as famílias e a migração para o local se intensificou. As primeiras famílias a chegar na seqüência - foram os *Carneiros* e a família de Gregório Pedro Alexandrino.

Em 1925, Cabaceira já tinha muitos moradores, muitas casas – todas bem próximas ao mar. Então, a comunidade criou uma pequena igreja que ficava defronte ao mar. Seu padroeiro era Santo Antônio. Gregório Pedro era a principal personagem do comércio local nesta época. Com seu barco, trazia mantimentos para troca por peixes que vendia em Camocim. Em 1948, a comunidade iniciou a construção de uma igreja maior; no alto, entre as dunas. No local onde foi construída esta igreja, havia uma árvore que se chamava Tatajuba. Esta era uma árvore bonita - tamanho mediano, folhas bem verdes mesmo na estação seca, copa imponente – que causava a maior admiração dos que lá moravam na época.

⁹ Ver: Cap. 07



Árvore Tatajuba

Em 1950, uma missa inaugurou a igreja com banda de música e com a presença de políticos de Camocim. Neste momento, a comunidade foi batizada como Tatajuba, e isto foi lavrado oficialmente, sendo que o nome Cabaceiras jamais havia sido registrado na sede do Município. Na década de 1960, Gregório Pedro se tornou vereador e teve mandato até 1965. Até meados dos anos 1970, a comunidade foi alvo de um grande crescimento populacional em razão das migrações de localidades vizinhas, tanto do litoral como do interior. Com isso, a vila passou a contar com centenas de casas, igreja e algumas salas de aula. Foi então ... bem, foi então que aconteceu um dos maiores desastres na história de Tatajuba: o soterramento completo da vila.

Em 1974, a migração das dunas começou a invadir o vilarejo de Tatajuba. Os moradores se emocionam ao contar detalhes de como a areia subia todos os dias no chão de suas casas. Os moradores a expulsaram com vassouras por um tempo, depois tornou-se impossível.

Em 1975, Tatajuba foi completamente soterrada pela migração do cordão de dunas. A migração dunar foi tão inesperada que os moradores não tiveram tempo de construir suas casas em outros locais. De acordo com um dos residentes mais antigos da comunidade, *o vento começou trazendo uma areia que já cobria o piso das casas e em dois meses a vila inteira foi coberta pela areia. Até mesmo a torre da igreja.*

A partir de então, muitos moradores de Tatajuba migraram para comunidades no interior do Município de Camocim. Outros se reuniram para construir novas vilas nas proximidades da antiga Tatajuba, fundando assim as quatro vilas que formam a Tatajuba de hoje, são elas: Nova Tatajuba, Vila Nova, Vila São Francisco e Baixa da Tatajuba.

Os moradores mais antigos resolveram ficar próximo ao local soterrado, só que um pouco mais acima, fundando a Nova Tatajuba, que guarda até hoje maior identidade com a primeira Tatajuba. Gregório Pedro mudou-se para outra comunidade. Surgiram outras lideranças nas quatro vilas, dentre elas *Oswaldo Mateus*, em Nova Tatajuba, que se tornou vereador em dois mandatos. Também destaca-se aí um exímio construtor de canoas e grande conhecedor da cultura do mar, Sr. *Mané Pedro*. Muitos contadores de estórias dos dramas da comunidade também se destacam neste período, disseminando-se uma idéia antiga, vinda desde a ocupação pós-indígena, de que aquele local havia sido uma Sociedade Real há milhares de anos. De acordo com grandes pescadores do local, como *Burica*, *Bengala* e outros ... também passam a ser mais freqüentes as histórias míticas no imaginários popular.

Em 1982, foi concluída a nova igreja, que existe até hoje. Nos anos seguintes, a comunidade passou a contar com posto de saúde, escola de Ensino Fundamental, creche e uma ponte que liga o alto da Tatajuba (sobre as dunas) ao baixo da Tatajuba (à beira-mar).

Escola de Ensino Fundamental e Médio de Tatajuba



Igreja na Praça Central de Tatajuba

Também foi construída juntamente com a igreja uma praça interessante. Erigida sobre um topo dunar a praça tem características tipicamente litorâneas. Os intervalos do

concreto são preenchidos por areia das dunas, que passeia entre os bancos. Estes, por sua vez, têm suas frentes voltadas para fora da praça. Todos os bancos ficam de costa para o centro da praça. Baseados nisso, guias turísticos contam a estória de que, após a recente chegada da televisão na comunidade, há menos de cinco anos, um aparelho de TV foi instalado no centro da praça e, para assistir, os moradores sentavam-se nos bancos – que são voltados para fora – e utilizavam um espelho. Esta estória enraivece alguns dos moradores de Tatajuba, pois eles dizem que isto nunca aconteceu, sendo uma *estória boba feita para fazer rir os turistas que vêm de Jericoacoara*.



Praça Central de Tatajuba

No final da década de 1980 para início da década de 1990, foi criada a ACOMOTA - Associação Comunitária dos Moradores de Tatajuba - existente até os dias atuais. Também, nesse período, iniciaram-se as perseguições pelas terras de Tatajuba. Um senhor de nome João Sales alegou ter comprado todas as terras de Tatajuba e as vendeu para a empresa *Finninvest*, que – supostamente – não sabia da irregularidade desta documentação. No seu diário elaborado para esta pesquisa, o Sr. Osvaldo Mateus conta que

Eles [negociantes da Finninvest] ficaram muito zangados com nossa resistência. Ofereceram-me três salários, um buggy e um rádio amador na minha casa para eu me comunicar com eles. Convidaram-me para fazer um passeio na Bahia com eles, lá insistiram muito pra mim assinar, mas eu não assinei. Me abandonaram na Bahia e tive que vir sozinho para Fortaleza.

Para se defender, a comunidade criou a APA¹⁰ de Tatajuba, aprovada, demarcada e registrada pelo IBAMA. A partir disto, a primeira empresa que supostamente possuía as terras de Tatajuba repassou o problema para uma segunda empresa, a *Vitória Régia*. Esta causou ainda mais problemas, pois estava disposta a negociar com a comunidade o documento de pertença da área em troca de uma faixa litorânea para construção de um hotel. A ACOMOTA, então sob nova diretoria, discordou da proposta. A família de Osvaldo Mateus criou uma outra associação CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE TATAJUBA E ADJACÊNCIAS, conhecido na comunidade por CONSELHO. Esta associação tem feito parceria com a empresa Vitória Régia para serviços de coleta de lixo, coral de música erudita, trabalho comunitário etc. O CONSELHO está disposto a dialogar com a empresa em uma possível negociação, contanto que seja dado o título definitivo aos moradores e às associações. O colegiado do CONSELHO produziu ainda uma lista com diversos condicionamentos aos quais a empresa terá que se submeter no uso e ocupação do espaço que venha a receber. Há ainda a terceira associação comunitária, a da Vila Nova, que também concorda com a negociação, mas parece fazer ainda menos exigências do que o CONSELHO. Esta última não conheço profundamente. A ACOMOTA não aceita negociações que cedam direitos à empresa, uma vez que considera ilegítimo o documento da suposta ‘posse’. Tal impasse já dura mais de uma década e o clima de tensão política é evidente na comunidade. É imperioso salientar, no entanto, que neste trabalho não entrarei no foco desta disputa política, pois ela não participa do enfoque de minha investigação. Reitero, ainda, o fato de que não tenho comprometimento político com nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, as experiências da comunidade com o mar nunca foram tão diversas e tão intensas. O turismo, a mitologia marítima, a espiritualidade, a organização do espaço social, a pesca e a educação local auferem diversos elementos complexos que compõem o conceito de *Povos do Mar* nos tatajubenses de hoje.

¹⁰ APA – Área de Proteção Ambiental

A Tatajuba atual está localizada a cerca de 30 km a leste da Sede do Município de Camocim, no caminho de encontro à fronteira com a conhecida *praia de Jericoacoara*¹¹, no Município de Jijoca de Jericoacoara. O acesso é feito por estrada carroçável. A maior parte da Comunidade esta situada próximo a acidentes geográficos como leito de rio, restingas, falésias e dunas.



Imagem aérea do perfil litorâneo de Tatajuba

Tatajuba está isolada da Sede seu Município por um ‘braço do mar’, sendo seu acesso possível somente por meio de barcas que atravessam a conhecida *ilha do Amor*, em Camocim.

Por ser tão isolada da sede, a maioria dos camocinenses nem sequer sabe que a comunidade praiana de Tatajuba faz parte de seu município. Nos últimos anos, o movimento turístico em Jericoacoara leva muitos de seus turistas até Tatajuba, o que identifica – no imaginário popular – Tatajuba como pertencente ao Município de Jijoca de Jericoacoara. Tatajuba, no entanto, ainda é habitada quase que exclusivamente por sua população nativa, não possui grandes hotéis, nem estrutura turística e luta contra sua implantação desmedida, como feito em Jericoacoara.

¹¹ ver: Cap 07 – item 7.2 (diário do pesquisador)



Mapa de localização: Camocim – Tatajuba - Jericoacoara

Em virtude deste isolamento, Tatajuba desenvolveu peculiar cultura popular, grande interdependência entre os sujeitos de sua comunidade e, sobretudo, intenso envolvimento com o mar. Além de fonte de trabalho, as marcas do ambiente costeiro também estão presentes em cada uma de suas edificações e de seus mitos, sendo fonte de inspiração e organização da vida cotidiana e do imaginário popular.

Segundo DaMatta (1999:33), neste tipo de comunidade, *o espaço é como o ar que se respira*, pois ele participa de todas as instâncias da vida dos indivíduos, desde sua organização urbana até seu imaginário. É possível constatar isto na composição habitacional de Tatajuba, uma vez que a comunidade se organiza e se distribui espacialmente de uma maneira intimamente ligada aos acidentes geográficos marinhos. Também se pode evidenciar a presença do mar em sua cultura e seu imaginário, observando-se que esta comunidade possui diversas mitologias relacionadas às presenças

do mar, dos cordões de dunas e do rio. É possível se observar *a priori* que o trabalho não é a única instância que liga a comunidade ao mar.

1.3 - Problematização do Cenário: Os Povos do Mar

A partir de todo o cenário sócio-histórico há pouco exposto, o fato importante que me encaminha a problematização deste texto são os possíveis conceitos de *Povos do Mar* que a própria comunidade marítima pode produzir.

As comunidades do litoral são constantemente investigadas por diversas Ciências como: a Oceanografia, a Geografia, a Antropologia, a Psicologia, a História, a Filosofia e a Educação. Fato que transversaliza a maioria dos estudos que todas estas Ciências fizeram dos povos marinhos é a presença dos aspectos da *Modernidade*¹².

Assim como nas outras áreas influenciadas pelo conhecimento moderno, procura-se a objetividade no conceito elaborado sobre os povos do mar. Tenciona-se compreender sua evolução, suas formas de resistência e luta para ocupação do território costeiro. Nestas investigações – geralmente filiadas a correntes teóricas sobre o trabalho – busca-se entender a Pedagogia do trabalho instaurada no seio da ‘identidade’ dos povos do mar. Sob esta perspectiva, a quase totalidade dos conceitos instituídos – nas correntes teóricas, na mídia e na sociedade civil - investiga os povos do mar enquanto povos do trabalho marítimo, homens da pesca, guerreiros do mar. Como salienta Barbalho (In:MUNIZ, 2005):

O arquétipo do homem litorâneo é o jangadeiro. Tal como o sertanejo acima de tudo um forte. Em sua jangada, íntima montaria, vai domando ‘verdes mares bravios’. Até desaparecer além do horizonte. Até voltar dia ou dias depois, ou não.

De acordo com Ribeiro Neto (1993:02), *tratam de caricaturar o pescador como um homem corajoso, um herói que enfrenta os maiores perigos na labuta com o mar*. Assim, ficam subexplorados outros relacionamentos que os habitantes marinhos desenvolvem com o ambiente natural. Ainda segundo o autor ora citado esta imagem foi muito deflagrada

¹² ver: cap. 5.

pelos ‘empresários’ da pesca industrial. Tal fato tornou o pescador uma figura folclórica do trabalho marinho, com o objetivo de parecer que a pesca industrial atendia plenamente as necessidades do homem do mar, uma vez que lhe facilitava o trabalho. A isto somou-se o fato de as comunidades marítimas no Ceará terem entrado em evidência na plena efervescência da *Modernidade* da Ciência (1900 - 1970). Esta, por sua vez, supervaloriza a racionalização, a industrialização, a urbanização e a instrumentalização tecnológica.

A ênfase moderna da *evolução* destes povos também se encontra comumente nestes conceitos, geralmente associados às questões das lutas pela conservação da terra, contra a especulação imobiliária, pela autonomia de gestão local. Assim, quão mais eficiente uma comunidade costeira demonstre ser nestes aspectos, mais lhe é atribuída uma real ‘identidade’ de povos do mar.

Certamente, as lutas travadas pelos povos do mar em busca de sua autonomia territorial e política são extremamente legítimas, uma vez que o espaço habitado por estas comunidades é objeto de constante perseguição de grandes corporações empresariais e estatais. Isto decorre da abundante beleza física do litoral cearense, bem como da costa brasileira em geral.

Há, no entanto, uma lógica de maximização destes dois fatores (o trabalho da pesca e a luta pela autonomia territorial), quando se aborda o conceito dos habitantes marítimos. Sob esta óptica, os povos do mar são vistos como uma extensão do seu próprio trabalho, cristalizados sob a ‘identidade’ de trabalhadores do mar, havendo pouca abertura no senso comum para serem entendidos para além de pescadores.

Tal atitude também não motiva a visualização das peculiaridades do mar nas outras instâncias da vida destes indivíduos, tais como: seu imaginário, mitos, espiritualidade, potência filosófica – em suma – seus processos de subjetivação. Diegues (1998), um grande estudioso da cultura marítima, declara que a compreensão das relações simbólicas, míticas e imaginárias são de grande importância para que se tenha um entendimento dos povos marítimos a partir de suas diversas experiências.

Além da cristalização do conceito de *povos do mar*, outro fator que compõe este cenário problemático refere-se à autoria do conceito. Em todos os segmentos do conhecimento popular, a maioria dos conceitos é elaborada por estudiosos e não pelos próprios membros das comunidades.

Para o estudioso Victor Valla (1998), isto acontece pelo fato de não ser dada legitimidade à maneira como os habitantes de uma comunidade teorizam e organizam conceitos a partir de suas experiências cotidianas. Matos (1998) complementa esta idéia, ao explicar que este tipo de hierarquia privilegia conhecimentos acadêmicos em detrimento da experiência. Tal posicionamento *descredencia o aprendizado cotidiano, apontando-o como ‘ação não-refletida’, provocando assim uma ruptura descabida entre a idéia e a realidade.* (IDEM: 106)

A partir deste cenário, Matos (1998:107) reitera a importância de realizar uma investigação a partir dos conceitos dos próprios sujeitos da pesquisa, uma vez que suas experiências são um *instrumento mediato entre o ser de relações e sua compreensão do mundo e de si mesmo, no sentido da proposição de novas questões, da possibilidade de intervir e alterar a dinâmica do social.*

Assim, as concepções que os povos do mar possuem sobre este tema não podem ser contempladas somente a partir de conceitos externos à comunidade. Em vasto mapeamento que realizei para esta pesquisa no sistema CAPES, UFC e em diversos *sites* de busca na *Internet*, não identifiquei nenhum trabalho que investigasse o conceito de *povos do mar* a partir dos próprios sujeitos. A presença desta expressão, no entanto, é quase unânime nos trabalhos sobre as comunidades costeiras.

Referido fato é resultado de uma ideologia de que os sujeitos comuns não possuem idéias suficientemente elaboradas sobre a complexidade do mar, como salienta Castro (1985:04):

A compreensão do homem comum da sociedade brasileira, no que se refere ao mar, não vai além do horizonte físico das praias, nem

abaixo do nível do mar. Sabem apenas que no mar existem navios, peixes e até mesmo petróleo, desconhecendo seu conseqüente reflexo para o bem-estar de toda a sociedade.

Logo, os conceitos de *Povos do Mar* já se apresentam prontos. Eles são geralmente postos como sinônimo de outros conceitos mais instituídos a respeito dos povos do litoral. Como salienta Gomes (2002:21), em sua interessante pesquisa sobre uma comunidade do litoral cearense, *neste trabalho usarei como sendo sinônimas as denominações: comunidades pesqueiras, comunidades litorâneas e povos do mar*. Desconfio desta sinonímia e penso que ela é problemática.

No caso específico da Comunidade de Tatajuba, também é possível observar os problemas anteriormente citados. Nos poucos estudos científicos realizados na comunidade, encontra-se, em sua quase totalidade, a associação imediata entre as questões racionalizadas do trabalho e das lutas sociais para a formação de sua ‘identidade’ de povos do mar. O fato de Tatajuba lutar contra sua transformação em um complexo turístico de luxo (assim como está acontecendo com sua vizinha Jericoacoara) é o que faz com que ela seja caracterizada, por alguns líderes comunitários, pela mídia e estudiosos, como mais próxima do significado de uma vila de povos do mar. A constante presença de jangadas e do trabalho pesqueiro na comunidade é outro fator central a fazer com que Tatajuba seja apontada como uma comunidade de ‘verdadeiros’ povos do mar. A partir, porém, de observação preliminar, acredito que a comunidade dá diversos outros indícios, conforme alhures citado, da presença do mar em sua vida. Assim, permite que se explore uma visão mais ampla sobre o conceito de povos do mar, abarcando outras dimensões que não somente a de seu trabalho e de suas lutas por melhorias socioeconômicas.

Então, ao observar indícios que – possivelmente – apontam para diversas leituras do mar a partir dos habitantes da comunidade de Tatajuba, perguntei-me:

Que conceitos de *Povos do Mar* têm os habitantes de Tatajuba? Que dimensões compõem esses conceitos? Que experiências diversas os povos de Tatajuba possuem com o mar?

O fato de utilizar a expressão *Povos do Mar* e não *pescadores* para definir o grupo de pesquisa é algo importante de ser justificado neste cenário problemático. A palavra pescador - oriunda de pesca¹³ - induz uma visão para os sujeitos marítimos a partir de suas profissões. Além disso, nem todos os habitantes de comunidades litorâneas são pescadores. Muitos exercem outras atividades econômicas e desenvolvem diversas funções sociais. Quando questiono os *Povos do Mar*, busco potencializar os múltiplos laços que envolvem as relações entre o mar e os homens, estando aberto a descobrir os muitos ‘mares’ que compõem a vida dos habitantes do litoral.

Faz-se mister esclarecer, entretanto, o fato de que a *pesca* e o *pescador* já são por si só dois conceitos instigantes e muito complexos¹⁴. O pescador é uma personagem fascinante da cultura marítima. Sua profissão e sua luta foram e são motivo de vários trabalhos acadêmicos, intervenções de ONG’s, congressos de profissionais e estudantes. As contribuições que estas iniciativas concedem aos povos do mar são inegáveis. A riqueza dos estudos que tratam especificamente do labor do homem do mar também é imensa.

É por intermédio de grandes estudiosos das comunidades pesqueiras (DIEGUES, 1995; CLAVAL, 2001; PERON, 1996; DANTAS, 2002) que surgem conceitos importantes para esta pesquisa como Povos do Mar/ Cultura Marítima/ Maritimidade. Estes teóricos, bem como muitos outros, realizam excelente interação do trabalho da pesca com a cultura do mar.

Se aqui opto por não posicionar no foco de investigação o trabalho da pesca ou a legítima luta social das comunidades marítimas é pelo fato de buscar contribuir por um outro caminho, mais silenciado, e talvez ainda mais potente em inovações. Investigo, então, a grandeza da produção filosófica dos sujeitos do mar. Tal espaço investigativo não tem o trabalho como conceito central, mas também não o nega, estando disposto a dialogar com ele a partir dos dados surgidos na pesquisa de campo.

¹³ Atividade humana de extração de recursos bióticos aquáticos dinâmicos.

¹⁴ O pescador pode ter sua atividade ligada a várias vertentes: Pesca Industrial; Pesca artesanal, na qual o pescador pode ser classificado como *embarcado* ou *desembarcado*. Ainda podem ser fontes de subdivisão do trabalho da Pesca: os instrumentos de trabalho, o tipo de pesca, a localização geográfica, a periodicidade etc. ver: RIBEIRO NETO (1997).

Ao fazer isso, investigo *a possibilidade de uma outra realidade no interior da existente* (CHAUI, 1990:20), buscando *romper a ordem determinada do mundo por um esforço de imaginação*. (IDEM).

1.4 – Referenciais teórico-metodológicos

Este trabalho tem como método central a *sociopoética*, que será explicada nas linhas seguintes. É a partir do método sociopoético, que acontecem a produção e a análise dos dados. Ao longo desta jornada dissertativa, são tecidas algumas considerações com a corrente teórica *Análise Institucional - AI*. Esta relação sucede a partir da utilização de alguns conceitos da AI, como os de implicação e restituição, sobretudo. O método sociopoético e essa corrente teórico-metodológica possuem diversas relações entre si, pois ambas provêm do Movimento Institucionalista.

Já no que se refere aos procedimentos metodológicos, realizei as seguintes etapas:

- produção inicial do diário de pesquisa, a partir de experiências no mestrado e na elaboração do projeto de dissertação;
- efetivação das oficinas sociopoéticas;
- observações participantes na comunidade de Tatajuba – antes, durante e depois das oficinas sociopoéticas - com a continuação do diário de campo; e
- produção e partilha dos diários das implicações, feitos pelos co-pesquisadores.

1.4.1 – O Método Sociopoético

A principal motivação que me encaminhou ao método sociopoético foi a intenção de elaborar um conhecimento que tem como objetivo central a produção filosófica do grupo pesquisador. Além disso, a sociopoética tem como fundamento a valorização da diversidade epistêmica que compõe um conceito. Nela são utilizados diversos recursos lúdicos que exploram a imaginação, a memória e – sobretudo – *a dimensão da diferença* do grupo que se pesquisa.

A sociopoética é uma abordagem de pesquisa idealizada pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier¹⁵. Objetiva, sobretudo, a produção de conceitos por meio da participação de todos os sujeitos envolvidos no processo investigativo. Visa ao prazer no ato de pesquisar, ou seja, a uma produção acadêmica que se fundamente em ampla visão da realidade humana, valorizando os seguintes aspectos:

- a importância do corpo como fonte do conhecimento;
- a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem;
- o papel dos sujeitos, pesquisadores como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, “co-pesquisadores”;
- o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; - a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo da construção do saber. (GAUTHIER, 1999: 11).

O método sociopoético resulta do desejo de produção filosófica com o grupo de pesquisa, ao qual se denomina de *grupo pesquisador*, em razão do envolvimento de todos com a produção e análise dos dados da investigação. Em linhas gerais, *a pesquisa sociopoética propõe a articulação autogestionária do grupo*. (GAUTHIER, 2001:32).

Em termos teórico-metodológicos, a sociopoética possui raízes de fundamentação em algumas correntes de pensamento, como: a Análise Institucional; a Esquizo-Análise; a escuta mitopoética, de *René Barbier*; O Teatro do Oprimido, de *Augusto Boal*, e ainda, na Pedagogia do Oprimido (uma proposta de educação popular freireana). De cada uma dessas teorias, a sociopoética se utiliza de elementos para compreender a elaboração coletiva do conhecimento da seguinte forma:

◆ Da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire com a idéia de grupo pesquisador:

Da mesma maneira que o grande educador brasileiro supõe que as pessoas do povo têm uma cultura rica nos seus desejos de

¹⁵ A Filosofia de pensamento da Sociopoética surgiu nas pesquisas de Gauthier na Nova Caledônia/Kanaky e seguiu seu percurso no Brasil onde ele enfrentou a angústia e preocupação de sua orientanda Iraci dos Santos, que expôs seu desejo de não sofrimento durante o processo de pesquisa. Ele pensou a partir daí em um método que convocasse à criatividade, à sensualidade, à memória, à imaginação, enfim a tudo o que se chama de poiética – do grego “poiein”, criar.

transformação do mundo, pensamos que os grupos objeto da pesquisa podem e devem se tornar sujeitos da pesquisa, autores da sua aprendizagem. (GAUTHIER; 1999:12).

Na pesquisa sociopoética, então, os pesquisadores oficiais atuam como facilitadores de oficinas, enquanto os participantes são convidados a se tornarem co-pesquisadores de um tema gerador, sendo estes que formarão o grupo pesquisador.

◆ Do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal – de onde a sociopoética se inspira em uma das técnicas bastante utilizadas nas suas pesquisas, que é o *Teatro-Imagem*, propondo aos co-pesquisadores que encenem, eles mesmos, situações relacionadas ao tema gerador para fins de análise coletiva.

◆ Da Análise Institucional, a sociopoética se apropria do conceito de analisador, (ver: próximo item).

◆ Próximo à AI está a Esquizo-Análise. Um dos principais conceitos da Esquizo-Análise é a noção de *devir*¹⁶. Este conceito é muito utilizado na pesquisa sociopoética, uma vez que ele funciona como um ponto revelador das nuances existente em cada um dos membros do grupo estudado. O *devir* funciona, então, como ferramenta para se fugir de uma tendência à homogeneização, categorização. Para a Esquizo-Análise, a subjetividade é produzida socialmente, por isso sugere, para além da noção reducionista de *identidade*, o conceito de *devir*, relacionado a multiplicidades, singularidades, heterogeneidades, enfim, *algo que sempre escapa às categorizações socialmente produzidas* (PETIT, 2002:37). A pluralidade desta idéia é afirmada por Deleuze & Guattari, (1997:33) ao proferirem que *pode-se mudar de devir segundo as horas do mundo*.

◆ A escuta sensível ou escuta mitopoética, de René Barbier, implica na multirreferencialidade dos sentidos. Para esse pesquisador, as ciências humanas não podem prescindir do que ele denomina *escuta sensível*. Esta não é um simples escutar apenas com os ouvidos, é a capacidade do pesquisador “*sentir o universo afetivo, imaginário e*

¹⁶ Devir é uma linha de fuga, algo que escapa à categorização socialmente produzida (PETIT, 2002: 37). Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, mimese), mas encontrar a zona de vizinhança (DELEUZE: 2001).

cognitivo do outro para compreender do interior as atitudes e os comportamentos, o sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos” (BARBIER, 1997:59).

Nesta modalidade de pesquisa, *busca-se que o grupo, todos e cada um dos participantes no processo educativo, gere suas análises, produza seus conhecimentos, questione sua própria convicção e prática, teorize sobre ela... (HURTADO, 1992:58 In: LUTZ, 1996).*

A aplicação destas fundamentações teóricas ocorre por meio das oficinas de produção de dados.

1.4.1.1 - As Oficinas Sociopoéticas

Na pesquisa sociopoética, o primeiro momento é a escolha do tema gerador. Este poderá ser uma demanda direta do grupo de pesquisa ou poderá ser formulado pelo pesquisador oficial, previamente idealizado, junto às suas perguntas. A partir da proposta inicial do pesquisador oficial, é negociado com o grupo co-pesquisador a escolha dos focos de atuação (direcionamento para a demanda popular) e as formas em que esta temática possa ser tratada com relevância para ambos. Durante este processo, é importante que o (a) facilitador (a) busque identificar as demandas do grupo. Sendo assim, é importante que exista interesse do grupo pesquisador em investigar e formar esta parceria com o (a) pesquisador (a) oficial.

É mais interessante que o(a) facilitador(a) escolha um tema orientador baseado em suas perguntas; e, no decorrer da pesquisa, que ele(a) redirecione essas perguntas, a partir do que surge no grupo. Assim, ele(a) pode confrontar-se com o imaginário do grupo, que seu tema de pesquisa inicial não é pertinente, ou não interessa ao referido grupo (GAUTHIER, 1999: 16).

Em geral, sugere-se que o grupo co-pesquisador seja composto por um número máximo de 20 pessoas e no mínimo de seis. Após confirmação do tema, acertados o horário e os dias dos encontros, inicia-se a segunda fase: a realização das oficinas por meio das

quais se produzirão os dados. São, em geral, de seis a nove oficinas, onde são produzidos dados acerca do tema gerador com a utilização de diversas formas de criação do saber, tais como: artística plástica e/ ou teatral, discussões orais e atividades escritas oriundas destes debates etc. Essas fontes buscam permitir a maior gama possível de informações subjetivas que o grupo pesquisado tenha a formular sobre o tema. Para a produção de dados, recomenda-se a utilização de pelo menos duas técnicas distintas, pois poderão possibilitar percepções diferentes que cada um dos sujeitos tenha sobre o mesmo tema.

A próxima fase é o momento em que, após as oficinas, o facilitador sistematiza as análises das produções do grupo pesquisador. Este instante de análise efetuado pelo pesquisador passa por várias fases: *Análise Plástica* (leitura intuitiva das produções plásticas: pinturas, desenhos etc); *Análise Classificatória* (classificação dos dados verbais em categorias evidenciadas a partir dos dados do próprio grupo); *Análise Transversal* (produção do pesquisador que integra os dados das várias categorias anteriormente categorizadas, de maneira criativa) e *Análise Filosófica* (diálogo entre os dados do grupo pesquisador e as teorias e filosofias instituídas acerca dos assuntos em comento).¹⁷

Realizada a análise pelo facilitador, este irá apresentá-la aos co-pesquisadores. Este momento é denominado de contra-análise, quando são confrontadas as análises feitas pelo pesquisador oficial com o pensamento do grupo. O facilitador pode apresentá-la de forma sintética, visando ao máximo à participação do grupo que poderá contribuir para revisões e complementações a serem feitas no texto final. Segundo Gauthier (1999: 48)

A análise e avaliação pelo grupo é um processo constante no decorrer da pesquisa, sendo esta sempre aberta a críticas, novos direcionamentos, novas experimentações, sugeridos por membros do grupo pesquisador e aceitos por estes.

Para finalizar, acontece a elaboração do texto final e a socialização com o grupo pesquisador, a comunidade acadêmica e a sociedade em geral.

¹⁷ O detalhamento da análise de dados pode ser acompanhado a partir dos próprios capítulos nos quais os dados são apresentados (cap. 02, 03, 04 e 05).

É muito importante enfatizar a noção de que as oficinas sociopoéticas não se prestam ao papel de pesquisa de intervenção conscientizadora. Nestas oficinas, não há qualquer pretensão em mudar a realidade, em conscientizar pessoas ou grupos, tampouco transformá-los em algum modelo proposto. O objetivo central deste tipo de oficina é a produção filosófica de conceitos, é a elaboração de uma Filosofia menos hierárquica, em que todos os sujeitos da pesquisa possam produzir conceitos acerca da temática de investigação, independentemente de seu *status* social ou escolarização. Ainda é extremamente valioso para esta produção de dados, o destronamento da razão. A razão é respeitada como uma potência criadora dentre muitas outras, e não como a única, ou principal, forma de produção do conhecimento.

1.4.1.2 – Realização das oficinas.

Esta fase¹⁸ da investigação de campo aconteceu durante os meses de setembro e outubro de 2005, com a realização de oficinas sociopoéticas.

Estes ateliês contaram com um total de seis oficinas de produção e análise de dados acerca do conceito dos *Povos do Mar*.

A referida pesquisa ocorreu na comunidade litorânea de Tatajuba, contando com 17 participantes, escolhidos por sua heterogeneidade, visando-se a estabelecer um grupo que comporte a maior diversidade possível de gênero, idade, atividade socioeconômica, envolvimento político, escolaridade etc. Não houve dificuldade para a montagem do grupo.

Ao longo dos capítulos 02, 03, 04 e 05 relato o acontecimento de todas as etapas destas oficinas, seus dispositivos de produção de dados, as fases de seu procedimento e ainda suas formas de produção e análise de dados. Posteriormente, estes indicadores estão minuciosamente descritos e analisados em todos os períodos a que se propõe a análise de uma pesquisa sociopoética.

¹⁸ A outra fase, referente à observação participante e à produção do diário de campo, será melhor comentada no cap. 07.

1.4.2 – A Análise Institucional: relações com o Método Sociopoético e o Diário de Pesquisa

Nesta dissertação, a Análise Institucional mostra-se importante em dois momentos: 1) trazendo conceitos para enriquecer e aprofundar a análise feita a partir das pesquisas sociopoéticas (analisador, restituição, implicação) e 2) como fonte de inspiração para a utilização e elaboração do *journal de recherche*.

1.4.2.1 – Analisador e Restituição

Nas longas e inspiradoras leituras que fiz a respeito da AI nos últimos dois anos, pude perceber que não há maneira melhor de compreender sua função na pesquisa acadêmica do que por meio dos conceitos operacionais.

Neste sentido, diríamos que os ‘conceitos’ da análise institucional são ‘ferramentas’ de desarticulação das práticas e discursos instituídos como científicos. Ferramentas principais desta desarticulação, tomadas de empréstimo daqui e dali. (RODRIGUES e BARROS, 1986: 02).

Desta forma, alguns destes conceitos, como no caso de Analisador e Restituição, estão imbricados com todo meu processo de pesquisa. Eles tratam da atitude filosófica do pesquisador diante do seu campo de investigação. Assim, não tenho como desvencilhá-los dos dados produzidos junto aos meus sujeitos de pesquisa na comunidade de Tatajuba. Tais ferramentas aguçaram constantemente minha capacidade de captar os espaços *não ditos* do discurso e das práticas destes habitantes, mapeando o fluxo de suas subjetividades ou – como denomina a AI – sua dimensão institucional.

Foi de Lapassade (1983:13), a proposta de (em 1963) chamar de “*Análise Institucional*” o método que visa a revelar nos grupos esse nível oculto de sua vida e de seu funcionamento. Além de Lapassade, se destacam como grandes teóricos deste método os estudiosos René Lourau (co-fundador e principal divulgador), Rémi Hess, Patrice Ville e

Antoine Savoye (na Europa), Gregório Baremlitt, Cecília Coimbra, Raquel Kamkhagi, Heliana Conde e Sandra Petit (na América do Sul), dentre outros.

Segundo Coimbra (1995:323/324),

A análise institucional que vai se organizando na primeira metade da década de 60 na França nasceu da Psicoterapia institucional, da Pedagogia Institucional e da crítica interna nas Ciências Sociais. ... Em suma, nasceu da crise interna das diferentes instituições e dispositivos da sociedade capitalista pós-industrial.

Na AI, a pesquisa é considerada como um espaço de criação humana, composta de sujeitos e não de objetos, onde produzimos e investigamos dados e não os colhemos, uma vez que – para a AI - sempre preferimos nos perguntar *Qui parle de qui? Qui observe qui (et jamais ‘quoi’ dans les sciences de l’homme)?*¹⁹ (LOURAU, 1997:10).

A partir desta concepção,

(...) tem-se a instituição como um registro sistemático da constituição do cotidiano. Ela é algo que significa psicossocialmente os signos ao redor de cada um de nós, tais como as relações de poder, alteridade e resistência. O contato com a vida humana – suas condições de possibilidade, contradições, limitações ... suas dimensões espaciais, simbólicas, lingüísticas, relacionais ... (NONATO JÚNIOR, 2005:190-192).

Diversas concepções da expressão *análise institucional*, bem como de seus mecanismos de pesquisa podem ser lidas a partir de estudiosos da Universidade de Paris VIII (LAPASSADE, 1997/ 1983; HESS e SAVOYE, 1981; LOURAU, 1997; RODRIGUES e BARROS, 1986).

É a partir desta dimensão institucional que surgem os conceitos de Analisador e Restituição na corrente institucionalista.

Na AI, temos por **Analisador** os momentos de revelações dos não-ditos da instituição, de explosões das subjetividades até então negadas ou abafadas. Segundo

¹⁹ Trad (minha): Quem fala de quem? Quem observa quem (e nunca ‘o que’ nas Ciências Humanas)?

Lapassade (1995:64, 65), *é o analisador que realiza a análise*. Coimbra (1995: 64-65) complementa tal idéia, ao comentar que *as situações falam por si, analiticamente, mais que qualquer analista, posto este também está atravessado por elas*. Na pesquisa da AI, o analisador pode surgir de situações cotidianas do próprio grupo ou ser introduzido propositalmente, visando a aguçar o inconsciente institucional por meio das coisas rechaçadas e reprimidas pelo instituído.

Comparado aos conceitos levantados nas obras de Clarice Lispector, o analisador da AI pode ser considerado como um momento de epifania²⁰, uma vez que para a autora, *a epifania revela as palavras do silêncio* (LISPECTOR, 1988:12). No sentido de Lispector, o analisador age então como um revelador de traços pessoais desconhecidos coletivamente. Já para a AI, Petit (2002:37) explica que

O analisador é uma pessoa, um acontecimento ou fenômeno que revela algum traço fundamental da face oculta da instituição ou grupo, que traz à tona a coisa não dita, rechaçada como não significativa ou inexistente.

Durante toda minha Pesquisa com os povos do mar, partilhei da lógica com que a Análise Institucional concebe a **Restituição**. Esta significa que o pesquisador não vai ao seu campo de pesquisa somente “colher” dados. Ele vai construir uma atmosfera de saberes em trânsito, da qual tanto o pesquisador como os sujeitos pesquisados têm potencialidades para doar e receber. Após analisados os dados e escrita a pesquisa, também não está findada a Restituição, pois, Segundo Lourau (1993: 56);

A restituição não é um ato caridoso, gentil; é uma atividade intrínseca à pesquisa, um feed-back tão importante quanto os dados especializados. Ela nos faz considerar a pesquisa para além de sua redação final; ou melhor de sua transformação em mercadoria cultural para servir unicamente ao pesquisador e à academia.

Em minha pesquisa em Tatajuba, percebi a restituição como processo existente ao

²⁰ Epifania é a definição usada por Lispector em suas obras literárias para retratar as ações do inconsciente que revelam os traços de personalidade das personagens, causando fortes mudanças em suas relações com os outros.

longo de toda a pesquisa e não concentrado em um resultado final. A restituição significa, sobretudo, uma posição não hierárquica da pesquisa, permitindo aos sujeitos integrantes uma análise conjunta em toda investigação, inclusive em suas conclusões. Segundo Angel et alii (1993:13,14), *La recherche en Analyse Institutionnelle (AI) est basée sur la collectivisation de ces matériaux.*²¹ E, falando sobre esta postura coletiva que é adotada pela AI também na academia, as autoras denunciam que *de façon organique, rien n'est prévu au niveau universitaire pour mettre l'étudiant en situation de confrontation avec d'autres chercheurs et cela, jusqu'au jour de la soutenance de sa thèse* (IDEM).²²

Este problema remete a outras contribuições da AI para a pesquisa acadêmica atual, tais como *les analyses implicationnelles* e *les journaux de recherches*.

1.4.2.2 – Implicação e Diário de Pesquisa

Há como conceito central da pesquisa em AI, o termo **implicação**, de que trato paulatinamente desde as primeiras linhas deste estudo. Em suma, a implicação consiste em transversalizar a presença do autor em toda sua obra. Prima por permitir que não se produza conhecimento científico usando-se a máscara da neutralidade, resumindo a Ciência a uma linguagem tecnicista e informativa. A dimensão 'implicationnelle' visa tornar viva a pesquisa, relevando suas contradições, mudanças, intempestividades, potências e impotências.

Desta forma, a implicação *contra-institucionaliza o sistema teórico vigente ao propor uma escrita que envolva a dimensão humana da vida do pesquisador, expondo seus conflitos e contradições, tanto no plano consciente como inconsciente.* (NONATO JÚNIOR, 2005: 92).

A principal contribuição que a análise das implicações traz a uma pesquisa é o estudo de suas condições de possibilidade. O pesquisador questiona constantemente seu

²¹ Trad. (minha): A pesquisa em análise institucional (AI) é baseada na coletivização desses materiais.

²² Trad (minha): De maneira orgânica, não há nada previsto em nível universitário que situe o estudante em estado de confronto com outros pesquisadores, e isso se passa até o dia de defesa de sua tese.

relacionamento com os achados da pesquisa, ele vai revelando uma pesquisa-processo. Nesta perspectiva, a investigação é analisada a partir de todas as relações que envolvem o pesquisador e seu objeto. De acordo com Petit (1997:144), *le croisement de nos histoires individuelles/ institutionnelles faisait émerger l'objet même de recherche*²³.

A importância da análise das implicações para o conjunto de uma pesquisa em AI encontra-se bem fundamentada em Royer-Rastoll, P. Martin, D. (1989:09), quando os autores posicionam que, *Analyse institutionnelle, telle que nous la concevons, est une démarche de recherche qui inclut: analyse implicationnelle, articulation du psychologique et du sociologique*²⁴.

Baseado na importância desta relação sujeito/ objeto para a pesquisa, estudiosos da AI passam a utilizar o diário de campo como uma das principais estratégias para a investigação científica. Na Universidade de Paris VIII, os diários de pesquisadores passam a ser constantemente produzidos, lidos e analisados. Busca-se, com efeito, a análise das implicações do pesquisador ao longo de toda a investigação.

Nesta pesquisa, intento similar levou-me à elaboração de meu diário de pesquisa – constante ao longo de todo o mestrado - desde o ingresso até a conclusão das análises de campo e dos *diários das implicações*, produzidos pelo grupo-alvo da pesquisa.

1.4.2.2.1 – O Diário das Implicações

Em busca de compreender um pouco mais das necessidades de minha investigação, proponho um profundo trabalho com diários de pesquisa, acreditando obter por seu intermédio uma rica fonte de dados, bem como um grande rizoma para a análise das implicações individuais e grupais.

²³ Trad (minha): o cruzamento de nossas histórias individuais/ institucionais faz imergir o próprio objeto de investigação.

²⁴ Trad (minha): Análise Institucional, tal como a concebemos, é uma modalidade de pesquisa que inclui: análise das implicações, articulação do psicológico e do sociológico.

O diário é, há muito tempo, uma fonte de registro das principais descobertas e aventuras humanas. Neste cenário, é possível deparar-se com diversas e distintas utilizações que esta ferramenta de registro e pesquisa foi tomando ao longo da história da humanidade.

Desde os remotos tempos das grandes navegações, o **diário de bordo** servia para registrar as experiências vivenciadas durante uma viagem; narrar seus surpreendentes episódios, preparar futuros navegadores para os perigos ali já encontrados e mapeados.

No domínio da produção filosófica, o **diário como registro filosófico pessoal**, também serviu de instrumento de reflexão para muitos filósofos e pensadores, que escreveram em seus escritos particulares, até centenas de vezes mais do que em suas obras publicadas oficialmente. Também na literatura, encontraremos os **diários literários**, utilizados por escritores como José Saramago (que empregava o diário como gênero literário) e Clarice Lispector (que faz de seus contos e crônicas um diário de experiência e percepções de seu cotidiano).

No que tange à pesquisa acadêmica, a utilização do diário tornou-se muito popular na Antropologia e no **Diário de Campo**, usado inicialmente por Malinowski (1990). Neste caso, o pesquisador vivencia os acontecimentos do cotidiano, participando deles, os registra e busca explicar suas interações sociais, suas elaborações culturais e seu posicionamento político. Esta maneira de utilização do diário tornou-se muito popular na universidade laica, sendo adotada por várias metodologias de pesquisa que não estavam, necessariamente, pesquisando sob a égide antropológica, mas utilizavam esta sua ferramenta para enriquecer os estudos de diversas outras áreas, tais como: Educação, Sociologia, Geografia, Psicologia etc.

Buscando levar o diário para um domínio de produção participativa, René Barbier (1999) propôs o **Diário de Intinerância**. O grande diferencial desta modalidade trazida por Barbier, em relação ao diário antropológico, é que neste caso, o diário de pesquisa é escrito por todo o grupo pesquisador e não somente pelo pesquisador oficial. Tal diário pode compor-se de folhas separadas, disponíveis à utilização de todos os envolvidos no processo

investigativo, sendo as folhas posteriormente anexadas, ou se constituir de uma singular unidade material que seja móvel, ou seja, um livro que circule na mão de todos os interessados em nele escrever.

Desde o início de minha pesquisa de mestrado, escrevo um diário que mistura características do diário antropológico com outras do diário de itinerância. A este tipo de receptáculo de registros resolvi denominar de **diário das implicações**. Neste diário [presente no capítulo 07] são analisadas experiências que vão do ingresso desta pesquisa às suas modificações e conclusões.

Na pesquisa de campo, atuei com meu diário antes das oficinas, quando dos primeiros contatos para negociação. Utilizei-o também durante as oficinas, registrando as percepções desenvolvidas ao longo de cada momento, e ainda, depois – em novas visitas para observação na comunidade.

Na primeira oficina de produção de dados, propus ao grupo de pesquisa que, assim como eu fazia uma análise das minhas relações com os povos do mar a partir do meu diário, que eles fizessem o mesmo – caso se sentissem à vontade.

Assim, 14 dos 17 participantes optaram por levar o diário. Nele ficaram livres para escrever, pintar, desenhar, rasurar, qualquer pensamento, devir ou memória, a partir do qual analisasse suas relações com o tema *povos do mar*. O diário ficou com cada participante um mês, depois do término das oficinas. Retornei à comunidade para – em reunião – partilharmos as principais produções dos diários e para recebê-los. Deixei claro, de início, que tinha o desejo de receber os diários ao final do prazo.

Após corridos trinta dias, a reunião para a partilha dos dados foi adiada para 15 de novembro de 2005. Nesta data, aconteceu um dos momentos mais ricos da pesquisa: a partilha. Passados os 45 dias com os diários, cada um dos sujeitos havia se apropriado dele de maneira diferente, analisando suas implicações a partir de diversos ângulos. No capítulo 07, trago algumas destas experiências a partir de trechos selecionados.



Partilha dos diários

No dia da partilha procedemos da seguinte forma: cada um fez a leitura ou explanação dos principais pontos do seu diário. Alguns declamaram, interpretaram e explicaram trechos.

Fato curioso foi que os cinco pescadores que participaram do grupo de pesquisa optaram por fazer o diário, mesmo apesar de três deles não saberem ler nem escrever. Um caso interessante destes foi o do pescador BURICA, que registrou um longo repente em seu diário por meio do qual fez um resumo de sua visão sobre os povos do mar de Tatajuba. O registro foi feito da seguinte forma: o pescador ia ditando a ordem da cantiga e suas filhas se revezavam na escrita das palavras no diário. Assim, ao longo de algumas semanas, Burica mostrava-se satisfeito em trazer seu conhecimento para o grupo. Logo, no dia da partilha dos diários, Burica pediu que eu lesse seu diário para o grupo, mas não foi preciso. Cada frase que eu ia ler ele já sabia de cor e falava com a fluidez e a melodia de quem lê bem mais que um texto, e sim lê a vida.

Eu também li fragmentos do meu diário para o grupo. A cada leitura, muito riso, espantos e brincadeiras. A maioria dos textos remete-se a assuntos já pensados nas oficinas, mas com novas visões. Aparecem também algumas novidades: desabafos pessoais, o medo do fim da pesca na comunidade, experiências individuais com o mar e a natureza em geral.

Encerrada a leitura dos textos, passamos os diários pelos grupos para que todos pudessem ver as produções plásticas feitas pelos outros.

1.5 - Análise

Ao longo do percurso de pesquisa, desenvolvi estratégias de análise que puderam – acredito – valorizar ao máximo os conhecimentos produzidos, uma vez que *se a técnica nos enche as mãos de todos esses elementos, ficar com eles a nível de constatação é matar a galinha dos ovos de ouro*. (GONSALVES, 2002: 04).

Como a produção de dados ocorreu basicamente a partir das oficinas sociopoéticas e das observações participantes (que possibilitaram a produção dos diários), é possível dizer que as análises obedeceram a dois momentos básicos: 1) a análise de dados das oficinas sociopoéticas, obedecendo a seqüência tradicional da pesquisa sociopoética a seguir exposta; 2) seleção, contextualização e exposição de vários trechos do meu diário e alguns dos diários dos co-pesquisadores;

Quanto ao segundo momento, *os diários*, basta salientar que são trazidos com o objetivo de captar uma visão individual sobre o tema, buscando ver como os autores analisam suas implicações com o mar. O diário do pesquisador concede uma visão processual de todos os acontecimentos na relação sujeito-pesquisa, razão pela qual optei por não trazê-lo fragmentado ao longo do texto. Não há objetivo de confrontação de análise entre os diários e os conceitos elaborados nas oficinas.

No que se refere ao primeiro momento da análise, *pesquisa sociopoética*, é latente a necessidade de se conhecer mais a fundo.

1.5.1 - As análises das produções sociopoéticas:

Em uma apartada síntese, é possível definir que a pesquisa sociopoética acontece com as seguintes etapas:

- a) Análise Plástica - esta ocorre quando a técnica utilizada ocasiona produções plásticas (pinturas, gravuras, desenhos etc). Nesta etapa, o pesquisador situa todas as produções plásticas no alcance dos seus olhos e procura interpretá-las, não usando somente as evidências, mas a imaginação, criando imagens, intuindo situações a partir dos registros feitos pelo grupo pesquisador. Nesta pesquisa, realizei análise plástica no Capítulo 2, que trata do *dispositivo I – passeio pelos cinco mares do imaginário*. Para realizar esta análise, utilizei-me da seguinte estratégia: classifiquei as produções do grupo pesquisador à evolução de uma onda ao longo de todas as zonas da praia, iniciando pela brisa marinha, que empurra a água rumo às várias zonas da praia e encerrando com a brisa do continente.
- b) Análise Classificatória - esta etapa ocorre a partir da classificação dos dados verbais (orais e/ ou escritos) produzidos em uma técnica. Todos os depoimentos são lidos pelo pesquisador. Passo a passo, eles são minuciosamente analisados e o investigador busca categorias evidentes nos próprios depoimentos que possam agrupar as produções a partir de suas idéias em ressonância. Para agrupar os depoimentos, são criadas categorias a partir de palavras aglutinadoras, geralmente retiradas dos próprios diálogos em análise. Nesta pesquisa realizei análise classificatória nos três dispositivos (Cap 01, 02 e 03), pois em todos eles havia dados verbais relevantes para classificação. Na maioria dos casos, minhas categorias vieram das próprias palavras do grupo. Em alguns casos em que não encontrei palavra aglutinadora nos depoimentos do grupo, criei palavras inspiradas no movimento das produções classificadas. Ao final de cada categoria, são identificadas relações de convergência, divergência, oposição e ambigüidade – como se faz em toda análise classificatória da sociopoética.
- c) Análise Transversal - este momento da análise sociopoética trata de unir aquilo que a análise classificatória separou. O pesquisador produz um texto criativo, usando algum recurso da literatura e das artes, no qual

aborda as relações entre os conceitos levantados em cada uma das categorias. Nesta pesquisa, utilizei os seguintes recursos na análise transversal: produção de um Mito (dispositivo 1 – *Cap02*), produção de uma Carta (dispositivo 2 – *Cap 03*), produção de um Cordel (dispositivo 3 – *Cap 04*). No caso desta investigação, foi na produção transversal que apareceram os *confetos*²⁵, destacados ao longo dos textos elaborados.

- d) Contra-Análise - neste momento da análise, o pesquisador retorna à comunidade na qual realizou sua pesquisa de campo. Ele leva a análise que fez das produções do grupo. Ao grupo caberá opinar sobre o exame feito pelo pesquisador, procurando registrar suas concordâncias e discordâncias com tal análise. No presente trabalho, a contra-análise se encontra no *Capítulo 05*.
- e) Análise Filosófica - esta fase da análise trata de relacionar os conceitos trazidos pelo grupo de pesquisa com os estudos teóricos já instituídos acerca destes assuntos. Evidentemente, o assunto a ser tratado na análise filosófica depende fundamentalmente daquilo que foi produzido pelo grupo como conceito. Esta análise acontece pela necessidade de articular tais conceitos com as diversas correntes filosóficas que já o estudaram em pesquisas anteriores. Neste trabalho, a análise filosófica acontece no *Capítulo 06*, mediante o qual discuto os conceitos de *Povos do Mar* elaborados pelos moradores de Tatajuba sob a óptica multirreferencial de várias teorias.

²⁵ Ver: GAUTHIER (1999).

CAPÍTULO 02

OS MARES DO IMAGINÁRIO

A primeira oficina de produção de dados aconteceu no dia 28 de setembro de 2005, às 18h, na sede do Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Tatajuba. Havia 15 voluntários para a participação nas oficinas, que haviam declarado seu interesse desde minha visita anterior. No momento de sua realização, entretanto, surgiram novos interessados e tive que limitar o grupo ao número de 17 pessoas, pois era este o número de inscritos antes da minha chegada.

Para realizar as oficinas estava presente, além de mim [facilitador], Rebeca Alcântara²⁶ que atuou como co-facilitadora, auxiliando-me.

Quando saímos de casa – Raimundinha, Rebeca e eu – era início de noite e a escuridão já se evidenciava parcialmente. Atravessei pela primeira vez a “Ponte Mal Assombrada”²⁷ à noite, rumo ao centro da comunidade. Constatei que se tratava realmente de uma experiência interessante, pois com a lua opaca, as sombras das árvores produziam diversas formas no assoalho da ponte, motivando o imaginário dos que por ali transitam.

Chegando ao local sede da primeira oficina, fui recepcionado com calorosa expectativa pelos participantes que me esperavam. Participar de uma pesquisa era uma situação que os causava curiosidade. Todos queriam saber mais sobre o que iríamos fazer naqueles momentos.

Logo, entramos na sede do conselho. Vicente (um dos participantes) encaixou a lâmpada de bulbo no bocal elétrico preso ao teto e a luz espantou a escuridão, aguçando em todos o desejo de que começássemos os trabalhos.

²⁶ Rebeca Alcântara é Pedagoga, aluna do Mestrado em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - no núcleo de Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Sua escolha como co-facilitadora deveu-se ao fato de sua ampla experiência em pesquisas sociopoéticas vivenciadas ao longo de seus três anos como bolsista no curso de graduação em Pedagogia.

²⁷ Ver CAP VIII.

Após a chegada de todos, apresentei-me e comentei os propósitos da pesquisa. Embora já tivessem sido antes avisados sobre a temática “Povos do Mar”, perguntei se este tema estaria claro para eles, se faria sentido produzir conhecimento sobre este assunto. Todos responderam afirmativamente, pois - disseram - eram sujeitos do mar e, certamente, falar sobre isto seria falar sobre suas próprias vidas.

Vale a pena ressaltar que não fui à pesquisa com o desejo de negociar o tema, como muitas vezes ocorre nas oficinas sociopoéticas. Estava, no entanto, disposto a substituir a nomenclatura “povos do mar” por outra de mesmo sentido, caso esta se mostrasse por demais artificial para o grupo pesquisador. Nem sequer isto foi necessário, pois o grupo interessou-se de imediato pelo tema proposto.

Feito este contato introdutório, todos se apresentaram explicitando seu interesse em fazer parte daquele momento. Em seguida, passamos para a aplicação do primeiro dispositivo de produção de dados. Este dispositivo foi por mim intitulado de: **Passeio pelos Mares do imaginário**; que consiste em fazer com que o grupo pesquisador faça um passeio pelo imaginário visualizando como seriam os povos dos *mares do tempo, do dia-a-dia, do lazer, dos mitos e segredos e dos sentimentos*.

A escolha destes mares foi feita, pensando em lançar múltiplas categorias que pudessem motivar a livre imaginação do grupo pesquisador. Por isso, procurei delimitar temáticas bem amplas, por exemplo: *o tempo* e não o passado ou o presente ou o futuro; *o dia-a-dia* e não o trabalho ou a escola ou o turismo; *os sentimentos* e não o amor ou o ódio ou a saudade. Desta forma, objetivei que esta seleção de preferências e implicações fosse feita por cada um dos membros do próprio grupo.

No início desta técnica, Rebeca fez um relaxamento corporal para que o grupo se desligasse um pouco da objetividade de sua vida e pudesse estar mais predisposto a acessar saberes não-conscientes.

Em seguida, conduzi o **passeio pelos 5 mares do imaginário** dizendo paulatinamente as seguintes palavras:

*A partir deste momento vamos nos preparar para fazer uma viagem pelo nosso imaginário ... (música de fundo) procure escutar as sensações que vêm do seu corpo e da sua mente ... seguindo estas sensações você vai iniciar um passeio por diversos mares, mares estes formados de elementos bem diferentes dos que estamos habituados ... o primeiro mar que aparece em nossa viagem é o **mar do tempo**; imagine como deve ser um mar formado pelo tempo ... neste mar, como são os povos que nele moram? Como são os povos do mar do tempo? O que fazem? Em que tempos estão os povos do mar do tempo? ... continuando nossa viagem, vamos saindo do mar do tempo e chegando a um novo mar, o **mar do dia-a-dia**. Visualize este mar. Imagine todos os detalhes possíveis do mar do dia-a-dia e então veja: como são os povos deste mar? O que preferem as pessoas do mar do dia-a-dia? Qual sua aparência? O que fazem? ... passando a uma nova etapa de nossa viagem chegamos a mais um mar: o **mar do lazer**. Como é este mar? Crie o cenário do mar do lazer bem diante dos seus olhos. Fique à vontade para inventar qualquer coisa que venha a sua imaginação... E este mar? Ele tem habitantes? Como são os habitantes deste mar? Que detalhes destes habitantes chamam a sua atenção? O que inventam estes povos? ... continuando nossa viagem chegamos agora a um mar onde podemos imaginar o que quisermos ... o **mar dos mitos e segredos**. O que tem nesse mar? O que ele me inspira a lembrar ... ou criar? O que posso visualizar nos povos que habitam o mar dos mitos e segredos? Que segredos têm estas pessoas? ... antes de retornar desta viagem, encontramos ainda mais um mar. O intenso **mar dos sentimentos** ... que sentimentos tem este mar? Como são os habitantes do mar dos sentimentos? Que sentimentos eles têm? ... Mais uma vez visualize todos os mares pelos quais você viajou e também seus povos. O que mais lhe chama a atenção dentre estas imagens que você está criando agora? ... procure focar sua memória nestas imagens, sensações e emoções criadas e pouco a pouco venha retornando a sua concentração para seu corpo e sua respiração, para o momento presente.*

Após este passeio lúdico, foram distribuídos materiais de pintura²⁸ para que cada um dos 17 participantes efetuasse sua produção plástica.

2.1 – Relato de Produção de dados do Grupo pesquisador I

As produções foram individuais. Para tanto, solicitei que cada um dos membros do grupo trouxesse para sua pintura as imagens mais importantes durante sua viagem, podendo eleger um dos mares e pintar o que havia imaginado sobre ele ou podendo também misturar diversos mares.



Grupo realizando produção plástica

No início, houve um pequeno alvoroço, pois algumas pessoas declaravam que não eram capazes de realizar uma produção plástica, entretanto, após iniciada a atividade todos se encontravam motivados com suas produções e durante algum tempo fez-se um silêncio sepulcral.

²⁸ Tinta para papel, folhas brancas tipo 60kg, giz de cera, colas coloridas e canetas tipo pilot.

Encerrada a produção, coloquei todas as pinturas dispostas em forma de círculo, no chão, enquanto os participantes giravam atenciosamente em torno das produções, procurando compreender a percepção dos colegas. Antes que se fizessem comentários sobre os significados das figuras, pedi que cada um recolhesse do chão uma figura (excetuando-se a sua própria) e que formassem sub-grupos de aproximadamente 3 pessoas. Neste micro-grupos as pessoas analisariam as 3 produções ali presentes.

Após esta atividade, iniciamos a descrição das análises feitas sobre as produções, seguindo três etapas: primeiramente o sub-grupo encarregado da análise se pronunciaria. Em seguida, as demais pessoas do grupo pesquisador que quisessem analisar alguma das três produções do sub-grupo em apresentação. E, finalmente, os autores das produções.



Produções plásticas do Grupo Pesquisador

Ao passo em que as equipes iam se apresentando, Rebeca ia numerando as produções, por isso, as apresentações aparecem em ordem numérica linear. Nesta fase inicial das análises, procurei transcrever fielmente as situações vivenciadas, não negando os sentimentos dos co-pesquisadores, suas surpresas, seus risos, bem como, seus idioletos e suas salutares ênfases de linguagem.

Análise das Produções nº 1, 2, 3

Quando falo de análise dos pesquisadores, refiro-me à leitura que os co-pesquisadores fazem das produções dos outros integrantes. Esta modalidade de análise utiliza, sobretudo, a intuição, a percepção e a imaginação. Já na minha análise do material, é que faço todo um apanhado sistemático das produções para seus resultados.



Produção plástica nº 1



Prod. Plástica nº 2



Produção plástica nº 3

EQUIPE ENCARREGADA DA LEITURA PICTÓRICA:

“Nestes desenhos, nós três concluímos que era o mar do dia-a-dia, o trabalho foi representado, a ida dos pescadores ao mar, a escola que é uma das coisas mais importantes da nossa comunidade – a pousada e os buggys na praia fazendo passeio com os turistas e transportando pessoas da comunidade pra Camocim.

O lazer nós também encontramos aqui, alguns turistas e pessoas da comunidade andando por cima das dunas, passeando de barco e passeando na praia.

O meio ambiente inclui tudo isso, o sol, os pássaros, as nuvens, os coqueiros...”

OUTROS PARTICIPANTES

“Representa a vida da praia, porque a praia também tem sua própria vida” (Seu Oswaldo).

OS AUTORES

(Figura 3) “Eu quis expressar a vida que estou vivendo agora, que é a de professora ...”

(Figura 2) “Eu expressei aí o dia-a-dia do povo de Tatajuba, com suas simples casas recebendo turistas, o vento bem forte que tem todos os dias, os pescadores vindo do mar e um pouco da paisagem – coqueiros dunas. Aqui tem principalmente os mares do dia-a-dia, do lazer e do sentimento; porque as pessoas que vêm pra Tatajuba, elas vêm movidas por sentimentos, pelo prazer ...”

(Figura 1) “Eu quis expressar sobre as canoa que vão com o pescador, aí eu pensei no sofrimento dos pescador, as vezes a gente olha em cima do alto e vem uma canoa longe, com os coitadim segurando na corda, vindo muito vento, aí a onda joga a canoa ... porque a gente se preocupa com o sofrimento deles, né ... então, é mais o mar dos sentimentos, porque o que a gente mais se preocupa não é com o peixe, é com eles... com o pescador”.

Produções nº 4 e 5



Prod.Plástica nº 4



Prod. Plástica
nº5

EQUIPE ENCARREGADA DA LEITURA PICTÓRICA:

(Produção escrita):

A gente chegou na seguinte conclusão:

“Mar,

verde mar

Com ondas ferozes a flutuar.

Impedindo aos pescadores

seus peixes pegar.

Simple casas

dos seus bravos veleiros.

Ao seu redor dunas,

lagos e coqueiros”.

(Depoimento oral [*a respeito do mesmo tema*]):

“Aí tem todos os mares, mais ainda o dia-a-dia, dos sentimentos e também o mar dos Mitos e dos Segredos porque a impressão que dá desse peixe imenso parece algo inventado – E olhe, o povo de Tatajuba gosta de inventar! Isso parece até uma baleia, algo que não se vê. É parecido assim, com alguma história que trouxe esse peixe diferente pra cá, que talvez nem peixe é”.

AUTORES

(Figura 4) “Acho que se refere ao mar do tempo, pois Tatajuba começou com a pesca e hoje tem muitas outras coisas na comunidade. Assim, o tempo mudou Tatajuba, o tempo muda tudo!!!”

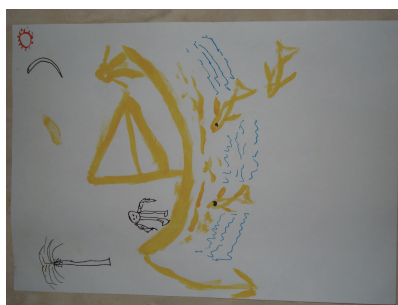
(Figura 5) “Ta mais próximo ao tempo e do dia-a-dia. A pesca e tudo ela tem e não tem ...”

(Pescador)

Produções 6, 7, 8



Prod. Plástica nº 6



Prod. nº 7



Prod. nº 8

EQUIPE ENCARREGADA DA LEITURA PICTÓRICA:

“Nós decidimos resumir tudo em uma frase: O nosso habitat natural ...”

É perguntado se alguém quer comentar mais alguma coisa e neste momento, alguém que não era da equipe faz uma pergunta. Inicia-se, então, um curto e interessante diálogo:

- Como assim natural?
- Que Natural?
- Você disse nosso habitat natural! Como assim natural?
- Ah ... natural e sobrenatural ...
- Como assim?
- Porque tudo que está aqui se junta no mar do tempo... O tempo está presente em tudo... e todos os mares vão para o tempo.
- Vixe (sic), eu não to entendendo a lógica desse raciocínio não !!!

AUTORES

(Figura 8) “Eu fiz mais o céu, né? Coqueiros e nuvens ... e os urubus (risos) ... Ah, mas o urubu faz parte da paisagem, ele é feio mas faz parte (risos) ... Eu acho que tem mais a ver com o mar do tempo, por que eu não sei ...”

(Figura 7) “Eu tô falando é só da pesca mesmo, né... do dia-a-dia ...”

(Figura 6) “Nela eu referi o mar do lazer, porque eu coloquei uma rede, uma canoa, essa canoa não é de pescaria, né ... mas, é de passear no mar ... E como em todas, tudo tem mar, coqueiro e sol, e isso também tem a ver com o mar dos sentimentos, né? Porque se a gente tá ali curtindo, tá pensando em coisas boas ...”

Produções 9, 10, 11



Prod nº 9



Prod. nº 11



Prod. nº 10

EQUIPE ENCARREGADA DA LEITURA PICTÓRICA:

“Sim, a gente juntou as três figuras e para dizer o que elas representam pra gente, a gente fez um pequeno parágrafo escrito”:

“Os pescadores foram para o mar, de repente o peixe grande e desconhecido pulou sobre a canoa. Os pescadores caíram, quando voltaram enfim, já estavam em um estranho lugar que para ele era um eterno segredo”

“Os mares que aparecem são do sentimento, tempo, lazer e também de segredo, escuridão” (risos).

- “O que foi... vocês já querem inventar coisa, né ... “
- “Ah, como é coisa de segredo, de mito dá curiosidade...” [*falou membro da equipe de análise*].

[*Perguntamos então que segredo poderia ser esse. Ao que responderam*]:

- Eu acho que é uma das lendas do morro branco ... (falou alguém da equipe de análise).

- Não, esse é outro, é o mito dos rios e das camboas ... Nele há muito siri nos maguezais e praias ... (Seu Oswaldo)

- É o rio dos tarrafeadores ... onde só os tarrafeadores tiram seu sustento porque só eles conhecem os segredos dessas camboas (falou outro) ...

- Eu ainda acho que é mesmo o mito da duna encantada do morro branco ... que eu não sei bem contar como é, mas falam de um carneiro de ouro que aparece por lá ... que ali eram mangues e lá havia uma moça muito bonita de nome *Esmeralda* ... bem, eu vi na figura essa escuridão e isso me lembrou ... antigamente também, tinha até uns reflexos enormes lá em cima, que a gente via ... aí tudo isso me fez lembrar ... (*Pequena*)

- Só que ali tem estrela, tem lua. Parece mais um mito da noite, né? ... (outro)

- Ah, mas já que são mitos e segredos, foi o que a figura me fez lembrar ... (*Pequena*)

- Olhe (*burica*), neste morro branco eu já dei uma passada uma vez à noite, e lá debaixo subia uma mulher com umas vela tudo armada, cheio de luz ao redor das velas dela ... e tinha uns pessoal andando com ela pra cima e pra baixo ... avistei isso uma vez de noite quando eu tava até jogando 3/7 e saí pra entreter ela enquanto eu chamava as meninas lá de

casa pra vê, mas quando saíram fora, apagou-se tudo, só quem viu fui eu ... eu já vi isso ... Neste tempo ele era encantado mesmo, depois veio aí uns pessoal, passaram bem uma semana lá e parece que depois ninguém viu mais nada ...”(Pescador)

- “Naquele morro, uma vez, eu tinha dois irmão e eles gostavam de andar passeando. Então, eles subiram no morro, quando eles chegaram em cima do morro eles viram uma casa com um homem dentro, uma casinha assim pequena, com um homem dentro, aí eles partiram pra lá pra perto do homem, aí quando chegou perto do homem ele disse assim: vão se embora, vagabundos!! E eles só fizeram olhar assim um pro outro e quando olharam pra trás já não tinha mais nada ... por isso que esse morro pegou nome de duna encantada ...” [seu Oswaldo]

- “Por isso não, o encanto desse morro é antigo, é dos nossos antepassados, isso aí é só um dos casos” [retrucou um dos presentes] ...

- “E também tem outra (*Hosana*), dizem que essa duna é encantada e pra desencantar tem que furar o dedo de uma criança e fazer uma cruz em cima do morro – ah, essa criança tinha que ser pagã, se não não servia – fazendo a cruz em cima ela se desencantava e virava uma linda cidade ... que já existe, mas tá soterrada embaixo do morro” ...

- “Meu povo, [*alguém do grupo falou*]: bora tacar logo o dedo nesse morro ...” (risos)

- “Olha e tem outra, uma vez uma mulher – uma amiga minha sabe (Raimundinha falando) resolveu desafiar o encanto do morro. Subiu bem em cima do morro e ficou gritando: desencanta morro, desencanta! Apareça pra mim princesa se você realmente existe! Cadê sua cidade e seu tesouro? Desencanta agora morro! – e ficou gritando bem alto, sabe! – pois não é que deu uma ventania enorme em cima desse morro que a mulher saiu correndo e foi parar em casa com o vento atrás dela (risos) ... pois foi, o morro deu uma carreira na mulher ... nunca mais que ela desafiou o poder do morro ...”

- “Tem um mito também que ta lembrando esta outra figura aí, a figura azul... a de nº 9, ta lembrando muito uma história do tarrafeador que tem aí na camboa, que quando os tarrafeadores tão pescando aparece uma tarrafa gigante que cobre toda a camboa e quando aparece essa tarrafa, ninguém mais consegue pegar um peixe que seja, como se afastassem todos os peixes... então esse desenho 9, ta lembrando esse tarrafeador com essa imagem assim bem grande cobrindo tudo que há na camboa ...” [Uma professora]

- “Tem ainda mais sobre a lenda do morro branco, dizem que aí era um braço de mar, então, moravam uns povos aí que atraíam pessoas de outros lugares para buscar as princesas que moravam nesta civilização aí, que eram as princesas mais belas de todas, e, vinham gentes de todas as partes do mundo para ver esses princesas que morava aí na beira desse braço de mar ... Então, um desses barcos vinha buscar a mais bela de todas as princesas que havia esperado anos para ir embora com seu príncipe, mas esse barco era muito grande e encalhou numa duna que estava próxima, aí não pode mais sair o barco, né? Aí ficou encalhado pra sempre e veio a duna migrando até cobrir este barco, virando o morro encantado, a partir daí é que veio as histórias e lendas sobre a duna encantada ...” [Loura]

- “Nossa equipe não vai falar, não?” [*questionou um membro das próximas equipes vendo que longo tempo se passava em nossos comentários*].

- “É que, quando começa essa assunto todo mundo tem história pra contar ...” [Raimundinha].

AUTORES:

(Figura 9) “Eu pensei só em fazer uma canoa, que eu pesco, gosto de pescar, então pensei numa canoa, de madrugada ... às vezes acontece da gente tá pescando e aparecer coisa estranha aí eu pinte algo parecido, né? ... eu acho que isso aqui é mais o mar do dia-a-dia, que todo dia eu vou pro mar, o mar é o meu dia”.

(Figura 10) “Eu quis expressar o mar do tempo que era o tempo em que a gente não tinha energia ficava tudo no escuro, a gente saía pra ver a lua, as estrelas e hoje a gente nem percebe mais a lua, o céu, porque a gente nem sai mais de dentro de casa, só em casa assistindo novela, essas coisas. E o mar dos mitos e segredos, que como foi falado, lá na duna encantada vinha uma luz, um reflexo, assim bem de longe e terminava na duna e eu vejo isso com um segredo que a gente nunca conseguiu ... sempre as pessoas falam sobre muita coisa, mas ... bem, foi isso que eu quis expressar aí”.

- *Interrupção:*

(*Seu Oswaldo*) “vocês sabem porque até hoje não tem luz elétrica nos postes? Porque a maioria da comunidade escolheu que não tivesse para que pudesse ainda ver o céu à noite”

(*Raimundinha*) “pois foi mesmo, quando foram instalar energia houve muita discussão, mas a maioria da comunidade decidiu que preferia a energia só nas casas, pois assim a noite continuaria escura e podemos ver as estrelas... tanto nós quanto os visitantes que também gostam de Tatajuba assim. Mas, realmente as pessoas estão trancadas demais em suas casas depois da televisão”.

[*Continuaram os autores*]:

(Figura 11) “Expressei a imagem da diária do pescador, o trabalho durante o dia, indo e voltando do mar em busca do alimento para a família, e, também o tempo – pois o pescador depende muito do tempo”.

“E o que mais que isso? Um beijo pra minha mãe, pro meu pai e pra vocês...”(risos)

Produções 12, 13, 14



Prod. nº 12



Prod. nº 13



Prod. nº 14

EQUIPE ENCARREGADA DA LEITURA PICTÓRICA:

A gente observou as figuras e tirou a conclusão que [*produção escrita*]:

“O mar é responsável por todos os sentimentos, sobrevivência, o lazer, os mitos e os segredos que ele nos desafia, como também ajuda a tornar cada vez mais bela nossa paisagem e a torna cada vez mais atraente”.

– Eh, só isso mesmo.

- Tudo que foi falado tem a ver com os cinco mares misturados, pois eles estão juntos.

OUTROS:

- Eu to vendo ali uma sereia e uma mula sem cabeça...

- Eu to vendo a bruxa ...

- Tem ali gente tomando banho de lagoa, bebendo água de côco, andando nas dunas e enfeitando mais a beleza do mar, por isso eu acho que é lazer ...

AUTORES:

(Figura 12) “Eu fiz assim, o mar dos sentimentos, as pessoas passeando no mar, vendo os golfinhos flutuando na água, pulando – é isso, é a beleza”.

(Figura 13) “Eu quis expressar mais o mar dos sentimentos porque ali tem um barquinho, as pessoas passeando pelo mar, também tem um casal de namorados, um pessoal

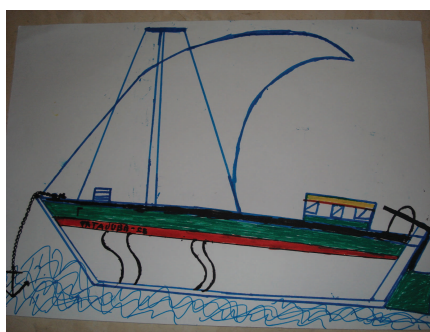
estudando. É mais o amor pelo mar, mas né só amor não, esses sentimentos aí também tem problemas, morte, medo ... é por isso que eu coloquei a mula sem cabeça”.

(Figura 14) “Eu representei todos os cinco mares. O primeiro é o mar dos Mitos, pois o pessoal fala que vai pro mar e que se ouvir o canto da sereia a canoa se alaga ... e do saci que dizem que por aqui a estratégia dele é fazer cócega nos outros pra conseguir fumo ... E o mar do dia-a-dia tem principalmente a escola, porque estudar é uma coisa muito importante para nós, tem também muito sol que as vezes é bonito, mas as vezes é horrível pois é muito forte ... e tem o turismo, os viajantes que deixam mais renda por aqui”.

Produções 15, 16, 17



Prod n° 15



Prod. n° 16



Prod. n° 17

EQUIPE ENCARREGADA DA LEITURA PICTÓRICA:

“Nós concluímos que o mar do dia-a-dia inclui o trabalho dos pescadores, a pesca, as águas, o céu, as ondas do mar, o sol que ilumina tudo ... sol é o símbolo da força. O sol é

a fonte da vida, que ilumina, que inspira ... A vida dos pescadores, seus detalhes no trabalho”.

AUTORES:

(Figura 15) “Intenção de mostrar a junção de todos os mares, destacando: lazer, dia-a-dia, sentimentos; porque dentro do barco existe uma pessoa que está pescando e isto é ainda mais importante do que a pesca. E neste desenho, o ato de pescar também é um lazer. O sol é muito iluminado, como o sol daqui, né!”

(Figura 16) “Tô falando da pescaria, do mar, pois vivo me sustentando da pesca... e só isso mesmo. Tem mais a ver com o mar do dia-a-dia”. (Pescador)

(Figura nº 17) “É uma canoa, representando a ida ao mar todos os dias de madrugada. Aí tem eu, os pescadores, o peixe, lembrando de trazer o sustento dos filhos pra casa. Esse verde todo que tem aí é o Mar que eu vou correndo por dentro e ele por fora”.

Após realizada a análise dos co-pesquisadores é chegada a vez do pesquisador oficial – eu – fazer suas análises plásticas, procurando analisar nas figuras elementos peculiares de suas visões.

2.2 – Análise Plástica

Buscando captar a dimensão artística das produções, iniciei minhas reflexões pelas análises plásticas (como geralmente ocorrem nas análises de técnicas sociopoéticas que produzam elementos plásticos). Esta análise visa que o pesquisador possa colocar suas impressões, intuições e sensações sobre as figuras, antes de trabalhar sobre os depoimentos dos co-pesquisadores. Esta análise não possui um método sistemático, ordenado ou padrão; pois prima pela leitura do pesquisador sobre as produções do grupo, sendo este tipo de leitura pictórica similar as que os co-pesquisadores fazem nas oficinas.

Para este momento, coloquei todos os painéis no chão e fiquei a mirá-los de forma panorâmica, procurando identificar como aqueles dados ressoavam em mim, buscando identificá-los como se tivessem sido por mim produzidos.

Foi então que identifiquei naquelas pinturas que falavam do mar e de seus povos, o formato de uma onda. Onda esta que percorre toda a região de praia, desde sua tímida formação, quando a *brisa marinha* movimentada a superfície do espelho d'água em alto mar, até sua quebra na areia, onde a onda banha a praia. No meio deste percurso a onda passa por várias etapas: na *zona de arrebentação*, a energia trazida pelas leves ondulações do espelho d'água choca-se com a plataforma continental, arrebentando-se e dando início à onda. Na *zona de surf* as ondas ganham energia e mantêm as cristas elevadas e constantes rumo à praia. Na *zona de espraiamento* a onda encontra o continente, espalhando-se pela praia. Mas neste percurso, existe uma contracorrente, em outro horário a brisa há de direcionar-se do continente para o mar, *brisa do continente*, devolvendo-lhe parte da matéria aqüo-vaporífera.

Inspirado neste movimento das ondas que me ocorreu quando eu visualizava o painel das produções plásticas, criei uma curta história na qual estas produções se dividem em grupos que representam a passagem de uma onda pelas zonas de praia acima descritas. A leitura realizada sobre cada uma das produções fez com que elas fossem classificadas a partir da associação entre seu conteúdo e as características de uma das zonas. Desta forma, existem zonas da praia que reúnem grandes grupos de produções, enquanto outras são representadas por pequenos grupos, devendo-se isso a associação que fiz.

Na história abaixo, ao mesmo tempo em que descrevo os grupos de figuras, faço também uma análise transversal entre elas, comentando suas interações. Logo, seguem-se duas etapas: 1) uma analogia entre as produções e as zonas da onda pela praia, na qual faço uma descrição das produções; 2) uma análise entre esta produção com a temática: *Povos do Mar*.

2.2.1. Análise descritivo-analítica das produções plásticas

E tudo começou com uma simples brisa ...

A brisa do mar: (produção n° 10)



Os povos que habitam as encostas do mar são cheios de segredos. Por isso, vemos a aproximação da brisa do mar que traz muitos mistérios em suas águas negras. Com estes ventos o volume das águas cresce, mostrando seu poder, revelando a força espiritual do mar. Mas, tais mistérios também têm seu brilho, sua luz. Muitas estrelas enfeitam o mar, demonstrando a alegria e a irreverência que ele possui. Há, no entanto, um mistério ainda maior: este mar é gerado por uma energia mítica que habita o seio do oceano na forma de uma grande cápsula esverdeada. Que segredos tal energia pode revelar sobre os povos deste mar? Vamos esperar que esta brisa forme algumas ondas para tentar descobrir. Para tanto, as acompanharemos do alto mar até a praia.

As ondas em alto mar: (produções 4, 5, 7, 9, 11, 15 e 16; respectivamente)



Em alto mar, as ondas são minúsculas e acontecem somente por condução dos ventos que passeiam rumo ao continente. Neste local longínquo, isolado, encontramos muitos barcos de pesca. O primeiro (amarelo), tem tonalidade forte, mas melancólica, deve estar a pescar desejos e ilusões. Já o segundo, todo verde incandescente, pesca uma sociedade subterrânea que nunca fora vista por ninguém, mas por muitos foi sonhada. No terceiro barco, a cor azul-marinho denota a pesca da própria imagem que o barqueiro realiza, buscando capturar a si mesmo em eterna busca. Já mais adiante, encontramos barcos carregados de peixes e corações sonhadores. As ondas então vão se intensificando e mostrando uma paisagem de contradições, onde sob o mar podemos ver um mundo semi-árido, com vegetação de cacto e chão pedregoso. Mar e Sertão se

	<p>encontram, então, em um só lugar. Ao continuar avançando as correntes marinhas parecem preparadas para arrebentar e dar nascimento a novas ondas. O que será que estas ondas poderão nos revelar sobre os povos do mar para além de seus barcos de pesca?</p> 
<p>As ondas na zona de arrebentação: (produções nº 03 e 12)</p> 	<p>Com a passagem mais intensa da brisa, as águas se agitam. Inicia-se o fenômeno físico das ondas. É neste momento de sua formação que as ondas são mais intensas, pois os sentimentos fortes empurram toda a apatia para baixo, causando um choque de conceitos. Disto resulta o nascedouro da onda, repleto de cores que se misturam, rompendo a lógica instituída. Nesta onda, pessoas constroem suas vidas e as ensinam aos outros. Já na superfície, barcos passeiam em uma tranquilidade aparente, buscando harmonizar todos os fluxos cotidianos e inconstantes de suas vidas. Mas, que podem os fluxos nos dizer destes povos? Vamos continuar no balanço das ondas para descobrir.</p>
<p>As ondas na zona de surf: (produções nº 01 e 06)</p>	<p>Nesta zona, o constante fluxo do prazer mantém a crista das ondas em elevação, formando uma paisagem bela,</p>




excelente para o lazer. Ao longo desta zona encontramos barcos a passeio. Os ventos são prazerosos e revelam as novidades. Pássaros negros, simbolizando a força, conduzem o percurso até o continente. E ao chegar ao continente o que se poderá de novo encontrar? Vamos sobre ele nos espraiair para buscar indícios.

As ondas na zona de espraiaimento: (produções nº 02, 13 e 14)



Como em toda zona de espraiaimento, é nela que a onda se espalha pela praia, fertilizando-a, disseminando nela diversas formas de entender a vida dos habitantes do mar. A semente deixada por estas ondas eclode nas heterogêneas experiências destes povos, desembocando no caos do cotidiano. Nele encontramos casas simples, mas aconchegantes e locais de encontro como as escolas e pousadas. Estas ondas, no entanto, também deixaram algumas sementes mais desconhecidas. Através delas, nasceu um sol furioso, de vermelho radiante. Suas chamas fritam qualquer forma de padronização possível, gerando um bravo encontro entre o caos e a harmonia. Assim, junto ao doce azul do mar temos pessoas inquietas que andam, carros e bicicletas que se movimentam, estranhos transeuntes que chegam ao povoado e ... ainda mais alguns mistérios. Sim, também foram deixadas a beira da praia mais algumas sementes de mistério; como as figuras de alguns animais em chamas, bem como as dunas cheias de encanto que produzem seus estranhos sons, e ainda, as rainhas do mar que passeiam pelas profundezas das águas, guiando a vida dos habitantes que ali perto moram, fazendo-os sonhar à noite com as mais belas imagens do oceano. Mas, que sonhos tem as pessoas que vivem neste

	<p>lugar? Que filosofias podem criar para se expressar, organizar produzir? Vamos acompanhar o retorno da brisa para buscar entender.</p>
<p>A brisa do continente: (produção n° 08)</p> 	<p>Todo processo de criação é cíclico, ele se retroalimenta da realidade existente para produzir uma nova. Assim, a brisa dá de volta ao oceano tudo que o tempo lhe trouxe. Soprando do continente para o mar, retorna agora com todos os segredos trazidos, com suas atividades, seus lazeres, seus sofreres ... reconstituindo a paisagem. Presente, passado e futuro se produzem mutuamente, deixando como última imagem um isolado cenário paradisíaco com um coqueiro, nuvens, céu e sol. E então, onde serão respondidas as precedentes indagações? ... bem, vamos começar pela tentativa de perceber suas linhas e entrelinhas...</p>

2.2.2 – Linhas e entrelinhas: análises plásticas x povos do mar

No processo em que a onda acima referida se forma podemos dizer que são muitas as contribuições que ela traz para se pensar a grande maré dos Povos do Mar.

Movidas por muitas lógicas do pensar, as linhas em análise foram pintadas transversalizando diversas lógicas do saber/ pensar/ agir humano.

A brisa do mar inicia o processo de movimentação física do cenário, motivando visões míticas sobre o papel do mar na existência humana. Ao mesmo tempo, ela está intimamente ligada à brisa que encerra este mesmo processo, ou seja, a brisa continental. Isto se dá porque os primeiros ventos, anunciadores do mistério, destacam-se por abrir uma janela que discute novas relações entre o mar e seus moradores, tais como; mito, espiritualidade. Enquanto que as brisas finais trazem o tempo e seu entendimento de

passado/ presente/ futuro em interação valoriza um processo histórico ativo no qual seus sujeitos são protagonistas. As idéias levantadas pelo movimento destas brisas já são, com certeza, bons indícios para que se possa adiante analisar o mar e suas relações simbólicas na comunidade de Tatajuba.

Além das brisas, o cenário analisado é formado por ondas que representam diferentes papéis na compreensão da subjetividade dos povos do mar. Primeiramente, as ondas em alto mar evidenciam a existência do trabalho da pesca - importante categoria para esta comunidade – mas, ao mesmo tempo, possibilita uma nova visão sobre este conceito, no qual enfatizam-se os sentimentos, emoções e intuições que o homem do mar pesca ao mergulhar neste exercício diário. Assim, potencializam-se outras interpretações sobre categorias já conhecidas entre povos do mar.

As correntes suaves do alto mar se transformam em turbilhão quando chegam a Zona de Arrebentação, expressando os sentimentos dos povos do mar. Seus principais medos, suas angústias com o ambiente costeiro e também seus amores por ele.

Na zona de surf , é possível pensar a comunidade em sua dimensão de lazer com o mar. O mar enquanto elemento de prazer, de diversão; enquanto parceiro de aventuras, de construção de laços familiares que podem trazer sentimentos bons e ruins. Mar que pode inspirar todos à fortuna e à ruína. Mar que mata e faz nascer. A continuidade das ondas na zona de surf simboliza a cadência destes sentimentos, sua variação como em uma composição musical, com cristas mais intensas e outras menos expressivas. Assim, pense-se Tatajuba enquanto elemento produzido também por afetividades entre os sujeitos e o mar, o mar e a comunidade e os nativos entre si.

Já a zona de arrebentação, identificada na maioria das produções, tem-se o resultado dos diversos processos culturais que compõem Tatajuba hoje. O caos do cotidiano, bem como o que está para além dele, explode na praia mostrando os muitos processos culturais em que Tatajuba se encontra imersa hoje, tais como: turismo, pesca, escola, coral de música erudita, rivalidades locais, crescimento urbano, relação com a natureza, mitologias da

história do presente, lutas coletivas e pessoais. Todos estes aspectos arrebatam na praia de Tatajuba e compõem a diversidade de possibilidades para responder ao conceito de Povos do mar demandado nesta atividade.

Desta forma, entendo que ao passear por estes diferentes fios de análise, encontro nas produções artísticas do grupo bons indícios para iniciar a discussão do conceito em questão, considerando que alguns pontos importantes se colocam em destaque desde já, como: a heterogeneidade de fontes e formas para pensar o mar e sua influência na vida das pessoas, o importante papel da pesca na produção deste conceito – o que me instiga a pensar suas fronteiras -, a mitologia como importante referência para compreender o conceito de Povos do Mar na comunidade – o que suplanta a lógica óbvia -, a composição de um cotidiano diverso, a ligação forte do grupo pesquisador como o ambiente natural da comunidade em questão.

2.3. Análise classificatória dos relatos orais I: *muitos mares, muita vida!*

Este tipo de análise prima por identificar categorias que são formuladas a partir do agrupamento dos relatos orais que os integrantes do grupo fizeram sobre as produções. Certamente, sabe-se que estas categorias não são estanques e dissociadas, elas se encontram inter-relacionadas e em cada uma delas, obviamente, podemos encontrar elementos de fronteira com as demais.

No item 2.1 foram expostas tais análises orais feitas pelos co-pesquisadores no momento da oficina. Posteriormente, este material foi por mim analisado buscando identificar as linhas de pensamento do grupo²⁹. Na análise classificatória deste dispositivo contei com a co-orientação da amiga e estudiosa da sociopoética, Rosileide Soares³⁰.

Nos depoimentos foram identificadas as categorias: *Vida-Praia, Habitat Natural/ Sobrenatural e Natureza-Mito*.

²⁹ Comumente chamado na sociopoética de “Estrutura de pensamento do grupo”

³⁰ Rosileide Soares é um dos principais membros da equipe de pesquisadores da sociopoética em Fortaleza, com vasta experiência em análise de Pesquisas Sociopoéticas, tendo sido este o principal motivo de ter recorrido à sua co-orientação. Rosileide é Doutoranda em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, utilizando também o Método Sociopoético em sua pesquisa.

Em seguida, relaciono como os depoimentos do grupo foram classificados nestas três categorias, primando pela maior integridade possível dos depoimentos e relacionando seus interlocutores. Esta fase objetiva somente demonstrar como os relatos orais do grupo foram divididos a partir destes três pontos de referência.

Dando continuidade à análise classificatória, estabeleço os principais conceitos obtidos em cada uma das categorias de maneira a destacar somente a potência filosófica de cada um dos depoimentos diferentes. A partir deste escalonamento de conceitos identificados nos relatos orais, são estabelecidas as relações de *convergências*, *divergências*, *ambigüidades* e *oposições* presentes em cada uma das categorias.

RELATOR (A) (S)	I: VIDA-PRAIA
<i>Equipe que analisou as produções 1, 2 e 3:</i>	- A escola que é uma das coisas mais importantes da nossa comunidade; - A pousada e os buggys na praia fazendo passeio com os turistas e transportando pessoas da comunidade pra Camocim;
<i>Outros membros do grupo pesquisador sobre o conjunto das produções 1, 2 e 3:</i>	- Representa a vida praia , porque a praia também tem sua própria vida;
<i>Autor comentando a figura 3:</i>	- Eu quis expressar a vida que estou vivendo agora, que é a de professora ...
<i>Autor comentando a produção 1:</i>	- Eu quis expressar sobre as canoa que vão com pescador, aí eu pensei no sofrimento dos pescador... porque a gente se preocupa com o sofrimento deles, né ... então, é mais o mar dos sentimentos, porque o que a gente mais se preocupa não é com o peixe, é com ele... com o pescador
<i>Parte de um verso</i>	

<i>feito pela equipe que analisou as produções 4 e 5, a partir do conjunto de suas percepções:</i>	- Simples casas dos seus bravos veleiros. Ao seu redor dunas, lagos e coqueiros;
<i>Autor comentando a figura 4:</i>	- Acho que se refere ao mar do tempo, pois Tatajuba começou com a pesca e hoje tem muitas outras coisas na comunidade. Assim, o tempo mudou Tatajuba, o tempo muda tudo!;
<i>Autor comentando a figura 7:</i>	- Eu tô falando é só da pesca mesmo, né... do dia-a-dia ...
<i>Autor comentando a figura 6:</i>	- Nela eu referi o mar do lazer, porque eu coloquei uma rede, uma canoa, essa canoa não é de pescaria, né?... mas, é de passear no mar ...
<i>Autor analisando a produção nº 10</i>	- Eu quis expressar o tempo em que a gente não tinha energia ficava tudo no escuro, a gente saía pra ver a lua, as estrelas e hoje a gente nem percebe mais a lua, o céu, porque a gente nem sai mais de dentro de casa, só em casa assistindo novela, essas coisas.
<i>Outras pessoas do grupo pesquisador analisando o conjunto das produções 9, 10, 11</i>	- Até hoje não tem luz elétrica nos postes porque a maioria da comunidade escolheu que não tivesse para que pudesse ainda ver o céu à noite ...quando foram instalar energia houve muita discussão, mas a maioria da comunidade decidiu que preferia a energia só nas casas, pois assim a noite continuaria escura e podemos ver as estrelas... tanto nós quanto os visitantes que também gostam de Tatajuba assim;
<i>Equipe analisando o conjunto das produções 1, 2 e 3.</i>	- Tem ali gente tomando banho de lagoa, bebendo água de côco, andando nas dunas e enfeitando mais a beleza do mar, por isso eu acho que é lazer ...
<i>Alguém comentando</i>	- Ali tem um barquinho, as pessoas passeando pelo mar, também

<i>particularmente a figura nº 13:</i>	tem um casal de namorados, um pessoal estudando. É mais o amor pelo mar, mas né só amor não, esses sentimentos aí também tem problemas, morte, medo ... é por isso que eu coloquei a mula sem cabeça;
<i>Alguém comentando particularmente a figura nº 14:</i>	- O mar do dia-a-dia tem principalmente a escola, porque estudar é uma coisa muito importante para nós ... e tem também o turismo, os viajantes que deixam mais renda por aqui;

RELATOR (A) (S)	II: HABITAT NATURAL/ SOBRENATURAL
<i>Autor da produção nº 2</i>	- Eu expressei ... o vento bem forte que tem todos os dias, os pescadores vindo do mar e um pouco da paisagem – coqueiros dunas. Aqui tem principalmente os mares do dia-a-dia, do lazer e do sentimento; porque as pessoas que vêm pra Tatajuba, elas vêm movidas por sentimentos, pelo prazer ...
<i>Autor da produção nº 1</i>	- Às vezes a gente olha em cima do alto e vem uma canoa longe, com os <i>coitadim</i> segurando na corda, vindo muito vento, aí a onda joga a canoa ...
<i>A equipe que analisou as figuras nº 4 e 5 compôs o seguinte verso</i>	- Mar, verde mar Com ondas ferozes a flutuar. Impedindo aos pescadores seus peixes pegar;
<i>Uma equipe resumiu sua análise com a seguinte frase:</i>	- O nosso habitat natural ...
<i>Alguém do grupo pesquisador</i>	- Como assim natural? - Que Natural?

<i>questiona a frase da equipe e inicia-se um diálogo sobre isto:</i>	<p>- Você disse nosso habitat natural! Como assim natural?</p> <p>- Ah ... natural e sobrenatural ...</p> <p>- Como assim?</p> <p>- Porque tudo que está aqui se junta no mar do tempo... O tempo está presente em tudo... e todos os mares vão para o tempo.</p>
<i>O autor comentando a produção nº 8</i>	- Céu ... coqueiros ... nuvens e urubus ... porque o urubu é feio mais faz parte da paisagem ...
<i>O autor comentando a produção nº 6:</i>	- E como em todas (<i>referindo-se às produções</i>), tudo tem mar, coqueiro e sol, e isso também tem a ver com o mar dos sentimentos, né? Porque se a gente tá ali curtindo, tá pensando em coisas boas ...
<i>O autor comentando a produção nº 9:</i>	- Eu pesco, gosto de pescar, então pensei numa canoa, de madrugada ... às vezes acontece da gente tá pescando e aparecer coisa estranha aí eu pinte algo parecido, né? ... eu acho que isso aqui é mais o mar do dia-a-dia, que todo dia eu vou pro mar, o mar é o meu dia;
<i>O autor comentando a produção nº 11</i>	- Expressei a imagem da diária do pescador, o trabalho durante o dia, indo e voltando do mar em busca do alimento para a família, e, também o tempo – pois o pescador depende muito do tempo.
<i>Uma equipe resumiu sua análise no seguinte período</i>	- O mar é responsável por todos os sentimentos, sobrevivência, o lazer, os mitos e os segredos que ele nos desafia, como também ajuda a tornar cada vez mais bela nossa paisagem e a torna cada vez mais atraente;
<i>Alguém comentando especialmente a produção nº 12</i>	- O mar dos sentimentos, as pessoas passeando no mar, vendo os golfinhos flutuando na água, pulando – é isso, é a beleza;
<i>Equipe que analisou as produções 15, 16 e 17</i>	- O mar do dia-a-dia inclui o trabalho dos pescadores, a pesca, as águas, o céu, as ondas do mar, o sol que ilumina tudo ... sol é o símbolo da força. O sol é a fonte da vida, que ilumina, que inspira ...
<i>Um dos co-pesquisadores teceu este</i>	- Tudo que foi falado tem a ver com os cinco mares misturados,

comentário na conclusão	pois eles estão juntos.
-------------------------	-------------------------

RELATOR (A) (S)	III: NATUREZA-MITO
<i>Membros do grupo pesquisador comentado as produções 1, 2 e 3</i>	- A impressão que dá é que esse peixe imenso parece algo inventado – E olhe, o povo de Tatajuba gosta de inventar! ... Isso parece até uma baleia, algo que não se vê. É parecido assim, com alguma história que trouxe esse peixe diferente pra cá, que talvez nem peixe é;
<i>Alguns co-pesquisadores declararam que identificavam nas figuras alguns personagens comuns no imaginário local</i>	- Aqui tem a seria ... aqui deve ser a bruxa... o saci e o carneiro de ouro
<i>Equipe encarregada da análise das produções 9, 10 e 11</i>	- Os pescadores foram para o mar, de repente o peixe grande e desconhecido pulou sobre a canoa. Os pescadores caíram, quando voltaram enfim, já estavam em um estranho lugar que para ele era um eterno segredo;
<i>Surgem burburinhos e risos do grupo pesquisador quando alguém fala em Mitologia. Uma das co-pesquisadoras indaga o grupo:</i>	- O que foi? ... vocês já querem inventar coisa, né! ... Ah, como é coisa de segredo, de mito, dá curiosidade em todo mundo...
<i>Indaguei ao grupo que segredos eram estes que poderiam ser vistos dentro das</i>	- A figura azul, ta lembrando o mito dos rios e das camboas... nele há muitos siris nos manguezais e praias ... mas, (<i>completou outro integrante ainda sobre este mito</i>) sim, este é o mito do tarrafeador

<p><i>nossas produções plásticas e porque causavam curiosidades a todos. A partir de então, todos se empolgaram e quiseram contar, narrar, imaginar, partilhar experiências vividas, ao que colocaram:</i></p>	<p>que tem aí na camboa, <i>e continua</i>, quando os tarrafeadores tão pescando aparece uma tarrafa gigante que cobre toda a camboa e ... ninguém mais consegue pegar um peixe que seja, como se afastasse todos os peixes... Mas, (<i>continua outro</i>), neste rio os tarrafeadores tiram seu sustento porque só eles conhecem os segredos dessas camboas.</p>
<p><i>Alguns pesquisadores, analisando outra produção, referiram-se a um mais um mito:</i></p>	<p>- Eu acho que é o Mito da duna encantada do Morro Branco e tem um carneiro de ouro que aparece por lá... ali antes eram mangues mangues e lá havia uma moça muito bonita de nome esmeralda ... antigamente também, tinha até uns reflexos enormes lá em cima, que a gente via ...</p>
<p><i>Outro integrante falando sobre o mito acima referido:</i></p>	<p>- Este morro branco eu já dei uma passada uma vez à noite, e lá debaixo subia uma mulher com umas vela tudo armada, cheio de luz ao redor das velas dela ... saí pra entreter ela enquanto eu chamava as meninas lá de casa pra vê, mas quando saíram fora, apagou-se tudo! Só quem viu fui eu!</p>
<p><i>Outro contando um dia em que dois irmão subiram no morro:</i></p>	<p>- Quando eles chegaram em cima do morro eles viram uma casa com um homem dentro, uma casinha assim pequena, com um homem dentro, aí eles partiram pra lá pra perto do homem ... E eles só fizeram olhar assim um pro outro e quando olharam pra trás já não tinha mais nada ... por isso que esse morro pegou nome de duna encantada .</p>
<p><i>Uma outra pessoa</i></p>	<p>- Por isso não! O encanto desse morro é antigo, é dos nossos</p>

<i>contra-argumentou a idéia acima lançada</i>	antepassados!
<i>Mais um dos participantes contou sua versão</i>	- E também tem outra, dizem que essa duna é encantada e pra desencantar tem que furar o dedo de uma criança e fazer uma cruz em cima do morro – ah, essa criança tinha que ser pagã, se não não servia – si, fazendo a cruz em cima ela se desencantava e virava uma linda cidade ... que já existe, mas ta soterrada embaixo do morro ...
<i>Ainda outro continuou</i>	- Olha e tem mais, certa vez uma mulher – uma amiga minha - resolveu desafiar o encanto do morro. Subiu bem em cima do morro e ficou gritando: desencanta morro, desencanta! Apareça pra mim princesa se você realmente existe! Cadê sua cidade e seu tesouro? Desencanta agora morro! – e ficou gritando bem alto, sabe! – pois não é que deu uma ventania enorme em cima desse morro que a mulher saiu correndo e foi parar em casa com o vento atrás dela (risos) ... pois foi, o morro deu uma carreira na mulher ... nunca mais que ela desafiou o poder do morro ...
<i>Alguém do grupo acrescentou</i>	- Lá na duna encantada vinha uma luz, um reflexo, assim bem de longe e terminava na duna e eu vejo isso com um segredo que a gente nunca conseguiu entender ...
<i>Um último participante se pronunciou a este respeito:</i>	- Tem ainda mais sobre a lenda do morro branco, dizem que aí era um braço de mar, então, moravam uns povos aí que atraíam pessoas de outros lugares para buscar as princesas que moravam nesta civilização aí, que eram as princesas mais belas de todas, e, vinham gentes de todas as partes do mundo para ver essas princesas quemorava aí na beira desse braço de mar ... Então, um desses barcos vinha buscar a mais bela de todas as princesas que havia esperado anos para ir embora com seu príncipe, mas esse barco era muito grande e encalhou numa duna que estava próxima, aí não pode mais sair o barco, né? Aí ficou encalhado pra sempre e veio a duna migrando até cobrir este barco, virando o morro encantado, a

	partir daí é que veio as histórias e lendas sobre a duna encantada ...
<i>Alguém comentando particularmente a figura nº 14</i>	- O pessoal fala que vai pro mar e que se ouvir o canto da sereia a canoa se alaga ... e do saci que dizem que por aqui a estratégia dele é fazer cócega nos outros pra conseguir fumo ...
<i>Vendo que longo tempo se passava nestes comentários, resolvemos passar para a análise das demais equipes, pois segundo um deles falou:</i>	- É que, quando começa esse assunto de mito todo mundo tem história pra contar ...

2.4 – Categorias e Conceitos

A partir da classificação acima exposta, identifiquei os seguintes conceitos centrais nas idéias expostas pelos sujeitos da pesquisa:

<p>Categoria I: VIDA-PRAIA</p>
<ol style="list-style-type: none"> 1. A escola é uma das coisas mais importantes da nossa comunidade; 2. A praia tem sua própria vida; 3. A vida que estou vivendo agora é a de professora; 4. A vida do pescador é sofrida; 5. A gente se preocupa mais com o pescador do que com o peixe; 6. Simples casas ... bravos veleiros; 7. O Tempo mudo Tatajuba, o tempo muda tudo! 8. [Tatajuba] começou com a pesca e hoje tem muitas outras coisas;

<p>9. A pesca é... o dia-a-dia</p> <p>10. Canoa também é de passear no mar;</p> <p>11. No tempo em que a gente não tinha energia, a gente saía pra ver a lua, as estrelas ... e hoje a gente nem sai mais de dentro de casa, só em casa assistindo novela;</p> <p>12. Até hoje não tem luz elétrica nos postes porque a maioria da comunidade escolheu que não tivesse para que pudesse ainda ver o céu à noite;</p> <p>13. Gente tomando banho de lagoa, bebendo água de côco, andando nas dunas e enfeitando mais a beleza do mar;</p> <p>14. É mais o amor pelo mar, mas ... esses sentimentos aí também tem problemas, morte, medo ...</p> <p>15. O mar do dia-a-dia tem principalmente a escola;</p> <p>16. Com os turismos os viajantes deixam mais renda.</p>	
<p>Convergentes/ complementares:</p> <p>1 – 3 – 15: Evidenciam a escola como peça central do cotidiano na comunidade;</p> <p>7 – 8 – 11: O tempo transformou Tatajuba;</p> <p>2 – 13: Evidenciam que o ambiente da praia produziu uma vida própria, que ultrapassa a existência da vida no mar;</p> <p>10 – 16: São complementares, pois associam lazer e turismo;</p> <p>4 – 5: Enfatizam os perigos e sofrimentos da vida do pescador;</p> <p>5 – 6: Em ambas a figura do pescador é exaltada para além do ambiente natural e social.</p>	<p>Divergentes:</p> <p>13 – 14: A primeira enfatiza os sentimentos harmônicos em relação ao mar, enquanto a segunda expõe as angústias e o caos;</p>
<p>Oposições:</p> <p>8 – 9: A primeira enfatiza que Tatajuba tem, atualmente, um cotidiano que vai muito</p>	<p>Ambigüidade:</p> <p>2 – A idéia de que “A praia tem sua própria vida” é ambígua, pois tanto pode significar</p>

<p>além da pesca, enquanto que a segunda resume o dia-a-dia à atividade pesqueira;</p> <p>11 – 12: A idéia número 11 expõe que os moradores de Tatajuba não vêm mais à noite estrelada após a chegada da televisão. Já a idéia 12 objetiva-se a esta lógica, alegando que a não existência de luz elétrica nos postes por decisão da comunidade prova o interesse da mesma em poder continuar vendo o céu estrelado à noite.</p>	<p>que: ao longo do litoral se desenvolveu uma vida social sobre a praia que é singular (cultura), como também pode significar que a praia enquanto elemento natural mítico têm uma vida própria que a diferencia da vida do mar.</p>
--	---

<p>Categoria II: HABITAT NATURAL/ SOBRENATURAL</p>
<ol style="list-style-type: none"> 1. As pessoas vêm à Tatajuba movidas pelo prazer; 2. Mar, com ondas ferozes a flutuar, impedindo aos pescadores seus peixes pegar; 3. Nosso habitat natural ... natural e sobrenatural; 4. O tempo está presente em tudo ... todos os mares vão para o tempo; 5. O urubu é feio mas faz parte da paisagem; 6. Em todas [as produções] tem mar, coqueiro e sol e isso tem a ver com os sentimentos; 7. Se a gente ta ali curtindo ta pensando em coisas boas... 8. Eu [pescador] gosto de pescar; 9. Acontece de a gente ta pescando e aparecer coisa estranha; 10. O mar é meu dia; 11. O mar ... nos desafia; 12. O mar torna nossa paisagem cada vez mais atraente; 13. Os golfinhos flutuando na água, pulando, isso é beleza;

<p>14. O mar do dia-a-dia inclui o trabalho dos pescadores, a pesca;</p> <p>15. [O mar do dia-a-dia inclui] as águas, o céu, as ondas do mar, o sol;</p> <p>16. O sol é símbolo da força ... fonte da vida, que ilumina, que inspira;</p> <p>17. Os cinco mares [estão] misturados, pois eles estão juntos.</p>	
<p>Convergentes/ complementares:</p> <p>1 – 7: Enfatizam a relação entre mar e prazer;</p> <p>2 – 9: Ambas falam de um mar que revela mistérios;</p> <p>2 – 11: Em ambas o mar desafia o homem como sujeito inanimado;</p> <p>3 – 17: Não há distinção entre os ‘mares’ naturais e sobrenaturais, eles são considerados mestiços;</p> <p>6 – 15: Descrição sentimental da paisagem natural;</p> <p>8 – 10: são complementares, pois exprimem que o mar é a diária do pescador, ele gosta da pesca;</p> <p>12, 6, 7, 13: a paisagem é associada a bem-estar e beleza;</p>	<p>Divergentes:</p> <p>14 – 15: Na primeira idéia o mar do cotidiano inclui o trabalho objetivo enquanto que na segunda ele inclui os elementos da natureza;</p>
<p>Oposições:</p> <p>16 – 18: Na primeira idéia o sol é visto como agradável fonte de inspiração, já na segunda ele é visto como um elemento que desagrada, queima, fere.</p>	<p>Ambigüidades:</p> <p>3 – Nesta idéia pode-se pensar o “natural e sobrenatural” após as reticências como duas divisões da palavra “natural” que aparece antes da pontuação. Ou, pode-se pensar “natural e sobrenatural” como duas características distintas ligadas ao elemento “habitat”.</p>

Categoria III:
NATUREZA-MITO

1. O povo de Tatajuba gosta de inventar!
2. Isso [a pintura] parece coisa inventada ... algo que não se vê!
3. Esse peixe ... talvez, nem peixe é!
4. Os pescadores foram para o mar, de repente o peixe grande e desconhecido pulou sobre a canoa. Os pescadores caíram, quando voltaram enfim, já estavam em um estranho lugar que para eles era um eterno segredo;
5. [Quando se fala] de segredo, de mito, dá curiosidade em todo mundo;
6. O mito do tarrafeador é que ... quando os tarrafeadores vão pescando aparece uma tarrafa gigante que cobre toda a camboa e ... ninguém mais consegue pegar um peixe que seja;
7. Mas, neste rio os tarrafeadores tiram seu sustento porque só eles conhecem os segredos dessas camboas;
8. Na duna do morro branco ... tem um carneiro de ouro que aparece por lá ...
9. Ali [no morro branco] tinha até uns reflexos enormes lá em cima ...
10. Lá debaixo [do morro branco] subia uma mulher com umas velas tudo (sic) armada, cheio de luz ao redor das velas dela ...
11. Saí pra entreter ela [a assombração] enquanto chamava as meninas ... mas quando saíram fora, apagou-se tudo! Só quem viu fui eu!
12. Chegaram [dois irmão] em cima do morro e viram uma casa com um homem dentro... quando olharam pra trás já não tinha mais nada ... por isso essa duna pegou o nome de morro encantada;
13. O encanto desse morro [morro branco] é antigo, é dos nossos antepassados!
14. Pra desencantar [o morro branco] tem que furar o dedo de uma criança e fazer uma cruz em cima do morro;
15. Fazendo a cruz em cima [da duna encantada] ela se desencantava e virava uma linda cidade ... que já existe, mas tá soterrada embaixo do morro ...
16. Uma mulher resolveu desafiar o encanto do morro ... o vento [correu] atrás dela ...

nunca mais que ela desafiou o poder do morro ...

17. Dizem que aí [morro branco] era um braço de mar, então, moravam uns povos aí que atraíam pessoas de outros lugares para buscar as princesas que moravam nesta civilização, que eram as princesas mais belas de todas ...

18. Um desses barcos vinha buscar a mais bela de todas as princesas ... mas esse barco era muito grande e encalhou numa duna que estava próxima... Aí ficou encalhado pra sempre e veio a duna migrando até cobrir este barco, virando o morro encantado, a partir daí é que veio as histórias e lendas sobre a duna encantada ...

19. Quem vai pro mar ... se ouvir o canto da sereia a canoa se alaga ...

20. Quando começa esse assunto de mito todo mundo tem história pra contar.

Convergentes/ complementares:

1 – 2 – 3 – 4: Nestas quatro idéias enfatiza-se a potência da invenção no grupo;
6 – 19: Ambos falam de desastre na produtividade da pesca a partir de fenômenos sobrenaturais;
5 – 20: Ambas colocações relatam que o mito é um elemento potencializador do imaginário coletivo em Tatajuba;
8 – 9 – 10 – 11 – 12 – 13 – 14 – 15 – 16 – 17 – 18: Em todos estes relatos há complementariedade da história e mitologia do morro branco.

Oposições:

6 – 7: em 6 relata-se que a tarrafa gigante impede qualquer tarrafeador de pesca, enquanto, em 7 aponta-se que um grupo de tarrafeadores que conhecem o segredo do mito conseguem pescar mesmo com a presença da tarrafa gigante.

Divergentes:

3 – 4: A primeira questiona o “peixe” enquanto real autor das ações sobrenaturais, enquanto a segunda atribui as ações a ele.

Ambigüidade:

2 – Este relato demonstra ambigüidade, pois as reticências entre as orações deixam, ao menos, duas possíveis interpretações: 1ª [considerando-se as reticências como continuidade do mesmo raciocínio] tem-se que “coisa inventada” significa “algo que

<p>12 – 13: em 12, atribui-se o início do encanto do morro a somente uma experiência recente enquanto em 13, atribui-se o início deste encanto aos antepassados.</p>	<p>não se vê”; 2ª [considerando-se as reticências como espaço de silêncio entre duas idéias diferentes] tem-se que o peixe parece “coisa inventada” e parece também “algo que não se vê”.</p>
--	---

2.5 – Análise Transversal: mitificando os mares do imaginário

Nesta análise, busca-se a transversalização dos diversos dados encontrados na técnica de pesquisa, portanto, aquilo que fora separado na análise classificatória passa a ser analisado conjuntamente de maneira criativa.

Para fazer esta análise recorro mais uma vez a minha proximidade com a Literatura, criando um pequeno conto mitológico. A escolha por este gênero textual deveu-se ao fato de eu ter sido inspirado a este tipo de produção a partir das experiências com o conhecimento mítico acontecidas nas oficinas. E, também, pelo desafio de escrever um segundo mito³¹ de minha autoria. Ainda, pela importância desta matriz de conhecimento [Mito] para o saber ancestral da humanidade; pela intersimbiose entre tal matriz e o método sociopoético; por acreditar que tal modalidade textual permitirá uma boa análise dos conceitos produzidos neste dispositivo.

2.5.1 – Mito de *Philosophus*: o Mar do Ártico

Em um distante passado, que não pode ser calculado por nossa exígua razão, o mundo não possuía qualquer forma de ocupação humana e a natureza física reinava soberana. Ventos, Florestas, Mares e Montanhas disputavam o controle energético da Terra. No entanto, após inúmeros ciclos de batalhas nenhum dos complexos naturais da Terra conseguia sobrepujar-se aos outros, pois eram compostos em sistema de inter-dependência.

³¹ Primeiro Mito foi escrito no diário de Pesquisa, trata-se do “Mito de Nascimento e Morte da Pós-modernidade”. Ver: Cap. VII

Assim, quando um dos elementos enfraquecia os demais também se tornavam mais fracos, não havendo como instituir um único vencedor. Eis que, sabiamente, a natureza resolveu se organizar. Convocou-se um conselho com os quatro interessados, procurando estabelecer um consenso. Foram incalculáveis períodos de demonstrações e propostas de gerência da Terra, vindas de todos os candidatos. Após longa e aprofundada discussão, decidiu-se que o reinado da Terra seria dividido em fases e que cada um dos quatro personagens comandaria uma destas eras. Por idade cronológica, foi decidido que o mar (filho dos quatro elementos) seria o primeiro a reinar. Assim, enquanto um deles reinava, os outros adormeceriam para guardar energia para o seu período de império. Mas o que marcaria a passagem entre as eras? Nenhum dos interessados sabia responder. Pensaram, teorizaram, discutiram e não achavam resposta. Até que a representante das montanhas teve uma idéia original.

- O problema é exatamente este – falou a montanha – nos consideramos todos por demais espertos e não conseguimos imaginar quando não poderemos mais entender o mundo e deveremos passar esta tarefa a outro. Então, proponho que o final das fases de cada reinado seja marcada exatamente pelo nosso contato com a ignorância. Logo, quando o representante dos mares encontrar no mundo algo que ele não possa explicar plenamente, seu reinado terá acabado e o mar adormecerá. Neste dia será passada a responsabilidade de gerenciar o mundo aos ventos, os segundos.

Todos concordaram silenciosamente. Os mares em breve iniciariam seu reinado e para isso necessitavam de um representante. A este, caberia procurar pela ignorância para saber quando o reinado dos mares findaria. Pensando neste quesito, escolheram o mais sábio de todos os mares para esta tarefa. Tratava-se de *Philosophus*, o mar da sabedoria.

Enquanto *Philosophus* se preocuparia em fiscalizar o planeta, buscando nele algo desconhecido para testar sua sapiência, os outros mares deveriam passear pelas várias paisagens litorâneas, guardando-as de qualquer perigo.

Philosophus iniciou sua rota pelo pólo norte da Terra, devendo passar por todas as regiões do globo até chegar ao pólo sul. Eis então que nesta caminhada aconteceu algo inesperado.

Ao sair do pólo norte e descer um pouco pela região ártica *Philosophus* presenciou no céu uma belíssima chuva de formas e cores. Tratava-se da Aurora Boreal. Encantado com a Aurora, *Philosophus* tratou logo de decifrar todo seu sistema de luzes e cores, explicando todos os seus detalhes. De tão apaixonado que ficou pelo fenômeno, *Philosophus* resolveu interromper um pouco sua jornada e ficar no mesmo local para esperar que ele se repetisse. E assim, muito tempo se passou ... *Philosophus* não conseguia sair daquele lugar, sempre esperando por uma nova aurora, decifrando nela as mesmas coisas que já sabia.

O tempo passava e *Philosophus* percebeu que em suas águas se desenvolveram pequenos animais, também no ar ele já via pássaros voando. Mas, como acompanhara as mutações do tempo neste local, era capaz de explicar a origem de cada um destes seres, bem como suas peculiaridades. Logo, não encontrava aí nenhuma ignorância, nada que ameaçasse o reinado dos mares.

Localizado em águas inóspitas do pólo norte, *Philosophus* esquecera de fazer sua vistoria por todo o planeta. Desta forma, longuíssimo tempo se passara. Sociedades de homens povoaram o território do mar em diversas regiões do globo sem que *Philosophus* sequer tomasse conhecimento disto. Os outros mares, que ficavam passeando pela costa, já conheciam diversas peculiaridades dos povos que moravam a beira do mar e não entendiam porque *Philosophus* nunca aparecera para falar sobre isto.

Os mares já estavam enjoados de liderar, vigiar, guardar. Queriam o direito de descansar por longo período, assim como estavam fazendo os outros deuses da natureza. Foi então que saíram à caça de *Philosophus* para saber se ele não havia encontrado alguma ignorância sobre o mundo ao longo de todo este tempo.

Após longa procura, *Philosophus* fora encontrado pelo mar *Odartsem* quando contemplava mais uma Aurora Boreal. Ao perceber que *Philosophus* nunca houvera saído daquele local, *Odartsem* contou-lhe sobre os povos que habitavam as encostas do mar. Disse-lhe que talvez lá se pudesse encontrar algo para o qual *Philosophus* não tivesse explicação.

- *Povos? Mas o que são povos?* – pensou *Philosophus* em sua pretensa ignorância.

Não querendo acreditar que poderia desconhecer alguma coisa que estivesse ligada aos mares, o sábio pegou as coordenadas com seu amigo e partiu para conhecer estes tais *Povos do Mar*.

Em seu caminho, *Philosophus* passou direto pelas Américas do Norte e Central, descendo até as praias do Nordeste da América do Sul. Aproximando-se do continente, procurou um lugar onde sentisse a organização de pessoas em torno do mar. Foi assim que chegou a um lugar de nome estranho para si, *Tatajuba*.

Lá, ficou observando os povos do mar durante alguns dias, buscando entender se havia entre eles algum significado de mar que *Philosophus* não fosse capaz de entender. E foi aí que ele descobriu que **a praia tem sua própria vida**.

Nesta vida da praia *o meio ambiente inclui o sol, os pássaro, as nuvens, os coqueiros ...* mas, inclui ainda muitas outras coisas que ele não é capaz de entender. Como por exemplo, o trabalho da pesca. A pesca é uma forma dos povos se relacionarem com o mar porque é através dela que o homem do mar tira sua principal fonte de sobrevivência: o peixe. Mas, para estes povos o que mais *preocupa não é com o peixe, é com ele... com o pescador*. O pescador tem grande envolvimento o mar, segundo eles próprios dizem: *o mar é o meu dia*. É por isto que o pescador é um dos principais personagens da história dos povos do mar. Eles constituíram família em sua encosta, habitando as regiões litorâneas, desenvolvendo com o mar um relacionamento de afetividade e espiritualidade.

- Espiritualidade conosco? - se interrogou o grande mar *Philosophus*.

Sim! *Philosophus* observava que estes povos viam na natureza do mar uma sobrenatureza, ou seja, eles integravam seus delírios, desejos e pensamentos com as águas do mar. Eles não remetiam seus sonhos a um outro plano fora de sua realidade concreta, mas eles o enxergavam na própria presença do ambiente natural.

Dentre estes elementos existe o **mar fonte-de-inspiração** porque ele *é responsável por todos os sentimentos, sobrevivência, o lazer, os mitos e os segredos que ele nos desafia, como também ajuda a tornar cada vez mais bela nossa paisagem e a torna cada vez mais atraente.*

No mar há muita beleza, força, inspiração, coisas que nem mesmo o próprio mar é capaz de saber. Entretanto, *Philosophus* assustou-se ao descobrir que o mar não inspira somente coisas tranquilas, há um **Mar onda-feroz**. Nele existe angústia e dor, pois *esses sentimentos aí também tem problemas, morte, medo ...* Escutara mesmo alguém assim cantar:

- Mar,
verde mar
Com ondas ferozes a flutuar.
Impedindo aos pescadores
seus peixes pegar;

Também não existe somente harmonia no ambiente costeiro, uma vez que nele também há a **paisagem-urubu**, na qual as coisas indesejáveis compõem o ambiente natural, uma vez que *o urubu é feio, mas faz parte da paisagem ...*

Estas não foram, no entanto, as notícias que mais surpreenderam *Philosophus*. O que mais o chocou foi saber que ele não era o único elemento da natureza a ser adorado ali. *Os povos do Mar* também se relacionavam com o vento, as montanhas de areia e o verde do mangue. Mesmo estando adormecidos, os outros elementos haviam também reinado por todo o tempo, pois não deixavam de ser amados, temidos e reverenciados.

Movidos por tais inspirações naturais, os povos de Tatajuba inventaram toda uma Filosofia e Mitologia de vida. E se havia algo que *Philosophus* já havia percebido, era que o conceito **Tatajuba-invenção** era muito presente, pois *o povo de Tatajuba gosta de inventar!*

Sim, os tatajubenses são exímios produtores da realidade. Bom exemplo disso é a ‘Real Sociedade de Tatajuba’ na qual *moravam uns povos aí que atraíam pessoas de outros lugares para buscar as princesas que moravam nesta civilização.*

E nesta mitologia, fundam-se muitas das principais personagens desta sociedade, como o *Morro Branco*, cuja origem não pode ser precisada devido ao grande número de versões, mas que reflete a capacidade dos povos do mar em pensar as dimensões do real e do imaginário em interação, sem criar dicotomias excludentes.

Ainda sobre o tal morro, *Philosophus* percebeu que o povo o conceituou de várias formas. Havia o **Morro-carreira**, aquele que se revolta contra os que a ele desafia; o **Morro carneiro-de-ouro**, aquele que se revela em forma de chama; o **Morro só-quem-viu-fui-eu**, que trata do morro cheio de histórias fantásticas que jamais se podem comprovar, pois não existem testemunhas; **Morro encanto-dos-antepassados**, que representa a ancestralidade; **Morro dedo-de-criança**, aquele que só pode ser desencantado com o sangue dedal de uma criança pagã; **Morro-reflexo**, aquele que emite uma luz misteriosa; e ainda o **Morro-civilização**, quando o morro guarda sob si vestígios de uma rica civilização de tempos remotos.

O Mar *Philosophus* não conseguia acreditar que os ditos *Povos* eram capazes de criar tantos significados para o mar e que ele não era capaz de compreendê-los e explicá-los. Para estes povos há ainda uma outra dimensão com significado especial: a **escola-comunidade**. Muitas vezes a importância que estes povos atribuem para a educação é tão grande que estudo, escola e comunidade se confundem. Como um deles mesmos diz: *a escola é uma das coisas mais importantes da nossa comunidade*, e um outro acrescenta: *o*

mar do dia-a-dia tem principalmente a escola, porque estudar é uma coisa muito importante para nós.

Também se percebeu que estes habitantes dividiram o tempo em dois: **Tempo lua-estrela** e **Tempo-novela**. O primeiro refere-se ao tempo em que não haviam luzes artificiais no local e todos saíam a beira-mar para admirar o céu, enquanto o segundo se refere ao tempo atual no qual as pessoas se isolam em torno de um objeto luminoso, cheio de cores e movimentos - chamado televisão. Mais uma vez *Philosophus* percebeu que esta idéia não era fracionária e que estes tempos convivem simultaneamente.

Desta forma, fica explícito que na vida destes povos há uma dimensão indissociável entre a natureza e o mito, a realidade cotidiana e imaginária, trata-se do **Natural-sobrenatural**. Neste tipo de natureza um conceito básico para a recarga da força dos povos do mar é a **Força-sol**, que é a força e a inspiração de vida vinda do sol.

Observando a vida destes povos, *Philosophus* percebeu também que uma importante dimensão do relacionamento que estabelecem com o mar está ligada ao trabalho. Trata-se da pesca. E esta atividade pode apresentar grande variedade de conceitos, desde a **Pesca-gosto**, aquela que causa prazer ao ser realizada até a **Pesca coisa-estranha**, que trata da possibilidade de se estar pescando e acontecerem diversos eventos de natureza mítica. Exemplos deste último tipo de pesca pode ser entendido através dos conceitos: **Sereia-alagada**, que significa o alagar de uma canoa quando uma sereia cantar e a **Tarrafa-segredo** que é o ato de somente poucos tarrafeadores conhecerem um segredo que pode ajudá-los a continuar pescando mesmo quando uma força sobrenatural tente os impedir.

Oh ... *Philosophus* estava em contato com sua ignorância. Tantos e tamanhos eram os conceitos que os povos do mar produziram sobre o mundo que os rodeia que ninguém poderia explicá-los de maneira racionalizada. *Philosophus* então, percebeu que o reinado dos mares havia acabado. O mar apaixonado pelas auroras boreais do ártico, nunca houvera pensado que entre os homens pudessem existir tantos e tão diversos conceitos assim.

Então, o que acontece a *Philosophus* e com os outros mares? Bem, os mares passaram a descansar por milhares e milhares de anos. Já quanto a nós, cabe esperar pelo tempo dos ventos. Os próximos a reinar sobre a terra!

CAPÍTULO 03

MITO DA PRINCESA DO MORRO ENCANTADO DE TATAJUBA

A segunda oficina de produção de dados aconteceu em 29 de setembro de 2005, às 18h, na sede do Conselho de Desenvolvimento Comunitário de Tatajuba. Para a conclusão deste dispositivo, contou-se também com uma terceira oficina, no dia seguinte, no mesmo horário e local. Nela, foram encerradas as análises desta técnica. Logo, este dispositivo realizou-se no tempo de duas oficinas.

Até o presente momento, a pesquisa já causava grande alvoroço na pequena comunidade. Muitas pessoas vinham à sede das oficinas para se informar dos acontecimentos. Nesta segunda noite, o grupo pesquisador manteve-se inalterado, sendo composto pelas mesmas dezessete pessoas da oficina anterior.

Passadas às 18h, saí mais uma vez na companhia de Raimundinha e Rebeca em direção ao alto da comunidade. A casa na qual fiquei hospedado fica próxima ao mar, na parte baixa da *Nova Tatajuba*. Assim, subíamos em busca do grupo, desafiando a noite de Tatajuba e seus segredos. As estrelas límpidas pareciam faróis que nos guiavam ao desconhecido. Ao passar, acenávamos para os moradores que encontrávamos ao longo do caminho e – pouco a pouco – o burburinho ia se formando até que chegássemos à sede da associação e a oficina fosse iniciada.

Por todo o tempo, senti que a comunidade atribuía muita credibilidade à minha pesquisa, vendo-a com respeito e valorização. Isto também fez com que eu adotasse esta comunidade como um local muito caro para mim tanto como pesquisador quanto como sujeito.

Nesta referida noite, apliquei junto ao grupo de co-pesquisadores o segundo dispositivo de produção de dados da pesquisa: o mito da princesa do morro encantado. Minha escolha por este dispositivo deu-se por vários motivos. *Primeiramente*, por perceber

que esta temática era extremamente relevante para a comunidade, uma vez que isto fora observado tanto no cotidiano lá vivenciado até o momento, como nos dados da primeira oficina, na qual esta última nem sequer pretendia explorar a fundo esta questão, tendo ela aparecido espontaneamente. *Em segundo lugar*, pelo desafio de procurar causar estranhamento³² ao grupo através de uma alternativa aparentemente familiar. Isto foi pensado porque no dispositivo os participantes se colocariam na posição da princesa, exercendo todos os seus poderes. Eles não estão habituados a esta situação, ao inverso, demonstram certa reverência ao poder do mito (como demonstrado nos dados do dispositivo anterior) não ousando questioná-lo. Desta forma, esta técnica provoca estranhamento a partir do momento que coloca os sujeitos em uma posição de surpresa, de medo e - até mesmo - de tabu.

A realização deste dispositivo passou pelas seguintes etapas: 1) fizemos uma acolhida rememorando as atividades do dia anterior; 2) Rebeca conduziu uma dança com o grupo na qual foram utilizados sons de origens bem diferentes, buscando despertar a aptidão à diversidade (neste momento ocorreram muitos risos descontraídos); 3) após a dança, todos sentaram em suas cadeiras, fecharam os olhos e acompanharam um passeio pelo imaginário que eu conduzi da seguinte forma:

“A partir de agora, vamos nos permitir fazer uma viagem no tempo que nos levará a uma cena de muito, muito tempo atrás. No início de Tatajuba, antes de qualquer habitante dos que são conhecidos aqui hoje... realizando esta volta ao tempo, imagine como era este local em períodos passados, no tempo da Princesa do Morro Encantado... toda a história do mito do passado: a espera da princesa por seu noivo, o navio encalhando, a areia migrando rapidamente e formando o morro branco, todo o reino sendo soterrado, a princesa lançando o encanto sobre o morro... Eis que muitos anos se passaram e Tatajuba chegou ao que é hoje. Você, sabendo do encanto que a princesa fez no morro, sempre desejou desencantar o morro para ter os poderes da princesa. Então, em uma noite clara de lua cheia é chegada a sua chance... nesta noite, você saiu de casa

³² Nos dispositivos de produção de dados das oficinas sociopoéticas, busca-se a produção de situações que causem estranhamento ao grupo pesquisador, procurando assim potencializar a diversidade e a dimensão inconsciente; captar linhas de fuga da lógica já instituída sobre o conceito que se pesquisa.

destinado a desencantar o morro seguindo todos os passos ditos no mito... então, você primeiro iniciou a subida do morro, sozinho, à meia-noite... o vento frio batendo em seu rosto... o medo e a excitação invadindo seu coração... chegando ao alto do morro, você faz, como é proposto, uma pequena cruz sobre a duna com o sangue de seu dedo... evoca à princesa que desencanta o morro e lhe dê todo o seu poder... eis então que o morro desencanta, a princesa reaparece por um momento e doa-lhe todo seu poder, mas este poder servirá para uma única coisa... você poderá voltar ao tempo e definir como serão os povos de Tatajuba, como serão estes Povos do Mar... como será seu ambiente, sua aparência, suas roupas, seus relacionamentos, seus desejos ... tudo... você terá o poder de construir como serão os povos de Tatajuba em qualquer dimensão que você queira ...”

Finalizado o passeio pelo imaginário, todos ficaram em silêncio por alguns segundos. Estavam desconfiados como se fossem crianças pegadas em sobressalto por suas mães enquanto faziam algo errado. O grupo se entreolhava como se não acreditasse que teria que agir com os poderes da princesa encantada.

Enquanto o grupo refletia, dei as instruções para a produção. Cada um dos membros do grupo deveria – individualmente – continuar a história iniciada durante o relaxamento. Para tanto, registrariam sua produção por escrito nas folhas distribuídas entre os participantes. Foi esclarecido, porém, que aqueles que preferissem poderiam continuar sua história através de registro oral nos gravadores da pesquisa. Esta medida foi pensada ao considerar que cerca de 40% dos participantes possuíam uma precária escolarização e a falta de habilidade com a escrita poderia intimidar seus potenciais filosóficos. Em suma, nove participantes optaram pelo registro oral e 8 pelo registro escrito.

Durante as produções os participantes permaneceram introspectivos. Após sua conclusão, a idéia central de cada produção foi apresentada pelo autor ao grupo.

3.1 – Relato da produção de dados do grupo pesquisador II

SEU OSVALDO

“Tatajuba ganhou o nome de Tatajuba porque ela era Cabaceiras e tinha uma igreja na Cabaceiras. Depois, a igreja era muito pequena e os líderes da Tatajuba resolveram criar outra igreja com outro nome e isso aconteceu, realmente. Em 1950, foi inaugurada a igreja de Tatajuba, tendo como padroeiro são Francisco. Chamou a atenção de muita gente. Mas, Tatajuba vivia uma época de pessoas grosseiras que bebiam muito, brigavam muito, faziam coisas desastrosas. Hoje Tatajuba é vista com outra cara. Nesta época atrasada, apareceu a história de uma lenda do morro encantado. Morro Branco, a duna encantada. Dizem que esta duna tinha um barco debaixo, uma princesa encantada e toda uma rica civilização. Isso desperta o interesse das pessoas em conhecer essa duna encantada e procurar desencantá-la para descobrir uma tremenda riqueza que, por acaso, tem debaixo dela. Só que isso é o desencanto da lenda.

Na verdade, Tatajuba está se desencantando porque Tatajuba se desenvolve com mais educação, mais trabalho, turismo etc. Nós temos a satisfação de dizer que Tatajuba já recebeu pessoas de todas as partes do mundo mesmo sem ter nenhuma grande pousada. Nós temos, até hoje, um turismo que desejamos, um turismo sustentável. Porque qualquer tipo de turismo nós não queremos. Mas claro que isto vem melhorando a qualidade de vida do povo que já tem transporte para se deslocar, maior número de trabalhos.

A Nova Tatajuba também terá um novo esquema de trabalho, que deixa de ser só pesca e agricultura, mas o forte da Tatajuba é o turismo. O desenvolvimento está crescendo. Já temos nome no mundo inteiro. Conhece-se a Tatajuba no mundo inteiro como um lugar sem violência, existe nas famílias muita paz. A educação cresceu bastante. Temos professores da terra, com formação superior. Existe uma faculdade em Tatajuba. Há médicos todos os dias da semana.

Além da duna encantada, todos vêm para visitar a duna do funil, os lagos, as lagoas e as piscinas naturais. O maior desencanto que nós vamos ter é concreto. A princesa que nós falamos do morro, essa é encantada e já que é encantada ninguém vê. Como ninguém vê também pode não existir. Mas, o que nós temos que desencantar são os valores que têm as nossas paisagens. Os valores que têm as nossas dunas fixas e móveis. Os valores que têm

as nossas praias que não são poluídas, embora haja o difícil acesso de chegar à beira mar, mas, isso nos traz felicidade”.

HERONILDA

“Poderia ter uma igreja mais bonita, que nem essa da sociedade da princesa, né? Com muito ouro e pedras preciosas. As casas e os veículos seriam de uma riqueza que não se pode descrever. As pessoas seriam todas muito amigas... E os carros bonitos, poderiam voar para não machucar as dunas. Os peixes seriam todos bem pequenininhos e coloridos, não serviriam para comer, só para enfeitar a cidade.”

LOURA

Se eu fosse a princesa eu uniria os cinco mares ao mesmo tempo e este seria o poder de cada morador de Tatajuba. Ah, mas talvez este já eh... O que mais? Não sei, faria só isso mesmo.

VICENTE

“A Tatajuba antiga ficava do outro lado entre a maré e o rio, foi coberta pelas dunas e aí depois foi formada a nova Tatajuba onde nós mora (sic). As dunas tomou (sic) tudo lá!

Se eu fosse refazer a Tatajuba teria uma maneira de ganhar dinheiro mais fácil. Tá bom, é só isso”.

EDVALDO

“Nessa Tatajuba haveria muita casa nova, trabalho com turismo, ninguém iria mais trabalhar com pesca. Porque a pesca é bom, mas é muito duro. E para trabalhar com pesca tem que ser original. Eh... o turismo daqui seria mandado por mim mesmo, ia fazer muito hotel, dar emprego à população. Ia ter rua com calçamento e asfalto, ia ter muita festa com forró pé de serra!!! Iam ter mais regatas de canoas, também ia ter futebol. O nome seria Tatajuba mesmo, pois eu jamais mudaria esse nome.”

SEU ANTÔNIO

“Pra começar, se eu tivesse o poder da princesa eu mudava todo o sistema de morada, ninguém ia mais morar em casas. Eu construía um prédio muito grande e todo mundo iria morar nele. Eu ia ser o dono, é claro! Ainda ia construir outro prédio grande que ia ser o único hotel, todo mundo ia trabalhar nele pra mim. Ia encher ele de turista. Ia viver numa vida boa. Em meu hotel ia ter trabalho pra todo mundo. A pesca eu queria que abandonassem e viessem trabalhar no meu hotel. Além de mudar o sistema das casas eu também ia mudar as ruas. E ia ter um açougue com muita carne, pois nessa Tatajuba aqui carne é difícil. Também ia ter muita distração. Eu ia bater *uns côco* pro pessoal se divertir. Também ia ter muita música tocada no violino, que eu acho uma coisa muito bonita. E ainda mais, nessas festas ia ser todo mundo muito engravatado, com um paletó dos bons, todo ensapatado também. E as mulher (sic) iam tá tudo bem pintada e penteada, muito bem vestidas que eu acho feio mulher nas festas quase nua. Os carro (sic) rárará iam ser bons. A associação comunitária também ia ter diferença. Eu ia colocar todas as associações numa só, não ia ter briga, nem problema.”

SEU ANTÔNIO PONTES

“Se eu tivesse todo esse poder eu empregava todo mundo e construía todas as casas à beira mar. E essas casas seriam tudo (sic) palácio como do povo que morava aqui antes, porque tudo aqui é encantado. É por isso que Tatajuba é o lugar mais lindo do mundo, porque o encanto protege. As águas, os rios também são todos encantados. E se alguém desencantasse mesmo esse morro branco ia aparecer um reinado, com tudo pronto embaixo. Um reinado com tudo de melhor. Então, se eu pudesse fazer os povos da Tatajuba pro futuro eu não faria nada, eu só desenterrava os antigos que já eram ricos e sabiam tudo. Eu tirava a areia que cobre a cidade e – valha! - nunca ia se ver tanto prédio de ouro assim!”

JOSÉ LAURINDO

“Quería só que mantesse (sic) tudo o que tem hoje. Se eu tivesse esse poder do morro desencantado, a primeira coisa que eu fazia (sic) era encantar o morro de novo para que tudo ficasse como está, pois um morro encantando é muito mais bonito que um desencantado, não é não? Eh ... é o que eu acho!”

FRANCINALDA (PEQUENA)

“Se eu tivesse esse poder, a primeira coisa que eu faria era fazer aparecer um monte de criança e uma creche enorme pra mim cuidar delas (sic). Pra cuidar, ajudar na higiene, nas letrinhas, ajudar a cantar, eu queria era cuidar da molecada. E outra coisa, se eu também pudesse, eu não deixaria cercar as dunas que eu já vejo quase elas cercadas por aqui. E outra coisa, se eu pudesse acabar com desunião, briga, esse negócio de “eu não gosto daquela turma”, ah , se eu pudesse acabar com isso eu acabaria, pra formar um grupo onde todos pensassem coletivamente. Por que com briga não se constrói nada! E a nova geração que está vinda, né? Os tatajubensesinhos!!! Eu queria muito uma creche, por isso, porque as crianças são a base. Se a gente esperar algo diferente, esse diferente ta nelas”.

HILDA

“A única atividade econômica era o turismo. As casas parecendo palácios em forma de círculo. As ruas todas asfaltadas com pedras de brilhante, rodeada de água do mar com ondas muito altas e as pessoas atravessando as ruas todas de colete, sorrindo umas pras outras. As pessoas andando semi-nuas e descalças. As crianças todas falando uma língua estrangeira”.

RAIMUNDINHA

“A Tatajuba que visualizei [*tinha*] dunas de areia prateada, casas bem diferentes – todas coloridas – e os carros também coloridos e redondos ... até parecidos com fuscas. As comidas eram frutas de todos os sabores – os mais gostosos. E a água era de côco até pra tomar banho, como rios e lagoas – uma maravilha! O morro não tinha nada igual, era a coisa mais linda! [*referindo-se á Tatajuba que visualizou*]. O relacionamento das pessoas com o mar era só para lazer, admirara as belezas. Os peixes eram tantos que ficavam pulando e brincando como se soubessem que tinha alguém a observá-los. As mulheres de vestidos compridos como as chinesas. Já os homens, as roupas pareciam com as dos gaúchos”.

TALITA

“Queria que tivesse mais casas, um colégio melhor com fonte de pesquisa – uma biblioteca, por exemplo. Queria que tivesse ... mais meios de renda para os moradores. Não queria que com isso viesse a ter violência, brigas, apenas que tudo que já tem de bom permanecesse: as dunas, as pequenas lagoas, a inocência dos moradores ... que [haja] a tranqüilidade, a paz, a harmonia que Deus nos deu e vem dando ... que apenas saibamos cultivar o ouro e a riqueza que temos na nossa mão”.

“ESTRELA DO MAR” - pseudônimo criado por uma das participantes para se identificar nesta técnica

“Imagino uma Tatajuba onde todos os moradores viverão em paz, harmonia e tranqüilidade. Preservando ... sua cultura [*referindo-se a cultura tatajubense*], como o boi-bumbá, quadrilhas, reisados, dramas, regata de canoas, coral de música e festa do padroeiro - São Francisco de 14 a 17 de setembro. Imagino uma Tatajuba onde há desenvolvimento turístico, melhores condições de vida para todos ... trabalho, educação, saúde e moradia digna... onde todos os visitantes ... voltem trazendo desenvolvimento controlado, sustentável – respeitando o meio ambiente, a natureza, os animais, os moradores e seu habitat natural.”

“SEM IDENTIFICAÇÃO” – DIVERSOS (4 PRODUÇÕES)

“Vi Tatajuba com casas bonitas – todas com jardins, ruas padronizadas – asfaltadas com sinalização – e praças com bastante árvores.

Amo Tatajuba com todas as suas belezas intocáveis, bem protegida, mas também desenvolvida.

Sonho com uma Tatajuba com ... ruas com castelos antigos e assombrados, com asfaltos de pedras preciosas com vários degraus, com casas debaixo do chão feitas de isopor, náilon e papelão.

A Tatajuba que visualizei estava dentro do morro ... tinham sapos pulando no meio da rua e as pessoas nem sentiam medo, pois elas tinham carruagem como em contos de fadas, tudo muito organizado.

Vejo uma Tatajuba com ... pessoas vestidas de formas ao contrário. Homens é que vestiam camisolas e biquínis fio dental; cuidando das tarefas domiciliare e das crianças, e, as mulheres com vestidos longos e pretos e sempre com lenços cobrindo todo o rosto e não podia sair de casa e nem dar opinião em público.

As pessoas tinham modos de andar diferentes, lentos como se estivessem desfilando, suas roupas eram longas ... [As pessoas] tinham carruagem como em contos de fadas ... [havia] muitas jóias preciosas e as pessoas nem se interessavam por elas, pois na cidade já existia tanta riqueza que as jóias eram os morros que vemos hoje.

Imaginei ...todo mundo muito unido, ajudando uns aos outros.

Nessa Tatajuba tinham crianças brincando na maior inocência, sem maldades, onde tudo se torna puro e prazeroso, verdadeiro e para sempre. Todo mundo com mente sã, livre e a luz radiante do nascer do sol espalha seu brilho, trazendo a certeza de que um novo dia renasce. Aí, vem o anoitecer e guardo na memória mais um dia que se passou e no peito só ficam saudades de momentos que já vivi.”

3.2 – Análise Classificatória dos relatos orais e escritos II: *tempos fabulosos*

	I Tatajuba – Desenvolvida/ Tatajuba – Encantada
HERONILDA	Poderia ter uma igreja mais bonita [<i>referindo-se na Tatajuba que seria criada por ela</i>], que nem essa da sociedade da princesa, né? Com muito ouro e pedras preciosas. As casas e os veículos seriam de uma riqueza que não se pode descrever. E os carros bonitos, poderiam voar para não machucar as dunas. Os peixes seriam todos bem pequenininhos e coloridos, não serviriam para comer, só para enfeitar a cidade.
SEU OSWALDO	Em 1950 foi inaugurada a igreja de Tatajuba, tendo como padroeiro são Francisco. Chamou a atenção de muita gente. Nesta época atrasada apareceu a história de uma lenda do morro encantado. Morro Branco, a

	<p>duna encantada. Dizem que esta duna tinha um barco debaixo, uma princesa encantada e toda uma rica civilização. Isso desperta o interesse das pessoas em conhecer essa duna encantada e procurar desencantá-la para descobrir uma tremenda riqueza que, por acaso, tem debaixo dela. Só que isso é o desencanto da lenda ... Na verdade, Tatajuba está se desencantando porque Tatajuba se desenvolve com mais educação, mais trabalho, turismo, etc. Nós temos a satisfação de dizer que Tatajuba já recebeu pessoas de todas as partes do mundo mesmo sem ter nenhuma grande pousada. Nós temos, até hoje, um turismo que desejamos, um turismo sustentável. Porque qualquer tipo de turismo nós não queremos. Mas claro que isto vem melhorando a qualidade de vida do povo que já tem transporte para se deslocar, maior número de trabalhos.</p>
SEU OSWALDO	<p>O maior desencanto que nós [<i>habitantes de Tatajuba</i>] vamos ter é concreto. A princesa que nós falamos do morro, essa é encantada e já que é encantada ninguém vê. Como ninguém vê também pode não existir. Mas, o que nós temos que desencantar são os valores que têm as nossas paisagens. Os valores que têm as nossas dunas fixas e móveis. Os valores que têm as nossas praias que não são poluídas, embora haja o difícil acesso de chegar à beira mar. Mas, isso nos traz felicidade.</p>
VICENTE	<p>As dunas tomou tudo lá! [<i>referindo-se á localização da antiga Tatajuba</i>]</p>
EDVALDO	<p>Nessa Tatajuba haveria muita casa nova... O nome seria Tatajuba mesmo, pois eu jamais mudaria esse nome.</p>
SEU ANTÔNIO	<p>Se eu tivesse o poder da princesa eu mudava todo o sistema de morada, ninguém ia mais morar em casas. Eu construía um prédio muito grande e todo mundo iria morar nele. Eu ia ser o dono, é claro!</p>
SEU ANTÔNIO	<p>Além de mudar o sistema das casas eu também is mudar as ruas. E ia ter um açougue com muita carne, pois nessa Tatajuba aqui carne é</p>

	difícil.
ANTÔNIO PONTES	Se eu tivesse todo esse poder [<i>referindo-se ao poder da Princesa Encantada que lhe fora concedido durante o passeio pelo imaginário</i>] eu ... construía todas as casas à beira mar. E essas casas seriam tudo palácio como do povo que morava aqui antes porque tudo aqui é encantado. É por isso que Tatajuba é o lugar mais lindo do mundo, porque o encanto protege. As águas, os rios também são todos encantados. E se alguém desencantasse mesmo esse morro branco ia aparecer um reinado, com tudo pronto embaixo. Um reinado com tudo de melhor.
JOSÉ LAURINDO	Se eu tivesse esse poder do morro desencantado, a primeira coisa que eu fazia era encantar o morro de novo para que tudo ficasse como está, pois um morro encantado é muito mais bonito que um desencantado, não é não? Eh, é o que eu acho.
PEQUENA	Se eu pudesse eu não deixaria cercar as dunas que eu já vejo quase elas cercadas por aqui [<i>na comunidade de Tatajuba</i>].
RAIMUNDINHA	A Tatajuba que visualizei [<i>tinha</i>] dunas de areia prateada, casas bem diferentes – todas coloridas – e os carros também coloridos e redondos ... até parecidos com fuscas. As comidas eram frutas de todos os sabores – os mais gostosos. E a água era de côco até pra tomar banho, como rios e lagoas – uma maravilha!
RAIMUNDINHA	O morro não tinha nada igual, era a coisa mais linda! [<i>referindo-se à Tatajuba que visualizou</i>]. O relacionamento das pessoas com o mar era só para lazer, admirara as belezas. Os peixes eram tantos que ficavam pulando e brincando como se soubessem que tinha alguém a observá-los.
HILDA	As casas parecendo palácios em forma de círculo.[<i>referindo-se às moradias que visualizou em sua Tatajuba</i>]... As ruas todas asfaltadas com pedras de brilhante. Rodeada de água do mar com ondas muito altas e as pessoas atravessando as ruas todas de colete, sorrindo umas pras outras.

	Vi Tatajuba com casas bonitas – todas com jardins, ruas padronizadas – asfaltadas com sinalização – e praças com bastante árvores.
	Amo Tatajuba com todas as suas belezas intocáveis, bem protegida, mas também desenvolvida.
	Sonho com uma Tatajuba com ... ruas com castelos antigos e assombrados, com asfaltos de pedras preciosas com vários degraus, com casas debaixo do chão feitas de isopor, náilon e papelão.
TALITA	Queria que <i>[Tatajuba]</i> tivesse mais casas, um colégio melhor com fonte de pesquisa – uma biblioteca por exemplo.
	A Tatajuba que visualizei estava dentro do morro.
	<i>[Na Tatajuba dentro do morro]</i> tinham sapos pulando no meio da rua e as pessoas nem sentiam medo, pois elas tinham carruagem como em contos de fadas, tudo muito organizado.
ESTRELA DO MAR	Imagino uma Tatajuba onde <i>[há]</i> desenvolvimento turístico, melhores condições de vida para todos ... trabalho, educação, saúde e moradia digna... onde todos os visitantes ... voltem trazendo desenvolvimento controlado, sustentável – respeitando o meio ambiente, a natureza, os animais, os moradores e seu habitat natural.

	II Caracteres das pessoas
HERONILDA	As pessoas seriam todas muito amigas...
LOURA	Se eu fosse a princesa eu uniria os 5 mares ao mesmo tempo <i>[referindo-se ao dispositivo dos cinco mares aplicado na oficina anterior]</i> e este seria o poder de cada morador de Tatajuba. Ah, mas talvez este já eh...
SEU ANTÔNIO	E ainda mais, nessas festas <i>[referindo-se às festas que promoveria na Tatajuba criada]</i> ia ser todo mundo muito engravatado, com um paletó

	dos bons, todo ensapatado também. E as mulher iam ta tudo bem pintada e penteada, muito bem vestidas que eu acho feio mulher nas festas quase nua.
RAIMUNDINHA	[<i>falando da indumentária dos povos do mar</i>]As mulheres de vestidos compridos como as chinesas. Já os homens, as roupas pareciam com as dos gaúchos.
HILDA	As pessoas andando semi-nuas e descalças. [<i>referindo-se à aparência dos povos do mar que visualizou em sua Tatajuba</i>].
HILDA	As crianças todas falando uma língua estrangeira [<i>na Tatajuba visualizada</i>].
	Vejo com uma Tatajuba com ... pessoas vestidas de formas ao contrário. Homens é que vestiam camisolas e biquínis fio dental; cuidando das tarefas domiciliares e das crianças, e, as mulheres com vestidos longos e pretos e sempre com lenços cobrindo todo o rosto e não podia sair de casa e nem dar opinião em público.
	As pessoas tinham modos de andar diferentes, lentos como se estivessem desfilando, sua roupas eram longas ... [<i>As pessoas</i>] tinham carruagem como em contos de fadas ... [<i>tinham</i>] muitas jóias preciosas e as pessoas nem se interessavam por elas, pois na cidade já existia tanta riqueza que as jóias eram os morros que vemos hoje.

	III Viver coletivamente
SEU ANTÔNIO	Ia ter muita distração [<i>em Tatajuba</i>]. Eu ia bater uns côco pro pessoal se divertir. Também ia ter muita música tocada no violino, que eu acho uma coisa muito bonita.
SEU ANTÔNIO	A associação comunitária também ia ter diferença. Eu ia colocar todas as associações numa só, não ia ter briga, nem problema.
ANTÔNIO PONTES	Então se eu pudesse fazer os povos da Tatajuba pro futuro eu não faria nada, eu só desenterrava os antigos que já eram ricos e sabiam tudo. Eu

	tirava a areia que cobre a cidade e – valha! – nunca ia se ver tanto prédio de ouro assim!
JOSÉ LAURINDO	Queria só que mantesse tudo o que tem hoje [<i>falando de Tatajuba</i>].
PEQUENA	Se eu tivesse esse poder a primeira coisa que eu faria era fazer aparecer um monte de criança e uma creche enorme pra mim cuidar delas. Pra cuidar, ajudar na higiene, nas letrinhas, ajudar a cantar, eu queria era cuidar da molecada.
PEQUENA	Se eu pudesse acabar com desunião, briga, esse negócio de “eu não gosto daquela turma”, ah , se eu pudesse acabar com isso, eu acabaria. Pra formar um grupo onde todos pensassem coletivamente. Por que com briga não se constrói nada! E a nova geração que está vindo, né? Os tatajubencesinhos!!! Eu queria muito uma creche por isso, porque as crianças são a base. Se a gente esperar algo diferente, esse diferente tá nelas.
HILDA	[<i>Na Comunidade imaginada</i>] a cultura do povo [<i>estaria</i>] toda perdida no tempo. As tradições, os costumes e crenças ficaram todos para trás.
ESTRELA DO MAR	Imagino uma Tatajuba onde todos os moradores viverão em paz, harmonia e tranqüilidade.
ESTRELA DO MAR	Preservando ... sua cultura [<i>referindo-se a cultura tatajubense</i>], como o boi-bumbá, quadrilhas, reisados, dramas, regata de canoas, coral de música e a Festa do padroeiro, São Francisco de 14 a 17 de setembro.
	Vi uma Tatajuba ... onde as crianças pudessem brincar à vontade, enquanto seus pais conversassem na calçadas suas experiências de vida para os jovens.
TALITA	Não queria que com isso [<i>desenvolvimento</i>] viesse a ter violência, brigas apenas que tudo que já tem de bom permanecesse: as dunas, as pequenas lagoas, a inocência dos moradores ... que [<i>haja</i>] a tranqüilidade, a paz, a harmonia que Deus nos deu e vem dando ... que apenas saibamos cultivar o ouro e a riqueza que temos na nossa mão.
	Nessa Tatajuba tinham crianças brincando na maior inocência, sem

	<p>maldades, onde tudo se torna puro e prazeroso, verdadeiro e para sempre. Todo mundo com mente sã, livre e a luz radiante do nascer do sol espalha seu brilho, trazendo a certeza de que um novo dia renasce. Aí, vem o anoitecer e guardo na memória mais um dia que se passou e no peito só ficam saudades de momentos que já vivi.</p>
	<p>Imaginei ...todo mundo muito unido, ajudando uns aos outros.</p>
SEU OSWALDO	<p>[<i>Em 1950</i>] Tatajuba vivia uma época de pessoas grosseiras que bebiam muito, brigavam muito, faziam coisas desastrosas. Hoje Tatajuba é vista co outra cara.... [<i>Já nos povos imaginados</i>] conhece-se a Tatajuba no mundo inteiro como um lugar sem violência, existe nas famílias muita paz.</p>

	<p>IV</p> <p>Trabalho em Tatajuba</p>
VICENTE	<p>Se eu fosse refazer a Tatajuba teria uma maneira de ganhar dinheiro mais fácil.</p>
EDVALDO	<p>Nessa Tatajuba haveria ... trabalho com turismo. Ninguém iria mais trabalhar com pesca porque a pesca é bom, mas é muito duro. E para trabalhar com pesca tem que ser original. Eh... o turismo daqui seria mandado por mim mesmo, ia fazer muito hotel, dá emprego à população. Ia ter rua com calçamento e asfalto.</p>
SEU ANTÔNIO	<p>Ainda ia construir outro prédio grande que ia ser o único hotel, todo mundo ia trabalhar nele pra mim. Ia encher ele de turista. Ia viver numa vida boa. Em meu hotel ia ter trabalho pra todo mundo. A pesca eu queria que abandonassem e viessem trabalhar no meu hotel.</p>
ANTÔNIO PONTES	<p>Se eu tivesse todo esse poder [<i>referindo-se ao poder da Princesa Encantada que lhe fora concedido durante o passeio pelo imaginário</i>] eu empregava todo mundo.</p>
HILDA	<p>A única atividade econômica [<i>na Tatajuba imaginada</i>] era o turismo.</p>

TALITA	Queria que [Tatajuba] tivesse ... mais meios de renda para os moradores
	A Tatajuba de hoje é de pesca, agricultura e turismo.
SEU OSWALDO	A Nova Tatajuba também terá um novo esquema de trabalho, que deixa de ser só pesca e agricultura, mas o forte da Tatajuba é o turismo ... A educação cresceu bastante. Temos professores da terra, com formação superior. Existe uma faculdade em Tatajuba. Há médicos todos os dias da semana.

3.3 – Categorias e Conceitos

Categoria I “Tatajuba – desenvolvida/ Tatajuba – encantada”
<ol style="list-style-type: none"> 1. Poderia ter [em Tatajuba] uma igreja mais bonita que nem a da sociedade da princesa, com muito ouro e pedras preciosas; 2. As casas e os veículos [dos povos do mar] seriam de uma riqueza que não se pode descrever; 3. Os carros bonitos poderiam voar para não machucar as dunas; 4. Os peixes seriam todos bem pequenininhos e coloridos, não serviriam para comer, só para enfeitar a cidade. 5. Em 1950 foi inaugurada a igreja de Tatajuba, tendo como padroeiro são Francisco; 6. Nesta época atrasada [referindo-se ao período de fundação da comunidade] apareceu a história de uma lenda do morro encantado ... Dizem que esta duna tinha um barco debaixo, uma princesa encantada e toda uma rica civilização. Isso desperta o interesse das pessoas em conhecer essa duna encantada e procurar desencantá-la para descobrir uma tremenda riqueza que, por acaso, tem debaixo dela. 7. Na verdade, Tatajuba está se desencantando porque Tatajuba se desenvolve com mais educação, mais trabalho, turismo ... O maior desencanto que nós[habitantes de Tatajuba] vamos ter é concreto ... o que nós temos que desencantar são os

valores que têm as nossas paisagens. Os valores que têm as nossas dunas fixas e móveis. Os valores que têm as nossas praias que não são poluídas, embora haja o difícil acesso de chegar à beira mar;

8. Nós [*nativos de Tatajuba*] temos a satisfação de dizer que Tatajuba já recebeu pessoas de todas as partes do mundo mesmo sem ter nenhuma grande pousada. Nós temos, até hoje, um turismo que desejamos, um turismo sustentável. Porque qualquer tipo de turismo nós não queremos;
9. A princesa que nós falamos do morro, essa é encantada e já que é encantada ninguém vê, como ninguém vê também pode não existir;
10. Nessa Tatajuba haveria muita casa nova...
11. O nome seria Tatajuba mesmo, pois eu jamais mudaria esse nome;
12. Ninguém ia mais morar em casas [*nos povos criados por ele*]. Eu construía um prédio muito grande e todo mundo iria morar nele. Eu ia ser o dono, é claro!
13. Além de mudar o sistema das casas eu também ia mudar as ruas;
14. Ia ter um açougue com muita carne, pois nessa Tatajuba aqui carne é difícil;
15. Construía [*eu*] todas as casas à beira mar e essas casas seriam tudo palácio como do povo que morava aqui antes;
16. Tudo aqui [*referindo-se à Tatajuba*] é encantado. É por isso que Tatajuba é o lugar mais lindo do mundo, porque o encanto protege. As águas, os rios também são todos encantados.
17. Se alguém desencantasse mesmo esse morro branco ia aparecer um reinado, com tudo pronto embaixo, um reinado com tudo de melhor;
18. Se eu tivesse esse poder do morro desencantado, a primeira coisa que eu fazia era encantar o morro de novo para que tudo ficasse como está;
19. Um morro encantando é muito mais bonito que um desencantado, não é não?
20. A Tatajuba que visualizei [*tinha*] dunas de areia prateada, casas bem diferentes – todas coloridas – e os carros também coloridos e redondos ... até parecidos com fuscas;
21. As comidas [*dos povos imaginados*] eram frutas de todos os sabores – os mais gostosos. E a água era de côco até pra tomar banho, como rios e lagoas – uma maravilha!

22. O morro não tinha nada igual, era a coisa mais linda! [*referindo-se ao morro encantado de Tatajuba*];
23. O relacionamento das pessoas com o mar era só para lazer, admirara as belezas;
24. Os peixes eram tantos [*no ambiente criado*] que ficavam pulando e brincando como se soubessem que tinha alguém a observá-los;
25. As casas parecendo palácios em forma de círculo.[*referindo-se às moradias que visualizou em sua Tatajuba*]...
26. As ruas todas asfaltadas com pedras de brilhante. Rodeadas de água do mar com ondas muito altas e as pessoas atravessando as ruas todas de colete, sorrindo umas pras outras;
27. Vi Tatajuba com casas bonitas – todas com jardins, ruas padronizadas – asfaltadas com sinalização e praças com bastante árvores;
28. Amo Tatajuba com todas as suas belezas intocáveis, bem protegida, mas também desenvolvida;
29. Sonho com uma Tatajuba com ... ruas com castelos antigos e assombrados, com asfaltos de pedras preciosas com vários degraus;
30. [*O sistema de moradia seria formado por*] casas debaixo do chão feitas de isopor, náilon e papelão;
31. Queria que [*Tatajuba*] tivesse mais casas, um colégio melhor com fonte de pesquisa – uma biblioteca por exemplo;
32. A Tatajuba que visualizei estava dentro do morro;
33. [*Na Tatajuba dentro do morro*] tinham sapos pulando no meio da rua e as pessoas nem sentiam medo, pois elas tinham carruagem como em contos de fadas, tudo muito organizado;
34. Imagino uma Tatajuba onde [*há*] desenvolvimento turístico, melhores condições de vida para todos ... trabalho, educação, saúde e moradia digna...
35. [*Deseja um local*] onde todos os visitantes ... voltem trazendo desenvolvimento controlado, sustentável – respeitando o meio ambiente, a natureza, os animais, os moradores e seu habitat natural.

Categoria II

“Caracteres das pessoas”

01. As pessoas seriam todas muito amigas... [*referindo-se aos povos do mar que visualizou*];
02. Se eu fosse a princesa eu uniria os 5 mares ao mesmo tempo [*referindo-se ao dispositivo dos cinco mares aplicado na oficina anterior*] e este seria o poder de cada morador de Tatajuba. Ah, mas talvez este já eh...
03. E ainda mais, nessas festas [*referindo-se às festas que promoveria na Tatajuba criada*] ia ser todo mundo muito engravatado, com um paletó dos bons, todo ensapatado também e as mulher [*es*] iam tá tudo bem pintada e penteada, muito bem vestidas que eu acho feio mulher nas festas quase nua;
04. [*Falando da indumentária dos povos do mar*] As mulheres de vestidos compridos como as chinesas. Já os homens, as roupas pareciam com as dos gaúchos;
05. As pessoas andando semi-nuas e descalças. [*referindo-se à aparência dos povos do mar que visualizou em sua Tatajuba*];
06. As crianças todas falando uma língua estrangeira [*na Tatajuba visualizada*];
07. Vejo com uma Tatajuba com ... pessoas vestidas de formas ao contrário. Homens é que vestiam camisolas e biquínis fio dental; cuidando das tarefas domiciliares e das crianças, e, as mulheres com vestidos longos e pretos e sempre com lenços cobrindo todo o rosto e não podia sair de casa e nem dar opinião em público;
08. As pessoas tinham modos de andar diferentes, lentos como se estivessem desfilando, sua roupas eram longas ...
09. [*As pessoas*] tinham carruagem como em contos de fadas ... [*tinham*] muitas jóias preciosas e as pessoas nem se interessavam por elas, pois na cidade já existia tanta riqueza que as jóias eram os morros que vemos hoje;

Categoria III

“Viver coletivamente”

01. Ia ter muita distração [*em Tatajuba*]. Eu [*Seu Antônio*] ia bater uns côco pro

pessoal se divertir;

02. [*Nestes povos do mar*] também ia ter muita música tocada no violino, que eu [*Seu Antônio*] acho uma coisa muito bonita;
03. A associação comunitária também ia ter diferença. Eu [*Antônio Pontes*] ia colocar todas as associações numa só, não ia ter briga, nem problema;
04. Se eu [*Antônio Pontes*] pudesse fazer os povos da Tatajuba pro futuro eu não faria nada, eu só desenterrava os antigos que já eram ricos e sabiam tudo. Eu tirava a areia que cobre a cidade e – valha! – nunca ia se ver tanto prédio de ouro assim!
05. Queria só que mantesse tudo o que tem hoje [*falando de Tatajuba*];
06. Se eu tivesse esse poder a primeira coisa que eu faria era fazer aparecer um monte de criança e uma creche enorme pra mim cuidar delas. Pra cuidar, ajudar na higiene, nas letrinhas, ajudar a cantar, eu queria era cuidar da molecada;
07. Se eu pudesse acabar com desunião, briga, esse negócio de “eu não gosto daquela turma”, ah , se eu pudesse acabar com isso, eu acabaria. Pra formar um grupo onde todos pensassem coletivamente por que com briga não se constrói nada! As crianças são a base. Se a gente esperar algo diferente, esse diferente ta nelas;
08. [*Na Comunidade imaginada*] a cultura do povo [*estaria*] toda perdida no tempo. As tradições, os costumes e crenças ficaram todos para trás;
09. Imagino uma Tatajuba onde todos os moradores viverão em paz, harmonia e tranqüilidade;
10. Preserva [*r*] ... sua cultura [*referindo-se a cultura tatajubense*], como o boi-bumbá, quadrilhas, reisados, dramas, regata de canoas, coral de música e a Festa do padroeiro, São Francisco de 14 a 17 de setembro;
11. Vi uma Tatajuba ... onde as crianças pudessem brincar à vontade, enquanto seus pais conversassem na calçadas suas experiências de vida para os jovens;
12. Não queria que com isso [*desenvolvimento*] viesse a ter violência ... que [*haja*] a tranqüilidade, a paz, a harmonia que Deus nos deu e vem dando...
13. Que apenas saibamos cultivar o ouro e a riqueza que temos na nossa mão [*em referência à riqueza do ambiente*];
14. [*Queria*] apenas que tudo que já tem de bom permanecesse: as dunas, as pequenas lagoas, a inocência dos moradores ...

15. Nessa Tatajuba tinham crianças brincando na maior inocência, sem maldades, onde tudo se torna puro e prazeroso, verdadeiro e para sempre;
16. Todo mundo com mente sã, livre e a luz radiante do nascer do sol espalha seu brilho, trazendo a certeza de que um novo dia renasce. Aí, vem o anoitecer e guardo na memória mais um dia que se passou e no peito só ficam saudades de momentos que já vivi;
17. Imaginei ...todo mundo muito unido, ajudando uns aos outros;
18. [Em 1950] Tatajuba vivia uma época de pessoas grosseiras que bebiam muito, brigavam muito, faziam coisas desastrosas;
19. [Já nos povos imaginados] conhece-se a Tatajuba no mundo inteiro como um lugar sem violência, existe nas famílias muita paz.

Categoria IV

“Trabalho em Tatajuba”

01. [Na] Tatajuba [imaginada] teria uma maneira de ganhar dinheiro mais fácil;
02. Nessa Tatajuba haveria ... trabalho com turismo. Ninguém iria mais trabalhar com pesca porque a pesca é bom, mas é muito duro;
03. Para trabalhar com pesca tem que ser original;
04. O turismo daqui seria mandado por mim mesmo, ia fazer muito hotel, dá emprego à população;
05. Ia construir outro prédio grande [antes falou de um prédio para moradia] que ia ser o único hotel. Todo mundo ia trabalhar nele pra mim. Ia encher ele de turista. Ia viver numa vida boa. Em meu hotel ia ter trabalho pra todo mundo;
06. A pesca eu queria que abandonassem e viessem trabalhar no meu hotel;
07. Se eu tivesse todo esse poder [referindo-se ao poder da Princesa Encantada que lhe fora concedido durante o passeio pelo imaginário] eu empregava todo mundo;
08. A única atividade econômica [na Tatajuba imaginada] era o turismo;
09. Queria que [Tatajuba] tivesse ... mais meios de renda para os moradores;
10. A Tatajuba de hoje é de pesca, agricultura e turismo;

11. A Nova Tatajuba também terá um novo esquema de trabalho, que deixa de ser só pesca e agricultura, mas o forte da Tatajuba é o turismo ...
12. A educação [*dos povos visualizados*] cresceu bastante. Temos professores da terra, com formação superior. Existe uma faculdade em Tatajuba. Há médicos todos os dias da semana.

3.4 - Análise Transversal: *postagem mítica*

Para esta análise transversal decidi produzir um novo gênero textual: a carta. Tal escolha decorre: 1) da necessidade de endereçar diretamente as idéias propostas ao sujeito que motivou as produções; 2) do desejo de realizar este contato por meio da linguagem informal; 3) do desafio á criatividade em realizar tal produção, buscando deixar o texto mais interessante para o leitor, superando um simples relato – tal ação criadora é incentivada pela epistemologia sociopoética.

3.4.1 - Carta à Princesa do Morro Encantado

Fortaleza, 01 de março de 2006

Cara Princesa Esmeralda,

Estou tomando a liberdade de escrever-te esta carta para te contar fato inusitado ocorrido em *Tatajuba* - nome da comunidade que se encontra sobre seu reino, na atualidade. Bem, os povos que lá habitam a beira do mar foram munidos por mim de seu poder real por alguns minutos. Eles foram incumbidos de voltar no tempo e visualizar como seriam os povos do mar. Com isso, surgiram muitos conceitos e a maioria deles refere-se ao encantamento que estes povos teriam com a natureza, os relacionamentos e o espaço em geral.

Exemplo disto é o conceito **riqueza-que-não-se-pode-descrever**, expressando quão grande e incalculável é o valor de Tatajuba por sua natureza e seu encantamento. Também

por isso foi formulado o conceito **tudo-encantado**. Nele está expressa a idéia de totalidade no encanto da comunidade, seja nas águas, na terra ou no ar. E, os povos do local se apropriam dos benefícios deste encanto, sendo por ele protegido e inspirado. Tal idéia foi expressa pelo grupo no conceito **Encanto-protege**.

Já quando definiu o morro como **Bonito-encantado**, foi declarado que o poder do desencanto do morro seria usado para reencantá-lo, pois *um morro encantado é muito mais bonito que um desencantado*. No **Morro coisa-mais-linda**, a beleza natural é tanta que se coloca com a mais densa das belezas.

Imagine cara princesa que teve muita gente que visualizou os povos em uma **Tatajuba-dentro-do-morro**. Desta forma, ao invés de inventar novos povos para Tatajuba, alguns preferiram entrar no Morro e conviver com os povos de sua antiga sociedade real. Mas neste conceito, dentro e fora não se opõem, eles estabelecem um diálogo onde os cenários são misturados. Isto se comprova uma vez que muitos idealizaram fora do morro as características de realeza que a mitologia localiza dentro dele. Teve **Asfalto-de-brilhante**, feito em pedras preciosas; **Fadacarruagem**, que eram carruagens como as de contos de fadas e **Casa-palácio**, que trata de imensos palácios reais construídos à beira-mar. Havia ainda a **Preciosidade-desinteressada**, cujos excesso de ouro e pedras preciosas na comunidade faria com que os habitantes encarassem esta riqueza de maneira naturalizada.

Muita imaginação também rompeu o limite da lógica, como na **Tatajuba-colorida**, com areias, casas, carros e comidas de todas as cores. E, também na idéia do **Sapo-nem-medo**, que são sapos que ficariam constantemente pulando por toda a comunidade, mas não causariam medo a ninguém que estivesse protegido em sua carruagem. Houve ainda o **Peixe-enfite**, que tratava de um mar cheio de pequenos peixes que não servem para comer, mas só para ornamentar.

No entanto, cara realeza, nem só de encantos este povo falou, também muito expressaram sobre experiências do cotidiano. Uns lembraram da **Carne-difícil**, que

expressa a dificuldade de se comer carne na comunidade por falta de um açougue, enquanto outros lamentaram a **Duna-cercada**, que mostra como a comunidade vem sofrendo com a especulação imobiliária em volta do cordão de dunas.

Como em toda praia o côco é um importante personagem. Aqui ele formou dois conceitos bem distintos: O **Côcobanho**, que era o desejo de que na comunidade houvesse tanta sofisticação que até os banhos seriam feitos com água de côco; e o **Côcodiversão**, que trata de tocar o instrumento musical do côco para que os povos possam dançar.

Foi também lembrada a necessidade de uma fonte de pesquisa para os estudos com a **Tatajuba-biblioteca**.

No que trata das características dos povos que aqui viveriam, apareceram muitas idéias inusitadas como os **Povos-semi-nus**, que andariam pela cidade sem calçados e quase sem roupas. Criou-se ainda a **Pessoa-colete**, que atravessariam cotidianamente a cidade inundada com um colete, sorrindo para os outros transeuntes que boiavam com seus coletes pelas ruas.

Quanto à aparência das mulheres surgiu a **Mulher-chinesa**, sempre de vestido longo e cabelos negros; a **Mulher-rosto-coberto**, que teria que viver na comunidade sem mostrar o seu rosto e sem dar opinião e a **Feio-nua**, que seria a mulher que deveria está sempre de roupas longas, pois a nudez seria algo feio.

Já entre os homens criou-se o **Homem-gaúcho**, que andaria sob o sol de Tatajuba com roupas gauchescas; o **Homem-biquíni-fio-dental**, que usaria minúsculos biquínis por todo o tempo, trajando também camisolas e realizando todas as tarefas domésticas e maternas; e ainda o **Homem-ensapatado**, que andaria vestido de terno e gravata o tempo inteiro, portando belos sapatos sociais.

Entre as crianças, revelou-se a **Criança-língua-estrangeira**, que deveria desde pequena falar uma língua estrangeira e a **Criança-base**, que seria a saída para a correção dos problemas da comunidade no futuro.

Surgiu também a reafirmação do nome Tatajuba como título imutável da comunidade, para o povo muito forte é **Essenome**. E teve muita gente querendo unir vários desafetos políticos, fundado a **Associações-numa-só**, buscando assim um povo com menos conflitos relacionais que comporiam uma **Tatajuba-harmonia**. Houve ainda a valorização dos ensinamentos que os mais velhos podem transmitir aos mais jovens no dia-a-dia das conversas em frente as casas, na **Calçada-experiência**. Alguns também acharam por bem primorar a **Inocência-dos-moradores**, composta de amor pela natureza e da visão encantada do mundo.

No campo do trabalho também muito se produziu. O conceito mais requisitado foi o **Desenvolvimento-controlado**, no qual os moradores unem o desenvolvimento com a sustentabilidade da natureza e da cultura da comunidade. Mas, também teve gente querendo mandar em tudo e transformar a todos em seus empregados, para este foi criado o conceito **Dono, é claro!**

Alguns andaram imaginando o lucro sem a obrigatoriedade do trabalho, conceituando o **Dinheiro-fácil**. Para outros, a criação de empregos formais é que resolveria tudo, criando o **Emprego-para-todo-mundo**. Quanto ao ramo de trabalho apareceram divergências. Alguns fatigados da pesca e querendo abandoná-la criaram o conceito **Pesca-abandono**, pensando em um trabalho baseado só no turismo, em uma comunidade laboral de **Turismo-unicamente**. Já outros, acham que o tempo abriu novas portas sem fechar as antigas, para estes a Tatajuba será de agricultura, pesca e turismo, fundando o conceito **Agripescaturismo**.

Ó Cara Realeza, como tu pudestes ver, muitos são os caminhos que os povos do mar em Tatajuba podem tomar. A execução de seu mitológico poder na mão dos homens causa tamanha polifonia de desejos que nem mesmo ele pode resolver. Mas, creio que te

encontras feliz ao perceber que os povos de Tatajuba são capazes de imaginar saberes de qualquer natureza a partir de seu mito. Esta, creio, é a maior descoberta desta carta que te envio.

Súditas lembranças
Júnior Od'Odartsem

CAPÍTULO 04

MAR DE MIM

O terceiro dispositivo de produção de dados ocorreu em 01 de outubro de 2005, na quarta oficina, uma vez que no dia 30/ 09 (terceira oficina) o grupo ainda concluía o dispositivo II. Neste dispositivo foram realizadas duas oficinas em um mesmo dia. Às 16h, a primeira delas (4ª no geral) teve como cenário a inspiradora praia de Tatajuba, no pontal da gamboa que fica próxima à entrada da comunidade. E a 5ª, às 19h, foi utilizada para conclusão das análises e aconteceu no Conselho Comunitário. Entre estes momentos houve 30 minutos de intervalo.

A idéia em realizar uma das oficinas em pleno ambiente de praia já havia surgido desde o mês de agosto do referido ano, quando visitei Tatajuba pela primeira vez. Nesta ocasião percebi que as implicações dos sujeitos com o mar poderiam ser potencializadas caso o grupo estivesse em contato direto com ele, envolvendo-se sensitivamente com o ambiente marinho. Achei que seria contraditório estar tão próximo do mar, fazer uma pesquisa envolvendo-o e ficar restrito às quatro paredes de uma sala, afinal, *se o mundo é colorido por que aprender as cores em toquinhos de madeira?* (TIRIBA, 1997).

Então, formulei o dispositivo que denominei de *Mar de Mim*. Este dispositivo visava que os participantes realizassem um banho lúdico, no qual após um relaxamento à beira-mar os co-pesquisadores mergulhariam todo seu corpo nas águas, procurando sentir nele os pensamentos que estavam sendo conduzidos a respeito do conceito “povos do mar”.

No final da terceira oficina (na qual analisávamos o segundo dispositivo) consultei o grupo a respeito da atividade que faríamos no dia seguinte à beira-mar. Houve euforia e curiosidade. Buchichos se espalhavam ao longo da sala. Não adiantei ao grupo o teor do dispositivo em si, mas procurei ouvir os integrantes a respeito de como este momento poderia ser utilizado de maneira a deixá-los à vontade. O grupo então solicitou que na atividade não houvesse mergulho, pois no horário proposto (16 às 18:30h) faz muito vento e frio, sobretudo naquele período do ano (meados de agosto a início de outubro).

Acatando a solicitação do grupo re-planejei a oficina. Foquei um contato com as águas do mar através dos 5 sentidos: tato (pés, pernas, mãos, rostos), olfato, paladar, visão e audição.

Alguns minutos antes das 16h, nós (Raimundinha, Rebeca e eu) pulamos a cerca do quintal de casa rumo a decida das dunas que nos levaria à praia. A imagem que vi do alto da cerca é indescritível pela razão. Um combinado de luz, ventos e cores passeava entre as imagens dos coqueiros, das dunas e do mar. Por alguns instantes parei sobre a cerca para admirar tamanha generosidade da natureza. Tentei comentar este fato com as moças, mas não sabia como expressar tamanha extasia. Olhei para Rebeca e a única coisa que consegui dizer-lhe foi: *Raimundinha tem o mais belo quintal do mundo!!!*

Na praia, eu esperava a chegada dos participantes. Estava com um pouco de receio de que houvesse grande evasão de co-pesquisadores neste dispositivo, pois vários problemas poderiam inviabilizar a vinda dos participantes: a distância, o horário de suas atividades de trabalho, o medo de expor-se diante dos curiosos que - eventualmente - poderiam passar por ali.

Como sempre, o grupo me surpreendeu por sua motivação diante da pesquisa. Pouco a pouco apareciam pessoas descendo das dunas, caminhando pela gamboa, seguindo o curso do mangue. Em poucos minutos já contávamos com o total de 14 participantes.



As atividades desta oficina de produção de dados ocorreram em três fases:

- Primeiramente, Rebeca realizou um trabalho corporal com os participantes na areia. Nesta atividade alongaram o corpo e procuraram aguçar seus sentidos diante do mar; tocando a areia, sentindo o cheiro da

brisa, ouvindo os barulhos do grupo e do mar.

- Em seguida, os participantes foram colocados todos em uma posição de frente para o mar. Havia uma razoável distância entre eles, de modo que somente se concentravam em si e em sua relação com o mar.

Mantendo o olhar fixo no mar, sentindo-o banhar seus pés, os participantes foram centrando suas sensações naquele momento, era perceptível que a maioria estava muito sensibilizada. Então, solicitei que permanecessem de olhos abertos contemplando a imensidão do mar enquanto faríamos mais uma viagem pelo imaginário.



Grupo concentrado no mar para o passeio à imaginação

O sol das 17h brilhava suave sobre nós. As águas migravam rapidamente para o regime de *baixa-mar*. Ali, quatorze corpos-almas que se misturavam à natureza, significando-a. Com todos concentrados, dei alguns passos para dentro do mar e fiquei passeando no intervalo em que as pessoas se encontravam em seu espaço de solitude, sugerindo o seguinte passeio lúdico:

A partir de agora, vamos nos permitir mergulhar profundamente neste momento. Focar nossa energia, nossas lembranças e nossos desejos neste momento presente. Vamos

permitir que todos os nossos sentidos percebam a existência do mar. Ouça o barulho do mar, do vento, da areia voando... sinta o cheiro deste mar, da maresia ... sinta a areia que toca seus pés, o vento que enlaça seu corpo... sinta o gosto do mar na sua boca veja como todos estes elementos se dispõem na natureza, veja no mar aquilo que ele só revela para você...

Pouco a pouco venham caminhando para dentro deste mar [os participantes foram paulatinamente imergindo-se no mar até a altura dos joelhos]. E questione-se...

Como estes sentidos do mar repercutem em mim?

O que eu tenho deste mar? Como ele participa da minha vida? Em que dimensões este mar faz parte de quem sou eu? Que histórias ele me lembra? Que absurdos ele me evoca a pensar? Que medos e desprazeres ele me causa? Que sonhos ele me desperta? Quem sou eu sujeito do mar? Quem somos nós Povos de Tatajuba? O que Tatajuba tem de nós? O que nós temos de Tatajuba? O que os povos de Tatajuba e o mar têm um do outro?

Vamos ficar alguns minutos em silêncio procurando imaginar que imagem pode melhor responder a estas perguntas. Que imagem pode representar os povos do mar a partir de tudo que sentimos e imaginamos aqui!

Encerrado o passeio pelo imaginário, foi iniciada a terceira fase deste dispositivo: a produção.

- Para realizar a produção de saberes, foi pedido a cada participante que escolhesse uma faixa de terreno de praia um pouco distante dos demais para que – neste momento – não houvesse trocas de idéias e cada um pudesse realizar sua escultura baseada em sua concepção pessoal. O tipo de produção demandada era uma novidade em oficinas sociopoéticas, criada por mim exatamente para esta ocasião. Tratava-se de *esculturas de areia*.

Cada participante recebeu espátulas de três tamanhos diferentes para construir sua escultura. Caso necessitassem, também poderiam ser utilizados elementos encontrados na praia. Para tanto, foi dado um tempo de 20 a 30 minutos.



Pôr-do-sol em Tatajuba

As 17h e 30min, o sol preparava-se para abandonar a aurora do dia. Eu e Rebeca agíamos rapidamente fazendo fotos das produções e colhendo depoimentos enquanto ainda havia luz. Estávamos temerários de que as fotos não ficassem boas, uma vez que havia pouca iluminação. As últimas forças do sol já se esvaeciam e o ambiente tornava-se a cada momento mais sombreado. Por sorte, conseguimos ao menos uma foto nítida e clara para praticamente todas as esculturas.

Cada co-pesquisador registrou no gravador o significado de sua escultura, dando-lhe também um título. Ao final de cada depoimento, os co-pesquisadores iam voltando para suas casas, uma vez que nos reencontraríamos às 19h, na Sede do Conselho, para a realização da 5ª oficina, na qual eles partilhariam entre si os conceitos de suas produções deste terceiro dispositivo.

À noite, os co-pesquisadores com muito orgulho de suas produções e já bem mais à vontade para fazer metáforas a respeito delas, partilharam os significados atribuídos em torno de cada escultura. A diversidade lúdica, metafórica, memorial e inventiva destas produções me deixou extasiado. Através delas, o grupo demonstra o ápice do seu potencial filosófico nesta pesquisa.

4.1 – Relato da produção de dados do grupo pesquisador III

A seguir registro como cada um dos co-pesquisadores tematizou e significou sua escultura.

SEU ANTÔNIO

Tema: São José de Ribamar, o Menino do Mar;

Porque São José de Ribamar é o santo que ajuda a gente no mar. E aí, se eu olho pro mar, eu lembro do santo antes de lembrar mesmo do barco. Porque pra mim o mar é a fé, quando eu olho pro mar eu tenho fé.

[não se conseguiu nenhuma revelação nítida das fotos desta escultura]

ANTÔNIA

Tema: as ondas;

Porque a vida da gente é como as ondas a gente passa por altos e baixos e ao mesmo tempo a onda é uma coisa que ninguém destrói, ela está firme. É assim que eu me vejo quando olho pro mar. Eu sou fraca, mas ninguém me destrói porque minha força é ser leve como a onda. E é assim, é nas experiências que a gente vai sabendo em que parte da onda a gente está.

[não se conseguiu nenhuma revelação nítida das fotos desta escultura]

RAIMUNDINHA

Tema: A viagem;



Porque antes quando não tinha carro para fazer esta viagem de Tatajuba à Camocim, eu viajei muitas vezes pelo mar e sofri muito com as ondas imensas quebrando dentro do barco onde eu ia e eu sentia aquele medo e não consegui esquecer. E ficou isso marcado em mim, pois quando você vai pra Camocim de barco por dentro do mar mesmo, a lancha tem que fazer uma curva bem lá fora que as vezes você só falta nem ver a Tatajuba e a gente se encontrava em alto mar com peixes que ficavam pulando junto do barco, Tartarugas e era tão lindo. Era ao mesmo tempo beleza e horror. Eu sofria tanto, mas no mesmo instante eu era feliz. Hoje eu vejo como uma aventura, mas naquele momento era necessidade e era uma grande viagem. Por Deus, parecia que durava uma vida inteira. Em cada momento desses eu me conhecia mais, pois eu via o quanto o mar é mais forte do que eu e isso me assustava. Era uma grande viagem, um momento de medo e poesia.

SEU ANTÔNIO 2 (ANTÔNIO PONTES)

Tema: A pedra

Todo dia eu pego minha canoa bem cedinho e saio pra pescar nela aí nesse lugar. Essa é a pedra onde eu pesco. Essa pedra lembra meu sentimento de prazer de pegar o peixe e levar pra casa.

[não se conseguiu nenhuma revelação nítida das fotos desta escultura]

EDVALDO

Tema: Castelo

Eu fiz por que é de frente pro mar e eu moro nele. É um castelozim que fica de frente pro mar, aí eu trabalho no mar, chego, e essa aqui é minha casa na beira da praia. É um castelozim que eu tenho ele na minha mente. É como se fosse tipo assim... imaginário, mas é real.



ROSILENE

Tema: Jacaré



Porque quando eu vejo o mar, eu lembro dos jacarés assim... eh ... como perigo pra gente tomar banho na praia, né? Porque pode ter jacaré e a gente tem medo. É porque eu tenho mesmo assim uma relação de medo com os bichos do mar.

VICENTE

Tema: Ilha

Porque quando eu cheguei em Tatajuba ela era como uma ilha, difícil de chegar aqui. Aí eu imaginei uma ilha lá no meio do mar. E lá eu fico pescando só pra me divertir. E eu me sinto feliz quando eu to pescando nessa ilha. E quando eu volto pra praia vendo todos os peixes e faço muito dinheiro



FRANCINALDA (PEQUENA)

Tema: Saudade

É muito difícil explicar o que eu coloco nesta escultura, porque o mar para mim é tão importante que eu fico até sem palavras. Se eu tivesse que dizer o que ele é, eu acho que ele seria tudo de bom. Eu não sei nem como explicar. Me dá tanta saudade da minha infância. Quando eu vejo qualquer coisa que pertence ao mar parece até que eu tô vivendo aqueles momentos do passado, até porque



eu já morei aqui bem pertinho desse local. É saudade demais, até na hora do relaxamento me deu vontade de chorar. Se eu durar mil anos o mar estará presente mil anos em mim. Eu tenho muitas lembranças, infância adolescência, minha vida toda tá dentro dele, até porque nesse paraíso eu sinto que tudo pra mim vem do mar. Eu vejo paz nele e também vejo tumulto, mas um tumulto que é bom. Na hora do relaxamento em que você tava falando, eu percebi que o que eu sou, uma parte grande de mim, vem dele. Em qualquer lugar que eu estou se eu demorar muito tempo a saudade daqui aperta. E não é que eu ame assim qualquer mar, eu amo assim o mar de Tatajuba que tem águas encantadas, que nos faz feliz. Quando eu volto pra cá, parece assim que eu entrei no paraíso e só vendo o começo do mar meu coração já acelera, lembro da sorte que é pertencer a este lugar.

HOSANA

Tema: Minha Alma



Esta escultura é minha alma, porque se hoje eu sou Hosana, se hoje eu sou alguém, o mar foi minha base. Olhe eu passei um ano fora de Tatajuba, foram os piores dias de toda minha vida, eu chorava todo dia pra vir pra Tatajuba, pra pisar nessa areia, pra sentir esse vento no meu rosto, pra voltar pois eu pensava que nunca mais eu ia ver isso. Eu queria estar aqui, pisar nesta areia maravilhosa. (choro) E eu pensava: meu Deus, será se eu ainda vou voltar pra Tatajuba? Voltei e hoje eu não saio daqui nunca, pois Tatajuba é minha vida, é meu tudo, minha família, minha casa, tudo, eu não sei nem dizer o que Tatajuba é para mim. Eu não quero que ela se transforme numa grande cidade. E dessa Tatajuba que eu preciso, desse vento despenteando meu cabelo - levando tudo. Essa ... maresia batendo na minha roupa, sabe? É isso! Esse pé no chão, na areia, pegando nela com a mão toda suja. Essa água mágica que me cura por dentro e por fora. O mar é isso, é o mundo, o nosso mundo, o meu mundo, a minha vida, minha Tatajuba. Se eu vou fazer um desenho a primeira coisa que me vem são as dunas, o mar, as nuvens. Sabe... uma época arrumei um namorado.

Pensei: pronto, este é o homem da minha vida! Aí ele me disse Hosana você é muito legal e eu fui embora com ele. Mas, lá só tinha brisa, não tinha vento. E eu sou um ser que precisa de vento forte, de turbulência e emoção. Então, teve uma hora que um vento veio e me disse: Hosana, você é Tatajuba! Por que você é como o vento que vem e desmancha tudo! Qualquer idéia que você tem na cabeça o vento desmancha. Então vi que eu sou Tatajuba mesmo. Deixei ele e voltei pro encanto da minha praia. Porque eu não sou de Tatajuba, eu sou Tatajuba! ... (risos).

Alguns minutos depois Hosana volta e pede para falar mais uma vez:

Se eu não fosse gente, eu seria um peixe ou qualquer bicho do mar. Melhor, eu seria areia que ninguém come! Água! Eu seria alguma parte do mar porque dentro de mim eu sou mar. Eu quero muito ir no alto mar onde o pessoal pesca pra ver o que eu sinto lá, mas nunca me levaram porque eu sou mulher. Besteira, né?

ALZIRA

Tema: Liberdade

Porque eu quis representar a liberdade, a paz, a sorte de termos sido escolhidos pela vida para viver aqui. Nesse pontal em que estamos, eu costumo vir aqui conversar com o mar todos os meus problemas. E é isso ... o mar é essa diversidade. O mar não é uma coisa, são muitas coisas. É bravura, é força, é poder. É motivação de vida.



HERONILDA

Tema: Igreja

Nessa escultura eu to expressado uma igreja na frente do mar, onde a gente viria no final de semana para rezar, agradecer o mar por essa beleza. A lição de vida que ele dá pra gente, indo e voltando, indo e voltando, todo dia sem medo, sabendo arriscar. Eu acho que se a gente tivesse uma igreja na frente pro mar seria lindo. Aí a gente vinha aqui no final de semana, orar, rezar, pedir a Deus que nunca ninguém destruísse o mar nem

Tatajuba ... quando a gente escuta o vento *pero ar* (sic), a gente se sente tão bem, né? Quando ta na *berada* (sic) do mar, né? Assim! Na *berada* da água, a água encharcando os pés. Se a gente tivesse uma igrejainha todo mundo vinha, né? Com umas pedrinhas do mar, uma decoração, tudo que ficasse bonito, né? Que de coisa feia aqui ninguém gosta! Olhando pro mar a gente lembra de tudo que é bom, também do que é ruim, né? Porque o mar é forte e arranca tudo da gente, o bom e o ruim. Mas, se eu tiver estressada e ficar olhando pro mar aqui, eu joga o ruim pra ele e ele leva na onda, né? Só fico com Deus e aproveito a boniteza. Por isso se tivesse uma igreja aqui com um nome dum santo que, um santo que pegasse um nome de mar, né? Em homenagem ao mar, né? Podíamos até fazer nela alguma homenagem pra princesa. Eu acho que seria lindo!



CLAUDIANE

Tema: Amor

Eh... eu acho que aqui ta o amor pela praia, sei lá! Como uma coisa assim que nos ajuda a refletir um pouco sobre nós. Nele tem a tranqüilidade que a gente sente quando vem aqui, mas também tem a violência de matar os peixes, né? Que é a sobrevivência. E eu acho que é uma forma de força, né? Porque o amor é forte. Aqui, neste estátua, tem as dunas, casas e por fora esse coração é o mar que abarca tudo.



CLEILMA

Tema: Coração de búzios



Eu fiz isso pra representar os povos do mar porque pra mim quem mora no mar sabe que o mar é com um espelho do nosso coração. Sem o mar, eu acho que as pessoas que moram aqui não existiriam. Elas seriam outras pessoas.

ANÔNIMO

Tema: Nós

Somos Todos nós em grupo, conversando com o mar sobre quem somos nós, e só!



4.2 – Análise Classificatória dos relatos orais III: *eu mar*

I Imaginário - real	
RAIMUNDINHA	Eu viajei muitas vezes pelo mar e sofri muito com as ondas imensas quebrando dentro do barco onde eu ia e eu sentia aquele medo e não consegui esquecer ... A gente se encontrava em alto mar com peixes que ficavam pulando junto do barco, Tartarugas. Era tão lindo. Era ao mesmo tempo beleza e horror. Eu sofria tanto, mas no mesmo instante eu era feliz. Hoje eu vejo como uma aventura, mas naquele momento era necessidade e era uma grande

	viagem. Por Deus, parecia que durava uma vida inteira. Em cada momento desses eu me conhecia mais, pois eu via o quanto o mar é mais forte do que eu e isso me assustava. Era uma grande viagem, um momento de medo e poesia.
EDVALDO	É um castelozim que fica de frente pro mar, aí eu trabalho no mar, chego, e essa aqui é minha casa na beira da praia. É um castelozim que eu tenho ele na minha mente. É como se fosse tipoassim ... imaginário, mas é real.
ROSILENE	Porque quando eu vejo o mar, eu lembro dos jacarés assim... Porque pode ter jacaré e a gente tem medo. É porque eu tenho mesmo assim uma relação de medo com os bichos do mar.
PEQUENA	É muito difícil explicar o que eu coloco nesta escultura, porque o mar para mim é tão importante que eu fico até sem palavras. Se eu tivesse que tiver o que ele é, eu acho que ele seria tudo de bom. Eu não sei nem como explicar.
PEQUENA	Eu vejo paz nele [<i>no mar</i>] e também vejo tumulto, mas um tumulto que é bom.
ALZIRA	O mar é essa diversidade. O mar não é uma coisa, são muitas coisas. É bravura, é força, é poder. É motivação de vida.
HERONILDA	Com umas pedrinhas do mar [<i>referindo-se à decoração da igreja</i>], uma decoração, tudo que ficasse bonito, né? Que de coisa feia aqui ninguém gosta ... Olhando pro mar a gente lembra de tudo que é bom, também do que é ruim, né? Porque o mar é forte e arranca tudo da gente, o bom e o ruim.
CLAUDIANE	Nele tem a tranquilidade que a gente sente quando vem aqui, mas também tem a violência de matar os peixes, né? Que é a sobrevivência. E eu acho que é uma forma de força, né? Porque o amor é forte.

II Ser/ Sentir Natureza	
ANTÔNIA	A vida da gente é como as ondas. A gente passa por altos e baixos e ao mesmo tempo a onda é uma coisa que ninguém destrói, ela está firme... Eu sou fraca mas ninguém me destrói porque minha força é ser leve como a onda. E é assim, é nas experiências que a gente vai sabendo em que parte da onda a gente está.
HOSANA	Eu passei um ano fora de Tatajuba, foram os piores dias de toda minha vida, eu chorava todo dia pra vir pra Tatajuba, pra pisar nessa areia, pra sentir esse vento no meu rosto, pra voltar pois eu pensava que nunca mais eu ia ver isso. Eu queria estar aqui, pisar nesta areia maravilhosa ... É dessa Tatajuba que eu preciso. Desse vento despenteando meu cabelo – levando tudo. Essa ... maresia batendo na minha roupa, sabe? É isso! Esse pé no chão, na areia, pegando nela com a mão toda suja. Essa água mágica que me cura por dentro e por fora. O mar é isso, é o mundo, o nosso mundo, o meu mundo, a minha vida, minha Tatajuba. Se eu vou fazer um desenho a primeira coisa que me vem são as dunas, o mar, as nuvens.
HOSANA	Mas, lá [<i>local onde estava morando com o namorado</i>] só tinha brisa, não tinha vento. E eu sou um ser que precisa de vento forte, de turbulência e emoção. Então, teve uma hora que um vento veio e me disse: Hosana, você é Tatajuba! Por que você é como o vento que vem e desmancha tudo! Qualquer idéia que você tem na cabeça o vento desmancha.
HOSANA	Se hoje eu sou Hosana, se hoje eu sou alguém, o mar foi minha base ... Porque eu não sou de Tatajuba, eu sou Tatajuba!
HOSANA	Se eu não fosse gente, eu seria um peixe ou qualquer bicho do mar. Melhor, eu seria areia que ninguém come! Água! Eu seria alguma parte do mar porque dentro de mim eu sou mar.
	Nesse pontal em que estamos, eu costumo vir aqui conversar com o

ALZIRA	mar todos os meus problemas.
HERONILDA	A lição de vida que ele [<i>o mar</i>] dá pra gente, indo e voltando, indo e voltando, todo dia sem medo, sabendo arriscar... ... quando a gente escuta o vento pero ar, a gente se sente tão bem, né? Quando □a na berada do mar, né? Assim! Na berada da água, a água encharcando os pés.
CLAUDIANE	Eu acho que aqui ta o amor pela praia, sei lá! Como uma coisa assim que nos ajuda a refletir um pouco sobre nós.
CLEILMA	Sem o mar, eu acho que as pessoas que moram aqui não existiriam. Elas seriam outras pessoas.
PEQUENA	Se eu durar mil anos o mar estará presente mil anos me mim. Eu tenho muitas lembranças, infância adolescência, minha vida toda ta dentro dele, até porque nesse paraíso eu sinto que tudo pra mim vem do mar.

III	
Mar – Sentimento e Pertencimento	
ANTÔNIO PONTES	Essa pedra lembra meu sentimento de prazer de pegar o peixe e levar pra casa.
VICENTE	Quando eu cheguei em Tatajuba ela era como uma ilha, difícil de chegar aqui. Aí eu imaginei uma ilha lá no meio do mar. E lá eu fico pescando só pra me divertir. E eu me sinto feliz quando eu to pescando nessa ilha. E quando eu volto pra praia vendo todos os peixes e faço muito dinheiro.
PEQUENA	Me dá tanta saudade da minha infância [<i>no momento em que olha pro mar</i>]. Quando eu vejo qualquer coisa que pertence ao mar parece até que eu tô vivendo aqueles momentos do passado, até porque eu já morei aqui bem pertinho desse local. É saudade demais, até na hora do relaxamento me deu vontade de chorar.
PEQUENA	O que eu sou, uma parte grande de mim, vem dele [<i>do mar</i>]. Em qualquer lugar que eu estou se eu demorar muito tempo a saudade

	daqui aperta. E não é que eu ame assim qualquer mar, eu amo assim o mar de Tatajuba que tem águas encantadas, que nos faz feliz. Quando eu volto pra cá, parece assim que eu entrei no paraíso e só vendo o começo do mar meu coração já acelera, lembro da sorte que é pertencer a este lugar.
HOSANA	Uma época arrumei um namorado. Pensei: pronto, este é o homem da minha vida! Aí ele me disse, Hosana você é muito legal e eu fui embora com ele ... Eu pensava: meu Deus será se eu ainda vou voltar pra Tatajuba? ... Voltei e hoje eu não saio daqui nunca ... Deixei ele [<i>o namorado</i>] e voltei pro encanto da minha praia ... Então vi que eu sou Tatajuba mesmo ... pois Tatajuba é minha vida, é meu tudo, minha família, minha casa, tudo, eu não sei nem dizer o que Tatajuba é para mim. Eu não quero que ela [<i>Tatajuba</i>] se transforme numa grande cidade.
HOSANA	Eu quero muito ir no alto mar onde o pessoal pesca pra ver o que eu sinto lá, mas nunca me levaram porque eu sou mulher.
ALZIRA	Porque eu quis representar a liberdade, a paz, a sorte de termos sido escolhidos pela vida para viver aqui.

IV	
Mar – fé / Mar – espelho do coração	
SEU ANTÔNIO	Se eu olho pro mar, eu lembro do santo [<i>referindo-se a São José de Ribamar</i>] antes de lembrar mesmo do barco ... pra mim o mar é a fé, quando eu olho pro mar eu tenho fé.
HERONILDA	Nessa escultura eu to expressado uma igreja na frente do mar, onde a gente viria no final de semana para rezar, agradecer o mar por essa beleza ... A gente vinha aqui no final de semana, orar, rezar, pedir a Deus que nunca ninguém destruísse o mar nem Tatajuba ... se a gente tivesse uma igreja todo mundo vinha, né?
	Se eu tiver estressada e ficar olhando pro mar aqui, eu joga o ruim

HERONILDA	pra ele e ele leva na onda, né? Só fico com Deus e aproveito a boniteza. Por isso se tivesse uma igreja aqui com um nome dum santo que, um santo que pegasse um nome de mar, né? Em homenagem ao mar, né? Podíamos até fazer nela alguma homenagem pra princesa.
CLAUDIANE	Aqui nesta estátua tem as dunas, casas e por fora esse coração é o mar que abarca tudo.
CLEILMA	Eu fiz isso [<i>coração de búzios</i>] pra representar os povos do mar porque pra mim quem mora no mar sabe que o mar é com um espelho do nosso coração...

4.3 – Categorias e Conceitos

Categoria I “Imaginário – real”
<p>01. Eu viajei muitas vezes pelo mar e sofri muito com as ondas imensas quebrando dentro do barco;</p> <p>02. A gente se encontrava em alto mar com peixes que ficavam pulando junto do barco, Tartarugas;</p> <p>03. Era tão lindo. Era ao mesmo tempo beleza e horror. Eu sofria tanto, mas no mesmo instante eu era feliz ... parecia que durava uma vida inteira;</p> <p>04. . Em cada momento desses [<i>de viagem pelo mar</i>] eu me conhecia mais, pois eu via o quanto o mar é mais forte do que eu e isso me assustava. Era uma grande viagem, um momento de medo e poesia;</p> <p>05. É um castelozim que fica de frente pro mar [<i>referindo-se à escultura da figura nº x</i>], aí eu trabalho no mar, chego, e essa aqui é minha casa na beira da praia;</p> <p>06. É como se fosse [<i>o castelo</i>] tipoassim ... imaginário, mas é real;</p> <p>07. Porque quando eu vejo o mar, eu lembro dos jacarés assim ... porque eu tenho mesmo assim uma relação de medo com os bichos do mar;</p>

08. O mar para mim é tão importante que eu fico até sem palavras. Se eu tivesse que dizer o que ele é, eu acho que ele seria tudo de bom. Eu não sei nem como explicar;
09. Eu vejo paz nele [*no mar*] e também vejo tumulto, mas um tumulto que é bom;
10. O mar é essa diversidade. O mar não é uma coisa, são muitas coisas. É bravura, é força, é poder. É motivação de vida;
11. Tudo que ficasse bonito [*na decoração da igreja à beira-mar*] Que de coisa feia aqui ninguém gosta!
12. Olhando pro mar a gente lembra de tudo que é bom, também do que é ruim ... porque o mar é forte e arranca tudo da gente, o bom e o ruim;
13. Nele [*mar*] tem a tranqüilidade que a gente sente quando vem aqui, mas também tem a violência de matar os peixes ... que é a sobrevivência;
14. E eu acho que é uma forma de força [*referindo-se ao mar como amor*] porque o amor é forte.

Convergentes/ complementares

04 – 07: ambas enfatizam a relação de medo nos relacionamentos com o mar;

03 – 09 – 12 – 13: em todas salienta-se a idéia de que as dimensões do bem e do mal, em relação ao mar, convivem juntas, sem dicotomias;

12 – 14: enfatizam o mar enquanto fonte de força.

Divergentes

02 e 05: a primeira refere-se aos povos do mar remetendo-se ao ‘alto-mar’, já a segunda remete-se ao ambiente de praia;

01 e 08: a primeira enfatiza a relação de sofrimento com o mar, enquanto a segunda o classifica como ‘tudo que há de bom’.

Ambigüidade:

11: Quando remete-se a frase ‘que de coisa feia aqui ninguém gosta’, fica ambíguo o significado de *aqui*, podendo remeter-se à Tatajuba inventada pela autora ou à Tatajuba do cotidiano. Pode-se ainda interpretar que o *aqui* significaria ambos os tempos, dando uma esticada temporal ao conceito produzido.

Categoria II
“Ser/ Sentir Natureza”

01. A vida da gente é como as ondas. A gente passa por altos e baixos e ao mesmo tempo a onda é uma coisa que ninguém destrói, ela está firme... Eu sou fraca mas ninguém me destrói porque minha força é ser leve como a onda;
02. É nas experiências que a gente vai sabendo em que parte da onda a gente está [*alto e baixo*];
03. Eu chorava todo dia pra vir pra Tatajuba [*quando estava morando em outra localidade*], pra pisar nessa areia, pra sentir esse vento no meu rosto ... esse vento despenteando meu cabelo – levando tudo. Essa ... maresia batendo na minha roupa ... esse pé no chão, na areia, pegando nela com a mão toda suja. Essa água mágica que me cura por dentro e por fora;
04. O mar é isso, é o mundo, o nosso mundo, o meu mundo, a minha vida, minha Tatajuba;
05. Se eu vou fazer um desenho a primeira coisa que me vem são as dunas, o mar, as nuvens;
06. Lá [*local onde estava morando com o namorado*] só tinha brisa, não tinha vento. E eu sou um ser que precisa de vento forte, de turbulência e emoção;
07. Deixei ele [*o namorado*] e voltei pro encanto da minha praia;
08. Um vento veio e me disse: Hosana, você é Tatajuba! Por que você é como o vento que vem e desmancha tudo! Qualquer idéia que você tem na cabeça o vento desmancha;
09. Se hoje eu sou Hosana, se hoje eu sou alguém, o mar foi minha base ...
10. Vi que eu sou Tatajuba mesmo ... eu não sou de Tatajuba, eu sou Tatajuba!
11. Se eu não fosse gente, eu seria um peixe ou qualquer bicho do mar. Melhor, eu seria areia que ninguém come! Água! Eu seria alguma parte do mar porque dentro de mim eu sou mar.
12. Eu [*Alzira*] costumo vir aqui [*pontal de realização da oficina*] conversar com o mar todos os meus problemas;
13. A lição de vida que ele [*o mar*] dá pra gente, indo e voltando, indo e voltando, todo

dia sem medo, sabendo arriscar...

14. Quando a gente escuta o vento pero ar, a gente se sente tão bem, né? Quando □ a na berada do mar, né? Assim! Na berada da água, a água encharcando os pés;

15. Eu acho que aqui ta o amor pela praia ... como uma coisa assim que nos ajuda a refletir um pouco sobre nós;

16. Sem o mar, eu acho que as pessoas que moram aqui não existiriam. Elas seriam outras pessoas;

17. Se eu durar mil anos o mar estará presente mil anos me mim ... nesse paraíso eu sinto que tudo pra mim vem do mar;

18. Eu tenho muitas lembranças, infância adolescência, minha vida toda ta dentro dele.

Convergentes/ complementares:

01, 06, 08, 09, 13, 18 - utilizam metáforas para estabelecer relações entre o mar e suas vidas;

03 - 10 - 11: Em todas o ser humano é colocado como sendo a própria natureza;

08 - 12: Em ambas produz-se a idéia de diálogo entre os seres humanos e a natureza física;

14 - 17: Em ambas enfoca-se a questão da natureza a partir das seunsações.

Divergentes:

03, 10 e 11 divergem de 14: enquanto nas primeiras os autores se colocam no lugar da própria natureza, enfatizando um *ser natureza*; na segunda a autora define a natureza ao nível da sensação externa, enfatizando um *sentir natureza*.

Categoria III

Mar – Sentimento e Pertencimento

01. Essa pedra lembra meu sentimento de prazer de pegar o peixe e levar pra casa;

02. Quando eu cheguei em Tatajuba ela era como uma ilha, difícil de chegar aqui;

03. Imaginei uma ilha lá no meio do mar. E lá eu fico pescando só pra me divertir. E eu

me sinto feliz quando eu to pescando nessa ilha. E quando eu volto pra praia vendo todos os peixes e faço muito dinheiro;

04. Me dá [*sic*] tanta saudade da minha infância [*no momento em que olha pro mar*].

Quando eu vejo qualquer coisa que pertence ao mar parece até que eu tô vivendo aqueles momentos do passado;

05. Na hora do relaxamento me deu vontade de chorar;

06. O que eu sou, uma parte grande de mim, vem dele [*do mar*] ... não é que eu ame assim qualquer mar, eu amo assim o mar de Tatajuba que tem águas encantadas, que nos faz feliz;

07. Em qualquer lugar que eu estou se eu demorar muito tempo a saudade daqui [*Tatajuba*] aperta ... e quando eu volto pra cá parece assim que eu entrei no paraíso e só vendo o começo do mar meu coração já acelera, lembro da sorte que é pertencer a este lugar;

08. Eu [*Hosana*] pensava: meu Deus será se eu ainda vou voltar pra Tatajuba? [*quando passou um período morando fora*] Voltei e hoje eu não saio daqui nunca;

09. Tatajuba é minha vida, é meu tudo, minha família, minha casa, tudo, eu não sei nem dizer o que Tatajuba é para mim;

10. Eu não quero que ela [*Tatajuba*] se transforme numa grande cidade;

11. Eu quero muito ir no alto mar onde o pessoal pesca pra ver o que eu sinto lá, mas nunca me levaram porque eu sou mulher;

12. Quis representar a liberdade, a paz, a sorte [*na escultura n° y*] de termos sido escolhidos pela vida para viver aqui.

Convergentes/ Complementares:

01 e 03 – Ambas salientam a pesca como prazer, diversão;

02 e 04 – Ambas salientam suas memórias acerca da comunidade;

06, 09, 12 – Referem-se ao sentimento dos sujeitos em ‘pertencer a Tatajuba’;

07 e 08 - Enfatizam os sentimentos de saudade de Tatajuba;

Divergentes:

01, 03 – 12 – As primeiras idéias enfatizam experiências dos homens em alto-mar, enquanto na segunda retrata-se a impossibilidade de uma mulher de viajar ao alto-mar;

10 – Esta idéia diverge das demais a partir do ponto de análise, pois enquanto todas as demais tratam de sentimentos e pertencas

	entre os sujeitos e o mar, esta trata do sentimento de manutenção da ordem social vigente.
--	--

Categoria IV	
“Mar – fé/ Mar – espelho do coração”	
<p>01. Se eu olho pro mar, eu lembro do santo [<i>referindo-se a São José de Ribamar</i>] antes de lembrar mesmo do barco ...</p> <p>02. Pra mim [<i>Seu Antônio</i>] o mar é a fé, quando eu olho pro mar eu tenho fé;</p> <p>03. Uma igrejinha na frente do mar, onde a gente viria no final de semana para rezar, agradecer o mar por essa beleza ...</p> <p>04. A gente vinha aqui no final de semana, orar, rezar, pedir a Deus que nunca ninguém destruísse o mar nem Tatajuba ...</p> <p>05. Se eu [<i>Heronilda</i>] tiver estressada e ficar olhando pro mar aqui, eu jogo o ruim pra ele e ele leva na onda, né? Só fico com Deus e aproveito a boniteza;</p> <p>06. [<i>Queria que</i>] tivesse uma igreja aqui com um santo que pegasse um nome de mar ... em homenagem ao mar;</p> <p>07. Podíamos até fazer nela [<i>Igreja</i>] alguma homenagem pra princesa;</p> <p>08. Esse coração [<i>Imagem n° z</i>] é o mar que abarca tudo;</p> <p>09. Eu [<i>Cleilma</i>] fiz isso [<i>coração de búzios</i>] pra representar os povos do mar porque pra mim quem mora no mar sabe que o mar é com um espelho do nosso coração...</p>	
<p>Convergentes/ complementares:</p> <p>08 e 09 – Referem-se ao mar tomando-o por uma noção de Totalidade, capaz de abranger todas as dimensões da vida;</p> <p>04 e 05 – Somente nestes dois relatos aparecem referências diretas a Deus em toda a pesquisa;</p> <p>02 e 03 – O mar é colocado como fonte</p>	<p>Divergentes:</p> <p>01 e 06 – As referências de santos são bem diversos, enquanto o primeiro refere-se a um conhecido santo católico, a segunda hipotetisa a existência de um santo que corporifique o mar;</p> <p>03, 04, 07 – Revelam três sagrados bem divergentes. No conceito 3, o mar é tratado</p>

provedora da fé.	como o próprio sagrado. No conceito 4, atribui-se o papel do sagrado a Deus. Já no conceito 7, o sagrado é atribuído a uma figura da mitologia local: a princesa do morro encantado.
------------------	--

4.4 - Análise Transversal: *maritimidade na Literatura de Cordel*

Para esta análise transversal resolvi lançar mão de um terceiro gênero textual diferente em análises transversais neste trabalho: trata-se do *gênero lírico*, na modalidade popular da Literatura de Cordel. Os motivos para esta escolha são muitos: 1) a dinâmica prazerosa que esta Literatura permite a qualquer assunto abordado, tornando o texto agradável e interessante – como sugere o método sociopoético; 2) o desafio de articular os dados desta pesquisa com alguma matriz do conhecimento popular do Ceará; 3) a busca de alargar minha capacidade literária; 4) a valorização dos conceitos produzidos; 5) a construção de um canal comunicativo popular, de fácil acesso e compreensão para os membros da pesquisa, independente de sua situação escolar.

4.4.1 - Cordel: os Filósofos da Praia-mar

Meus amigos não se avexem
 Venho aqui para lhes contar
 Uma história interessante
 Passada com os povos do mar
 Que fala de um dia
 Em que a Filosofia
 Foi feita a beira do mar

Era um grupo de gente
 Que lá se movimentava

De maneira inteligente
Sempre criava, inventava
E com uma espátula na mão
Tratavam agora então
De uma escultura em construção

Esta dita escultura
Era sobre os *povos do mar*
De modo individual
Cada um começava a criar
Fazendo uma imagem
Que representasse a paisagem
Em sua mente a povoar

Foram muitos os conceitos
Criados neste momento
Teve escultor da fé
E escultor de sentimento
Também fazedor de história
E escavador de memória
Com mito, sonho e lamento

Sobre os conceitos de mar
Surgiu uma multidão
Tinha o conceito **Mar-base**
Alicerce de uma fase
Também **mar-motivação**
E tem o **mar-sentimento**
Mar-fé – sagrado encaminhamento
E **Mar espelho-do-coração**

E Além do **Arrisca-mar**
Que é o mar que sabe arriscar
Também tem o **Arranca-mar**
Que tudo pode arrancar
Limpendo o bom e o ruim
Como no **Mar-dentro de mim**
Onde homem é a casa do mar

Já no **Mar medo-poesia**
Beleza e horror se colocam em sintonia
Não formando uma dicotomia
E no **Mar tudo-de-bom**
Só as boas lembranças dão o tom
Mas se a gente incluir tudo já vivenciado
Vamos ter um mar maior
Que é o **Mar do passado**

E na posição de mestre
Temos o **Mar-lição-de-vida**
Que nos direciona a um norte
Em suas idas e vindas
Enquanto **Mar amor-forte**
Fala de paixão ao oceano
Onde cada morador
O amaria sem engano

Mas o mar também pode ser um **Mar-totalidade**
Onde tem-se o **Mar-meumundo**
O **Mar-nossomundo**
E até mesmo o **Mar-mundo**
No 'eu', no 'nós' e no 'ambiente'

O mar sempre está presente
Da vida é motor-componente
Um **Mar-que-abarca-tudo**

O Mar não é uma só coisa
São muitas coisas
Em heterogeneidade
Foi aí que se criou
O conceito **Mar-diversidade**
Nele o **Mar paz-tumulto**
Abriga guerra e calmaria
Na mesma propriedade

Mas, na calmaria do mar
É preciso se alimentar
Matando os peixes para a sobrevivência
Foi aí que se pensou no
Mar Tranqüilidade-violência
E se dos bichos do Mar medo você tiver
Para lhe representar
Temos o **Mar-jacaré**

Há também o **Pertence-mar**
Onde ao contrário do que se pensa
O mar não é posse do povo
O povo é que pertence ao mar
Como no **Mar-Tatajuba**
Onde o oceano é a própria comunidade
Havendo plena miscigenação entre mar e sociedade

O **Mar-diálogo** é um ótimo terapeuta
Com ele o povo conversa

Ri, reclama, pede e aceita
Inspirações que ele envia
Através de encantamentos
Em sua água sagrada
Formando um mar curandeiro
O Mar água-encantada

E para findar
Tantos conceitos de mar
Temos o **Mar mil-anos-em-mim**
Seja como bom ou ruim
O mar é eternidade
Celeiro de cultura e saudade
Fonte de Espiritualidade
Motivo existencial de um '*mim*'

Porém não foi só conceito de mar
Que esta Filosofia criou
Metaforizando
Muita gente inventou
Definições de sentimentos,
Trabalho, encantamentos,
Natureza e relacionamentos.

Teve gente em **Vidonda**
Comparando a vida a uma onda
Que em seus altos e baixos
È leve, mas indestrutível
Sendo esta **Força-fraqueza**
Sua maior Fortaleza
Onde leveza é o combustível

Ser Natureza também esteve em alta

Teve gente a **Ser-ventoforte**

Que a julgar pela sorte

Turbulência e emoção

Voltou à comunidade

Assumi **Ser-Tatajuba**

E na área do lazer

Temos a **Pesca-prazer**

Que o ato de pescar por puro divertimento

Também bem representado

Em alguns depoimentos

Como eólico representante

Também temos triunfante

O amigo **Vento-mensageiro**

Que percorre o mundo inteiro

Dando recado a qualquer aventureiro

Que se perca do roteiro

Dos caminhos do mar encantante

Quando alguns amam a praia

Fazem auto-reflexão

Gerando aí o conceito

Praia amor-reflexão

Que para além de bucólico

Ambiental e terapêutico

É um emaranhado de paixão

A existência do povo

Ta ligada ao oceano

Sem a presença do mar
Seriam outros seres sem engano
Por isso **Pessoas-mar**
Conceitua este feito
Que só o mar realiza em cada sujeito

Marinhas águas também trazem
Memórias da infância
E fazem
Adolescência e vida adulta
Rapidamente retornar
A isto conceituou-se
Como **Lembrança-mar**

E olhe caro leitor
Ainda vou lhe contar
Que o povo de Tatajuba gosta muito de inventar
Mas, só inventação chique
É que tem lugar por lá
Palácio, pedras preciosas e muito ouro pra decorar
E pra conceituar tamanho gosto erudito
Um conceito de **Tudo-bonito** alguém propôs-se a criar

Estando em Tatajuba como aprendiz
Percebi que **Sofrer-feliz**
Faz parte do encantamento
E que sem nenhum constrangimento
A natureza é força motriz
E que o conceito **Água encanto-feliz**
Reúne mito, mar e sentimento

Pra definir a beleza
Que atravessa os caminhos entre
Sociedade, encanto e Natureza
Significou-se o termo **Boniteza**
E para as águas capazes
De espantar a tristeza
Conceituou-se **Água-mágica**
A tal feito de braveza

Na espiritualidade
Temos o **Santo-mar**
Que não é um santo convencional
É um a ser criado com um nome de mar
Pois só assim ao povo poderia abençoar
E mesmo em sua mitológica realeza
Quando se falou de fé
Foi logo pensado um lugar para a **Sacra-princesa**

E foi neste fim de tarde
Que o povo se esculpiu
Todo tipo de saber
Que sentiu, viu e ouviu
Pensaram os povos do mar
Para-além do seu lugar
Em seu **real-imaginar**
Analisar e sonhar

CAPÍTULO 05

TRANSVERSALIZANDO CONCEITOS: PERCEPÇÕES ANALÍTICAS DO GRUPO PESQUISADOR

Neste capítulo, trago dois momentos de análise do grupo pesquisador: a análise transversal e a contra-análise. Esta última será melhor explicitada no item 5.2, já a primeira passará a ser explicada a partir das linhas abaixo.

Em 02 de outubro de 2005, das 18 às 22h, realizou-se a *análise transversal*, por meio da qual os co-pesquisadores fizeram algumas considerações sobre as produções das oficinas, ou seja, depois da aplicação dos três dispositivos separei todo o material produzido pelo chão: pinturas, textos, fotos ... e a partir destas imagens as pessoas iriam fazer uma análise do ‘todo’ que produziram, transversalizando os conceitos.

É muito importante reiterar que quando me refiro ao termo *análise*, nas reflexões feitas pelo grupo de pesquisa, considero como análise a leitura diversa que os sujeitos fazem das produções realizadas pelo grupo. Em sua gênese, o termo análise significa *quebra / desmonte* e é isso que os participantes fazem ao interpretar os dados, por isso a sociopoética considera estas ‘leituras’ como um momento analítico da pesquisa.

Desta forma, o facilitador deve escolher uma técnica que provoque no grupo uma reflexão capaz de transversalizar as diversas produções coletivas, expondo todo o material para que o grupo se inspire nos dados já existentes.



Equipe analisando o material antes de montar as imagens para a Transversal

No caso desta pesquisa, resolvi utilizar como dispositivo o *Teatro Imagem de Augusto Boal*. Esta escolha deu-se pelo fato desta técnica provocar ‘naturalmente’ uma transversalidade de conceitos, já que aglutina distintas imagens em uma só representação. Além disso, o Teatro de Boal é um recurso muito utilizado em pesquisas sociopoéticas. Outro motivo ainda relevante foi o fato de, nesta pesquisa, não haver trabalhado com teatro em outros dispositivos, já tendo abordado várias outras abordagens artísticas.

Os integrantes foram divididos em equipes de 5 pessoas e cada grupo fez sua produção separadamente, construindo uma imagem imóvel, como sugere a técnica. Em seguida, os outros grupos analisaram cada uma das imagens e o grupo autor declarou suas intenções com tal proposta transversal.

Não me propus a fazer uma análise deste material em categorias, como no caso dos dispositivos, nem haveria cabimento para tal ação, pois o objetivo deste momento é apreender as percepções analíticas do grupo pesquisador, sem interferência do pesquisador oficial.

5.1 - contribuições das *Análises Transversais* feitas pelo grupo da pesquisa.

Este momento aconteceu em única oficina na data e horário inicialmente mencionado. O clima foi de muita integração, brincadeira e ‘lamento’ pelo último dia das oficinas. Os participantes estavam bem relacionados e misturavam depoimentos de seus sentimentos pessoais com nossas atividades. Havia unanimidade quando as pessoas falavam que a pesquisa tinha possibilitado que eles se reconhecessem em diversas potências adormecidas.

Na produção das imagens transversais os grupos se isolaram para a preparação e trouxeram reflexões muito inovadoras. Abaixo descrevo os momentos de explicitação das percepções do grupo.

O item Percepções do Grupão traz a opinião dos outros membro do Grupo Pesquisador sobre a imagem. Já o item Explicitações do Grupo-autor traz as motivações que levaram o próprio grupo a produzir a imagem.

PERCEPÇÕES DO GRUPÃO – IMAGEM DA EQUIPE 01:

- Há dois pescadores, uma canoa e uma vela e ...

Tem a ver com os povos do mar porque mostra a criatividade deles em fazer este imagem, né?

- Eu acho que é porque eles estão lembrando dos desenhos do primeiro dia e repetindo

- Eles estão mostrando o mar da sobrevivência, com o trabalho, mas pode ser também o mar do lazer, né?

- Eu acho que aí é porque os povos do mar são como uma vela, livres.

- Não, menina, eles são como uma canoa, lisos (risos).

- Na verdade, aquilo ali não é uma vela, é uma imagem de santo que eles tão levando pra atrair os peixes, bota a santa pra rezar e chamar os peixes.

- A santa rezar? Você ta é doido, Burica! O povo é que reza pros santos.

- Mas, nesse caso aí a santa é que reza pros peixes ...

- Não, aquilo ali é um peixe grande que tão trazendo pra secar e enfeitar uma casa ...

EXPLICITAÇÕES DO GRUPO-AUTOR: GRUPO I

- Essa imagem tem a ver com os povos do mar porque é uma obra de arte, na verdade, isso aí não é uma ação do dia-a-dia, é a representação de uma ação através de uma obra de arte.

- É uma escultura de um museu dos povos do mar, ou uma coisa assim.

- Também está expressada a inteligência do homem do mar, né? que calcula o sobe e desce das marés, que sabe o local certo pra construir uma casa sem soterrar, que sabe aproveitar do vento pra velejar, né? então esta imagem mostra como o homem do mar constrói sua inteligência junto com o mar.

- Também fala de união, pois aqui as pessoas estão cooperando umas com as outras.

- Eu acho que esta imagem é o mesmo que esta pesquisa está sendo para nós, esse encontro aqui é uma vela da nossa canoa, um incentivo para a gente lembrar o quanto a gente é inteligente ... um momento pra gente lembrar que a nossa canoa não é feita só de madeira, né? Ela é feita de vida. Ela é feita da gente, né? (choro) ... me desculpem, mas é isso que eu estou sentindo.

PERCEPÇÕES DO GRUPÃO – IMAGEM DA EQUIPE 02



Imagem feita pelo Grupo II

- Estão simbolizado a paz, tirando o mastro de uma canoa, é isso?
- Não, não, eu acho que isso aí é só o vazio, não é nada não. Aliás é o próprio nada, é o vazio de informação (em tom de brincadeira). (risos)
- Tem um ali segurando o barco, parece que o barco é que ta navegando nele.
- Não, eles tão pescando.
- Eu não acho não.
- Tão, claro que tão ... essa imagem aí é exatamente a pesca, mas eu não sei do quê.
- Eles tão é cansado, em tempo de cair, se soprar, cai, óia. (risos)

EXPLICITAÇÕES DO GRUPO-AUTOR – GRUPO II:

- Relacionando a vida do pescador com este curso que nós estamos fazendo, onde a gente ta tendo um momento bem reflexivo sobre a vida da comunidade, né? A partir daqui estamos

sentindo mais liberdade pra conversar sobre isso, né? Sobre se expressar sobre a nossa vida cotidiana na comunidade e uma outra forma de ver a vida do pescador, né? A pesca sobretudo, né? E essa paz que a gente vive aqui em Tatajuba por estar próximo e isolado do mundo ao mesmo tempo.

- Nós também estávamos imitando um pássaro porque no mar tem pássaro e nós já falamos tanto de mar e ainda não tínhamos falado de pássaro. E esse pássaro do mar é a paz...

Rebeca pergunta: só tem paz aqui?

Não porque os pássaros também fazem barulho, né? podem roubar a minhoca de quem vai pescar, pode cagar tudo (risos) ... é eu acho que o que vem do mar não é só paz, não! Mas eu prefiro lembrar da paz.

PERCEPÇÕES DO GRUPÃO – IMAGEM DA EQUIPE 03

- Parece uma capela;

- É alguém puxando a corda de uma canoa;

- Tem a ver com os povos do mar porque é uma pessoa com uma arma apontando a alguém pra começar uma briga, como o povo daqui é valente (risos);

- Quer dizer que o homem do mar tem fé, que ele é forte como uma capela, mas só que o teto tá quebrado (risos)...

- É um pessoal garboso, dentro de uma canoa coberta, só charlando e dando tchau pro mar (risos)...

- É porque dos povos do mar, não tem só pescador que vai trabalhar, tem a mão e os filhos que ficam em casa rezando pro mar não estar muito mal e ele voltar bem...

EXPLICITAÇÕES DO GRUPO-AUTOR: GRUPO III

- Surpreendentemente gente, vocês só disseram coisas que a gente não pensou (risos) ... ainda bem, né? que assim aparecem mais idéias. Bem, nós estávamos expressando os mitos que os povos do mar tem, né? nós temos e as outras comunidades também devem ter. Sim, essa é a lenda do morro branco, onde as pessoas fazendo a cobertura representavam o morro encantado, dentro era a princesa e ele representava os nobres que tentavam desencalhar o navio, fazendo força, né? E a princesa lá no centro aflita esperando seu amado, né? Porque eu acho que ela ainda não sabia que ia ser soterrada na hora dessa

imagem... ah coitada!!! (risos) Valha me Deus, eu tenho é medo de fazer essas brincadeiras (mais risos).

5.2 - Contribuições da contra-análise: *desenvolvendo um processo de restituição*

No dia 26 de março de 2006, domingo, das 18 às 22h, aconteceu a oficina de contra-análise desta pesquisa. Nesta ocasião estiveram presentes treze membros do grupo co-pesquisador: Alzira, Pequena (Francinalda), Cleilma, Rosilene, Seu Antônio (Bengala), Burica, Neguim (Edvaldo), Talita, Hosana, Raimundinha, Antônia Hilda, Vicente, José Laurindo.

Minha expectativa para este momento era grande. Desejava saber como o grupo se posicionaria diante de minhas análises. Mais uma vez, Raimundinha e eu deixávamos a Baixa Tatajuba para subir as dunas e encontrar o grupo na sede do Conselho Comunitário. Ao sairmos, encontramos várias crianças da comunidade que nos esperavam na entrada da ponte para nos acompanhar até o local da pesquisa.

Neste dia havia acontecido um acidente com um morador no final da tarde, quando ele andava de *buggy* sobre as dunas. Por isso, alguns membros do grupo co-pesquisador atrasaram sua chegada e a oficina iniciou somente as 18:45.

No início, partilhei com o grupo o sentido deste momento de contra-análise para a pesquisa e iniciamos as atividades. O cronograma seguiu a seguinte ordem:

Inicialmente, coloquei-os em círculos, conduzi um relaxamento corporal e convidei as pessoas a fazer um passeio pelo imaginário de olhos fechados. Então, contei para o grupo uma historinha mitológica que havia se passado há muito tempo atrás, ou seja, contei-lhes a história produzida na análise transversal do dispositivo I (*Philosophus: o mito do mar do norte*).

Em seguida, distribuí-lhes uma cópia do mito. Então, pedi que observassem que haviam palavras em negrito (os conceitos produzidos nas oficinas). Para cada palavra desta, eu havia feito uma pequena cartela, ia mostrando-lhes as cartelas com as palavras e colocando-as em um cesto.

Ainda sem explicar como seriam utilizadas as cartelas com os conceitos, pedi que algum voluntário do grupo se dispusesse a ler, para nós, uma carta endereçada à Princesa do Morro Encantado. Raimundinha disponibilizou-se para tal tarefa. Entreguei as cópias da carta no grupo e nossa voluntária realizou a leitura. Ao passo em que Raimundinha ia lendo os conceitos em negrito que apareciam na carta, eu mostrava para o público a cartela com este conceito e a acrescentava àquelas do cesto. Durante a leitura surgiram muitos risos e alguns comentários do grupo.

Quando a leitura foi encerrada, todos os conceitos que apareceram na carta tinham uma cartela homônima depositada no cesto. Desta forma, o cesto estava ficando lotado e aumentava a curiosidade do grupo sobre a utilização daquele instrumento.

Ainda não era chegada, no entanto, a hora de revelar a utilidade dos conceitos no cesto. Distribuí no grupo cópia do Cordel dos Filósofos da Praia-mar (*Análise Transversal do terceiro dispositivo*), e propus que lêssemos juntos. Eu lia as estrofes ímpares e os membros do grupo se alternariam na leitura das estrofes pares. Assim fizemos e foi maravilhoso o resultado que as palavras do cordel causou no grupo. Fortes emoções guiaram o início de risos e choros dos co-pesquisadores ao lembrarem de seus discursos durante o dispositivo III (mar de mim). Ao final, ruidosos aplausos!!!

Também no Cordel havia conceitos em negrito e, obviamente, também para eles haviam sido preparadas cartelas homônimas que foram depositadas no cesto. Desta forma, o cesto continha todos os conceitos abordados nas três análises transversais feitas por mim.

E então ... o que faríamos com as cartelas no cesto?

Expliquei ao grupo que a sua intervenção contra-analítica seria feita através daquelas cartelas e se daria da seguinte forma: cada pessoa iria ao cesto e escolheria um conceito que quisesse comentar, discordar, perguntar seu sentido ao grupo, complementar etc. Cada um deles, então, poderia procurar dentre os conceitos do cesto aquele que achasse que necessitava de mais explicações. E que, durante o andamento dos comentários do grupo pesquisador, eu também retiraria conceitos do cesto e o comentaria junto com o grupo.

Com todos acordados do procedimento supracitado, iniciamos a “**chuva dos conceitos**”, como assim denominou o grupo.

A primeira a retirar do cesto uma cautela foi Alzira, optando pela faixa com o conceito **escola-comunidade**.

Ao realizar sua opção Alzira justificou sua escolha dizendo “optei por esta cartela porque acho que é muito importante enfatizar que o papel da escola é muito importante para nossa comunidade. Para mim, a escola é um *mar do conhecimento*”.

Os demais entreolhavam-se como se concordassem, mais não se pronunciavam. Então, eu os indaguei: E então, a Escola é muito importante para os povos do mar de Tatajuba?

A tal indagação Pequena respondeu que “Olha, esta pesquisa nos fez descobrir, dentre outras coisas, o quanto a escola é importante para nós. Acho que nenhum de nós nunca tinha se dado conta de como ela é importante. *Eu acho que ser povo do mar aqui é também ser povo da escola*”.

Em seguida, José Laurindo escolheu o conceito **tudo-encantado**. Declarou que tudo em Tatajuba vinha da natureza e como ela é encantada, tudo se envolve no encanto também. Uma vez que para ele “Natureza é tudo, somos nós, o mar, o pensamento. Por isso nos inspira porque é linda. Linda é pouco!!!”

Todos riram e concordaram com o modo exagerado de Seu Laurindo falar e gesticular, olhando para o grupo como se encenasse uma peça teatral.

Na seqüência, Antônia escolheu os dizeres da cartela **Morro encanto-dos-antepassados**. Para tanto, justificou “Gente, eu escolhi esta cartela porque este morro é encantado mesmo e eu vou responder isso contando uma história. Tio Manoel passou 3 dias enterrado no morro encantado, porque ele estava andando em cima da duna e ela se quebrou - ela sempre faz isso no inverno, quando ela fica mais danada – lá ele ouvia e sentia toda a riqueza dos antigos que moram lá, mas não podia ver! Alguns dizem que ele passou só alguns minutos, mas ele conta que foram 3 dias com 3 noites”.

A esta história Hozana complementou “*Quem sabe não é a diferença de tempo que há entre aqui e lá dentro? Aqui podem ter se passado só alguns minutos, mas lá dentro foram três dias. Se é uma civilização encantada pode ter outra forma de contar o tempo, né meu povo?*”.

Ouvindo a história de Antônia e Hozana, retirei do cesto a cartela **riqueza-que-não-se-pode-descrever**, e perguntei ao grupo como era esta história de seus Ancestrais serem membros de uma antiga civilização de nobres e ricos.

Hozana respondeu: “Esta é fácil! Os nossos antepassados são estas pessoas do morro, como a princesa Esmeralda e seus súditos, com muito ouro e pedras preciosas. E é essa *riqueza que fertiliza Tatajuba pra ser tão bonita assim, uma beleza que não se pode explicar, só se pode ver e sentir*”.

“Pessoal, falando nisso, eu acho que aquele momento da pesquisa na praia foi quando eu senti mais forte essa riqueza, eu acho que *aqui o ouro se desmancha em forma de mar*” (Pequena).

Cleilma complementou dizendo: “Eu acho que é por isso que o povo mais antigo daqui é tão inteligente, mesmo sem ter estudado, né? É por conta da raiz nobre!”

Dando continuidade a “chuva de conceitos”, Hozana dirigiu-se ao cesto e retirou a cartela **mar-base**. Declarou ao grupo que havia sido ela quem havia pensado neste conceito durante a oficina feita na praia, em seguida calou-se por alguns segundos emocionada. Então lhe questionei: E então Hozana, o **mar pode ser base**?

“Mas é claro!” – respondeu de súbito. “*A base da vida é aquilo que vem das profundezas. O mar é base porque ele é sustento. O mar é base porque ele é uma mãe, sempre fazendo o papel dele para nos ensinar. E a gente deve pegar o exemplo do mar. Devemos agradecer a Deus por ter vindo para Tatajuba, porque em outro lugar não existe essa base*”. (Hosana).

Neste momento, achei oportuno retirar do cesto uma outra cartela, **mar-espelho-do-coração**, e perguntei ao grupo: **Como seria um mar espelho do coração**?

“É o mar daqui! Aquele que reflete a nossa vida!” respondeu Raimundinha. “*É porque nosso coração é muito grande, né? Aí só no mar deve caber!*” (Talita). “*Talvez seja porque nosso coração é como o mar, tem amor e sangue!*” acrescentou Hozana. O grupo pediu que ela explicasse o que quis dizer com “amor e sangue”, mas ela não quis responder. Finalmente, Vicente – até então calado – declarou que “*Pode ser assim, espelho mostra aquilo que não se pode esconder, né?*”.

Qual seria resposta certa? – indagou Talita ao grupo que ria.

Todas!!! – respondeu Pequena. E os risos se intensificaram.

Em seguida o pescador Burica escolheu a cartela **mar medo-poesia**, dizendo: “Eu acho que esta poesia tem a ver com *a música dentro do mar*”.

Explica isso pra gente Burica! (pediu Raimundinha).

“Eu acho que essa tal de poesia acontece quando a linha ta correndo na água e faz um som que parece que tá rasgando a água. *A linha correndo na mão e a água cantando!*”

“E também o barulho do vento na rede quando ta no mar é uma coisa que o povo aqui na terra não tem como saber, eu nem posso explicar, mas é um som emocionante”!
[Bengala – pescador].

E o medo? (perguntei!)

“O medo é porque a onda é bonita, mas é violenta” [Hozana]

“Eu tenho muito medo do mar porque tenho medo da morte”. [Antônia]

“Se eu estiver sozinha no mar, só me banho até a cintura, tenho medo dele me pegar de surpresa”. (Pequena).

Referindo-se ao sentido aglutinado do termo, Raimundinha, a autora, declarou que: “Este mar medo-poesia que eu criei, eu acho que é bem o que aparece no Cordel, sabe? É uma coisa assim de *contemplan o próprio desespero* (risos) ... que era o que eu sentia na minha viagem de barco”.

Dando continuidade, Rosilene retirou a cartela **mar-que-abarca-tudo**, declarando que tinha escolhido esta cartela porque achava que era necessário complementar o sentido deste mar na análise.

“Este pra mim parece com o mar da fé que tem aqui [na pesquisa]. Eu acho que o mar da fé não é bem como tem aqui [no Cordel] não! Ele é maior! É uma proteção divina que vem do mar!” (Rosilene).

Perguntei o que os outros achavam, apareceram para este mar idéias que minha análise até então não contemplava relacionadas à saúde, fertilidade e pescadores em alto-mar.

“O mar abarca tudo porque qualquer problema de quebranto e sentimento manda pro mar que ele resolve... E também tem quem vem de longe só buscar um litro d’água para levar pra curar alguém doente!”. (Pequena)

“Isso é porque a gente fica com a esperança de que volte aquele barquinho tão pequeno que vai se misturar no meio da imensidão”. (Talita)

“E também tem aquela questão da fertilidade, né? Dizem que vem um povo de longe pra se banhar neste mar e é tiro e queda! Mulher que não tem filho fica fértil”. (Antônia)

“Ou também para pegar o cavalo marinho pra fazer chá!” (Pequena).

Ao final desta sessão, Raimundinha fez um comentário que englobou mais um conceito, o **mar-diversidade**, então esta cartela também foi retirada do cesto.

“Gente eu acho que por essa quantidade de coisa é que aqui [no Cordel] tem este mar diversidade. E eu concordo, é mesmo muita coisa que nós estamos descobrindo que tem no mar”.

Continuando os trabalhos de nossa contra-análise, Pequena colheu do cesto uma cartela grande que reunia vários conceitos paradoxais: **Sofrer-feliz/ Tranquilidade-violência/ força-fraqueza**. Declarou que havia tirado estes conceitos mais para perguntar ao grupo a respeito deles do que para comentar. “São coisas muito diferentes” – declarou. “Como isso é possível? Bem, eu acho que é porque *na vida da gente ta tudo misturado, né?* principalmente quando a gente fala do mar”. Evocou os demais a falar sobre isto, ao que disseram:

“É como diz o ditado ‘não há mal que não traga um bem!’” (Hozana);

“Eu concordo com estes conceitos, né? E acho que eles apareceram porque nós falamos enquanto povos do mar, né? E o mar é muita coisa ao mesmo tempo! Se falássemos de outra coisa não apareceriam *tantas contradições casadas*” (Raimundinha).

“*Porque em tudo que é bom tem o ruim, e tudo que é ruim tem o bom*. A pesca – por exemplo - é boa, mas é um trabalho muito duro” (Neguim - pescador).

Aproveitando a âncora surgida no depoimento de Neguim, fui ao cesto e ‘abocanhei três coelhos com uma cajadada só’. Coloquei para o grupo os conceitos **Agripescaturismo**,

Pesca-abandono e Turismo unicamente. Perguntei se o ‘fim da pesca’ anunciado na carta à princesa, realmente poderia acontecer e por quê. Praticamente todos os integrantes quiseram se pronunciar, foi um momento onde a motivação de nossa reunião esteve em alta, muitas e diferentes concepções acerca desta temática foram levantadas:

“Eu acredito que o fim da pesca por aqui está próximo mesmo, mas não porque a gente queira, mas porque não existem mais novos pescadores”. (Hozana)

“Os pescadores que tem são os mais velhos. Os mais novos não querem mais pescar, porque pesca é muito duro! Eu até entendo que eles preferiram trabalhar com turismo, transporte ou coisa assim. Porque para trabalhar com pesca requer muito esforço, por isso os mais novos não pescam mais. E, vai ser muito triste o dia em que nenhum barco sair mais de Tatajuba”. (Burica - pescador)

“Eu também acho que os jovens não querem pescar porque aqui tem pouca gente e com a quantidade de coisas que estão aparecendo para fazer, é fácil ter outra ocupação”. (Seu Antônio)

“Eu tenho passado muitos medos no mar, passam navios enormes quase em cima da gente” (Burica).

“Outra coisa, é que os peixes estão diminuindo por conta do movimento em Jericoacoara, as grandes embarcações, *jet-ski*, as dunas invadindo o mar, essas coisas”. (Neguim)

“Mas, eu tenho esperança que vão existir algumas novidades da tecnologia pra facilitar a vida do pescador e aí, pode ser que a pesca não acabe, e que a Tatajuba possa ser mesmo de agricultura, pesca e turismo” (Raimundinha).

Todos os momentos de conversa até então foram muito prazerosos, o relógio da parede já marcava 22h e as pessoas não estavam preocupadas com o tempo. Fiquei muito contente por perceber que o grupo pesquisador estava muito envolvido na pesquisa e se apoderava dela sem receio.

Os pescadores, no entanto, já se aprontavam para partir, pois no dia seguinte sairiam às 04 horas da manhã para mais uma jornada de duro trabalho com o mar. Então, pedi-lhes que ficassem mais alguns minutos para que eu pudesse tirar do cesto um conceito que gostaria de ver comentado por todos. Tratava-se do conceito **Povos-do-Mar**. Questionei-lhes: porque estas produções que fizemos aqui têm relação com os povos do mar?

Fizeram-se alguns segundos de silêncio, mas na seqüência as vozes competiram para falar.

“Porque falam de nós, foram feitas por nós!” (Pequena)

“Porque se elas tivessem sido feitas por pessoas de outros lugares não iam aparecer tantos detalhes íntimos do mar, né?” (Cleilma)

“Eu acho que é porque quem mora no mar tem um *outro tipo de usar a mente*, né? Assim, mais arejada!” (Rosilene)

“O que nós falamos mostra que *o mar está em nós*. Na nossa família, no nosso sustento, na saúde, no amor, na fé! *A comunidade daqui é uma filha do mar, então nós somos os povos do mar, os filhos da filha* – entenderam ... (risos). Se estão rindo, entenderam!!!” (Hozana)

“Eu acho que tudo que nós fizemos não foi falando de uns povos do mar, não! Foi falando de nós, povos do mar” (Burica).

“Pra mim o mar é nossa tradição por isso tudo que nós dissemos são lembranças do mar, né?” (Seu Antônio)

“Querendo ou não temos o mar em nós onde a gente for. Então, aquelas pinturas refletem os povos que vivem com o mar. E quando a gente leu o cordel, parecia que eu tava vendo o povo daqui! As coisas do dia-a-dia e também as invenções, né?” (Talita)

“É porque o mar é o *coletivo de todos*, né?” (Neguim).

“O mar por ser gigante dá pra quem mora na bera dele a impressão de ser gigante também” (Vicente)

“Gente a este respeito, eu quero dizer uma coisa. Olhe, estes 8 meses em que nós já estamos envolvidos nesta pesquisa nos fez descobrir coisas sobre nós e sobre Tatajuba que a gente nunca iria ousar dizer se não fossem esses encontros. Talvez porque a gente pensasse que fosse besteira, que não fosse tão importante! Ou talvez porque a gente já viva tanto isso que não precisaria falar, escrever, pintar e – olhe só – até fazer estátua na areia da praia pra falar de nós mesmos. Gente, eu fico muito agradecida ao grupo, e lamento que nem todos tenham vindo hoje. Eu queria também agradecer ao Júnior que eu acho que a gente só fez tanta coisa boa porque ele soube abrir o espaço, provocar, se ele não fosse um pesquisador danado isto não teria sido assim, tão rico. Bem, então, é por isso que eu acho que nossos encontros tem a ver com os povos do mar, porque **o mar estava tão intenso dentro de nós que quando a gente foi provocado o mar saiu, e transbordou por todos os lados**”. (Raimundinha).

“Eu penso que o que nos faz mais ser povos do mar é porque nossos pensamentos e sentimentos tem influência do mar, né?” (Alzira)

As 22:15 os 3 pescadores saíram, propus aos outros 10 integrantes do grupo que continuássemos. Todos aceitaram e seguimos noite à dentro.

Antes de continuarmos a comentar as cartelas, Seu Laurindo perguntou:

- Posso falar uma coisa?

Com a cabeça assinalei que sim!

- Eu acho que ta faltando aqui nestes papéis [nas análises] a outra parte da cultura de Tatajuba. Porque aqui só aparece o boi-bumbá, reizado, essas coisas mais do povo... mas, aqui também tem o curso de música, né? O povo que toca violino, flauta, canta umas músicas diferentes, eu acho isso tão bonito... (José Laurindo)

Outros integrantes do grupo motivados por esta colocação também se pronunciaram:

- Eu também senti falta disso aqui [nas análises] não tem como falar dos povos do mar de Tatajuba sem falar de um dos seus grandes diferenciais que é a Escola de Música Erudita que não existe quase em lugar nenhum. Nem Camocim tem uma escola com tantos instrumentos, coro lírico, maestro... tudo isso que a gente tem aqui (Hozana).

- E olhe, para ver como esta história do curso de música tem tudo a ver com nosso sentimento pelo mar, a nosso grupo de cantoras se chama: *Beijo do Barranco*, porque o beijo do barranco é exatamente aquele local no fundo do mar que a praia quebra pra vir o alto-mar... (Pequena)

- Gente, eu ainda quero falar sobre esta questão, porque quando a gente foi fazer o projeto pra solicitar o financiamento da empresa pro coro, pros instrumentos, pro curso como um todo, as pessoas com quem eu conversava fora daqui criticavam muito, dizendo que isto não tinha nada a ver com a nossa cultura... que a gente devia era fazer um projeto de cantiga regional, reizado, essas coisas... Mas, a comunidade tinha esse sonho de estudar música, com partitura, maestro, essas coisas... então, a gente começou, todo mundo gostou e está sendo um sucesso, né? E eu acho que hoje a gente também canta música popular, mas a partir de todo um estudo da música... e eu acho que isso foi muito bom. **Bom pra gente ver que o que a gente quer não tem que ser obrigatoriamente aquilo que as pessoas lá fora acham que a gente tem que querer, que a nossa cultura é a gente quem faz.**

Dando continuidade, Raimundinha retirou a cartela **Ser-Tatajuba** do cesto e disse que havia tirado aquele ponto mas, não queria comentar, preferia ouvir os colegas.

Hozana, então, falou: Ser-Tatajuba é porque, na verdade, *Tatajuba é um milagre!* Porque olhem só, um lugar mais antigo que todos os outros, com um reino embaixo de um morro, uma natureza toda encantada. *O povo daqui está ilhado em relação ao mundo, mas não é um povo ignorante, não! É extremamente inteligente. Todo mundo que nasceu aqui mesmo, você pode sair perguntando coisa aí pela rua que é um povo que tem sabedoria, educado. Aqui nós não somos interior, nem capital.* (Hozana).

E o que são? [perguntei no instante!]

Eu acho que aqui é uma ilha de prosperidade, sem classificação por que não tem nada igual pra comparar! (Hozana)

E quem nosso povo é, eu acho que é exatamente o que Tatajuba é! (Raimundinha).

Eu acho que é porque aqui mesmo tendo problema de dinheiro, casas simples, distância do comércio, dificuldade de transporte ... o povo tem sempre muito orgulho de dizer que é daqui. E, se disser em qualquer lugar que é de Tatajuba o povo de fora também já tem respeito. (Cleilma)

E a aparência dos povos que apareceu aqui, retirei do cesto os conceitos **Povos-semi-nus, Pessoa-colete, Mulher-chinesa, Mulher-rosto-coberto, Feio-nua, Homem-gaúcho, Homem-biquíni-fio-dental, Homem-ensapatado, Criança-língua-estrangeira e Criança-base**; todos relativos aos caracteres das pessoas imaginados pelo grupo para os povos do mar de Tatajuba.

“Isso só mostra como o povo daqui adora invenção, se der corda, as pessoas criam coisas que a gente nunca ia ouvir falar em outro lugar” (Alzira);

“Eu achei interessante (risos) ... é mesmo porque a imaginação aqui é fértil como o povo [falou referindo-se a Pequena e Antônia, grávidas]” (Rosilene)

E porque o povo daqui gosta de inventar? [neste momento retirei do texto a cartela **povo-invenção**].

“Pra provar que pensa muitas coisas diferentes” (Hozana)

“Eu acho que é pra fazer graça” (Vicente)

“Eu penso que é porque todo mundo aqui gosta sempre de ter suas estratégias para explicar as coisas que ninguém pode explicar por completo, como o Morro Encantado e os outros mitos.. aí... só dá invenção mesmo” (Raimundinha).

Às 22:45 olhamos para o relógio e nos assustamos com o adiantado da hora. Os que iriam descer para a Baixa Tatajuba (como eu) começaram a especular como estaria a *Ponte*

Mal Assombrada. Então, por via das dúvidas, demos um abraço coletivo, combinamos rapidamente em transformar esta pesquisa em uma encenação para a comunidade no período das férias de julho e às 22:50h encerramos.

CAPÍTULO 06

FILÓSOFOS DO MAR/ TEÓRICOS DA TERRA

Neste capítulo, tenho o objetivo de relatar os achados da pesquisa de campo a partir da visão de algumas teorias e filosofias. A seleção desta bibliografia teve como parâmetro de escolha atender às necessidades de diálogo geradas pela própria produção de dados na pesquisa de campo. Este momento da pesquisa sociopoética denomina-se *análise filosófica*.

Uma vez que a produção de dados da investigação de campo se mostrou amplamente rica e heterogênea, também necessitarei lançar mão da multirreferencialidade³³ teórica para que possa realizar um debate em consonância com os ‘achados’ da pesquisa.

6.1 – Filosofia, Espaço e Natureza.

Um fato recorrente ao longo de toda a produção de dados da pesquisa de campo é o íntimo *relacionamento sujeito/ natureza*. No grupo de pesquisa, a concepção de natureza afere a lógica do sentido mais habitual, ou seja, se contrapõe à idéia de que a natureza é uma entidade estática e exterior ao homem.

A natureza aqui é apresentada, então, como elemento de composição e funcionamento da vida, onde tudo se situa e a partir da qual muitas outras realidades são significadas. Assim, tanto a paisagem natural como o convívio social dos habitantes e ainda os elementos de sua imaginação, constituem natureza. De acordo com as palavras do próprio grupo de pesquisa, esta natureza comporta uma dimensão *natural/ sobrenatural*.

Para encontrar fundamentos filosóficos capazes de debater tais concepções de Espaço e Natureza, permiti-me uma longa viagem no tempo na leitura da Filosofia de alguns pré-socráticos³⁴ (aproximadamente do séc IV a. C.), pois partilho da idéia que

³³ Multirreferencialidade: utilização de várias referências teóricas, ocasionando a formação de uma teia de debates teóricos em torno do tema. Ver: LOURAU (1975).

A leitura de todos os bons livros é como uma conversa com as pessoas mais ilustres dos séculos passados ... e conversar com as pessoas de outros séculos é quase o mesmo que viajar. (DESCARTES,1996: 9-10).

Assim, ao se fazer uma volta no tempo, é possível encontrar na Filosofia dos pré-socráticos elementos para pensar uma natureza similar aos conceitos trazidos pelos sujeitos desta pesquisa. Para os filósofos deste período (NOVA CULTURAL, 2000a), toda forma de conhecimento teria sua gênese na *physis* [do grego *natureza*] e à natureza não seria somente a fauna e a flora. Aqui o conceito de natureza compreende também a interações que a natureza física realiza com os homens, seus desejos, sonhos e pensamentos.

Há, ainda, na Filosofia pré-socrática, a idéia de associação entre a natureza paisagística (física) e o sagrado. Na idéia da *physis*, não há a formulação de uma significativa dicotomia entre os planos humano e sagrado. Ao contrário, aos deuses são atribuídas responsabilidades cotidianas, bem como ações sociais. Assim como identificamos em Tatajuba o relacionamento entre a humanidade e o sagrado, pode ser evidenciado na natureza, quando *o mar é um privilégio que deus nos deu* [como declara uma co-pesquisadora] , ou em metáforas entre a paisagem e o cotidiano dos homens, como no conceito: *mar-lição-de-vida, Deus-mar, vida-mar e igreja-mar*, ou na passagem a *vida é como o mar, com altos e baixos*.

Há, ainda, outra característica dos pensadores pré-socráticos [esta de cunho mais mitológico], que se apresenta de maneira recorrente entre os povos do mar de Tatajuba. Trata-se da Natureza como ser inanimado. A Filosofia anterior a Sócrates (NOVA CULTURAL, 2000d) tinha menor obsessão pelo racionalismo, uma vez que é a partir da corrente Sócrates/ Platão/ Aristóteles que a Filosofia vai ter a razão e a reflexão como os pontos prioritários do conhecimento filosófico³⁴. Desta forma, entre os pré-socráticos, não era absurdo encontrar elementos míticos na Filosofia, como no caso da natureza inanimada.

³⁴ Denominam-se pré-socráticos os Filósofos que precederam Sócrates. Incluem-se aí pensadores desde os tempos fabulosos dos mitos até os cinco últimos séculos a. C. ver: NOVA CULTURAL. **Os pré-socráticos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2000.

³⁵ A própria denominação “pré-socráticos” é hierárquica, marcando o espaço da Filosofia antes e depois de Sócrates.

Creio que este dado se evidencia em diversos momentos da pesquisa de campo e merece valorosa análise. Contento-me, no entanto, em não fazê-la agora, uma vez que no tópico a diante analisarei este ponto em minúcia.

Há, ainda, outra idéia apontada nos dados que se associa com a Filosofia dos pré-socráticos, que é a de *natureza física como inspiração para as atividades do cotidiano*. Penso que tal noção pode ser encontrada em diversos conceitos, tais como: *igreja-mar*, *Deus-mar*, *natureza-toda-encantada*, *arranca-mar e arrisca-mar*. Em todos estes conceitos, é possível ver a presença da natureza como fonte de inspiração à organização da vida social e psíquica dos indivíduos. No caso dos conceitos *arranca-mar* e *arrisca-mar*, o primeiro trata do mar como potência que arranca do indivíduo tudo aquilo que lhe é desagradável e do qual ele precisa se libertar; enquanto isso o segundo é uma inspiração para a vida social, mostrando que vale a pena tentar, repetir, arriscar.

Como antes mencionado, o conhecimento filosófico que se segue cronologicamente a partir das idéias socráticas situa a razão e a reflexão como pontos centrais da Filosofia. A interpretação mais conhecida desta corrente é aquela, dada por Platão (séc. IV a. C.), de um mundo bidimensional. Ao analisar o potencial filosófico dos conceitos produzidos pelo grupo desta pesquisa acerca da temática *Povos do Mar*, não pude deixar de vislumbrar algumas dissociações do conhecimento produzido em relação à lógica platônica de organização do espaço, da natureza e do sagrado.

Tendo em vista que a Filosofia de Platão é uma das principais referências teóricas de nossas universidades até hoje, considero esta rápida análise extremamente valiosa. Para não ser leviano com a renomada Filosofia de Platão, realizo pequeno apanhado de suas idéias - somente no tocante à relação Filosofia/ espaço/ natureza - antes de pensar as dissociações/ associações com os dados desta pesquisa.

Para Platão (2004), a idéia de espaço é binária. Nesta lógica, o natural e o sobrenatural ocupam mundos bem distintos, em oposição. Ao mundo sensível (natural,

social, cotidiano) cabe a subordinação aos ideais do mundo inteligível (sábio, superior, intocável).

Assim, a idéia platônica de modernidade fundamenta-se, basicamente, em sua divisão da vida em dois mundos (PLATÃO:2004). O mundo sensível (real) onde a essência da vida é formada por cópias de seres e objetos imperfeitos que possuem um equivalente no mundo inteligível (ideal), onde o mesmo ser ou objeto existe em sua plenitude de perfeição.

Desta forma, os indivíduos passam a guiar sua vida de maneira a chegar mais próximos de sua verdade essencial, inatingível, perfeita. Há a necessidade de uma constante evolução da alma para chegar a este nível mais nobre. Este ideal passa, então, a guiar os valores morais, sociais e políticos dos indivíduos, funcionando como mecanismo de controle ideológico e social.

Os indivíduos que não se adaptavam a este processo de busca pela perfeição eram considerados más cópias, recebendo o nome de *simulacros*. Esta ideologia platônica foi amplamente difundida na religião cristã, na universidade e na mídia atual, em virtude do seu sagaz poder de controle e normalização sobre as subjetividades humanas. O filósofo Nietzsche (2004), inclusive, denominava o cristianismo de *um platonismo aplicado ao povo*.

Desta forma, na minha análise, a concepção de espaço e natureza produzida ao longo desta pesquisa encontra outros caminhos para além da lógica platônica. Contrapõe-se à idéia de binarização entre os espaços natural, social e imaginário; como ilustra um dos co-pesquisadores por meio da criação da expressão: *imaginário-real* – que seria algo que segundo o próprio autor do– *é ‘tipoassim’ uma coisa imaginária, mas é real*.

É também por intermédio de outro conceito criado pelo grupo, o de *natural/sobrenatural*, que também observo uma organização da natureza baseada em padrões diferentes da Filosofia platônica. Neste raciocínio, natureza e imaginação se misturam, ocupando um só plano, o de realização da vida. Plano este de Geofilosofia (GALLO: 2003),

no qual o homem e o cotidiano se produzem mutuamente, ao mesmo tempo em que se realizam. Desta forma não há plena oposição entre real/ imaginário, concreto/ abstrato, razão/ emoção. Há a busca do espaço de fronteira, da realidade que se edifica no *entre* (DELEUZE: 1992 e 1998), ou seja, na produção da vida.

Foi possível também observar nos depoimentos dos participantes da pesquisa um interessante aspecto lingüístico que reafirma o sentimento de inter-penetração das várias instâncias de suas vidas. Trata-se da quase inexistência do termo “ou” na fala dos sujeitos da pesquisa de campo. Quando iam articular uma idéia com duas ou mais matrizes conceituais os co-pesquisadores utilizavam quase sempre a conjunção “e”. O bem e o mal, o natural e o sobrenatural, o mar e a comunidade ... reforçando a óptica de integração.

Desta forma, penso que a noção espaço-natureza produzida entre o grupo de pesquisa aponta para outra concepção filosófica, para uma filosofia que entenda o espaço em interação com a sociedade e os elementos da natureza física em um mesmo plano, de produção constante, no qual a imaginação, a invenção e o encantamento estejam em sintonia com o que chamamos habitualmente de ‘realidade concreta’, o cotidiano. Também neste plano a natureza extravasa o plano natural, funcionando como potência filosófica. Trabalho, mito, medo, religião, sonho e desejo não se contrapõem binariamente, mas habitam o mesmo espaço; dialogam formando um caos de informações que se produzem ao mesmo tempo em que se comunicam; um local de interação da ‘paisagem vida’ com a potência filosófica do homem; um campo de *Geofilosofia*.

Gadelha (1998) exprime a idéia de que a Geofilosofia é uma geografia do pensamento, um espaço entre o pensar e o que é pensado. É uma reconcepção do lugar a partir das produções filosóficas que um sujeito qualquer realiza ao se apropriar dele.

O termo *Geofilosofia* é uma das designações utilizadas para definir a produção filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Outros títulos atribuídos à Filosofia desses estudiosos é *Esquizo-análise* ou *Filosofia da Imanência*. Tal corrente filosófica é oriunda

do Movimento Institucionalista Francês³⁶, que trabalha há muito com estudos da Psicossociologia e dos movimentos anarquistas e da autogestão pedagógica.

Dentro no Movimento Institucionalista, alguns teóricos começam *a divulgar com mais intensidade as idéias e ferramentas institucionalistas aliadas a outras vertentes como a foucauldiana e a nietzschiana, representada esta última principalmente por Deleuze e Guattari*. (COIMBRA, 1995:338).

Esta geração do Institucionalismo aborda:

(...) conceitos que abrangem desde uma análise marxista de relação de poder à análise foucauldiana dos micropoderes; do inconsciente restritivo freudiano psicanalítico a uma teoria do inconsciente produtivo de Deleuze e Guattari; castração, repressão, “plus” de repressão, produção de subjetividade. (KHAMKHAGI, 1987:08).

A investigação de todas essas micro-realidades humanas é feita por meio da compreensão de suas realidades moleculares, ou seja, por suas produções no plano de imanência. Segundo Zourabichvili (1994:40), *dans le lexique guattarien, c’était la révolution moléculaire comme condition d’une révolution molaire*.³⁷

Nesta Filosofia, volto a me ater somente às reflexões que norteiam as relações Filosofia/ espaço/ natureza. Para tanto, em Deleuze (1998:51), *A geografia não é menos mental e corporal quanto Física em Movimento*. Desta forma, espaço e natureza são instâncias da subjetividade, uma vez que vida e subjetividade não se diferenciam, já que vida é processo de produção constante e incessante, processo de subjetivação (DELEUZE, 1992).

Fazer filosofia para Deleuze e Guattari, é traçar um plano (cortando o caos) e povoá-lo com os conceitos (pela invenção/ criação).

³⁶ Grande linha de pensamento que influenciou diversas teorias como: a Análise Institucional, a Pesquisa-ação, a Psicoterapia Institucional e a própria Esquizo-análise, dentre outros.

³⁷ Trad (minha): no léxico de Félix Guattari, a revolução molecular é a condição indispensável para o acontecimento de uma revolução molar.

Assim, esta filosofia questiona-se sobre como não perder de vista o movimento, o devir (a diferença, o acontecimento, a variação diferencial complexa), as multiplicidades intensivas e a complexibilidade do real (da vida, da sociedade), seja quando pensamos (Filosofia, Arte, Ciência), seja quando agimos, criamos, trabalhamos, enfim, quando vivemos? Também, como não perder de vista a imanência? Como não nos desgarrar da vida e da realidade que efetivamente temos, desse plano que concretamente nos constitui, desse plano no qual, desde o qual e através do qual nos tornamos o que somos, pensamos como pensamos, agimos como agimos, sentimos como sentimos? Em suma: como podemos nos reapossar do mundo? Pois nos destituíram dele...

Dentro desta compreensão geofilosófica, dois conceitos da teoria *deleuziana e guttariana* são importantes quando pensamos a relação espaço/ natureza: *rizoma e devir*.

Rizoma³⁸ é um conceito que espelha em si esta nova lógica de concepção do espaço, uma vez que se constitui na perspectiva de uma rede submersa em cada conceito que se encontra com todos os outros. O rizoma é uma grande zona de ‘porosidade’ que envolve cada compreensão humana, zona de encontro, na qual os conceitos têm suas matrizes na miscigenação e não na compartimentação. Devir³⁹ - vir a ser – também tem referência com a concepção de espaço que aqui trabalho, uma vez que os *devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas* (DELEUZE, 1998:10).

Desta forma, vejo que as oficinas produziram diversos conhecimentos que apontam para a compreensão espaço/ natureza a partir de uma perspectiva geofilosófica, na qual os domínios do natural, do sobrenatural – bem como diversos outros paradoxos – habitam o mesmo espaço. Conceitos permeados de experiências dos *Povos do Mar*.

³⁸ Ver: DELEUZE e GUATTARI (Op. Cit. 1992; 1998).

³⁹ Ver: DELEUZE e GUATTARI (Op. Cit. 1992; 1998; 2001).

6.2 – Modernidade, ‘Progresso’ e Turismo

Embora o grupo de pesquisa apresente diversas idéias inovadoras no conceito de *povos do mar*, idéias essas que demonstram grande potência para romper a lógica instituída nos ideais da Modernidade, não tenciono realizar uma idealização do grupo de pesquisa.

É óbvio que não se pode diminuir a grande capacidade deste grupo em produzir *linhas de fuga* (FOUCAULT, 2000) no que se refere à concepção que possuem dos povos do mar. Alguns dos ideais progressistas da modernidade, no entanto, que estão muito presentes nas comunidades litorâneas – como a substituição do trabalho braçal pelo turístico, a ‘modernização’ arquitetônica e o reconhecimento internacional – se mostraram também evidentes em alguns depoimentos, alimentando uma busca por aspectos dessa modernidade.

Dentre os Povos do Mar de Tatajuba o desejo de progresso por meio do turismo é um ideal que fascina e amedronta ao mesmo tempo. Junto ao turismo, aparecem desejos de progresso tecnológico e arquitetônico, bem como de novas opções de se ganhar dinheiro. Esta é a única ocasião em que aparecem as palavras ‘moderno’ e ‘modernidade’ nos depoimentos do grupo de pesquisa. Assim, creio ser por demais importante analisar estas relações do ‘progresso’ turístico com os ideais da modernidade.

O termo Modernidade, que se refere à idéia de moderno na Ciência, é evocado nos estudos historiográficos como tendo sua finitude na Revolução Francesa, onde iniciaria a pretensa Idade Contemporânea. A utilização histórico-espacial que faço deste termo aqui baseia-se, sobretudo, em sua formulação como modelo de produção de saberes racionais na Ciência, na Arte, na Filosofia. Seguindo estes referenciais, a Revolução Francesa passa a não significar mais o término da Idade Moderna, mas sim seu apogeu, pois, no que tange à constituição da razão ocidental, *a revolução francesa de 1789, foi a primeira revolução moderna ... marcou o nascimento da modernidade – isto é, de uma época que está em constante formação e reformação diante de nossos olhos*. (KUMAR, 1997: 92).

Desta forma, a Modernidade busca implantar o pensamento de um *rompimento completo com o passado, um novo começo baseado em princípios radicalmente novos*. (KUMAR;1997:91).

Seguindo o percurso da história, temos no final do século XVIII e durante o século XIX a predominância do 'estilo moderno' na produção de conhecimento em todo o mundo ocidental. Este movimento de pensamento tem como fundamentação central a idéia de progresso, de evolução da razão e do conhecimento humano. Busca-se o estado de aperfeiçoamento, onde o homem estará mais próximo da perfeição nas atividades em que realiza ao fazer uso pleno de sua razão. Na razão habita a esperança de progresso, de avanço, e é essa idéia que vai impregnar diversas áreas da produção do saber, como Literatura, Medicina, Educação etc.

Embora este ideário progressista apareça de forma naturalizada, ele nem sempre havia estado como uma questão central do conhecimento humano. Claro exemplo disso pode ser verificado nos séculos que precederam esta forma de leitura da realidade. Neles, a dimensão da decadência e decrepitude humana estava tão presente quanto o ideário progressista. De acordo com Kumar (1997:89-91);

Durante todo o século XVII e maior parte do século XVIII persistiu a idéia de que a decadência e degeneração eram partes tão integrantes da história humana como o crescimento e o progresso... Do século XVII em diante converteram as crenças milenaristas em uma idéia secular de progresso. O milênio tornou-se científico e racional, o alvorecer de uma época de progresso humano infindável na terra. A idéia de progresso, da forma concebida por Kant, Turgot, Condorcet e outros no século XVIII, foi a base da nova idéia de modernidade.

Para os modernos, o conhecimento era uma grandeza que se enriquecia ao ser acumulada ao longo de outros saberes produzidos anteriormente. Por isso, os modernos situam-se como os mais antigos dos povos, pois haviam herdado toda a carga de experiências e saberes dos antepassados teóricos. Como ressaltavam os modernos, *nós*

modernos é que somos os “antigos”, pois fomos nós, e não os que erroneamente chamamos de antigos, que tivemos maiores benefícios com a história mais longa do mundo. (KUMAR; 1997: 88). Esta já era uma idéia do grande estudioso inglês, o empirista Francis Bacon (1860:03), ao argumentar que *se queremos reverenciar a idade, o presente é a mais velha.*

A Modernidade também se caracterizou pela ‘doutrinação’ do saber. Um conhecimento que busca a razão e o progresso sistematizado constitui um belo par com o contexto psicossocial da época, quando observou o apogeu de outro império ideológico: o da religião cristã ocidental. *A modernidade, por conseguinte, é uma invenção da Idade Média Cristã ... o mundo antigo era pagão, o moderno cristão.* (KUMAR:1997,79). Claro exemplo desta associação ideológica está no movimento da Renascença (Renascimento), no qual o saber artístico anterior é considerado como algo morto, enquanto este período que valoriza a razão e a cristianização da arte surge como um momento de ressurreição dos padrões da arte *à la moderne*. Como explicita Kumar (1997:87),

(...) a Renascença, em seu ataque à autoridade dos pensadores medievais e à igreja medieval, formulou novos padrões críticos e racionais que poderiam ser usados contra todas as formas de autoridade intelectual – a dos antigos incluída. E foi isso o que aconteceu no final do século XVII.

Outro importante momento de afirmação dos padrões ideológicos da Modernidade foi a Revolução Industrial que, com a implementação da produção e do consumo em série e o desenvolvimento da tecnologia industrial, impôs seu modo de racionalização a maioria dos povos do globo, disseminando, além de seus produtos, valores culturais, morais e bélicos a serem consumidos por essas populações. De acordo com Kumar (1997:95), o industrialismo *identifica-se com a modernidade no sentido de ter desencadeado no mundo um sistema que está em um estado permanente de crise e renovação.*

É o progresso moderno que atrai as comunidades em busca de melhores situações de conforto, como substituição do trabalho braçal por tarefas que demandem menor esforço físico, aumento do potencial financeiro dos habitantes locais etc.

Desta forma, penso que não há nenhuma instituição⁴⁰ que represente melhor estas características da Modernidade em Tatajuba do que o *turismo*. Este está envolto por uma lógica de progresso que parece gerar fascínio de maneira unânime entre os membros da comunidade.

“Na verdade, Tatajuba está se desencantando porque Tatajuba se desenvolve com mais educação, mais trabalho, turismo. Nós temos a satisfação de dizer que Tatajuba já recebeu pessoas de todas as partes do mundo mesmo sem ter nenhuma grande pousada”. [Citação de um membro do grupo de pesquisa]

De acordo com Coriolano (2003), grande estudiosa da relação espaço/ turismo, o turismo é uma entidade abstrata, que não se realiza por si, sendo eternamente dependente dos desejos e ações individuais e coletivos. O turismo é relação. É produção espacial mediante a relação de venda simbólica do prazer por meio de espaços e situações agradáveis.

Para fazer jus às declarações da comunidade a este respeito, no entanto, reitero o fato de que os co-pesquisadores também apresentaram, eles mesmos, medos e inquietações frente a este ‘progresso’ que o turismo pode trazer para a comunidade.

“Nós temos, até hoje, um turismo que desejamos, um turismo sustentável. Porque qualquer tipo de turismo nós não queremos. Mas claro que isto vem melhorando a qualidade de vida do povo que já tem transporte para se deslocar, maior número de trabalhos”. [Depoimento de um co-pesquisador].

Outros membros do grupo também declararam tristeza por verem que as primeiras grandes pousadas estão sendo construídas agora por estrangeiros e não por nativos. Neste momento, algumas pessoas se encheram de lágrimas.

⁴⁰ Considerando-se este termo na perspectiva da Análise Institucional, ver LOURAU (1975).

Além do turismo, outra situação relatada durante as oficinas de produção de dados revela um certo lamento da comunidade com os impactos do ‘progresso’. Trata-se da chegada da luz elétrica ao local, ocorrida somente em 2000, há seis anos. Com a chegada da luz, veio a popularização da TV na comunidade. A maioria das casas possui aparelho televisor e muitas contam com antenas parabólicas.

Os habitantes declaram que, com a chegada da TV, os encontros noturnos entre amigos ou de vizinhos nas calçadas diminuíram consideravelmente. Houve grande aumento do isolamento das famílias em suas casas, conforme foi indicado pelos próprios moradores no dispositivo II (Mito da Princesa do Morro Encantado).

A mídia, tomada como elemento de satisfação pessoal e coletiva pode ocasionar uma falsa conciliação sujeito-objeto, a partir de sua sedução, o que pode ter como um de seus resultados a segregação social em torno dos elementos midiáticos (SEVERIANO, 2001).

É possível analisar, no entanto, o desejo da comunidade em preservar seu ar bucólico, simples e pacato, procurando não ser ‘engolida’ pela modernização social. Isto se constata por outro evento acontecido a partir da chegada da luz elétrica. A maioria dos moradores se organizou e decidiu solicitar a companhia elétrica que não instalassem luzes nos postes ao longo da comunidade. Pediram que a luz ficasse restrita ao espaço interno das casas e que nas ruas continuasse a pairar a escuridão, pois, só assim, poderiam continuar a contemplar o mistério da noite em Tatajuba e a ver a beleza de seu céu estrelado. Estes Povos do Mar não têm receio de se admitir também como povos contempladores dos encantos e dos mistérios da noite. Como expressa uma moradora em uma discussão do grupo no momento da produção do dispositivo I – os mares do imaginário. Ela disse que a comunidade havia optado por não ter luz nos postes após a chegada da luz nas casas, para que pudessem continuar a apreciar a noite estrelada de Tatajuba.

Fato interessante a registrar, quando se trata de acesso tecnológico na comunidade, é que Tatajuba não possui linhas telefônicas⁴¹, sejam elas fixas ou móveis. A comunicação da comunidade acontece através de três telefones públicos instalados na sede. Apesar disso, nunca escutei reclamação a este respeito, seja durante as oficinas de pesquisa ou fora delas e ao longo dos 12 meses em que frequentei a comunidade, nunca presenciei a existência de filas para acesso ao telefone.

6.3 – Tatajuba e alguns paradigmas contemporâneos

Se é possível identificar a Modernidade na busca pelo progresso técnico de Tatajuba, também não posso negar que, ao longo da pesquisa, apareceram mais dados para questionar o conhecimento moderno do que para afirmá-lo. Um bom exemplo disto foram as concepções de espaço natural e sobrenatural comentados anteriormente, bem como as várias compreensões da natureza.

Além disso, outras perspectivas inovadoras mostradas pelos dados são as concepções de razão e tempo demonstradas pelo grupo pesquisador. Tais concepções demonstram algumas rupturas com a lógica evolucionista da razão moderna.

Na óptica moderna, o motor que propicia o desenvolvimento social é o desejo do homem pelo progresso, pela evolução. Desde Darwin⁴² (2005), a lógica evolucionista tem movimentado o pensamento e a ação humana, sempre buscando a superação técnico-científica. Desta forma, o acesso à tecnologia e a bens industriais e comerciais “de ponta”⁴³ passa a ser tomado como o principal referencial do progresso humano.

⁴¹ Em virtude de sua localização em península marítimo-fluvial e não cobertura por operadoras de telefonia celular. Como estratégia, alguns moradores instalaram antenas especializadas em seus aparelhos celulares, tornando-os fixos para captar o sinal de algumas operadoras móveis que atuam no complexo turístico de Jericoacoara.

⁴² Charles Darwin, um dos mais importantes biólogos da história da humanidade, desenvolveu durante muitos anos estudos sobre a evolução humana e animal. Tais estudos o levaram a elaborar a *Teoria Evolucionista*, que se tornou uma grande referência para os pesquisadores da modernidade. Ver: DARWIN, Charles. **A origem das Espécies por meio da seleção natural**. Tomo II. Coleção grandes obras do pensamento universal, nº 34. São Paulo: Escala, 2005b.

⁴³ Bens de Ponta: expressão coloquial da área de Administração que significa: bens de última geração tecnológica e informacional. Ver: Zilles (1989).

Desta maneira, a razão do homem passa a ter o progresso técnico com principal parâmetro para ‘medir’ a evolução de uma sociedade/ comunidade. A maioria dos co-pesquisadores não analisa o progresso nesta dimensão, deixando espaço para que se possa conceber a razão a partir de uma compreensão ‘plurifacetada’ do homem.

Durante a pesquisa, porém, percebi, de maneira muito intensa, esta visão em um dos co-pesquisadores, uma vez que este declarou – reiteradamente – que, no início,

“Tatajuba vivia uma época de pessoas grosseiras que bebiam muito, brigavam muito, faziam coisas desastrosas. Hoje Tatajuba é vista co outra cara. Nesta época atrasada apareceu a história de uma lenda do morro encantado. Morro Branco, a duna encantada. Dizem que esta duna tinha um barco debaixo, uma princesa encantada e toda uma rica civilização. Isso desperta o interesse das pessoas em conhecer essa duna encantada e procurar desencantá-la para descobrir uma tremenda riqueza que, por acaso, tem debaixo dela. Só que isso é o desencanto da lenda. ... O maior desencanto que nós vamos ter é concreto. A princesa que nós falamos do morro, essa é encantada e já que é encantada ninguém vê. Como ninguém vê também pode não existir. Mas, o que nós temos que desencantar são os valores que têm as nossas paisagens. Os valores que têm as nossas dunas fixas e móveis. Os valores que têm as nossas praias que não são poluídas”.

Com base nestas idéias da racionalidade instrumental e funcional que se estabelecem as principais concepções da razão humana na Ciência. Uma das filosofias mais prósperas nesta área é a de Immanuel Kant (1999a), grande promotora dos ideais do período que se denomina Modernidade. A Filosofia kantiana, em linhas gerais, busca tratar de quatro questões fundamentais:

1. O que posso saber?

Esta indagação trata das relações estabelecidas entre limite e legitimidade. É neste cenário que o grande Filósofo monta os conceitos de *Noumenom e Fenoumenon*.

Em *A Crítica da Razão Pura* (1999a), Kant define que a essência do real, aquilo que as coisas realmente significam, é o que deveríamos chamar de *Noumenom*, enquanto que a sagaz aparência da realidade seria o *Fenoumenom*.

Para sair da mera compreensão do *Fenoumenom* para a elaborada visão do *noumenom*, um indivíduo necessita de uma grande elaboração de sua capacidade de raciocínio, saindo do óbvio (senso comum) para a essência. Para que haja esta passagem evolutiva, o homem necessita de um desenvolvimento, de um direcionamento para o progresso (um dos fatos que mais caracteriza o pensar na Modernidade).

Tal idéia de separação entre *Noumenom* e *Fenoumenom* é, diversas vezes, questionada nos dados apontados pela pesquisa.

2. O que devo fazer?

Esta interrogação tem como objetivo fincar no indivíduo seu quadro de princípios morais, necessários para atingir o progresso citado na primeira indagação. Refere-se às obrigações morais, à organização da vida prática do homem para obter seu progresso. Assim, o homem necessita organizar sua vida prática por intermédio de uma melhor compreensão da razão (KANT: 1999b).

Os tatajubenses põem em questão esta prerrogativa, ao organizar várias instâncias da sua vida com base em sua mitologia e seu imaginário, no entanto, ela se confirma quando se trata do compromisso moral que todo o grupo demonstra com a comunidade, tendo sua defesa como um princípio central.

3. O que posso esperar?

Com esta asserção, Kant evoca o ideário de esperança, um contexto onde se possa incluir, até conhecimentos como o da religião. Para Kant, porém, Deus não é um objeto de conhecimento. Não cabe à ciência substituí-lo nem mesmo discuti-lo, uma vez que Deus é essência e sobre ele não cabe a discussão filosófica, seja ela metafísica, atéia ou empirista.

Em Tatajuba não ‘cola’ esta lógica de que Deus não é objeto de conhecimento e que estaria fora de discussão. Na maior parte dos depoimentos, os habitantes trazem a experiência do sagrado para sua vida cotidiana. A figura de Deus manifesta-se na Mitologia, na representação do Mar, na Igreja e nos santos, bem como, em vários momentos de contato com a natureza.

4. O que é o homem?

Ao contrário do que faz com Deus, Kant não isenta o homem de ser analisado pelo estudo filosófico. Na Filosofia kantiana, busca-se posicionar o homem como objeto de conhecimento. Ao se conhecer e aprimorar a lógica de sua razão prática, evolui (KANT, 1999b). Esta é mais uma idéia do Filósofo que vai se associar bem a outra característica da Modernidade, que é a centralização do conhecimento no homem. Tem-se nele a representação máxima da natureza, uma luz para as trevas da irracionalidade que paira sobre as outras feições da natureza.

Atenção ao tempo é também um destaque da proposta de Kant. Este Filósofo também se tornou uma das principais referências teóricas de Piaget, influenciando-o a ver o sujeito como preponderantemente estruturante, em vez de estruturado. Desta forma, é possível considerar que a razão kantiana chega maciçamente às escolas, tendo Piaget como embaixador. Para Kant as categorias tempo e espaço estão na cabeça do indivíduo.

As produções da pesquisa, por sua vez, demonstram abertura para se questionar um modelo de conhecimento no qual a razão se centre como única possibilidade de conhecimento. A partir daí, penso que os dados rumam a alguns novos paradigmas do conhecimento contemporâneo.

O método utilizado para a produção das oficinas, o método sociopoético, também estimulou a produção de dados que valorizassem os processos de subjetivação, uma vez que na pesquisa sociopoética se estimulam produções que envolvam a imaginação, as técnicas lúdicas, o posicionamento dos indivíduos frente à realidade apresentada e tudo que se constitui enquanto processo, enquanto espaço de polifonia.

Desta forma, dentre os dados produzidos, tornou-se inevitável identificar concepções multirreferenciais, nas quais sujeito, ambiente e imaginação se cruzam; espaços de valorização das diferenças, sejam elas harmônicas ou conflituosas. Logo, surgiram saberes que na academia nós pesquisadores identificaríamos como característicos deste período histórico da Pós-modernidade. Prefiro, no entanto, nomear este período de contemporaneidade, buscando fugir do longo e erigido debate teórico sobre a existência ou não do ‘pós’-moderno.⁴⁴

E, então, quais são alguns destes paradigmas contemporâneos que associo com os saberes da comunidade de Tatajuba?

Em linhas gerais, pensa-se um conhecimento que dialogue com:

- a diversidade (e não com o modelo);
- a imprevisibilidade (e não com categorias prévias);
- as condições de possibilidades (e não com a pureza);
- a implicação (e não com a neutralidade);
- as múltiplas inteligências (e não com a sobreposição da razão);
- a espiritualidade e corporeidade (e não com um homem *intelectualista*, centrado no cérebro e desprovido de corpo e alma);
- a valorização de grupos de atuação microssocial - minorias étnicas, sexuais, raciais e sociais (e não com o combate a categorias macroestruturais);
- a propagação de um conhecimento em rede, interdisciplinar (e não com a compartimentação do saber em áreas estanques);
- a miscigenação entre as várias matrizes do conhecimento - o saber popular, a religião, o mito, a filosofia e a arte (e não com a superioridade da ciência sobre as outras matrizes do saber humano);
- a micro-política e os processos de subjetivação (e não com a percepção excessivamente objetivada do cotidiano); e

⁴⁴ Para acompanhar um pouco deste debate ler: Mito de nascimento e morte da pós-modernidade (ato VII/ cap 07 – Diários de Pesquisa).

- a complexidade como fundamento para a compreensão da realidade.

6.4 – Povos do Mar & Mitologia

Ao longo da pesquisa de campo, o dado que mais me surpreendeu foi a forte presença da *Mitologia* nesta comunidade de povos do mar. Os mitos de Tatajuba⁴⁵ não são somente um adereço da cultura popular, algo para ilustrar outras idéias. Definitivamente, não! Eles são um elemento de primeira grandeza na cultura da comunidade. Estão presentes em toda a história local, desde a ancestralidade – dos grandes reinos – até a atual lógica de organização do espaço e do cotidiano dos sujeitos.

Desta forma, compreender bem o conceito de *mito*, sua disposição teórica e suas formas de diálogo e argumentação, tornou-se um de meus objetivos a partir da pesquisa de campo, uma vez que acredito não ser possível entender o conceito de *povos do mar* em Tatajuba sem que se entenda sua mitologia.

De acordo com Rocha (1999:07-09), *o mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais.*

Já segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2001), o mito pode ser entendido como: *Fato, passagem dos tempos fabulosos; tradição que, sob forma de alegoria, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico; (sentido figurado) coisa inacreditável, sem realidade.*

A partir destas idéias, entendo que o mito é um fenômeno de árdua definição, pois ele *faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido, múltiplo.* (ROCHA, 1999:07). Logo, para se estudar o mito, tem-se que encarar a diversidade da

⁴⁵ Para melhor conhecer a Mitologia de Tatajuba ler: ato XXII, *Mito da Real Sociedade de Tatajuba* / Cap 07 – Diários de Pesquisa.

imaginação humana, bem como suas relações com a história, e os espaços geográfico e sagrado.

6.4.1 – Os Mitos de Tatajuba e as Teorias Mitológicas

Foi em decorrência de tamanha polifonia desta matriz de conhecimento que o mito foi estudado por muitas escolas teóricas, dentre as quais as mais conhecidas são: *a naturalista, a historicista, a animista, a mito-ritualista, a estruturalista e a psicológica*. Faz-se necessário evitar a visão ‘cronologicista’ de que estas escolas se sucederam no tempo. A rigor, elas eram quase que contemporâneas. Todas da virada do século XIX para o século XX.

Depois de algumas leituras e conversas com especialistas da área de Mitologia, analiso que os dados produzidos na pesquisa de campo deste trabalho revelam uma mitologia que não se encaixa especificamente em nenhuma das escolas supracitadas. É evidente, no entanto, a presença de características de cada uma destas escolas nos Mitos de Tatajuba.

No que concerne à Teoria Naturalista, a Mitologia de Tatajuba demonstra robusta associação. Em primeiro lugar, pelo fato de ter a natureza física (paisagem natural) como um dos centros organizadores da vida humana. Em segundo, por ver a natureza social como uma extensão da natureza física. E ainda, pelo fato de remeter os seus mitos aos “tempos fabulosos”, tempos ancestrais nos quais aconteceu a ‘aurora’ da sociedade local. A este respeito, um dos participantes do grupo pesquisador exprime que *esta mitologia vem dos nossos antepassados*.

A Teoria Naturalista, pela sua simplicidade, *transforma os mitos numa espécie de tradução narrativa das mais variadas peripécias das forças da natureza ...seu interesse tinha um cunho poético, teórico e contemplativo*. (ROCHA, 1999:29).

O imaginário mítico dos povos do mar de Tatajuba, no entanto, não se encaixa plenamente na idéia naturalista de mito. Isso decorre primeiramente do fato desta teoria achar que as idéias elaboradas nos mitos são ‘inocentes’, típicas de uma lógica ‘primitiva’. Discordo desta visão, pois os mitos de Tatajuba mostram-se amplamente elaborados e articulados, principalmente, pelo fato de os dados da pesquisa apontarem o *mar* como a principal fonte de inspiração para a produção mítica. No naturalismo, esta centralidade ocorre no Sol ou na Lua. Esta dualidade é, inclusive, o principal ponto de divergência entre os autores da Teoria Naturalista.

Um dos maiores estudiosos da Escola Naturalista do Mito foi *Max Müller* – segunda metade do século XIX – ao defender a noção de que os arianos construíam suas mitologias inspirados no Sol. *Pelo olhar o nascer e do pôr-do-sol. Pela constante e permanente recorrência dos dias e das noites como um drama de luz e escuridão.* (ROCHA, 1999: 30).

Outra importante referência teórica para a Mitologia Naturalista foram os estudiosos da *Sociedade para o estudo comparativo do Mito*, fundada em 1906, na cidade de Berlim. Eles aumentam a rivalidade Sol/ Lua, afirmando que a Lua seria a principal referência da Mitologia ocidental, uma vez que *os ritmos e ciclos lunares serviam como tradução para a existência humana ... suas fases serviam como paradigmas de nascimento, crescimento, morte e ressurreição.* (ROCHA, 1999: 31).

Nesta pesquisa, constato que o mar é a grande referência natural, chegando a receber, dos seus povos, o nome de *mar-base*, ou seja, o mar é a base das referências naturais no local.

Na busca de mais elementos para pensar a Mitologia dos Povos do Mar em Tatajuba, passo a analisar suas fronteiras com a *Teoria Historicista do Mito*. Para esta corrente, a mitologia era um espelho histórico da realidade. Desta forma, a origem do mito não era mais dada ao exercício de diálogo entre o homem e a natureza, mas a um exercício de crônica diante dos episódios históricos. As mitologias egípcia e mesopotâmica (JUNG: 1990) são consideradas por muitos estudiosos como os melhores exemplos de Mitologia de

base histórica. De acordo com Rocha (1999:32), para a Escola Historicista, o mito era tido como relato histórico e a mitologia como conjunto de episódios históricos efetivamente acontecidos. *O mito visto literalmente como registro da história. Não só se difundia historicamente. Ele era a própria história.*

Analisando tais concepções à luz dos dados desta pesquisa, vejo muitas divergências, tais como: a Mitologia de Tatajuba não está presa à história, ao contrário, ela situa-se como ancestral da própria história, pois mistura passado, presente e futuro, em tempos fabulosos.

Há, no entanto, um elemento de aproximação das mitos tatajubenses com a Teoria Historicista. Trata-se do fundamento central de a Mitologia local ser o soterramento da antiga sociedade real de Tatajuba, enquanto que, na história, podemos comprovar que a primeira vila de Tatajuba foi soterrada no final da década de 1970.

Caminho no labirinto dos mitos ainda em busca de novas compreensões para esta pesquisa. Assim, chego aos estudos da *Teoria Animista do Mito*, ou simplesmente *animismo*. Aqui creio encontrar valiosas associações com os dados desta pesquisa, uma vez que esta corrente pressupõe que *todos os elementos da natureza poderiam ser personificados. Toda natureza era capaz de adquirir ... um sentido de animação e personificação.* (ROCHA, 1999:33).

Um dos principais estudiosos do animismo mítico foi o britânico Edward Bunnett Tylor, por meio de sua obra *Culturas Primitivas*, de 1871. Esse autor foi um famoso antropólogo evolucionista da época vitoriana. Suas idéias a respeito dos mitos estavam baseados em seus estudos sobre a religião e a evolução das sociedades “primitivas” (TYLOR, In: SOUSA, E. 2004).

Em Tatajuba, é possível identificar algumas características animistas em seus mitos. As pessoas narram os mitos atribuindo à natureza comportamentos humanos como no caso

da senhora que declarou que ‘o morro me deu uma carreira quando eu desafiei a princesa’ e ‘o mar às vezes fica zangado e invade tudo’.

Esta idéia de valorização do *pensamento ‘absurdo’* no animismo aparece desde a abertura para se pensar uma realidade que se organize tanto a partir do plano cotidiano como da *vivência do sonho, do devaneio, da imaginação*. Isto levaria a *pressuposição de uma vida física e uma outra em diferente nível*. (ROCHA, 1999:33).

Segundo os habitantes de Tatajuba, há uma sociedade inteira embaixo do morro encantado. Quando alguém do grupo quis questionar se caberia, muitos logo responderam que *lá cabe, sim! Pois, o espaço tem outra lógica*.

Creio que os Mitos de Tatajuba, encontram discordância em relação a escola animista, ao não realizar duplicidade na relação corpo/ espírito, pois este era um dos pressupostos do animismo. Discordam ainda, ao ter a natureza por altíssima prioridade e por não considerarem os fenômenos sobrenaturais como uma interpretação infantil sobre a natureza – outra premissa do animismo.

Para o animismo, espiritualidade e mito eram vistos conjuntamente, noutro ângulo de análise destes estudos, por outros pesquisadores, fez surgir outra corrente teórica, para a qual se fazia necessário classificar e hierarquizar as relações entre mito e religião. Tratava-se da *Escola do Mito e do Ritual*⁴⁶. Nesta, creio que podemos analisar – principalmente – dissonâncias com a Mitologia de Tatajuba.

Para a *Escola do Mito e do Ritual*, é obvia a prioridade hierárquica deste sobre aquele. Conforme essa teoria, o mito nasce do ritual, restringindo-se a ser a dimensão falada do rito. Este, por sua vez, caracteriza-se por ser bem mais constante. Logo, desta relação subordinada ao rito, é que nasceria o mito, consoante tal sistema.

⁴⁶ A Escola do Mito e do Ritual tem seus primeiros indícios ainda no século XIX, com os trabalhos sobre religião semita, de Robertson Smith, publicados em 1894.

Nesta pesquisa, as produções apontam outras direções, uma vez que a comunidade não opõe ritual e mito, não sequer as relaciona como pares. E, mesmo quando faz referência a rituais religiosos, não caracteriza o mito como sua *etapa oral*.

O grupo não relaciona mito aos rituais religiosos, embora seja grande a presença de religiosos no grupo, tanto católicos como protestantes, em nenhum momento se refere a mito ou mitologia como uma etapa do ritual religioso.

Há um depoimento que converge para a teoria ritualística. Nele aparece, dentro da relação com a igreja e os santos, um espaço para a princesa da Mitologia, no entanto, ela não é situada numa posição hierárquica inferior a nenhum dos outros elementos sagrados. Se fosse ser estabelecida uma escala hierárquica ... ver-se-ia que é o conceito de mar que se sobrepõem a todos os outros.

Na mitologia dos povos do mar, em Tatajuba, encontram-se ainda algumas associações do mito com a investigação ou trabalho de campo, o que nos remete à associações com a *Teoria Estruturalista do Mito*.

A *Escola Estruturalista do Mito* aparece nos estudos da Antropologia Social. Este sistema tem seu primeiro destaque a partir da obra *A Estrutura dos Mitos* (1955), de Levi-Strauss, e atinge seu auge com a publicação dos quatro volumes do periódico *Mitológicas* (1964-1971). A esta teoria interessa – principalmente – vivenciar a presença da realidade mítica em uma sociedade, a partir de um trabalho de campo, de tal modo que seja possível compreender o funcionamento, a origem e os fundamentos de um mito, ou seja, entender a ‘estrutura do mito’.

Antes dos estudos de Levi-Strauss (1955), o conhecido antropólogo *Bronislaw Malinowski* havia estudado os mitos na perspectiva do trabalho de campo da década de 1920. A própria corrente estruturalista do mito, porém, considera que os trabalhos do Etnólogo craconiano adotaram uma perspectiva extremamente funcional para o

conhecimento mítico. Logo, *assumiu o mito como guia do cotidiano radicalmente pronto a ser usado como 'bíblia' para o funcionamento social.* (ROCHA, 1999:39).

Nos mitos de Tatajuba, é possível ver o mito organizando algumas instâncias do imaginário dos habitantes e da organização social, como: o receio de passar em certos locais, o desejo de prosperidade através do desfecho da profecia ... não vejo – porém - que o Mito tenha como condição primordial sua *função* na vida social, como salienta a Antropologia Social.

Finalmente, identifico em mais uma escola mítica espaço para dialogar com os dados deste trabalho. Trata-se da *Teoria Psicológica do Mito*. Para esta corrente teórica, a questão mítica se desloca, assume novos contornos, modificando as fronteiras de origem e acontecimento. Consoante tal sistema, o mito se interioriza, ou seja, ganha um espaço dentro do ser humano, em sua dimensão psíquica. Assim, o mito passa a ser produto do inconsciente. Lá se origina, se processa e se realiza. Passa, pois, a ser uma forma de expressão do inconsciente, pois *ele passa a ser reflexo de múltiplos movimentos interiores. Próximo do sonho, da fantasia, do devaneio.* (ROCHA, 1999:40).

Os principais representantes desta linha são dois dos maiores nomes da história da Psicanálise: Carl G. Jung⁴⁷ e Sigmund Freud⁴⁸. Os mitos na linha *junguiana* baseiam-se, sobretudo, na idéia de inconsciente coletivo. Este nível do inconsciente se define como a camada mais profunda da mente humana. É a parte da história coletiva humana que se encontra presente nas mentes individuais. Assim, para o psiquiatra e psicoterapeuta suíço (1990), o mesmo conjunto de mitos e símbolos se manifesta em várias sociedades ao longo do Globo. Isto sucede graças ao inconsciente coletivo, que se utiliza da expressão mítica para dar vazão a imagens, figuras míticas e simbologias no interior do homem. Esta expressão ocorre por via de arquétipos⁴⁹ portadores de caracteres mitológicos, justificando a origem e o sentido do mito. Na perspectiva de Rocha (1999:43), *O mito para Jung é uma*

⁴⁷ Ver: Jung (1990)

⁴⁸ Ver: Freud (1972)

⁴⁹ Arquétipo é uma expressão utilizada por Jung para determinar uma espécie de 'impressão psíquica', marca ou imagem psicanalítica do homem. Este termo tem inspiração na filosofia de Santo Agostinho. Ver: NOVA CULTURAL. Santo Agostinho. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova cultural: 2000.

questão de interiores da mente. Ali se origina, ali se manifesta. Reflete-se na exterioridade cultural, nasce na interioridade psíquica. Está expresso em muitos lugares e habita apenas aqui dentro.

Para Ruthven (1997:390), Jung acentuava que suas pesquisas tinham aberto um campo de fenômenos psíquicos, que são as próprias matrizes da Mitologia.

Já na concepção *freudiana*, a idéia de mitologia baseia-se, principalmente, em sua interpretação do mito de Édipo. Para Freud, o mito de Édipo aparece como um modelo do drama existencial humano. *Édipo é equacionado a questão da ambivalência dos sentimentos, da difícil vivência de amores e ódios inconscientes...*⁵⁰ (ROCHA, 1999:50). Para Freud, então, o mito revela todo um entrelaçamento de explicações acerca da existência humana, suas faltas, identificações e registros inconscientes. Ao contrário de Jung, para Freud, o mito centra-se no inconsciente individual e não no coletivo.

Tanto no inconsciente coletivo como individual, é possível encontrar elementos da mitologia tatajubense. Um bom exemplo disso é o fato de que, após o soterramento da comunidade, no final da década de 1970, o medo de ser assolado por esta desgraça passou a fazer parte do inconsciente coletivo dos moradores, assim, como do medo maior de algumas pessoas que estiveram mais envolvidas na ocasião. A partir desta época, a mitologia de Tatajuba se fortalece com *a profecia do soterramento*. Algumas pessoas dizem que a ‘criança que morrerá após ser quebrada a profecia’ será a própria comunidade, ao ser soterrada mais uma vez.

O medo presente no inconsciente coletivo possibilita a elaboração da *Mitologia da Real Sociedade de Tatajuba*, como uma resposta para os desafios da realidade, como uma posição diante do medo, uma explicação *a priori* para lidar com possíveis traumas no futuro. E, ainda, toda a neurose acumulada com este medo é liberada mediante o rigor da profecia, da maldição sofrida pelas personagens ao longo da penosa destruição do reino de

⁵⁰ Complexo de Édipo. ver: Freud (1991).

Tatajuba. O desejo de superar esta situação e ainda se beneficiar dela, como se fora um reverso desta neurose, aparece no benefício a ser ganho com o cumprimento da profecia.

Vejo que são possíveis fartas associações entre estas teorias do mito e a Mitologia de Tatajuba, no entanto, não creio que a mitologia local se reduza a questões dos ‘interiores da mente’, pois acho que ela mistura um pouco de tudo: de adoração à natureza física, de história, ritual, animismo, função social e – por fim –inconsciente coletivo. Ao mesmo tempo, ela também nega algumas especificidades de cada uma destas correntes, não se enquadrando rigidamente em nenhuma delas, sendo difícil de capturar como a vida. Esta é mais uma característica que posiciona o conhecimento de Tatajuba como mítico, uma vez que:

O material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma Mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época. (CAMPBELL, 1997:07).

6.4.2 – A Mitologia de Tatajuba e a epistemologia mitológica

Em busca de compreender a importância do mito para o conceito de *Povos do Mar* em Tatajuba, realizo em seguida algumas associações entre a Mitologia de Tatajuba e o conhecimento mitológico instituído. Para tanto, tomo como parâmetro as principais premissas que fazem um conhecimento ser caracterizado como *Mito*, analisando-as a partir dos dados de minha pesquisa de campo.

Uma das principais premissas do conhecimento mitológico é o fato de que o mito não é objetivo. Ele carrega uma mensagem cifrada, ou seja, não explicitamente dita, não sendo óbvia *a priori*. O mito esconde algum mistério, o que ele diz não possui uma funcionalidade literal.

Esta mensagem cifrada pode ser nitidamente vista nos episódios do mito da ‘Real sociedade de Tatajuba’. Quando os estrangeiros invadem o local, em vez de matá-los, como

manda a profecia, os nativos delegam esta tarefa ao mar. Este, por sua vez, também não cumpre diretamente o que lhe é cabido. Deixa-os ir na condição de jamais retornarem. Os invasores também descumprem parcialmente o prometido, não retornam, mas indicam o caminho a outros. A princesa aceita o pedido de casamento, mesmo sabendo que sua saída poderia destruir sua sociedade. Para que isso não aconteça, ao invés de ficar, ela suplica às forças locais o direito de ir. O príncipe invasor, embora sabendo que não poderia entrar duas vezes no mesmo mar, aceita o pedido de retorno. Para se prevenir, porém, contra a profecia, pede que seus deuses o protejam no mar (porém, é em terra que acontece a tragédia). Nos momentos finais, tanto o príncipe como a princesa pensam em abdicar de seus desejos para impedir a catástrofe, mas não o fazem, esperando por outra solução. Assim, sob minha análise, as personagens sempre fazem uma coisa, quando na verdade querem fazer outra. Ao tentar ‘desatar o nó’ acabam por ‘apertar o nó’ de maneira ainda mais forte, problematizando a narrativa a partir de mensagens cifradas.

Desta forma, o mito precisa ser interpretado. Logo, cada interpretação feita passa a constituir um novo mito, a partir do mito original, pois os mitos são *eternamente elásticos* (SYMONDS, 1890:147). Isto não empobrece a Mitologia - ao contrário - a enriquece, uma vez que *o Mito se deixa eternamente interpretar e esta interpretação torna-se, ela mesma, um novo mito.* (ROCHA, 1999:48).

Tal fato é freqüentemente constatado em Tatajuba, quando falam do *Mito da Princesa do Morro Encantado*, uma vez que a imaginação de cada sujeito adorna o mito com elementos diferentes, acrescentando-o em detalhes.

Outra importante característica do mito é sua relação (ou a ausência desta) com a verdade racional. Se o mito for analisado racionalmente, é possível dizer que o mito não é verdade, tampouco tenciona-se que seja. Partilho das idéias de Rocha (1999:10 - 11), quando o autor declara que *o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso, dado, ou seja, o mito é uma “coisa inacreditável”. Algo “sem realidade”. Em outras palavras: o mito é mentira.*

Isto acontece porque o mito, assim como a vida, possui verdades mais amplas do que a inteligência racional/ funcional. Ruthven (1997:14) assinala que esta é exatamente a força do conhecimento mítico, pois os mitos *conseguem resistir à inteligência*. Lispector (1999:24) assume a natureza do conhecimento mítico na Literatura, quando exprime a idéia de que *Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguirei saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse*.

O fato de o conhecimento mítico não atender à lógica racional aristotélica⁵¹ (2000) é o que mais o desacredita como saber legítimo ao longo da história. Por este fato, Voltaire opinava que, *o estudo dos Mitos era ocupação para estúpidos*. (RUTHVEN, 1997: 15)

Na razão instrumental não há brechas para encaixar um saber contraditório por excelência e que não está preso à cronologia histórica, tampouco nas referências de verdade modernas. Isto acontece porque, *quando o racionalismo prevalece as pessoas se tornam 'sofisticadas' demais para acreditar em mitos, os poderes psíquicos outrora identificados e dominados pelos mitos ficaram perigosamente fora de controle*. (RUTHVEN, 1997:20).

O conhecimento mítico, então, é perigoso para a lógica operativa da razão instrumental, uma vez que *o mito segreda o segredo, enquanto e porquanto não usa a linguagem da inteligibilidade*. (SOUSA, 2004:289). *Mito é silêncio para uma inteligibilidade que o queira levar a sério*. (IDEM, 291).

Em Tatajuba, os moradores não se mostram demasiadamente preocupados com o atendimento dos mitos locais às solicitações da lógica racional. O mito é um saber em si. As pessoas demonstram tranqüilidade em lidar com isso, o que surpreenderia muitos racionalistas inveterados. O mito é na comunidade tão comum à paisagem quanto a natureza. Pode-se até pensar que... *a natureza é mito visível, e mito, natureza invisível*. (SOUSA, 2004:289).

⁵¹ Lógica aristotélica, ver ARITÓTELES (2000).

Desta forma, acredito que uma das maiores riquezas do conhecimento mitológico origina-se do fato de este não estar escravizado à razão instrumental. No mito - a invenção, a memória, o delírio, o sagrado e a história se misturam sem pudor. Esta heterogeneidade de saberes produz uma matriz de conhecimento que não se subordina ao padrão racional, trabalhando outra lógica de concepção do espaço e da história. *Sua “verdade”, conseqüentemente, deve ser procurada num outro nível, talvez numa outra lógica.* (ROCHA: 1999, 10).

Outra característica ainda importante para definir a Mitologia como conhecimento é a idéia de que o mito está localizado em tempos muito antigo, “tempos fabulosos”; em épocas da “aurora” do homem ... fora da história instituída.

Esta é mais uma característica da epistemologia do mito, que se encontra atendida na Mitologia de Tatajuba. O mito da ‘Princesa de Tatajuba’ e de toda sua ‘Real sociedade’ é narrado pelos moradores como fazendo parte de um tempo que não se pode compreender, pois é muito anterior ao passado. Por ocasião da contra-análise um dos co-pesquisadores narrou que alguém da comunidade havia passado três dias soterrado no morro. Muitos dos presentes discordaram, dizendo que não era possível sobreviver três dias lá. Até que uma hipótese levantada por um dos membros do grupo calou a todos: *e se ele tiver passado só algumas horas no tempo aqui de fora, no nosso tempo? Mas, lá dentro foram, dias ou até meses e anos? Pois lá o tempo é bem diferente e o lugar também. É por isso que cabe toda uma cidade dentro do morro!*

Fato ainda relevante de ser registrado sobre o mito nesta análise é a relação entre o conhecimento mítico e o método de pesquisa utilizada: a Sociopoética. Nesta modalidade de pesquisa, confere-se grande valorização ao trabalho com várias matrizes do conhecimento: mito, Filosofia, religião, Arte, Ciência. O mito, sobretudo, é valorizado nos estudos sociopoéticos, por trazer elementos pertinentes ao que se tenciona produzir neste método, como: valorização da imaginação, rompimento das fronteiras racionais, diálogo com a espiritualidade e a ancestralidade. *É o mito que fala quando todas as outras falas já não tem mais o que dizer.* (GAMBINI; 1998:10).

6.5 – Povos do Mar & Educação

Ao longo de todo o processo de realização desta pesquisa, notei como a temática *Educação* era extremamente relevante para se entender o conceito dos *Povos do Mar* em Tatajuba.

Esta presença da educação na vida da comunidade se evidencia em todas as modalidades, desde a *Educação informal*, passando pela *Educação não-formal* até a *Educação formal*.

Tal presença evidenciou-se em diversos momentos das oficinas, tanto explicitamente, em muitas ocasiões, como implicitamente, em algumas outras. Desta forma, faço uma análise seqüenciada de como a temática Educação se revela nos Povos do Mar em Tatajuba a partir das três modalidades retrocitadas.

A Educação informal, para Libâneo (1999:90-91) perpassa *o contexto da vida social, política, econômica e cultural, os espaços de convivência social na família, nas escolas, nas fábricas, na rua ...* Esta modalidade de Educação manifesta-se nos sujeitos a partir de *conhecimentos, experiências, modos de pensar; na determinação de oportunidades e trabalho ... na conformação a modelos de normalidade social, regras de convivência; princípios norteadores de conduta; na adoção de idéias políticas*. Tudo isto repercutindo na formação da personalidade.

Isto significa que a Educação é abordada enquanto forma de ensino-aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos, que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos ou organizações. (GOHN, 1995: 173).

Logo, são estes processos de ensino-aprendizagem que produzem um povo, pois constituem a totalidade de seus elementos cotidianos e simbólicos. No caso dos Povos do Mar, é possível analisar a noção de que é nesta modalidade da Educação que se estabelecem os aspectos peculiares das experiências entre homem e mar; o contato com a

natureza, o reconhecimento e pertença dos indivíduos ao espaço onde habitam, diferenciando os povos do mar de povos da serra, do sertão, da roça e ribeirinhos.

No tocante ao conceito de Educação informal, Sales (2000:111) reitera a idéia de que ela se fundamenta na própria significação do ato de educar, uma vez que:

(...) a educação tem como objeto e instrumento o saber e não só o conhecimento. O saber é o sentir/pensar/agir das pessoas, grupos, categorias, classes sociais. O saber inclui, portanto, a dimensão intelectual, a dimensão afetiva e a dimensão prática. O saber é a cultura.

Libâneo (1999:90) complementa esta idéia ao expressar que nesta modalidade os processos de aprendizagem acontecem a partir do “clima” em que os indivíduos vivem:

(...) envolvendo tudo o que do ambiente e das relações socioculturais e políticas impregnam a vida individual e grupal. Tais fatores ou elementos informais da vida social afetam e influenciam a educação de modo necessário e inevitável, porém não atuam deliberadamente, metodicamente, pois não há objetivos pré-estabelecidos conscientemente.

Já na Modalidade da Educação não-formal, tem-se a intenção de educar, mas não há processos sistematizados e institucionalizados continuamente. Pode ocorrer na escola por meio de feiras, encontros e similares, porém, seu principal *locus* de atuação são os outros espaços destinados à educação de maneira geral, como sindicatos, associações, organizações e, até mesmo, espaços como praças, cinemas, dentre outros. Na Educação não-formal existe *caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas.* (LIBÂNEO, 1999:89).

Em Tatajuba, encontrei várias iniciativas de Educação não-formal ao longo de toda a pesquisa. A localidade conta com três associações comunitárias – já citadas no capítulo 01 – projeto de trabalho com coqueiros, grupos escolares e diversos eventos festivos de

encontro. Como espaços de sociabilidade, há a praça central, duas igrejas cristãs – uma católica e outra protestante – o Laguinho da Torta⁵² e as praias de Tatajuba.

Dado mais curioso no tocante à Educação que foi revelado ao longo das oficinas sociopoéticas coincidiu com as relações dos *Povos do Mar* com a Educação Formal. Esta modalidade de educação é apontada como altamente ligada ao conceito de *Povos do Mar* formulado no grupo de pesquisa.

Segundo Libâneo (1999), Educação formal é aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. É aquela que tem o objetivo de instruir. Nesse sentido, a Educação escolar é o modelo mais próximo deste conceito, entretanto, o ensino com intenção de instruir pode ocorrer em diversos outros espaços não-convencionais.

Outro fator muito mencionado pelo grupo de pesquisa foi a importância da escola. Para além da Educação formal, em linhas gerais, os moradores indicam que em Tatajuba os *Povos do Mar* são também os *Povos da Escola*. Sempre que se fala em sonho, conquista, bem-estar, as pessoas referem-se à escola. E falam dela com muito carinho, dos professores com muito respeito. As professoras presentes também se manifestavam com muito orgulho de seu papel social. Nem mesmo o assunto turismo foi tão unânime quando os moradores se referiam ao futuro, aos sonhos.

De acordo com Matos (2001), em pesquisa de doutorado realizada em várias escolas públicas e privadas, a instituição escolar ainda é fortemente referida como local de sonho, de produção de um sujeito mais digno, de uma vida melhor. A maioria dos entrevistados ainda visualiza na escola uma referência positiva de aquisição social, intelectual e profissional.

Estes conceitos, certamente, estão imbricados – como todos os outros formulados em Tatajuba. Não são manifesos de maneira estanque. Estas *educações* se penetram⁵³ e,

⁵² Ver: cap 07 – Diários de Pesquisa.

⁵³ Termo de Libâneo (1999)

sobretudo, se enlaçam com os conceitos do homem do mar de Tatajuba. Como indica Freire (1990), a educação é mais tomada aqui como teoria e prática da liberdade.

6.5.1 - Tatajuba & Educação Popular

A partir das várias produções realizadas em Tatajuba, penso que muitas de suas temáticas estabelecem fronteiras com o atual debate da Educação Popular – EP, uma vez que

A questão do pessoal e social, do micro e do macro, do particular e do geral, do local e do global são novos paradigmas sobre os quais temos que pensar no quadro da Educação Popular. (FREI BETTO, 1999: 19)

Nas fronteiras destes novos paradigmas da EP, abre-se pois uma nova discussão: a *Ideologia da Carência*. Penso que os resultados desta pesquisa têm idéias inovadoras para a composição deste debate, convidando-nos a repensar as relações de potência e carência, a partir dos conceitos de uma comunidade popular.

A *Ideologia da Carência* – que aqui denominarei assim – é uma atitude disseminada no imaginário social, bem como em suas práticas, de que as iniciativas populares – oriunda do *communis opinio* – são inferiores ao saber técnico-científico.

Nos últimos anos, esta premissa é questionada por vários estudiosos e as fronteiras entre o saber científico e o conhecimento popular vêm sendo constantemente questionadas. Nas universidades, surgem diversos estudos que investigam o saber popular. Também intensificam-se parcerias nas ONG's e lideranças comunitárias. O pesquisador Victor Valla (1998), entretanto, argumenta que tal aproximação não desfaz a ideologia de que o saber popular é inocente.

Para Valla (1998), dentre os problemas no plano microsocial, a desvalorização do conhecimento popular constitui-se como um dos mais significativos.

Este problema funda-se na dificuldade em reconhecer o fato de que os grupos populares produzam saberes legítimos que possam, inclusive, embasar teorias e práticas sociais. Daí que esse teórico (1998: 165) na sua análise, assinala que

Talvez a grande guinada, a principal mudança de ótica com relação aos trabalhos que são desenvolvidos com as classes populares se refere a compreensão que se tem de como pessoas destas classes pensam e percebem o mundo... Há dificuldade em aceitar que as pessoas 'humildes, pobres, moradoras de periferia' são capazes de produzir conhecimento, são capazes de organizar e sistematizar pensamentos sobre a sociedade, e dessa forma, fazer uma interpretação que contribui para a avaliação que nós fazemos da mesma sociedade... a nossa dificuldade de compreender o que os membros das chamadas classes subalternas estão nos dizendo ou fazendo está relacionada mais com nossa postura do que com questões técnicas como, por exemplo, lingüísticas.

De acordo com Gonsalves (2002: 02), *subjacente a este entendimento está a idéia de que a consciência do homem comum, desinformado, é alienada, surgindo aí a "quase naturalidade" do processo que tratou de divulgar a necessidade de transmitir conteúdos.*

Para além do reconhecimento da legitimidade do saber popular, há ainda outra dimensão mais sutil desta *ideologia*: a falsa idéia - amplamente difundida pela mídia, pelas entidades assistenciais, pelos intelectuais orgânicos e pela política partidária de que os habitantes de comunidades populares são *carentes*.

Desta forma, tais sujeitos são tidos como carentes porque possuem baixo padrão de consumo e/ ou baixos níveis de escolaridade, habitam em região de menor valorização social, não possuem acesso às altas tecnologias, nem possuem expressivo patrimônio financeiro. Tal idéia edifica um campo simbólico de hierarquização. Se o outro é considerado carente por mim, logo eu (o não-carente) encontro-me em situação hierárquica superior. Esta estratégia possibilita-me uma *caridosa sobreposição* em relação ao outro. Além disso, esta idéia situa a condição econômica e o poder de consumo como 'a categoria' capaz de classificar as insuficiências individuais. Logo, as camadas populares 'entrariam'

compulsoriamente no rótulo da carência. Esta ideologia faz com que as próprias pessoas de comunidade aos poucos se identifiquem com esta ‘identidade’ que lhes é imposta.

A partir desta pesquisa, foi-me dado constatar que em Tatajuba há uma rejeição a esta idéia de carência a partir das condições socioeconômicas. Por várias vezes durante a pesquisa, os habitantes enaltecem a inteligência do povo local. Também se exprimem como ‘sortudos’ por habitar aquele espaço, como ‘os escolhidos do destino’. Esta posição aparece tanto no que se trata de beleza física do local como em vários outros aspectos, como no caso da ancestralidade mítica: *Tatajuba possui as mais belas princesas*. As pessoas também falam com naturalidade de que aquele lugar é pleno de ouro e pedras preciosas até hoje, que estão submersas em algum lugar. E, ainda, ali habitou a Real Sociedade de Tatajuba, com hábitos nobres e sofisticados.

As pessoas não se vêm como carentes, pois elas são descendentes de reis e rainhas. Elas habitam no lugar mais bonito do mundo. Elas moram sobre toneladas de ouro e pedras preciosas. Seus habitantes são altamente inteligentes. Sua localidade é toda encantada, sagrada.

Embora seja uma sociedade de baixo poder aquisitivo, Tatajuba não criou uma *Ideologia de Carência* para explicar a vida de seus habitantes. Seja no mito, na história ou no cotidiano, as pessoas identificam Tatajuba com a abundância e não com a falta.

Para Deleuze e Guattari (1992) olhar o outro com filósofo significa ter uma atitude de reconhecimento das suas potências e não das suas carências. É necessário olhar para além da lógica macroestrutural, percebendo as diversas subjetividades produzidas ao longo das experiências humanas. Assim, concordo com Petit e Soares (2002), quando destacam a importância que há em se conhecer bem essas dimensões, uma vez que,

(...) tem-se revelado cada vez mais necessário avançar para além de análises macro-sociológicas, levando em consideração as formas de produção de subjetividades e as relações que se travam nas inúmeras micro-experiências que compõem o movimento social.
(IDEM, 2002: 01)

É por meio de tal análise microestrutural que creio que Tatajuba me ajuda a questionar a falsa associação entre os conceitos de Popular e Carência. Logo, no conceito de *Povos do Mar* de Tatajuba, a potência filosófica dos habitantes é um eixo central da convivência coletiva.

6.5.1.1 - Educação Popular-erudita

Outro aspecto importante da Educação Popular que aparece nas produções do grupo é a relação *Popular & Erudito*. Em Tatajuba, existe uma escola de música erudita, na qual são estudados: flauta doce, violino, órgão, violão, canto lírico, dentre outras modalidades.

Na contra-análise desta pesquisa, quando apresentei os dispositivos ligados à cultura e mencionei a cultura popular de Tatajuba, o grupo me cobrou sobre a participação da cultura erudita na vida da comunidade. Alguns moradores até relataram que várias pessoas ignoram o fato de eles terem uma escola de música erudita, pois acham que eles deveriam se ‘enquadrar’ no estereótipo do popular.

A partir destas idéias, penso ser extremamente importante debater as fronteiras entre o popular e o erudito no conceito dos *Povos do Mar* de Tatajuba.

O erudito e o popular não formam uma dicotomia, pois podem ser realizados trabalhos populares a partir de iniciativas eruditas. A isto, faz-se necessário compreender bem que o conceito de popular não se restringe ao estereótipo de algo feito com poucos recursos e obrigatoriamente com referenciais locais. O popular é uma atitude! É um posicionamento de não hierarquização das relações por questões geográficas, sociais, culturais, psíquicas ... É uma posição de visualizar as potências dos indivíduos... É uma atitude de não-centralização do poder nos modelos instituídos, mas possibilitá-lo a todas as classes ... É um comportamento filosófico da visão produtiva do outro, respeitando todas as suas peculiaridades regionais, valorizando-as.

Assim, compreendo que em Tatajuba a *escola de música erudita* funciona como dispositivo popular, atendendo a uma demanda local, satisfazendo o imaginário das pessoas, produzindo desejos e discussões, reunindo a comunidade em torno de objetivos comuns, elevando a auto-estima dos participantes. Concordo com Souza (2003:24) quando expressa que:

O pensamento científico e o pensamento popular são antinômicos, têm contradições entre si, mas não são dicotômicos como se quis fazer crer. As antinomias permitem relações e correspondências. Possibilitam a superação, pelo menos, de algumas contradições. A dicotomia impede qualquer tipo de vínculo entre pólos que se negam. Conduz à substituição de uma forma por outra.

Segundo o músico Elvis Matos⁵⁴, a associação imediata do erudito com ideais *classistas* produz uma falsa definição do conhecimento clássico. O erudito e o popular possuem matrizes estruturantes diferenciadas, mas não se opõem. Desta forma, processos de cada um deles pode ser maximizado quando do ‘casamento’ com o outro. Da mesma forma, definir qualquer iniciativa regional como popular ou democrática é um ato – no mínimo – ingênuo.

6.6 – Povos do Mar & Maritimidade

A partir da década de 1970, iniciaram na Europa os estudos de *maritimidade*, a partir de uma corrente teórica denominada Etnologia Marítima ou Antropologia Marítima, como ficou mais conhecido na América Latina. Este movimento evidencia – ao longo de anos de pesquisa – várias características em comum na cultura das comunidades marítimas em todo o mundo. A isto denomina-se de *maritimidade* ou *cultura marítima* (aquela que é formada a partir de várias experiências com o mar).

Assim, a maritimidade pode ser entendida como

⁵⁴ Maestro, estudioso das culturas popular e erudita, professor da Faculdade de Educação na UFC. Depoimento proferido durante debates em reuniões do núcleo de *Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola*, do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC.

Um conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e sobretudo simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular diferenciado do continental: e espaço marítimo. Não é um conceito referente diretamente ao mundo oceânico como entidade física, é uma produção social e simbólica. (DIEGUES, 1998:50).

No tocante ao conceito de *povos do mar*, é possível admitir que sua existência como conceito está, necessariamente, subordinada à existência do mar, que é seu elemento de produção simbólica diferencial. Assim, é pelo meio natural marítimo que os povos litorâneos adquirem novas experiências de organização social, simbólica e mental. Não é possível, pois, admitir a existência dos *povos do mar* dissociada da *maritimidade*. Para Gomes (2002:35)

O contato desses povos com o mar, marcado pela indivisibilidade, aparente infinitude, ampla mobilidade dos recursos e instabilidade contínua, estabelecido a partir do nível de desenvolvimento tecnológico de que dispõe e das especificidades ecológicas de cada localidade ou região, coloca-os diante de desafios que configuram suas práticas sociais e seu universo simbólico.

A maritimidade reconhece, então, que os povos do mar constituem comunidades distintas das demais iniciativas populares. Nelas, desenvolvem-se outras noções de tempo e espaço, outra lógica na produção dos símbolos, mitos e costumes. Esta característica da cultura marítima é, certamente, um dos principais elementos responsáveis pela produção e tantas e tão diversas mitologias ao longo do litoral em todo o mundo. Concordo com Diegues (1998), quando expressa a noção de que, nestas comunidades costeiras, a idéia de mito passa a ser definida como sistema simbólico aberto, socialmente compartilhado. Nesta pesquisa, tal idéia de Diegues fica bem evidente a partir da Mitologia local.

Com efeito, o mar participa ativamente das relações cotidianas e imaginárias dos povos que o margeiam. Indo ainda mais longe, arrisco-me a dizer que nestas sociedades o mar participa continuamente dos processos de subjetivação dos sujeitos,

possibilitando-lhes posições e práticas de naturezas inventivas, contemplativas, reflexivas e – ainda – destrutivas.

A este respeito, vários teóricos relatam que o mar já foi considerado por muito tempo como local de medo e repulsa. Segundo Dantas (2002), o estudioso Delumeau (1978) chega a definir o mar como espaço associado constantemente ao medo. Por isso,

Os europeus evitaram se aventurar muito distante da costa e dos mares interiores. Para eles, longe da costa, encontrava-se o desconhecido, vinculado constantemente a representações místicas as quais falavam de obstáculos intransponíveis: o abismo que engolia, o mar habitado por monstros e deuses coléricos, o mar repleto de recifes desumanos... Ademais, esse medo associava-se sempre a imagem relacionada a morte. O mar propiciava invasões. O mar da tempestade provocava naufrágios. O mar da pilhagem dos piratas. O mar como elemento hostil, com seus mangues geradores de miasmas que interditam a cultura. (IDEM).

Assim, o mar – ao longo dos tempos - produziu diversos conceitos nos habitantes litorâneos que possuem ligação com este medo citado há instantes. Nos depoimentos retirados dos diários dos co-pesquisadores, foi possível perceber que esta relação de medo e excitação com a presença do mar se torna evidente. Logo, o conceito de povos do mar não fica restrito às relações contemplativas entre o homem e o oceano, mas também abriga diversos mistérios hostis.

Esta repulsa ao mar tornou muitos dos povos antigos em comunidades interioranas – ligadas à terra - como no caso dos europeus (LA BLACHE, 1995). Assim, o conceito de povos do mar também foi imiscuído em uma *cultura negativa do mar*, ou uma *maritimidade do medo*. A própria feição dinâmica e inconstante do mar é em si uma ameaça. Uma ameaça bela e sedutora que, por isso, se torna ainda mais perigosa.

De acordo com Dantas (2002), este contexto modificou-se a partir da reviravolta nos ideais da *Teologia Natural*⁵⁵. A partir desta concepção toda a natureza era vista como fruto da criação divina, sendo sagrada e próspera. Foi também com o desenvolvimento das grandes navegações que o mar passou a ser interpretado como porta para o mundo, uma extensão dos continentes, uma natureza sem limites.

O conceito de mar sem limite, imensidão, vastidão ... é também recorrente nos depoimentos dos autores dos diários das implicações. Esta visão 'positiva', na qual o mar é tomado por elemento de inspiração, ensinamento e espiritualidade, também passa a ser recorrente na concepção dos povos do mar pesquisados.

Outro importante fator que vai ressignificar as relações entre os sujeitos marítimos e o mar é a proximidade física entre ambos no *banho de mar*. O banho de mar, anteriormente usado apenas para fins terapêuticos, passa a ser um exercício de lazer e prazer, a partir de um novo imaginário que as sociedades produzem sobre o litoral (DANTAS, 2002). A isto somou-se a crescente busca pelo veraneio, o movimento dos portos como principal fonte de exportação e a migração do interior para o litoral. Poder-se-ia incluir nesta lista de motivações de valorização do litoral uma questão psíquica já referida tanto por Jung (1997), há tempos, como também por alguns estudiosos contemporâneos da Psicologia ambiental: a busca pelo limite, por uma referência natural que auxilie a organização social.

Assim, muitos são os pormenores da cultura do litoral que participam da elaboração dos sujeitos das comunidades marítimas, dentre os quais é possível citar: o relativo isolamento da sociedade continental; o sentimento de pequenez diante da imensidão do oceano; os vários barulhos característicos das zonas de mar (ventos, marés, migrações de dunas, revoar de pássaros); o medo de viver e morrer no mar; concepções de Deus, da espiritualidade e do sagrado a partir do mar.

⁵⁵ Ver: CORBIN, A. *Le Territoire du vide: l'occidente et le désir du revirage*. (1750-1840). Paris: Aubier, 1988.

No caso de Tatajuba, cabe acrescentar aos fatores já referidos a experiência histórica do soterramento da primeira vila, a tríade formação dos povos (indígenas, negros e europeus), o relacionamento visceral dos habitantes com o mar (o prazer do banho, do caminhar na areia, pegar a areia, o envolvimento com a maresia, cheiro do mar). A tudo isto pode-se ainda acrescentar a presença constante da *Mitologia da Real Sociedade de Tatajuba* nas problemáticas do cotidiano, seja em terra ou mar. Evidentemente, são muitos e inegáveis os caminhos da formação da *maritimidade tatajubense*, a partir da qual seus habitantes aqui conceituaram os *Povos do Mar* de maneira singular.

Assim, a cultura do mar – maritimidade – é o veículo da produção dos diversos processos de subjetivação que singularizam os povos do mar. Com efeito, a cultura marítima está intimamente ligada às subjetividades que compõem o conceito de ‘Povos do Mar’. Como salienta Rolnik (1997:29), *não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia; e, reciprocamente, não há cultura sem um certo modo de subjetivação que funcione segundo seu perfil. A rigor, é impossível dissociar essas paisagens.*

CAPÍTULO 07 DIÁRIOS DE PESQUISA

Neste capítulo, trago dois tipos de diários produzidos ao longo desta pesquisa: o meu, que aqui denomino de *Diário do Pesquisador* e trechos de diários feitos pelos habitantes de Tatajuba para esta pesquisa, que aqui denomino de *Diário das Implicações*. A justificativa no que se refere à escolha deste nome já se encontra evidenciada no *Capítulo 01*.

Desde meu ingresso no mestrado utilizo-me de registros de meu diário de pesquisa. Dele trago alguns momentos no item 7.2 que perfazem toda minha caminhada ao longo desta investigação.

Os diários das implicações são resultados de alguns depoimentos pessoais registrados pelos membros do grupo pesquisador.

7. 1 – Diário das Implicações

A aplicação destes diários na pesquisa foi pensada por mim antes do início das oficinas. Por isso, ao iniciar a 1ª oficina já propus ao grupo a idéia da produção de um pequeno diário que eles levariam para casa após o término do ciclo de oficinas.

As motivações que me levaram a encomenda destes diários foram muitas: 1) Possibilitar o registro escrito e pessoal de impressões que os indivíduos poderiam possuir a respeito do mar que não fossem evidenciadas nas produções coletivas das oficinas; 2) Desejar partilhar com o grupo a experiência de elaboração de um diário, pois eu julguei extremamente valiosa este veículo de análise e gostaria de disseminá-lo entre o grupo pesquisador; 3) estar aberto a imprevisto, depoimentos que escapariam às proposições que levei às oficinas; 4) minha paixão por este instrumento de pesquisa; 5) trazer à dissertação alguns episódios de seus diários junto com o meu, demonstrando diversas leituras que puderam ser elaboradas ao longo do processo de pesquisa... e ainda devem existir outras motivações que minha exígua razão não consegue explicar.

Como todo diário, estes já trazem leituras e reflexões sobre uma temática vivenciada. Logo, eles são considerados como um momento de análise pessoal que cada um dos participantes faz entre si e o tema. Assim, não os trago aqui como ‘dado’ sob o qual se objetive uma análise, mas como *registro transpessoal*.

Após produzidos, o conteúdo de tais diários foi compartilhado em um momento de leitura e discussão, *conforme sinalizado no capítulo I*. A partilha foi extremamente prazerosa. Todos os participantes demonstraram-se muito orgulhosos de seus registros. Foram feitas: leituras de alguns trechos pelos autores, rodada de leituras dos diários de terceiros e discussão em grupo. Alguns pescadores não-alfabetizados fizeram vários registros escritos em seus diários com a ajuda de filhos, amigos e netos [como é o caso de Burica, autor da poesia no item A].



Participantes partilhando conteúdo dos diários.

Para selecionar os trechos que comporiam este capítulo, fiz uma ‘escala’ de eliminações, tendo como centro o tema ‘povos do mar’ e a relação homem/ mar.

Nenhum dos 14 participantes utilizou o diário para registro sistemático de seu cotidiano ao longo do período dos 45 dias de sua produção, como é mais usual deste instrumento. Também, nenhum deles fez longas produções. Cada diário conta, em média, com 8 páginas escritas. Deste contingente total, subtraí inicialmente todas as mensagens

que foram copiadas de outros autores (mensagens religiosas, auto-ajuda, famosos, histórias já conhecidas etc), restando somente os escritos de autoria dos co-pesquisadores.

Dentre tais registros, havia uma infinidade de assuntos que registravam situações diversas da vida dos autores que não se identificam diretamente com a temática em questão. Logo, também subtraí estes do total. Dos escritos restantes havia três temáticas muito presentes: 1) Histórias de Tatajuba/ cotidiano; 2) Mitos de Tatajuba; 3) Percepções do Mar/ Leituras do Mar/ Relações com o mar;

A primeira, “Histórias de Tatajuba/ cotidiano”, me forneceu dados valiosos para que eu pudesse escrever o resumo da história da comunidade que consta no *capítulo 01*. A segunda, “Mitos de Tatajuba” me auxiliaram na composição da estória completa do mito da “Real Sociedade de Tatajuba” que trago em meu diário no Ato XXII.

Os registros mais freqüentes são também os que julguei por mais emocionantes e inovadores. Eles fazem referência à terceira temática: compostos por: “Percepções do Mar/ Leituras do Mar/ Relações com o mar”. Tais relatos têm íntima ligação com as discussões que foram travadas neste trabalho ao longo de toda a produção e análise de dados. Por este motivo, foram selecionados para esta seção, demonstrando um pouco das percepções pessoais que cada indivíduo faz do mar, independente dos dispositivos lançados ao longo da pesquisa.

As citações reúnem um conjunto de depoimentos dos *autores*, nos quais eles relatam suas múltiplas experiências com o mar. Alguns o fazem somente através de imagens, das quais trato de fazer rápida enunciação. Para as produções destes diários cada participante escolheu um codinome que aqui será também usado para indicá-los.

Nos escritos dos diários, abaixo relacionados, não faço correções textuais, tendo em vista a preservação autoral.

7.1.1 – *Mar de papel*: trechos dos diários das implicações

a) BURICA

“Sou filho de Tatajuba
onde nasci fui criado
moro na beira do mar
pertinho do morro encantado
Antigamente era deserto
E hoje é muito procurado
Pelos turistas do Ceará
E de todos os estados
Vem gringo e alemão
Da Espanha e do Japão
Hoje pra se fazer uma casa
Não acha mais lugar
Quando eu mim lembro do passado
Dá vontade de chorar
Até os caminho que nós tinha
Já estão acabando de cercar
Para gente ir pro mar é preciso arruviar
Só vivo de pescaria e adoro muito o mar
Fico muito desinquieto no dia que não vou pescar
E é dôde eu arrumo no dia-a-dia
E minha família
Para nós se alimentar
Tatajuba não era aqui
Era em outro lugar
Por causa das dunas
Nós saímos de lá
O caso ficou fei

Tem uma Camboa no mei
E nós moramos do lado de cá
Hoje é a nova Tatajuba
Cubiçada do Ceará
E tem uma bela pousada
Que se chama brisa do mar
O dono dela é seu Mané Pedro
Que eu posso dizer sem medo
Ele é o homem do lugar
Eu vim até aqui
Sem precisar de ajuda
Vou voltar pra atrás
E falo do morro de Tatajuba
Quando falo deste morro fico todo arrupiado
Porque todos sabem que é o morro encantado
Deste morro já vi
O naviu todo iluminado
Os pessual andando nele
E eu fiquei muto admirado
Já vi carneiro de oro
Todos podem acreditar
Não foi só eu que vi
Foi a gente do lugar
Muita gente ouvia choro
Outros ouvia gemido
Tinha gente que se mijava todo
Quando se ouvia os arruídos
Meu Deus é puraqui
Começava logo a correr
Porque o encanto do morro
Não é pra todo mundo vê

Eu correndo e chorando
E a cara olhava pra traz
Enquanto eu me lembrava dessa
Purair não passo mais
Eu vou parar poraqui
Para falar do mar
E sobre a pescaria
Que já mais não dá
Se a gente vai pro mar
O vento é muito forte
Que ninguém pode procurar
A gente volta sem pegar nada
É triste o nosso estado
Quando chega em casa
E é obrigado a comprá fiado
Por aqui eu vou parando
O que coloquei no diário
Quero que fiquem gostando
Q' eu sou nativo daqui
E amo o oceano”.

b) GAIVOTA DO MAR

O mar e o vento

Querido diário, com muitas idéias paro para falar a importância do mar em iminha vida. O mar é tão importante para mi que não saberia viver sem ele, já estou tão acostumada com seu ventinho gostoso, soprando todos os dias e noite, que para mim, seri um pesadelo só em pensar morar longe dele. O mar é muito especial para mim por que me traz lembranças maravilhosas de minha infância, pescando e brincando na praia, com meu pai e irmãos. Como é emocionante e gostoso lembrar das coisas boas e das recordações

que me trazem o mar. Além de todas essas coisas boas que o mar oferece ainda não posso esquecer dos peixes, dos mariscos, dos crustáceos, enfim, todas essas maravilhas do mar.

A Lancha

Saía de madrugada na lancha, nos horários da maré. Com o cheiro do óleo queimado e o balanço do mar, rapidinho ficava enjoada com uma vontade imensa de vomitar e não conseguia, só o mal-estar horrível com uma sensação de morte. Logo no início da viagem tomava um banho de ondas gigantescas para despertar. Aquilo para os pescadores parecia normal, mas para mim não tinha coisa pior. Muitas vezes o mar estava bravo e as ondas quebravam dentro da lancha.

c) VICENTE

[Através de diversas gravuras esse integrante remontou alguns momentos dos homens do mar em Tatajuba: 1) o soterramento da 1ª vila; 2) o morro encantado com a princesa dentro; 3) a pesca em alto mar e na Gamboa; 4) as paisagens naturais]

d) LILI

Uma das minhas felicidades maiores é saber, sentir e ver que moro num paraíso de emoções maravilhosas. Esta paz, esse silêncio que toca a alma, purifica minha mente, tornando-a livre de qualquer mal pensamento. Quando me vejo na praia é como se eu estivesse no céu, só vejo e sinto tudo aquilo que para mim é especial. Começo, então, a conversar, não considero que estou sozinha, mesmo estando.

Nem se eu muitas palavras ou até mesmo todas as qualidades boas que existem para qualificar o mar, ainda não as dariam. Sua beleza encantadora maravilha qualquer ser nesta vida. Aquelas ondas que parecem estarem falando algo... sem falar que é a fonte de nossa sobrevivência, de nossas vidas.

Para Tatajuba

Tu és terra maravilhosa, de dunas praias e manguezais.

Os teus frutos são maravilhosos, quem anda aqui não esquece mais.

Tu és terra de povos humildes , conquistadores, e vitoriosos, trabalhando em prol das famílias.

O amanhecer neste paraíso tem o lindo sol que te aquece. tranqüilidade, paz e sossego é aqui que isso resplandece.

Deus te abençoe Tatajuba, terra mãe de puríssima beleza, lutaremos todos unidos para que assim sempre seja.

Tu és um paraíso é assim que teu povo diz, tuas bênçãos senhor tornará Tatajuba sempre feliz.

e) ERO

O mar significa para mi muitas coisas importantes. Quando eu era pequena eu tirava minha alimentação de lá, porque não tinha outro trabalho. Hoje agradeço a Deus e ao Mar por ele ter me alimentado por tantos anos. E, ainda me alimento dele ...

f) NEGUIM

[Este autor remontou diversos episódios da cultura do mar através de desenhos: o banho de mar; encontro de maré rio, a chuva, cercas sobre as dunas e o trabalho da pesca. Fato muito interessante foi que ao final, *Neguim* escreveu o seguinte bilhete].

“Não sei ler, nem escrever, por isso mostrei algumas coisas em desenhos com a ajuda de minha filha. Há um mês surgiu uma oportunidade de estudar, estou muito grato por isso. Pretendo ler e escrever e aprender muito mais, este curso foi muito rico para mim”.

g) OMM

[Este membro do grupo pesquisador escreveu vários episódios em seu diário da história de Tatajuba, tendo sido estes relatos utilizados no *cap. 01*, quando da exposição do cenário local]

h) CAPITÃO BOLA

Certos dias na noite eu olho o mar. Teve uma noite muito escura – que quase ninguém enxergava nada – que eu estava pescando e era domingo. Ali eu ouvi uma voz muito feia dizendo assim: você tem muita coragem ... logo peguei minha rede de pescar e fui embora porque quem pesca no domingo é arriscado morrer assombrado ... contam os mais velhos do mar.

i) TATÁ

O mar é uma “coisa” esplendorosa, não posso nem explicar com letras na verdade o que é o mar. As vezes, vou para a praia para pegar sol com as amigas e tomar banho de mar. Se eu não tivesse esse banho, esse sol eu seria outra pessoa. Adoro deitar na praia ouvindo as ondas quebrarem.

j) LUNA

Mar, Aprazível Mar

Meu querido diário, queria dizer que o mar para mim é o lugar mais especial onde eu vou fazer meus pedidos e agradecimentos a Deus. Uma vez estava muito triste e fui com meus dois filhos tomar um banho e deixar minha tristeza por lá, pedi que as ondas levassem tudo de ruim e voltassem com coisas boas.

Queria dizer que meu marido também faz agradecimentos a Deus na beira do mar, olhando suas águas e sentindo seu cheiro. Uma vez ele me contou que o melhor lugar para a

reflexão seria o mar. Outro dia, minha cunhada me convidou para irmos tomar banhos e deixar os má olhados, mas infelizmente não pude ir. Só lembrando desses momentos importantes, vi que o mar tem significado muito fortes em nossas vidas.

D) TATAJUBA'S GIRL

Eu e o mar, o Mar e eu

Meu querido diário, ao longo da minha vida o mar foi muito importante para mim. Tudo que eu sou sinto que está ligado ao mar. Minha fé com o mar pode ser lembrada em uma ocasião em que ao chegar em Tatajuba depois de muito tempo ausente fui mim encontrar com ele. Só olhar, não foi suficiente, tive que tomar banho e dar 3 mergulhos: um para afastar o mau olhado, outro para mim livrar da inveja e o último por ter passado muito tempo longe, sem tocá-lo, sem sentir seu cheiro e ouvir o murmúlio incansável das ondas.

m) BENGALA

[Este autor ilustrou seu diário com diversas gravuras a respeito dos povos do mar. A que mais gerou curiosidade em todos foi uma na qual ele representou sua esposa como o próprio mar, bem azul e imensa. Quando ele fez essa descrição, todos riram].

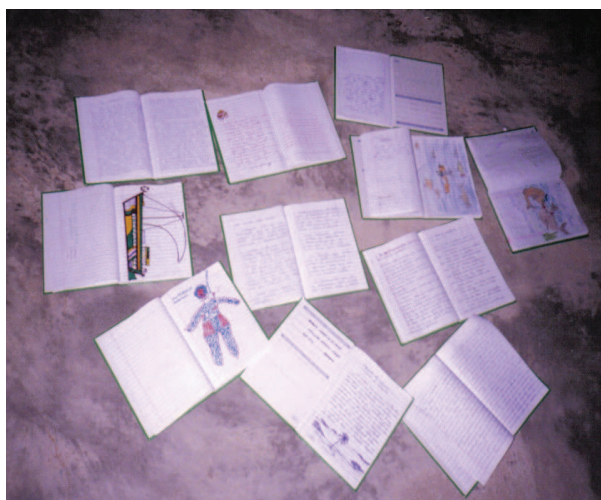


Figura azul a esquerda, pintada no primeiro diário da parte de baixo.

[além das gravuras, esta autor ainda trouxe uma das importantes histórias marítimas do povoamento de Tatajuba, ainda não contada neste trabalho]:

O coqueiro do Abenço

Há, mais ou menos 38 anos veio da cidade de Camocim para morar aqui em Tatajuba um senhor chamado Abenço. A princípio ele fez um curral de pesca e construiu uma pesqueira. Depois, plantou um sítio de coqueiro, com 100 pés de côco. Como era muito perto do mar, os coqueiros morreram e o Sr. Abenço, insatisfeito com o que tinha acontecido, voltou para morar em Camocim, abandonando tudo. Desses cem pés de côco só ficou um e resiste até hoje. É chamado “Coqueiro do Abenço”.

n) MORENA DA PRAIA

Esse lugar é como se fosse uma ilha, é uma ilha na metade do ano. No período de chuvas e maré alta não há passagem por terra talvez por isso o Mar é tão importante para nós.

O mar me traz inspiração. Certo dia, sentada na areia da praia muito triste por gostar de alguém que não estava nem a mínima para mim, então senti um vento e o som do mar que aliviou meu sofrimento. Quando menos esperava veio uma onda e molhou meus pés e me fez pensar que temos que se prevenir e esperar pelo que for e vier, porque não sabemos o que é capaz de acontecer. Essa onda clareou meus pensamentos e acalmou meu coração (...)

De repente, vivi o passado e comecei a brincar de construir castelo de areia, esultura de areia e com um simples pequeno buzinho, senti-me uma criança. Isso me fez entender que o mar é bravo, perigoso desafiante, mas mesmo assim acalma e refresca pensamentos.

Eu gostaria de ser forte e brava assim como o mar que tudo suporta!

7. 2 – Diário do Pesquisador

Escrever é duro como quebrar pedras,
Mas voam faíscas e lascas espelhadas.
(LISPECTOR)

Minha decisão em escrever um diário ao longo de minha pesquisa de Mestrado foi tomada antes de meu ingresso, pois não conseguia conceber esta investigação sem o registro deste instrumento tão pessoal. Meu desejo em dar continuidade a este projeto de elaboração do diário cresceu após aproximação à Corrente Teórica *Análise Institucional* que valoriza muito este procedimento de investigação.

Selecionei para este capítulo importantes trechos do meu diário de maneira a traçar meu percurso ao longo de diferentes momentos desta investigação.

Este diário tem episódios escritos em: Tatajuba (CE), Camocim (CE), Jericoacoara (CE), Fortaleza (CE), Prainha do Canto Verde (CE), Sobral (CE), Belém (PA), Parnaíba (PI) e São Paulo (SP).

Os momentos selecionados foram justapostos cronologicamente e sua organização está disposta em atos que foram marcados em evolução consecutiva, utilizando-se de algarismos romanos, que melhor caracterizam a marcação de atos, como em um espetáculo cênico. No mais, deixo que os episódios falem por si só.

ATO I – O INÍCIO

Fortaleza, 03 de Março de 2004.

Hoje, 3 de março de 2004, está sendo realizado o Seminário de Introdução ao Mestrado e Doutorado em Educação Brasileira da UFC. Os professores falam sobre suas linhas de pesquisa, bibliografias e correntes teóricas. Nós nos angustiamos com tamanho número de informação, procuramos decodificá-las e classificar qual delas nos será mais útil ao longo do processo de pesquisa.

Quem é este nós a que me refiro? Bem, este 'nós' refere-se a um grupo de seres no gerúndio, ou seja, em acontecimento. Somos 72 mestrandos e doutorandos que ao longo de um processo de 2 ou 4 anos buscaremos descobrir um pouco mais de nós mesmos e do mundo através de nossas propostas de pesquisa.

Olho para esta multidão de pessoas amontoadas em um pequeno auditório e desconfio delas. Desconfio que, assim como eu, a maioria delas já tem muitas dúvidas em relação ao projeto com que fora selecionado para ingressar aqui. E, acredito ainda, que em breve passaremos todos por importantes mudanças em nossas investigações. Encontro-me muito empolgado e também temeroso! Mas, creio que isto é bom! É de riscos que se faz a Ciência e não de certezas, senão o que estaríamos a pesquisar?

As palestras se alternam e desejo engoli-las todas de uma só vez. O excesso de informação cega-me, atordoar-me. Imagino minha pesquisa, penso tudo que possa ser feito para que ela se torne o mais brilhante possível. Às vezes, me assusto com tamanha ambição e penso que também terei que aceitar os erros e contradições do processo.

Encontrar aqui minhas amigas *Eveline e Rosi* (recém ingressas no Doutorado) é um alívio, pois tenho com quem partilhar algumas de minhas tensões.

Nas mesas redondas apresentadas pelos professores aparecem muitas idéias interessantes, dentre elas, um professor coloca que o ato de pesquisar não inicia com a pesquisa de campo, mas é todo o processo investigativo que elaboramos para chegar até lá. É nossa visão produzida antes, durante e depois do processo de investigação de campo. Acho esta idéia extremamente interessante e por isso considero que minha pesquisa no Mestrado inicia a partir de agora, uma vez que todas as situações que me atravessarem ao longo destes dois anos produzirão quem eu sou e como vejo o mundo.

Na seqüência das atividades, nós alunos estamos apresentando nossos projetos de investigação para a platéia. Diversificadas temáticas são apresentadas, atestando a heterogeneidade do grupo. Penso em minha apresentação: como poderia apresentá-la?

Na verdade, estou fascinado por muitas coisas em minha proposta de pesquisa. Primeiramente, interessei-me pelo fato de partir para uma investigação na qual vejo os sujeitos de pesquisa como filósofos. Pensadores populares capazes de interpretar, teorizar e organizar as mais diversas dimensões da vida humana. Desta forma, acho que não haveria forma realmente melhor para valorizar esta dimensão filosófica do sujeito do que pesquisando seus conceitos. Busco assim, compreender as diversas leituras que eles fazem sobre seu cotidiano ou para além dele.

São 18h! As portas do auditório se fecham. Só há escuridão no corredor. Sonhos, dúvidas, angústias deste dia ficam para trás, habitando o inefável celeiro da memória. Desejos e Medos venham a mim!!! Eu os quero!

ATO II – CULTURA, CULTURAS

Fortaleza, 05 de maio de 2004.

Na cantina da Faculdade de Educação, Francinete - uma amiga, aluna do doutorado – olha para mim inconformada.~

- *Estou cansada de especulações, dizia ela. Quero algum conceito com que possa trabalhar de maneira aplicada – repetia.*

E acrescentou: *Não agüento mais tantos conceitos de uma coisa só. Quero um conceito de Cultura.*

Olhando para mim, como se me sentenciasse, disse: *Você que está pesquisando na área de cultura, diga para mim o que é cultura!*

Enquanto uma colega ao lado sorria como interpretando esta pergunta como mais uma provocação de *Francinete*, eu silencieei. Pensava em alguma forma de responder, mesmo que parcialmente, àquela questão, não para *Francinete*, mas para mim que naquele momento me analisava como um pesquisador da cultura.

Em seguida conversamos sobre outras coisas e nos despedimos. Eu ainda me angustiava com a indagação que me fora feita poucos minutos antes. Queria responder àquela questão de maneira que não ficasse restrita, encaixada em uma definição. Foi então,

que a Literatura me salvou mais uma vez. De súbito, lembrei-me de um livro de Nélide Piñon que havia comprado no Rio de Janeiro, em um sebo, pelo preço mísero de um real. Tratava-se de um livro precioso, *A roda do vento*. Lembrei-me que nele havia uma passagem na qual a *Tia Eugênia* conversava com seus sobrinhos sobre o significado da cultura. Apressei-me para chegar em casa. Procurei por todos os lugares até achar o livro que estava esquecido no fundo de uma pasta. Nele, encontrei um pouco do que procurava nas palavras da Tia Eugênia, quando esta diz:

Cultura não é coisa chata, obrigatória de que se tem que fugir. Cultura é o que estamos fazendo. É contar história, é inventar. É divertir-se... Se eu não leio o que me resta para inventar? Vou olhar para vocês como se fora cega. Entenderam? E o pior cego é aquele sem vontade de enxergar, sem amigo e sem bengala... cultura é viajar a todo instante. Quando começarem a viajar vão descobrir o tamanho do mundo. É maior que o sonho. É um tamanho que não se mede por quilômetros, mas pela imaginação, pela coragem de descobrir as coisas...”⁵⁶.

Isto me fez olhar com mais serenidade para minha pesquisa. Se minha investigação envolve a dimensão da cultura, não tenho que ficar assustado, pois cultura não é algo teórico e academicista de que se tenha que fugir. Cultura é a produção constante da vida e não há pesquisa acadêmica que não seja atravessada por ela. Então, somos todos pesquisadores da cultura se pesquisamos com compromisso social e filosófico.

ATO III – POVOS DO MAR E AUTONOMIA

Fortaleza, 06 de Junho de 2004.

Minha proposta de estudo “autonomia nos povos do mar” ainda é um pouco lilás para mim. Preciso apropriar-me mais dos vários debates sobre os povos do mar para pensar que idéias posso ter para reformular meu projeto. Estou realmente considerando a

⁵⁶ Ibid: págs. 17,18.

possibilidade da retirada da temática autonomia do foco da pesquisa, pois quero trabalhar com algo que possa captar mais intensamente as subjetividades dos povos do mar, que valorize mais seu sistema simbólico, que possa também explorar o debate dos povos do mar na Educação Popular pelo viés de suas muitas potências. Talvez, o tema autonomia me prenda por demais em justificativas teóricas que fogem ao meu interesse.

Estou na biblioteca e é grande a dificuldade em achar assuntos deste interesse aqui. No sistema CAPES há um congestionamento de informações, nada objetivo. Precisarei de maior clareza para selecionar. Em todo caso, esta pesquisa fez surgir o interesse em conhecer o Museu do Mar, em São Francisco do Sul – SC e O Instituto de Estudo do Mar, em São Paulo. Estas instituições parecem dar-me boas indicações para que eu possa avançar na compreensão e delimitação de meu objeto de pesquisa.

ATO IV – PRAINHA! PESQUISA?

Prainha do Canto Verde, 29 de Junho de 2004.

Hoje são 29 de junho de 2004, estou na Prainha do Canto Verde⁵⁷ com o grupo da disciplina *Introdução à Pesquisa Sociopoética*, ministrada pela professora Sandra Petit para os alunos do Programa de Pós-graduação. Estamos fazendo uma aula-passeio na qual fazemos uma retrospectiva da disciplina. O que mais me chama a atenção, no entanto, é o fato de estar de volta ao local que em breve será meu campo de pesquisa. Já estive aqui algumas vezes antes, mas agora procuro ver a Prainha de maneira diferente. Acho estranho imaginar a Prainha como meu local de pesquisa. Sinto que queria ter um pertencimento maior com este lugar. Preocupo-me sobre a viabilidade em formar um grupo de pesquisa aqui, mas acho encantador pesquisar em um local de tamanha exuberância natural.

⁵⁷ Trata-se de uma Comunidade praiana do litoral leste cearense com reconhecido histórico de resistência social nas políticas do litoral.

Agora, estou na barraca. Todos foram à praia, mas senti vontade de ficar um pouco só e pensar sobre estas coisas. Hoje almoçamos aqui nesta barraca e uma pessoa me indagou: *mas que contradição, você pesquisar aqui e não comer peixe!* No momento achei que isto realmente seria um problema, mas agora vejo exatamente o contrário. Meu projeto de pesquisa propõe investigar exatamente o que estaria além do óbvio sobre os povos do mar. Assim, acho que isto já é um dado importante. Além do mais, como diz meu novo amigo *Lourau*, o processo de uma pesquisa, assim como na vida, é pleno de contradições e isto não é ruim. Ao contrário, isto evidencia as condições de possibilidade do que realmente podemos investigar, até onde, como, quando, por que ...

ATO V – UMA NOITE COM CLARICE

Fortaleza, 07 de julho de 2004.

São 02:44 de 07 de julho de 2005. À meia-noite, eu havia concluído a leitura do Livro *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Havia começado esta leitura por duas vezes anos atrás e nunca a tinha concluído. Emocionado durmo.

Mas, em sonho, eu acordo! Acordo e caminho em um estreito corredor. Faz-se uma noite bem escura, quente e seca. A noite me sufoca. Ela é dona de mim. Sem rumo, sigo. Aflito, forte, medroso, vou curioso que sou. E o corredor se alonga... para onde vou? – penso em sonho. Vou para a sobrevivência, vou para onde não há mais ninguém – penso a resposta.

Mesmo sendo um sonho esquisito, não se trata de um pesadelo, pois não tenho medo. Caminho, caminho em uma casa escura: a casa da noite. Sob a névoa fosca, eu caminhava quilômetros a fio. Mesmo com os pés cansados, não tinha coragem de parar. Tinha a profunda curiosidade de chegar ao fim. Então, eu andava em busca da noite. Vagueava com meus cabelos secos, ressecados, bem crespos. Meus pés doíam, meu olhar cansado nem sequer visualizava o horizonte.

Foi então que cheguei ao fim do corredor e vi... O que vi? ... bem, vi que estava exatamente no início da caminhada, em meu quarto. Mas, ao fundo, havia uma criança brincando no chão...

Uma criança serena brincava com um xale de seda azul. Era ela... Clarice. Eu a vi pequena, em inocência. Frágil em criança. Frágil por ser humana, como todos somos. Eu vi a vida sem o invólucro da crítica, da reflexão, da análise; somente vida pulsante como a de qualquer um de nós.

Amanhã nos reuniremos no Mestrado para debater “realidade”. Será que me atrevo a partilhar este passeio?

ATO VI – USP

São Paulo, 19 de julho de 2004.

Ah ... que sol!!! São exatamente 12h e faz um estrondoso calor em pleno inverno paulista. Estou no campus da USP, onde cheguei com o objetivo de conhecer o instituto de oceanografia, procurar professores que trabalhem com uma abordagem cultural do Povos do Mar e saber se existe aqui algum grupo de estudos voltado para a compreensão destes indivíduos, como sugestionei existir pelas produções que conheci via internet.

Estou aqui porque aproveitei minha vinda a um encontro de estudantes no Rio e decidi vir a Sampa rever amigos e tentar a sorte de encontrar alguém aqui, pois me avisaram que parte da universidade estava em greve. E, realmente, não somente parte, mas toda a universidade está parada. Nem mesmo o ônibus que faz a circulação dentro do campus está trabalhando. Por isso, encontro-me agora sentado no meio fio da avenida que leva à entrada principal. Recupero o fôlego para continuar a caminhada. Mesmo em silêncio, este campus é muito inspirador. Sinto ainda que após voltar pra casa, terei que retomar também o fôlego da pesquisa e reinventar maneiras de conseguir alguns dados que ansiava encontrar agora.

ATO VII – CRIANDO UM MITO PARA O NASCIMENTO DO PÓS-MODERNO

Fortaleza, 20 de agosto de 2004.

Após 4 horas de aula com Professor Sylvio Gadelha⁵⁸ ... inquieto-me buscando nos tempos fabulosos um recurso para explicar algo que a complexidade da Ciência não pode responder: o nascimento da pós-modernidade.

Não há uma definição exata para o que chamamos de Pós-modernidade. O que se entende por pós-moderno pode ter inúmeras e diferenciadas concepções, uma vez que este conceito vem sendo apropriado com distinção por diversos autores e correntes filosóficas.

A pós-modernidade se forma a partir de um olhar da modernidade sobre si mesma e sobre suas limitações para analisar o cenário contemporâneo através de padrões macroscópicos, que não poderiam dar conta da multiplicidade de saberes, subjetividades e experiências emergentes na sociedade contemporânea.

Desta forma, criei um mito para tentar explicar o nascimento da pós-modernidade: *o mito de uma girafa que tem seu pescoço recoberto de anéis.*

Então, imaginemos que a modernidade seja uma grande girafa. Sim, imaginemos que ela seja uma girafa com um longo pescoço recoberto de anéis. Por tempos este altivo animal andou observando o ambiente ‘sobre’ o qual a sociedade se manifestava. Do alto de seu colo imperial, a girafa analisava as grandes manchas que cobriam o solo. Por sua posição elevada acreditava poder ver, melhor e mais claramente que os outros animais, qualquer tipo de manifestação ocorrida na terra. A girafa realizava tais análises em dois planos: um superior e outro inferior, pois devido seu elevado e flexível pescoço, ela poderia alcançar tanto as nuvens quanto o chão. Certamente, para ela as paisagens terrenas eram sempre mais imperfeitas que aquelas observadas entre as nuvens. Assim, ela as comparava

⁵⁸ Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFC, pesquisador na área das subjetividades contemporâneas.

com aquelas do plano superior, julgando a beleza das primeiras por quão mais próximas elas pudessem estar do segundo modelo.

De longe a girafa era capaz de identificar vastas paisagens e analisá-las com um conhecimento superior (conhecimento este que havia sido adquirido em um árduo estágio de evolução). A girafa muito se orgulhava de ter se alimentado de estágios empíricos e positivos e se mostrava pronta a buscar explicações para a evolução da razão, bem como para dissertar sobre as muitas paisagens que a constituem. Desta forma, a girafa colecionava, a cada momento, mais anéis em seu pescoço.

Durante um longo período, a girafa reinou soberana, utilizaram-na para explicar praticamente tudo: o trabalho, a literatura, a medicina, o inconsciente e muitos outros tipos de paisagens. Todas as paisagens mapeadas pela girafa foram muito importantes. Diversos de seus estudos mudaram o rumo do planeta, suas descobertas possuem riquezas a serem investigadas até hoje. Mas, com o fluxo processual do tempo e da vida as paisagens antes investigadas com sucesso pela girafa do alto de seu pedestal, pareciam não mais serem encontradas ao serem buscadas desta forma. O que havia acontecido com o poder de conhecer da girafa? Eis então que a girafa entrou em crise...

Sim, eu afirmo. Aqui temos uma girafa em crise. Já em leve dúvida sobre a perfeição do plano superior, a girafa abaixou a cabeça. Buscava contemplar os acontecimentos de baixo que, por tanto tempo, ignorara. Ao abaixar a cabeça observou que dentro das paisagens que ela examinava haviam micro-paisagens. Espaços pulsantes de constante transformação, muitas cores que não podiam ser vistas do alto, de baixo tornavam-se destacadas. Também havia uma diversidade de sons e clamores que chegava a ser incômoda de tão intensa. Havia multiplicidade dentro da paisagem, ao contrário do que pensara a girafa quando a observava do alto. E, tão intensa era esta multiplicidade que seria mesmo difícil classificá-la ou enquadrá-la como se podia fazer com as grandes áreas que anteriormente analisara. Que poderia fazer a girafa? Sua missão estava em analisar a evolução deste mundo real rumo ao ideal. Para repensar este conceito, a girafa teve que dobrar seu longo pescoço.

De pescoço abaixado a girafa também percebeu que muitos de seus anéis haviam se partido e agora estavam desordenados pelo chão. Alguns deles se incorporaram à dinâmica da paisagem, camuflando-se. Outros caíram em regiões mais instáveis e oxidaram, deixando de contribuir à paisagem apenas sua energia atômica no ar. No entanto, alguns outros anéis ainda permaneceram fixos em seu pescoço.

Tonta, a girafa envergou-se ainda mais em busca de alguma explicação para tal acontecido, estando também disposta a procurar aqueles que pudessem explicar a presença de tantas realidades onde, até então, aparentemente, só havia uma.

Foi nesta busca que ela, por estar de pescoço abaixado, viu pela primeira vez que havia água sobre a superfície. Viu nesta, algo muito volátil e estranho, viu sua própria imagem refletida.

Tal imagem era muito parecida com ela, mas o palpebrar das pequenas ondas não permitia que suas curvas se delineassem. Sua imagem se tornava fosca e indefinida. Esta imagem fazia questionamento sobre a própria forma da girafa, ela a interrogava e insultava, ao mesmo tempo em que nela se reconhecia.

Sentia como se esta imagem a sucedesse ao mesmo tempo em que parecia afirmar sua forma já existente. É como se ela fundasse um ‘pós’ em si mesma, ao passo em que se questionava em sua forma, em sua visão de mundo, em sua metodologia de análise das paisagens. Então nos momentos iniciais desta descoberta lhe ocorreu negar que esta imagem existisse – não há um ‘pós’ de mim mesma – pensou a girafa confusa.

Por outros momentos, pensou em absolutizar esta forma de ver e torná-la o novo padrão. E eis que, no último século muito tem se discutido sobre a possível convivência entre o período que aqui denomino *girafa*, e este outro que se funda a partir dos olhares curiosos do primeiro sobre si mesmo.

E trava-se desde então uma árdua guerra. Quem tem razão? - ou - Não há razão?

Muitos dos atuais representantes dos anéis que permaneceram no pescoço da girafa continuam a olhar e comparar a evolução entre os dois mundos, buscando que o mundo subalterno gradativamente consiga aproximar-se, ao máximo, das benéfcies do modelo superior. Estes, em geral, negam a possibilidade de um conhecimento *pós-girafa*, pois ele parece se apresentar sem proposta e definição.

Já os representantes dos anéis que caíram no fluxo das micro-paisagens, buscam superar um modelo que, para eles, se encontra vencido, pois está centrado na evolução e na objetividade, e, estes padrões não são substanciais para a compreensão das micro-experiências. Em suas interpretações, tal expectativa não pode dar conta das multiplicidades que habitam, criam, produzem e reproduzem; a diferença e a heterogeneidade das paisagens em nível micro.

Não me cabe aqui, e isto também não desejo, valorar as concepções *girafas ou pós-girafas*, indicando dentre elas o caminho mais seguro. O que creio ser interessante é que podemos encontrar nelas espaços que nos problematizam de maneira diferente a paisagem-vida, potencializando – conseqüentemente – o espaço investigativo.

Gostei muito deste mito ... *às vezes gosto do que escrevo, mas não posso reler muitas vezes, melhor não arriscar.* (LISPECTOR)

ATO VIII – AS FORMIGAS E OS SEGREDOS DO MAR

Praia do Futuro - Fortaleza, dezembro de 2004.

Na disciplina: *Análise Institucional e Pesquisa Sociopoética*, ministrada pela professora Sandra Petit em 2004.2 no Programa de Pós-graduação em Educação, realizamos uma aula final na Praia do Futuro. Neste momento foi pedido que cada um produzisse um texto que relacionasse sua pesquisa com o conteúdo estudado. Ao que

produzi uma narrativa que muito espelha o processo pelo qual minha investigação passava neste momento:

“Cedo da manhã ouvi o barulho da grande toca em meus ouvidos, abri a janela e lembrei: era dia de visitá-la. Como uma formiga astuciosa guardei meus suprimentos na bolsa e minhas implicações no coração, então parti ao encontro do mar.

No caminho aguardei por outras formigas que saiam de suas tocas para um encontro em comum.

- *O que íamos então fazer naquela manhã?* - pensei com a impaciência típica das formigas.

- *Vamos rumo ao formigueiro* - lembrei. *O formigueiro de implicações!*

Sentados sobre a pedra retangular, as formigas aguardaram pacientemente a chegada da grande folha que as conduziria ao destino de sua jornada. Algum tempo depois o referido veículo chegou com a formiga anti-cárcere em seu comando⁵⁹.

Formigas são capazes de carregar dezenas de vezes a quantidade de sua própria massa. Desta forma, transportávamos toneladas de experiências e saberes partilhadas na última estação. A estação instituição. Nela estivemos imersos em uma meteorologia incerta e não-controlável. Porém, tratávamos de solo fértil, rico em analisadores e pleno de transversalidades que ultrapassavam nosso nicho-acadêmico.

- *É ... formigas são mesmo muito complexas* - pensava eu acomodado sobre a folha.

Enfim, chegamos a 'boca' do formigueiro, que estava quase escondida pelo excesso de suprimentos trazidos pelas outras formigas. Estes bichinhos precisam comer muito para produzir.

- *Que faz um formigueiro de frente para o mar?* - pensei introspectivo.

Talvez faça confusão e destitua a ordem estabelecida.

Então, seriam os formigueiros uma contra-instituição? - questionei-me novamente.

Eles, os formigueiros, estão sendo construídos por formigas não acomodadas com a matéria existente. Elas pegam a matéria instituída pela natureza e com a força instituinte de seus corpos constroem algo novo, que ao mesmo tempo em que nega a matéria bruta

⁵⁹ Refiro-me a Antônio Rodrigues, pesquisador das Instituições Carcerárias.

inicial, também nega sua total transformação. Assim, as astuciosas formigas erguem formigueiros nos locais mais inusitados, mesmo onde o ambiente não se mostre pronto elas sempre aparecem. Ruidosas, trabalham incessantemente para a institucionalização de algo novo, propondo um espaço que se oponha a ordem naturalizada das coisas. incomodam aos mais conservadores, que querem um ambiente em total harmonia, sem a presença problematizadora de um formigueiro.

De vista para o mar, estes minúsculos e poderosos seres constroem mais uma casa, feita de saberes com e para o mundo. Assim, buscam os segredos deste grande mar. O mar da vida.

E... para início de um novo formigueiro, aguardemos uma nova estação. A estação dissertação”.

ATO IX – CONVERSA COM JACQUES GAUTHIER

Fortaleza, 18 de janeiro de 2005.

Nesta data, encontrei-me com Jacques Gauthier⁶⁰ com o objetivo de repensar os caminhos metodológicos e conceituais da minha pesquisa. Na conversa falei a Jacques o quanto acreditava que poderia enriquecer os dados da pesquisa sociopoética com a produção dos diários das implicações. Também partilhei com ele o desejo de trazer idéias da Análise Institucional para a pesquisa. Tive um *feedback* muito bom, Jacques me aconselhou a centrar o conceito de implicação nas relações com as produções dos diários. Foi um momento descontraído, conversávamos em francês e almoçávamos sob o tórrido calor das 13h, em Fortaleza.

Dentre as muitas idéias que partilhamos em menos de uma hora, uma tornou-se deveras importante para uma mudança radical em meus estudos: a mudança do tema de investigação. Foi a partir deste dia que fiquei decidido a mudar a investigação do conceito *Autonomia por Povos do Mar*.

⁶⁰ Fundador da Sociopoética. Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII.

ATO X –CONVERSA COM SANDRA PETIT

Fortaleza, 05 de março de 2005.

Hoje foi um dia realmente difícil para o andamento de meus trabalhos de pesquisa. Conversei com Sandra sobre a mudança da temática de investigação e das relações metodológicas. Juntos tentamos clarear o novo cenário de investigação. Não conseguimos ir muito longe. Então, disse a Sandra que caso não conseguíssemos montar este novo projeto voltaria ao anterior por uma questão operacional. Estava com medo, pois após um ano no Programa ainda estava refazendo o projeto de investigação. Então, ao final de nossa conversa Sandra me instigava a trabalhar com o medo e tivemos a melhor conversa de nossas orientações, na qual ela me disse:

Un chercheur ne doit pas reculer devant la peur, parce que sinon on ne fait rien de très intéressant, on ne fait rien de très nouveau, on n'apporte pas de grandieuses contributions ... la peur, elle fait parti du parcours. Il faut ne pas s'arrêter! Il faut travailler avec la peur. Ben, oui!!! On travaille avec la peur! On n'est jamais sûr de tout ce qu'on fait. C'est impossible! Même quand on croit qu'on est sûr, on n'est pas sûr. Quant on pense qu'on est sûr, brusquement il se passe une autre chose! Et si on est tellement sûr à propos d'une chose, on ne voit pas d'autre chose. Cela c'est aussi un problème! Dans ce cas, s'il y a d'autres aspects, on ne regarde pas, parce qu'on cherche le chemin tracé. Donc, en réalité, on n'est jamais sûr de rien. Même quand on croit qu'on est sûr, on est sûr de rien. Et si on est sûr, il faut se méfier de cette sureté. La sureté ce n'est pas un élément moteur pour une recherche, c'est plutôt le contraire- les doutes, les interrogations – et dans ce cas là, il y a toujours de la peur.⁶¹

⁶¹ Trad (minha): um pesquisador não deve recuar diante do medo, porque senão nunca fazemos algo de muito interessante, nada realmente novo, não trazemos grandes contribuições ... o medo, faz parte do percurso. É necessário não parar diante do medo, e sim, trabalhar com ele. Bem, sim!!! Trabalhamos com o medo. Nunca estamos garantidos em nada que fazemos. É impossível! Mesmo quando acreditamos que temos a certeza, não estamos certos de nada. Quando acreditamos que estamos certos, bruscamente acontece uma outra coisa. E se estamos com tamanha certeza a respeito de uma coisa, não vemos nada além. Isto também é um problema! Neste caso, se há outros aspectos, nós não os vemos, pois buscamos o caminho já traçado. Logo, concretamente, nunca se tem certeza absoluta de nada. E, caso achemos que estamos certos, é necessário desconfiar desta certeza. 'Estar certo' não se constitui como o elemento motor de uma pesquisa, trata-se exatamente do contrário - as dúvidas, as interrogações - e nestes casos, sempre teremos que lidar com o medo.

ATO XI – MUDANDO PLANOS

Sobral, 29 de março de 2005.

A aridez de Sobral me é produtiva. Há vinte dias, trabalho intensivamente na produção de meu novo projeto de pesquisa. Já tenho mais claras as mudanças no cenário metodológico e teórico. O que mais me inquieta é a busca por um novo ‘lócus’ de pesquisa, já que decidi que a partir da nova configuração da problemática não quero mais fazer a pesquisa na Prainha, preciso de uma comunidade de Povos do Mar na qual possa entrar em contato com mais dados inovadores, que seja menos pesquisada e que tenha diversas relações com o mar, para além do campo do trabalho pesqueiro e das lutas sociais.

ATO XII – A DESCOBERTA DE TATAJUBA

Camocim, 05 de julho de 2005.

Neste início do mês de julho, fui convidado pela UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú – para ministrar algumas disciplinas no curso de Formação de Professores em várias cidades da Zona Norte do Estado do Ceará. Dentre estes municípios, está o de Camocim, no litoral noroeste de nosso estado, próximo à fronteira costeira com o Piauí. A experiência docente foi valiosíssima, no entanto, este não foi o maior tesouro que encontrei lá. Ao longo da disciplina, conheci várias pessoas que habitavam na comunidade de Tatajuba. Como se tratava de uma disciplina de estudos na Pesquisa em Oralidade e Escrita, formamos equipes para que as pessoas apresentassem alguns estudos da região. Um grupo de alunos de Tatajuba apresentou o lugarejo com algumas fotos e depoimentos dos moradores em jornais locais. Fiquei extremamente instigado a conhecer mais sobre a comunidade, independente de vir a pesquisar lá ou não, pois se mostrava com uma beleza exuberante. Estou decidido que, em no máximo um mês, irei conhecer a comunidade. Tatajuba é um nome que me quer dizer algo nas entrelinhas. Este nome me chama!! Minha

motivação em conhecer esta comunidade é tão intensa que não sei explicar. Um palpitar de meu coração me diz que há grandes possibilidades de ter encontrado meu campo de pesquisa de maneira despropositada.

ATO XIII – A ILHA DO AMOR – 1ª parte

Camocim, 21 agosto de 2005.

Para se chegar à Tatajuba há de se passar pela ilha do amor. Sentado na ponte olho a ilha e penso ... nem sempre é tão árduo pesquisar.



A ilha do Amor está separada de Camocim por um braço de Mar. Do município peguei uma lancha e atravessei o mar até a ilha. São cerca de dez minutos e uma visão indescritível da natureza abundante. Senão estivesse com horário marcado creio que faria esta travessia dezenas de vezes. É emocionante! Neste período dos ventos forte, no litoral norte do nordeste brasileiro, as ondas sobem e invadem a lancha através de gotículas que explodem com violência ao nosso lado. Chegando a Ilha do Amor, *Danio* um morador local, me esperava para me levar de moto para Tatajuba. Foram cerca de 30 minutos subindo e descendo dunas imensas na

moto, passando por vales e lagos até chegarmos à Tatajuba, isolada por um outro braço de mar – a Gamboa de Tatajuba. A paisagem que a vista alcançava ao longo de todo o caminho não pode ser descrita com palavras ...

ATO XIV – PERCEBENDO TATAJUBA

Tatajuba, 21, 22 e 23 de agosto de 2005.

Ao chegar em Tatajuba, próximo ao meio dia, enveredo-me a caminhar pela comunidade acompanhado de Raimundinha⁶² (uma de minhas alunas em Camocim) que me

⁶² Coordenadora do conselho de Desenvolvimento Comunitário de Tatajuba.

recebeu em sua casa. Converso com algumas pessoas, vou até a associação, passo por casas diversas, visito outros alunos que moram lá. Fui também à casa de alguns habitantes mais antigos, conversei com pescadores e fiz uma caminhada à beira-mar. À noite, exausto conversei em casa de Raimundinha com ela e mais alguns moradores sobre histórias do mar, mitologias diversas, causos antigos ... falamos também do atual cotidiano de trabalho e organização da comunidade.

Nos próximos dois dias continuei na comunidade e aprofundi minhas observações. Também reuni um grupo que, à priori, tinha interesse em formar o grupo de pesquisa composto por vários atores sociais diferentes (pescadores, artesãos, líderes, jovens, professores, idosos..) consultei o grupo sobre a relevância de se pensar o conceito dos *Povos do Mar*, ao que encontrei interesse do grupo ... conversei ainda com alguns pescadores que estavam sua canoa à beira mar, visitei a outra associação, ACOMOTA, cuja frase pintada na parede da entrada designa bem as implicações dos tatajubenses com sua terra, dizia: TATAJUBA É NOSSA TERRA, É NOSSA VIDA.

ATO XV –POEMA: MOVIMENTO

Tatajuba, 23 de agosto de 2005.

Ao longo deste primeiro período em Tatajuba, obtive inspirações para escrita muito evidentes com a natureza. Realmente, não há como esta comunidade não ser envolvida por tamanha energia biofísica. Nestes dias escrevi algumas poesias. Da janela de meu quartinho no quintal da casa, produzi uma que me parece tão profunda, ao passo que nem sei bem ao certo dizer seu significado. Não é uma idealização, é um relato de experiência. Desejo que alguém que leia possa senti-lo: *Movimento*.

[por questões gráficas, já que se trata de um poema “não-métrico”, o espaçamento será modificado]

Kinema,

Rosas de ventos extrapolam minha janela,

Que querem elas fazer?

Não sei!

Silencioso,

penso.

Peeenso,

pensssssssssssss

Já sei!

Querem brincar?

(repouso)

s

ss

sss

ssss

sssss

ssssss

Elas retornam,

mais intensas

e frescas.

Agora sim

estou certo.

Elas querem brincar!

Então

tento brincar

mas não sei!

Voluptuosas

elas

dominam o espaço.

Abrilhamtam

sua própria essência.

Depois

garbosas

promovem seus próprios aplausos

com um doce e inefável

palpebrar de janelas.

Então

esperançosas

me olham

me analisam com suas íris de invisibilidade

Esperam resposta!

.

.

.

Em doce ingenuidade

faço um gesto no ar

tento abraçá-las.

(Constrangimento)

Penso!

(Silêncio)

Penso!

(Barulho)

.

.

.

acho que não sei!

(repouso)

.

.

.

Como uma lagarta

resguardo-me.

De costas para a janela

preservo-me do vexame maior.

.
. .
. . .

Pés no chão

caminho

 caminho

caminho

.
. .
. . .

(escuto)

meu corpo gela

até prendo a respiração.

Total silêncio

atenção

atenção

atenção

e

 s

 SSSSS

 SSSSSSS

 ss

 SSSS

 SSSSSSS

 SSSSSSSSS

 SSS

 SSSSSSSSSS

(sorriso)

.
. .
. . .

acho que ainda sei!

(movimento).

ATO XVI – A ILHA DO AMOR – 2ª parte

Camocim, 28 de setembro de 2005.

Hoje estou de volta à Camocim. Na verdade: estamos, porque vim com Rebeca, uma amiga do Mestrado que atuará como co-facilitadora, ajudando-me nas oficinas. Estamos literalmente de *Mala i Cuia*, como reza o ditado. Às margens do litoral esperamos a pequena lancha que nos



travessia encontramos grupos atravessavam retornando às como é bom revê-la. Lembrei-disse quando estive aqui da *amor basta que alguém venha pise a areia com os pés* minha segunda vez e ... *no creo*

levará à Ilha do Amor. Na de pescadores que suas casas. Ah ... *belle île* me de uma senhora que me outra vez: *Para ser feliz no à ilha do amor três vezes e descalços*. Bem, esta já é *en lãs brujas pero que las*

hay, hay!!! Então, tirei os sapatos para garantir. Em um pequeno veículo nos aglomeramos com algumas crianças e com o motorista, *Seu Raul*, argentino que habita em Tatajuba há mais de 15 anos, pessoa sempre bem humorada, amorosa e cooperativa.

ATO XVII – O GRUPO DE PESQUISA

Tatajuba, 28 de setembro de 2005.

Ao chegar procurei confirmar os membros do grupo de pesquisa. Havia solicitado



que fossem, em média, 12 pessoas, mas a notícia já havia se espalhado pela comunidade. Já haviam 17 inscritos e mais uma outra quantia similar querendo participar da pesquisa. Por se tratar de uma pesquisa sociopoética tive que limitar o número aos 17 já inscritos, para que

houvesse viabilidade logística dos trabalhos de produção e análise. No entanto, este fato me deixou plenamente feliz, uma vez que percebia que a comunidade demandava a investigação e tinha interesse por ela. Creio que este é um dos fatos que mais motivam um pesquisador em uma abordagem de campo.

ATO XVIII – A PREA-MAR E O PESCADOR

Tatajuba, 29 de setembro de 2005.



Como a segunda oficina só ocorreria à noite, eu e Rebeca resolvemos passear pelas praias de Tatajuba. Após haver andado muito, voltamos por volta de 13h. O local pelo qual havíamos passado estava completamente alagado e a faixa de praia onde estávamos havia se tornado uma ilha que rapidamente estava sendo inundada. A força da corrente entre mar e lago era intensa. Em pânico, pensamos em passar por dentro da água por um caminho que parecia mais curto. Assim que entramos na água ouvimos uma voz ao longe que gritava: *não!* Um pescador nos havia visto e indicou que aquele local era muito profundo naquele horário e que ao chegarmos ao meio não teríamos força para enfrentar a correnteza nem mesmo para voltar. Este senhor nos indicou um caminho bem longo pelas águas do outro lado. Seguimos o saber popular e graças a ele nos salvamos. Eh ... os homens do mar tem muito a dizer sobre a vida neste local. Fico feliz em estar pesquisando seus conceitos.

ATO XIX – A PROPOSTA DOS DIÁRIOS

Tatajuba, 29 de setembro de 2004.

Ontem, ao realizar a primeira oficina propus ao grupo a elaboração dos diários das implicações. Fiquei atento para deixá-los bem à vontade na opção de ficar ou não com o diário. Observei, no entanto, que este assunto os excitou. Seus olhos brilhavam quando falei da possibilidade em levarem os diários para casa e registrar suas relações com o mar e os

povos do mar. Mesmo os integrantes não-alfabetizados optaram por levar o diário, criando várias estratégias para seu registro. Os pescadores demonstraram-se como o grupo mais interessado nesta atividade. O envolvimento paulatino entre a comunidade e a pesquisa está se tornando a cada momento mais intenso.

ATO XX – PESQUISAR: ANGÚSTIAS E PRAZERES

Tatajuba, 30 de setembro de 2005.

Nestas últimas três noites, eu e Rebeca temos passado angustiantes momentos de conversa após as oficinas. Ficamos em casa pensando as condições de possibilidade de cada um dos dispositivos. Vamos dormir no meio da madrugada, pensando o que fazer para tornar o dispositivo do dia seguinte mais potente, mais heterogêneo - capaz de provocar conceitos novos no grupo. Diversas são as angústias que me rodeia neste momento da investigação, é a relação processual da própria investigação. Processo indispensável para o amadurecimento de algumas práticas.



Fato inusitado, entretanto, que vivenciamos foi uma ironia a esta angústia de pesquisar. Durante o dia, saímos para exploração do litoral de Tatajuba. Banhávamo-nos no final da tarde, onde o pôr-do-sol é fantástico. Banhávamo-nos com água e areia, rindo e repetindo: *como é angustiante pesquisar...* aquele momento de contemplação era uma grande ironia com a angustia que envolvia a realização das oficinas ... Tal acontecimento só reafirma em mim que para pesquisar temos que estar aptos a ver muitas coisas ao mesmo tempo, pois ao invés de dicotômica e organizada, a experiência humana é polifônica e caótica ... “tudo ao mesmo tempo agora”!!!

ATO XXI – A PONTE ‘MALASSOMBRADA’

Tatajuba, 30 de setembro de 2005.

Como é conhecida aqui em Tatajuba a ponte ‘malassombrada’ liga a parte alta da comunidade (centro), nas dunas, com a baixa – mais próxima ao mar. Como não há energia elétrica nos postes, há noite todos têm muito medo de passar por esta ponte. Ao longo de minha estadia nestas duas etapas, escutei muitas pessoas atravessarem a ponte gritando após virem da missa, ou de alguma outra atividade no ‘alto’ – como é chamada a área das dunas pelos moradores. Grupos de pessoas se reúnem e atravessam a ponte em aglomerados. Quando alguém aparece com uma lanterna junta-se, rapidamente, uma legião de seguidores. O ponto mais crítico é embaixo do cajueiro já próximo a saída da ponte. Os moradores alegam que várias pessoas já apanharam de um ser invisível, já ouviram vozes, foram ameaçadas ... são muitas as histórias. O grito é garantido!!!



Raimundinha, Seu Antônio e eu, atravessando a ponte às 22:30h.

ATO XXII – MITO DA REAL SOCIEDADE DE TATAJUBA

Tatajuba, 30 de setembro de 2005.

Ao longo de todas minhas experiências na comunidade de Tatajuba, um fato sempre me surpreendeu: a convicção com que as pessoas se referem à Mitologia de fundação da localidade. Nesta ampla gama de histórias míticas, o Mito mais conhecido é o da Princesa do Morro Encantado. No entanto, são muitas as histórias que compõem o cenário mítico da

antiga sociedade tatajubense: a civilização ancestral, a cidade do ouro, as visitas de povos estrangeiros, a perfeição da beleza, ... estas histórias em conjunto constroem um grande e elaborado mito. Em uma conversa com um dos moradores antigos do lugarejo, ele descreveu este momento como ‘Sociedade Real’. Inspirado neste termo e nas diversas histórias que me foram contadas isoladamente, ou em conjunto, pelos povos locais organizei o “Mito da Real Sociedade de Tatajuba” que já existe há tempos, mas nunca fora contando, reunindo todas as histórias isoladas na oralidade do povo.

Vale ressaltar que para compor esta Mitologia utilizei detalhes das produções do grupo pesquisador sobre o mito, como: indumentária, veículos ... alguns detalhes que só foram criados agora, ao longo da pesquisa, incorporando-se ao mito. Para elaboração dos detalhes do mito que ficavam em aberto, contei com o imaginário popular. Ao longo da pesquisa, fui fazendo perguntas sobre os pontos silenciados na construção do mito e as pessoas foram criando universos de possibilidades, até resultar na narrativa que trago a seguir. Inevitavelmente, esta versão do mito também traz minha interpretação e criação, uma vez que *o mito é uma matriz de conhecimento que se deixa eternamente interpretar, sendo a própria interpretação um novo Mito.*

“Em um tempo muito antigo que nossa noção de passado não pode captar – tempos fabulosos – um imenso reino imperial existia às margens da Gamboa onde hoje se localiza Tatajuba. A origem deste reino não se conhece, pois seria tão antigo que seriam impossível mensurar sua origem. Talvez mais antigo que as mais remotas civilizações dos mitos gregos. Os ancestrais da humanidade.

Esta civilização era altamente organizada, com excelentes meios de transporte aéreo, marítimo e terrestre. As moradias eram todas sob a forma de palácios à beira-mar. Estes palácios, por sua vez, eram altamente luxuosos. Suas paredes eram feitas de ouro maciço, seu teto cravejado de diamantes. A harmonia destes palácios com o meio-ambiente era perfeita. Mares e lagos se misturavam ao interior das construções. No interior de cada palácio havia árvores do tipo Tatajuba. Pássaros rodeavam os palácios, dando-os uma proteção mágica. Carneiros de ouro pastavam no Vale, guardando a pureza do local.

Todos os habitantes do local tinham poderes extraordinários, mas quase não os utilizavam porque não era preciso. Suas indumentárias eram diversas, não havia uma moda em comum. Algumas pessoas vestiam longas mantas e grandes adereços, enquanto outras utilizariam roupas recortadas para salientar seu corpo. O elemento em comum em todas estas peças de vestuário era o luxo, todas elas contavam com muito ouro, prata, luzes coloridas e pedras preciosas. Eram também altamente inteligentes, produzindo todos os instrumentos que necessitavam.

O lugarejo vivia isolado de qualquer contato natural e sobrenatural com outros povos, pois os habitantes sabiam que deveriam primar pelo isolamento. O contato com outras civilizações seria a única coisa que os colocaria em perigo. Muito tempo se passou nesta calmaria.

Para selar o poder da civilização local, a mais bela princesa – Esmeralda – estava sendo preparada para casar com o mais poderoso líder local. As princesas eram plenas de encantos. Tal encantamento as tornava nas criaturas mais belas que toda a existência humana já presenciou.

Eis que, certo dia, homens que passavam em uma embarcação nas proximidades do local perceberam a forte luz dourada emitida no litoral de Tatajuba e se direcionaram para lá. Em tempos tão remotos assim, não se pode imaginar quem sejam estes povos. Talvez, personagens vivos da antiga mitologia grega? O que importa é que eles chegaram até lá!

O brilho do ouro faiscava quando o sol incidia sobre as paredes dos castelos. Este esplendor atraiu os invasores até a Gamboa. Não se sabe como, mas estes povos conseguiram romper o encanto e se aproximar da praia. Lá, foram capturados pelos habitantes locais. Estes, por sua vez, sabiam que não poderiam deixar que ninguém saísse com vida dali e contassem sobre o local. Mas, ao invés de matar os invasores, expulsaram-nos e fizeram um encanto no mar, para que ele se encarregasse de destruí-los. No momento do ataque, o mar foi piedoso e deixou que os tripulantes partissem, contanto que eles não

voltassem jamais, nenhum estrangeiro poderia vir duas vezes ao local. Caso este acordo fosse descumprido uma misteriosa profecia se realizaria.

Sem que ninguém soubesse, os tripulantes haviam levado uma das princesas em seu barco para mostrar sua tamanha beleza quando chegassem em suas terras. Tempos depois outros integrantes destes povos voltaram à Tatajuba. Os anteriores lhe haviam dado a localização, uma vez que não se atreveram a voltar e enfrentar a profecia do mar. Não vinham atrás do ouro, nem das pedras preciosas. Traziam príncipes que propunham casamentos às princesas locais e as levavam em seus navios para longe. Em troca ofereciam a proteção de seus Deuses aos habitantes locais. Como estes povos haviam sobrevivido ao encanto lançado no mar, os habitantes do Reino de Tatajuba aceitaram o acordo, pois os credenciavam como poderosos. Além disso, a sociedade local via nesta ocasião uma chance de ter sua beleza e riqueza conhecida e reverenciada por todos os povos. Várias princesas, como também alguns príncipes, de Tatajuba deixaram sua terra por meio de navios que os levavam para matrimônio com reis em terras distantes.

Foi então que o mais importantes dos reis das terras distantes viera à Tatajuba para conhecer Esmeralda – a mais bela das princesas. Ao chegar, encantou-se por ela. A princesa também enamorou-se dele. O rei convidou Esmeralda par ir consigo. Ela recusou. Disse que só iria se ele retornasse após o período de dez luas cheias, pois precisaria de tempo para se despedir de sua terra amada.

Encantado com a beleza de Esmeralda o rei aceitou. Embora, soubesse que não se poderia acessar aquele lugar mais de uma vez sem enfrentar a profecia lançada pelo mar.

Passado o período combinado, o príncipe retornou de terras distantes. Para sua surpresa, o mar estava extremamente tranquilo e tudo parecia muito calmo. Quando estava perto de atracar próximo ao Reino de Tatajuba, o príncipe viu sua bela Esmeralda esperando-o à beira-mar. Estava bela como nenhuma mulher poderia ter sido outrora ou jamais poderá ser em tempos vindouros. Toda a sociedade estava reunida para se despedir da mais bela princesa.

Ao passo em que o navio se aproximava da Gamboa, o tempo escurecia. Nuvens fechavam o céu. De repente todo o céu se tornou negro quando o navio atracou. Ventos fortes surgiram de todas as direções, carregando a areia das dunas em direção ao navio. Rapidamente a areia começou a encobrir o barco, os palácios e toda a sociedade. Os calçamentos de pedra preciosa que solastravam a rua também foram cobertos de areia. Os cordões de dunas migravam com estrondosa velocidade, cobrindo tudo que ali havia. O príncipe ainda pensou em voltar, temendo ser esta a profecia do mar. Também Esmeralda pensou em desistir de sua viagem, pois acreditava que foi sua decisão em deixar aquele maravilhoso lugar que provocara as forças da natureza. Mas, não houve tempo para arrependimentos. Esmeralda viu seu príncipe ser soterrado dentro do barco, ele foi o primeiro a morrer. Também viu tudo sumir debaixo da areia: palácios, transportes, animais, rios, lagos e todos que conhecia. Este soterramento empurrou para baixo toda a Real Sociedade de Tatajuba com suas riquezas, deixando por fora a formação de um monte que fica sobre o navio soterrado, é o atual *Morro Encantado* de Tatajuba.

Esmeralda foi a última a perecer sob a areia. Antes de ir, concentrou toda a energia da natureza e lançou uma nova profecia a ser cumprida naquele local. Ninguém poderá acessar as riquezas que estão embaixo do morro a menos que cumpra a profecia que, por sua vez, impõe o seguinte: para que alguém possa ter todo o conhecimento da princesa, visualize tudo que aconteceu e, então, descubra como acessar o conhecimento debaixo do morro deverá cumprir uma estranha seqüência de acontecimentos. Um pai ou mãe deverá pegar seu próprio filho recém-nascido, a menos de 24h, e levar à meia-noite no alto do morro encantado, somente os dois poderão ir. Ao chegar lá, deve furar o dedo da criança e fazer uma cruz com sangue sobre o morro. Depois deverá desafiar a princesa por três vezes. A criança morrerá e o adulto conhecerá tudo sobre a antiga sociedade que ali viveu, entenderá tudo que um ser comum não pode entender e gozará de todos os privilégios da Sociedade Real soterrada. Até lá os próprios personagens da sociedade protegerão o poder do morro. Por isso, é comum escutar atualmente história sobre ‘carneiros de ouro’ que atacam pessoas, ‘transportes estranhos’ que perseguem quem sobe o morro à noite, ‘luzes douradas’ que aparecem e somem, ‘furacões’ que se vingam dos que desrespeitam o poder do Mito”.

ATO XXIII – PENSANDO AS ESCULTURAS DE AREIA

Tatajuba, 30 de setembro de 2005.

É sempre muito gratificante para um pesquisador analisar o sucesso de algumas de suas técnicas de pesquisa. Na tarde de hoje, ao realizar o III dispositivo da minha pesquisa, sinto-me satisfeito por ter conseguido provocar no grupo tamanho envolvimento com o tema, extraindo dos co-pesquisadores visões que julgo por muito inovadoras, complexas, paradoxais e metafóricas. O processo de produção foi fantástico. Nunca poderia imaginar tanto êxito em uma técnica. Reconheço que nas três técnicas utilizadas obtive a produção desejada, mas esta última foi realmente algo do plano do *natural/ sobrenatural* como dizem os próprios habitantes daqui. A produção dos trabalhos no mar fez a grande diferença. Aqui os participantes se colocaram mais visceralmente como povos do mar, analisando suas implicações de maneira bem transversal. A mistura entre memória, imaginário, história, espiritualidade, cotidiano e natureza física atingem seu ápice nesta técnica. Tanto eu como todo o grupo estamos com um ar perplexo. Eles produziram seus trabalhos com intensa introspecção Como relatou uma pesquisadora: *estamos em dialogo com o mar*. Senti este momento como uma interação nunca vista antes entre *vida x mar*.



ATO XXIV – JERI: MAR DE MUITOS POVOS

Jericoacoara, 01 de outubro de 2005.

Nos relatos dos moradores de Tatajuba sempre aparecem comparações com a vila de Jericoacoara. Ambas as localidades já foram bem parecidas no passado, mas Jericoacoara se transformou em um grande complexo turístico nos últimos 20 anos. A rápida urbanização de Jeri – como chamam os moradores – e as drásticas mudanças em seu espaço litorâneo amedronta e fascina os moradores de Tatajuba. Em busca de compreender um pouco mais estas diferenças atuais fui hoje à Jericoacoara pela manhã, contatando seu aspecto metropolitano e visualizando as benfeitorias e decrepitudes ocorridas na cultural local.



Segundo
uma moradora
com quem
conversei, o
número de
habitantes
nativos de Jeri
está
praticamente
sumindo, mas
ainda há alguns
que organizados
em movimentos
conseguem

sobrevivem à ocupação estrangeira e convivem bem com ela.

As construções neste local são tantas e tão diversas que é difícil de mensurá-las em termos quantitativos. Mesmo antes de fazer uma análise mais aprofundada, desejo um outro futuro para Tatajuba. É visível a situação de subserviência da população nativa, vendendo

artefatos como ambulantes, trabalhando nos piores postos e quase inexistente em alguns locais.

ATO XXV – PARTILHA DOS DIÁRIOS

Tatajuba, 12 de dezembro de 2005.

Nesta data estamos reunidos para a partilha dos diários que os membros do grupo de pesquisa produziram. A experiência é fantástica. Burica é a própria imagem viva do mar, da pesca ... da singular vida do litoral. Ele e outros participantes não alfabetizados produziram textos emocionantes. Muitos foram os que encheram seus olhos de lágrimas ao longo da reunião. Explêndido!!!

ATO XXVI: O PEQUENO LÍVIO

Tatajuba, 13 de dezembro de 2005.



São 14:30h, estou almoçando em Tatajuba, na casa de Raimundinha. O vento sopra forte como sempre. As dunas em plena migração espalham areia por todos os lados, enquanto isso, as crianças brincam no quintal. Os adultos saíram para trabalhar e estou só em casa com os pequenos. Enquanto almoço, o Pequeno Lívio⁶³, de 7 anos, filho de minha anfitriã, senta-se a meu lado. Ele me faz muitas perguntas! Cansado da caminhada que houvera feito na praia, não pretendo respondê-las, procuro desviar-me delas com monossílabos, mas Lívio insiste em suas indagações. Então, como se quisesse provocá-lo, respondo em francês. Ele, por sua vez, continua a me perguntar mais e mais coisas, ao que continuo respondendo em Língua Francesa. Pouco a pouco, Lívio vai se angustiando por não entender as respostas. Ele não chega a cogitar que estou respondendo em outro idioma, acha que há algum problema na minha capacidade de falar ou na sua de compreender. A

⁶³ Exibição de nome e imagem autorizada pelos pais.

partir de então, o pequeno Lívio passa a utilizar um arsenal de táticas para romper as barreiras da incompreensão. Primeiramente procura me irritar, repetindo sucessivamente perguntas chatas. Volto a respondê-las em idioma estrangeiro, desta vez em inglês. Entendo seu jogo e também começo desafiá-lo. Procuo analisar até onde ele procuraria subterfúgios para ser respondido. Ao passar dos minutos, sua angustia aumenta, sua face enrubesce. Éis então, que o inteligente Lívio tem uma brilhante idéia! Ele vai silenciosamente até a sala e traz um caderno. Pede que eu escreva nele as respostas que dou às suas indagações. A partir de então, volta a interrogar-me. Pergunta por pergunta, dando um pequeno intervalo entre elas para que eu – obedientemente – possa responder. Registro no papel as minhas monossilábicas respostas. Ao final do interrogatório Lívio mira-me com um ar de ‘eu venci’. Então, entrego-lhe o caderno. Lá constavam as mesmas respostas dadas oralmente, algumas em francês, outras em inglês. Lívio olha-me decepcionado. Fita-me com a indignação de quem fora traído. Mas, de súbito tem mais uma brilhante idéia!!! Senta-se na cadeira defronte a minha e olha-me atenciosamente. Eu fico ansioso para saber o que aquela cabecinha criativa estaria tramando. Em seguida, Lívio volta a passear o olhar entre meus escritos e encara-me forte mais uma vez. Faz-se um silêncio sepulcral! Então, de súbito, como se me esbofeteasse com sua diplomacia, o pequeno infante responde às questões que me fez, traduzindo os escritos a sua maneira, aportuguesando frases, abusando de todos os neologismos possíveis, criando realidades para além das dissertadas.

Após ‘traduzir’ todo o material, Lívio olha-me aliviado e diz:

- E então?

Ao que eu satisfeito respondo:

- Foi cem vezes mais do que eu saberia dizer!

Vitorioso, o pequeno Lívio sorri entre os dentes, reúne-se aos outros meninos e volta a brincar. Eu, satisfeito por ter concluído o almoço, volto-me imediatamente em busca do diário. Desejo realizar a pintura desta narrativa que registra o dia em que o menino Lívio descobriu ser capaz de criar suas próprias respostas para explicar o mundo.

ATO XXVII – LAGUINHO DA TORTA

Tatajuba, 14 de dezembro de 2005.

Hoje conheci o único forte pólo turístico de Tatajuba que é o Laguinho da torta. Os turistas são os mesmos de Jericoacoara que vêm até aqui em busca de tranqüilidade. O lugar é de beleza esplêndida. Os barraqueiros informaram que tem de mudar a posição da barraca cerca de quatro vezes ao ano. De acordo com a subida das águas. O passeio é em um barquinho pelo lago, bem tranqüilo, encantador, mas o bom cardápio de crustáceos é de alto nível. O Laguinho parece unir algumas características de Jeri com outras de Tatajuba.

ATO XXVIII – MUSEU DA NAVEGAÇÃO DA AMAZÔNIA

Belém, 18 de dezembro de 2005.

Estou na cidade morena e motivado por minha pesquisa venho visitar o Museu da Navegação da Amazônia. Aqui na navegação ribeirinha, também confirmam-se algumas premissas da navegação marítima. O navegar é mais que transportar-se, é flutuar sobre as águas, é ser natureza. Ou, como bem disse o guia: *navegar é navegar-se*.

P.S.: Quando o guia falou o que acima referi, eu ouvi ao longe, pois havia acabado de fugir do grupo, uma vez que detesto visitas guiadas ...

ATO XXIX: PARNAÍBA, PI – ESTREITO LITORAL, LARGO MAR

Parnaíba, 22 de dezembro de 2005.

Nos últimos dias, tenho tido a oportunidade de conhecer esta maravilhosa cidade que é Parnaíba, no estreito litoral piauiense. Aqui, busco vestígios históricos que comprovem a partida dos grupos indígenas que passaram por Tatajuba. Tenho visitado museus, teatros e conversado com diversos intelectuais locais. Até o momento, percebo que esta cidade tem muito mais a oferecer a minha pesquisa do que simples dados historiográficos. Ela me desperta a percepção do amor e orgulho que as pessoas possuem

por habitar próximas ao mar, pois embora esta já seja uma cidade de porte médio, núcleo estadual de desenvolvimento econômico – ao contrário da pequena vila de Tatajuba – o mar é a principal referência do parnaibano. Em um estado intensamente seco como o Piauí e quase todo voltado para o interior, tendo apenas uma curta faixa costeira, pertencer ao litoral, é assunto de satisfação exaltado por todos os habitantes locais. O mar aqui também faz mais que história! O litoral é estreito, mas o mar que ele constrói nas pessoas é largo!!!

ATO XXX – SEU RAIMUNDO

Fortaleza, 18 de janeiro de 2006.

Hoje, 18 de janeiro de 2006, fase em que estou concluindo a análise das produções plásticas realizadas nas oficinas de minha pesquisa, aconteceu-me um fato muito curioso e instigante. Estava eu em um ônibus, sentado em uma cadeira ao fim do corredor. Eram 10:30 da manhã e já me encontrava cansado, pois estava voltando de uma visita a núcleos do PROJOVEM⁶⁴ que ficam na periferia da cidade.

Sentado no ônibus, eu ignorava a existência do mundo no interior do veículo. Meu olhar concentrava-se fora da janela. Foi então que, de súbito, percebi que um senhor havia se sentado ao meu lado. Era ele, Seu Raimundo.

De início, continuei a olhar para o ambiente fora da janela, pensava em meus problemas de pesquisa, nos prazos, nas análises ainda por concluir e ao mesmo tempo articulava mentalmente um calendário para cumprir minhas atividades no PROJOVEM, uma vez que esta semana está-se avaliando o andamento do programa.

Bem, enquanto meu olhar vagueava pelos pensamentos, uma mão tocou meu ombro. Era ele, Seu Raimundo. Neste momento, olho-o atentamente e percebo que não o

⁶⁴ Refiro-me ao Programa de Inclusão Comunitária de Jovens – PROJOVEM – do Governo Federal, que estou participando como um dos facilitadores e no qual, na ocasião citada, eu realizava visitas a escolas do programa na Periferia de Fortaleza para fazer um diagnóstico de seu funcionamento a ser encaminhado para coordenação geral.

conheço. Este senhor também mira-me com um olhar expressivo. Olhos negros e profundos que me encaravam como se pudessem ‘scanear’ todas as minhas emoções. Em sobressalto, aguardo o motivo de sua intervenção. É então que – ironicamente - o senhor me pergunta:

- *Você é jovem?*

Fiquei sem ar por alguns segundos. Eu que estou debatendo tanto o assunto da Juventude atualmente, não saberia responder àquela audaciosa questão. Também o que levaria este velho a me perguntar isto agora, sem sequer me conhecer? – Eu me interrogava. Voluptuosa ironia do destino? Na dúvida, balancei a cabeça afirmativamente, com certo ar de antipatia pela ousadia do senhor.

Foi então que, ao receber minha afirmativa, o senhor completou:

- *Então me escute!!!*

A partir de então, este senhor iniciou um monólogo de 30’ no qual eu era seu único espectador. Neste ínterim, ensinou-me muitas coisas sobre a vida, a morte, a angústia, a criatividade de sobreviver. Fiz um esforço para desvencilhar-me de meus preconceitos por religiosos protestantes, pois o discurso de Seu Raimundo - vez por outra - pautava-se na lógica do protestantismo fervoroso. Seu depoimento tratava-se, no entanto, de percepções de uma vida repleta de escolhas e dúvidas que me lembravam o processo pelo qual estou passando na conclusão da minha pesquisa de mestrado.

Tomada a iniciativa, Seu Raimundo iniciou seu discurso dizendo que “*se lhe pergunto se é jovem, é para lembrar-lhe de fazer seu caminho. Não tenha medo das dúvidas. A dúvida é um caminho!*” – neste momento eu o mirava como quem não acredita no que está acontecendo. Como se fora uma espécie de *cartomante da Ciência*, Seu Raimundo olhava para mim como se conhecesse todos os meus problemas acadêmicos.

Após citar alguns versículos bíblicos, seu Raimundo baixou um pouco o tom da voz e como se sussurrasse, falou pela primeira vez de si, dizendo que “*quando se tem 88 anos e se mora na rua – como é o meu caso – a gente sabe que isto aqui não é vida, é um*

passatempo. Pergunte a estas pessoas quem elas são (falou isto apontado para os passageiros do ônibus) e elas não saberão responder". Aos poucos, Seu Raimundo demonstrava um grande conhecimento espiritualista em seu discurso, também insistia na temática das escolhas que todo homem têm que fazer. Dizia: "*Você é jovem e pode traçar seu caminho, não deixe que ele se faça sozinho, faça questão de o escolher*". Após os 30 minutos em que falou ininterruptamente, eu o interpelei pela primeira vez perguntando seu nome. Orgulhoso respondeu: *Seu Raimundo* e retornou-me a mesma interrogação a qual expliquei que eu também me chamava Raimundo, assim como meu pai, mas que todos preferiam me chamar de Júnior (meu último nome) e era assim que eu estava habituado a atender.

- *Mas eu te chamarei Raimundo, pois este é um nome muito mais bonito e imperioso, é o nome de grandes homens* – declarou o senhor.

Sorri. Seu Raimundo fez semblante de não entender o porquê.

Perguntei-lhe pelo passado por duas vezes e ele não respondeu diretamente. Em ambas as respostas falou em encontrar nas dúvidas caminhos para o futuro. Isto me soou muito inspirador para pensar meu atual processo de pesquisa.

Então, mudando de assunto, expliquei-lhe que eu era um estudante de Mestrado e perguntei-lhe se poderia citá-lo em minha dissertação. Seu Raimundo disse que *não entendia destas coisas*, mas que se fosse para falar dele que falassem onde quisessem que ele ficaria muito satisfeito. *Melhor ir pra essa tal de dissertação que ficar no esquecimento* – falou Seu Raimundo em um tom tragicômico. E então, sorriu pela primeira e última vez em nosso curto encontro.

O ônibus se aproximava do hospital universitário quando Seu Raimundo avisou-me que iria descer. Trocamos apertos de mão e cumprimentos. Seu Raimundo abotoou o casaco para aprontar-se para a descida (mesmo este senhor tendo se declarado um morador de rua, sua indumentária era elegante – apesar de notavelmente velha – seus ares eram nobres e demonstrava um razoável domínio da linguagem culta).

Assim que Seu Raimundo desceu, recorri à mochila, donde retirei meu diário de pesquisa e uma caneta, procurando registrar algumas de suas interessantes idéias, antes que elas me escapassem à memória. Em seguida, fiquei pensando sobre os muitos significados da vida, das dúvidas e das escolhas que produzimos para amar, escrever, pesquisar.

Este episódio me fez pensar o quanto às categorias que debatemos em uma pesquisa não são estanques, pois elas se encontram presentes nas mais diversas subjetividades. Tal momento também me fez reafirmar o importante significado de pesquisar filosofias e conceitos⁶⁵ populares, pois nesta conversa compreendi um pouco dos muitos mundos que seu Raimundo criou a partir de seus conceitos sobre vida, juventude, tempo, dúvida e escolha; nos quais pude observar a existência de muitas definições que não são óbvias. Os conceitos de Seu Raimundo eram extremamente filosóficos, pois eles explicavam a vida, davam-na um curso e buscavam potencializá-la.

Outro fator interessante entre esta experiência e minha pesquisa fora a desconstrução que Seu Raimundo fez do que denomino de *ideologia da carência*⁶⁶. Ele se posicionou o tempo inteiro como alguém extremamente potente e não como um carente. Mesmo sendo idoso, indo sozinho a um hospital público e tendo se declarado morador de rua, seu Raimundo não falava de carência. Ele esbanjava sua Filosofia com plena autoridade de direitos. Ao falar, suas mãos passeavam sagazes como as de um palestrante. Sua roupa mesmo velha fora arrumada antes de descer do ônibus e até seu *nome próprio* fora proclamado pelo mesmo como um atributo para grandes homens.

Em suma, compreendo esta experiência com Seu Raimundo como uma transversalidade viva que se encontra em um espaço que fica *entre*⁶⁷ as categorias que debatemos na academia e que ao mesmo tempo em que – aparentemente – pareça distanciado delas, é algo que se encontra extremamente imbricado nesta teia. Por fim,

⁶⁵ Refiro-me ao objetivo central desta investigação em comento que é “A produção e análise de conceitos filosóficos”.

⁶⁶ Refere-se ao debate que realizo nesta pesquisa, adotando alguns teóricos da Educação Popular para discutir a potência filosófica nos espaços da EP, em contraposição a uma ideologia instituída por posturas hierárquicas de que as pessoas pobres se constituíam, necessariamente, em sujeitos carentes.

⁶⁷ Refere-se a este conceito em Gilles Deleuze, O que é a Filosofia. Ed 34, 2001.

encerro mais um momento deste diário refletindo o quanto ele é valioso para esta pesquisa, pois creio que sem esse instrumento não poderia captar tão intensamente estas transversalidades.

ATO XXXI – ANÁLISE CLASSIFICATÓRIA E MAL-ESTAR

Fortaleza - Abril, 2006

Desde janeiro deste ano estou realizando as análises classificatórias dos dados produzidos nas Oficinas Sociopoéticas. É muito tempo para uma atividade que, à primeira vista poderia ser feita em 20 dias. O que me impede de acelerar este trabalho é que ele me causa tremendo mal-estar. As produções do grupo de pesquisa são tão imbricadas, ramificadas e complexas que me sinto mal enquadrando-as em categorias. Sinto-me como um traidor dos dados, pois sua ‘natureza’ é, com o perdão do neologismo, *pluricategórica* de tal forma que sinto-me mal al enquadrá-las. Embora reconheça que estou fazendo um bom trabalho, com a maravilhosa ajuda da pesquisadora e amiga Rosileide Soares, sinto-me mal. Talvez, se tivesse mais tempo criaria uma outra estratégia de análise.

ATO XXXII – ANÁLISE TRANSVERSAL E BEM-ESTAR

Fortaleza - Maio, 2006.

As águas de um rio mudam em pouco tempo. Ao concluir a análise classificatória da sociopoética, iniciei a análise transversal. Fiquei bem apreensivo, pois nesta análise o pesquisador utiliza linguagem diferentes para produzir textos transversais a respeito das categorias elaboradas. No entanto, foi um momento muito prazeroso. Produzi um cordel, um Mito e uma carta razoavelmente longo. Para esta tarefa que muitos têm dificuldade e demoram longo tempo, concluí em menos de 15 dias. Ao longo das produções eu ria e me divertia. Visualizava os momentos de produção na comunidade. Foi muito bom!!!

ATO XXXIII – DEFESA?

Fortaleza - Julho, 2006.

Após longa jornada é chegado o fim de destinar um fim a esta pesquisa. Sinto-me satisfeito, mesmo depois de tanto ‘penar’. Foram muitos momentos de angústia e felicidade ao mesmo tempo. Por vezes, pensei fazer bem mais do que fiz, por outras, bem menos. Esta é uma pesquisa que construiu muitas outras pesquisas ao seu redor. Como mudei, ao longo de mestrado o tema de investigação, os procedimentos metodológicos, o quadro teórico, o campo de análise, e sobretudo, os sentimentos e percepções ... escrevi muita coisa que não se encontra presente neste registro. Até penso em construir, no futuro, um novo destino para este material.

Entre fragmentos do diário, fichamentos, análise teórico-metodológica do outro tema, capítulos cortados e as partes não exploradas dos diários das implicações; escrevi mais de 300 páginas extra. Escrevi, praticamente, mais duas dissertações. Este processo tão doloroso do aprendizado humano tem como ‘fim’ a doce certeza de aprender. De aprender a errar, refazer, decepcionar, re-encontrar, perder, produzir ... viver. Olho agora para a completude deste trabalho montado para a ‘defesa’ e sinto-me feliz ... pois vejo duas coisas que são fundamentais para mim nele: vejo a potência filosófica d’Os Povos do Mar e ... vejo a mim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Leidaci Candeia. **Educação Popular e ONGs: Um diálogo entre saberes sobre a Educação Popular**. EPENN – GT 6, 2001.

ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martin Claret, 2000.

ANGEL, Regina et alii. L'institution se rêve. In: PARIS VIII. **Analyse Institutionnelle et formation - L'AI dans les murs**. Pratiques de formation - Analyses. Paris: PUF, 1997.

BACON, Francis. **Novo Organum**. In: NOVA CULTURAL. Bacon. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2000.

BARBIER, René. **La Recherche Action**. Paris: Antrophos, 1996.

BAREMBLITT, G. Apresentação do movimento Institucionalista. In: **Saúde e Loucura**. V1. São Paulo: Hucitec, 1989.

BOAVENTURA, Sousa Santos. **Pela Mão de Alice**. Lisboa, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **As transformações do Mito através dos tempos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARVALHO, Rui Vasconcelos. **O verbo contra o vento: as vilas volantes**. Fortaleza: UFC, 1991. (Dissertação de Mestrado em Sociologia na UFC).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Mar solitário**. In: Tradição – Ciência do Povo. São Paulo: Perspectiva, 1971.

CASTRO, Nelson Mendonça. **A maior estrada do mundo**. In: Jornal da Nautica. Rio de Janeiro: Sindicato dos Oficiais de Nautica e Práticos de Porto de Marinha Mercante. Boletim nº 202, 04 de outubro de 1985.

CHAUÍ, Marilena. **Notas sobre cultura popular**. In: Cultura e Democracia. São Paulo: Cortez, 1990.

CLAVAL, P. A. **Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 2001.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Guardiães da Ordem – uma viagem pelas práticas psi no Brasil do Milagre**. Série Cena Aberta – vol 2. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

CORBIN, A. **Le Territoire du vide:l’occidente et le désir du revirage**. Paris: Aubier, 1988.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Os limites do desenvolvimento e do turismo**. Fortaleza: UECE, 2003.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. São Paulo: Guanabara Koogan, 1999.

DANTAS, E. W. C. **Mar a vista – estudo da maritimidade em Fortaleza**. Coleção outras histórias, nº 12. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

DARWIN, Charles. **A origem das Espécies por meio da seleção natural**. Tomo I. Coleção grandes obras do pensamento universal, nº 33. São Paulo: Escala, 2005a.

DARWIN, Charles. **A origem das Espécies por meio da seleção natural**. Tomo II. Coleção grandes obras do pensamento universal, nº 34. São Paulo: Escala, 2005b.

DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social**. Petrópolis: Vozes.

DELEUZE, Gilles. **O que é Filosofia**. Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Editora 34, 2001.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Povos e Mares**. São Paulo: NAUPAUB/ USP, 1995.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Ilhas e mares – simbolismo e imaginário**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

DOWBOR, Ladislau. **A reprodução social**. Petrópolis: Vozes.

ECO, Humberto. **A ilha do dia anterior**. Tradução Marcos Lucchesi. São Paulo: Reccord, 1995.

EINSTEIN, Albert. **Ideas and Opinions**. Nova York: Lournal Edition, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Coleção a obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2000.

FREI BETTO. **Desafios da Educação Popular**. São Paulo: Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientae, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. Coleção leitura. 23^a edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de Grupo e Análise do Ego**. Pequena coleção das obras de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Mal-estar na civilização**. Pequena coleção das obras de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976b.

GADELHA, S. **Subjetividade e menoridade**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Coleção Pensadores & Educação, nº 3. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GAUTHIER, Jacques et alii. **Uma pesquisa sociopoética: O índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de Educação**. Florianópolis: EdUFSC – NUP, 2001.

GAMBINI, Roberto. **Aventuras Mitológicas**. In: GALDINO, Luís. O destino de Perseu. 14ª edição. São Paulo: FTD, 1998.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GOMES, H. C. M. **Para onde sopram os ventos? Escola, vida e cultura dos Povos do Mar**. Fortaleza: UFC, 2002. (Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira - UFC)

GONSALVES, Elisa. Desfazendo nós: Educação e autopoiese. In: Gonsalves, Elisa. **Educação e grupos populares: temas (re)correntes**. Campinas,SP: Ed. Alínea, 2002.

GUATTARI, Félix. **O Inconsciente Maquínico – ensaios de esquizoanálise**. Papyrus: Campinas, 1988.

HEGEL. **Princípios da Filosofia do Direito**. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

HENDERSON, Joseph L. **Os mitos antigos e o homem moderno**. In: JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos** (org). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

HESS, Remi; SAVOYE, Antoine. **L'analyse Institutionnelle**. Paris: Presses Universitaires de France: 1981.

HUGO, Victor. **Les travailleurs de la mer**. Paris, 1999.

JUNG, Carl G. O inconsciente. In: JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos** (org). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

KAMKHAGI, Vida R. Prefácio. In: Saidón, O. (org) **Análise Institucional no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1987.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999 a.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática** . São Paulo: Nova Cultural, 1999b.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna – novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução, Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LA BLACHE, P. V. de. **Principes de Géographie Humaine**. Paris: Editon UTZ, 1995.

LAGE, Jackson Soares. **De frente para a imensidade do mar**. In: Jornal da Náutica. Sindicato dos Oficiais de Náutica e Práticos de Porto de Marinha Mercante. Boletim nº 223. Rio de Janeiro, 14 de março de 1988.

LAPASSADE, Georges. **Analyse Institutionnelle et Psychosociologie**. In: PARIS VIII. Analyse Institutionnelle et formation - L'AI dans les murs. Pratiques de formation - Analyses. Paris: PUF 1997.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, Organizações e Instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A estrutura dos Mitos**. Paris, 1955.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LISPECTOR, Clarice. À espreita de um mundo melhor. Comentários Jornal do Brasil, 1965. In: ABDALA JR, Benjamin et alii. **Literatura Comentada – Clarice Lispector**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **A legião estrangeira**. São Paulo: Siciliano, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. São Paulo: Rocco, 1999.

LOURAU, René. **A Análise Institucional**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

LOURAU, René. **Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Ed.UERJ, Rio de Janeiro: 1993.

LOURAU, René. **Les clés des champs - une introduction à l'analyse institutionnelle**. Paris: Antrophos, 1990.

LUTZ, Armgard. **Diagnóstico Escola/Bairro - Bairro/Escola**. Trabalho apresentado na ANPED, 2001.

MALINOWSKI. **Os argonautas do pacífico ocidental**. Rio de Janeiro: 1990.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. Percursos de Pesquisa: Rompendo com o monoteísmo metodológico. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de e VASCONCELOS, J. Gerardo. **Registros de pesquisas na educação**. Coleção Diálogos Intempestivos: UFC, 2002.

MATOS, Kelma. **Nas trilhas da experiência – a memória, a crise e o saber do movimento popular**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento**. São Paulo: Editorial Psy, 1995.

MUNIZ, Túlio de Souza. **O ouro do mar: do surgimento da indústria da pesca da lagosta no Brasil à condição de pescador artesanal na história do tempo presentes (1955-2000). Uma narrativa sócio-histórico marítima**. Fortaleza: UFC, 2005. (Dissertação do Mestrado em História Social na UFC).

NASCIMENTO, Severina Ilsa do. **Repensando a EP no processo de metamorfose da sociedade global – novas problemáticas**. In: VORRABER, Marisa Costa (org). Educação popular hoje. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Genealogia da Moral**. Coleção grandes obras do pensamento universal, nº 20. São Paulo: Escala, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Coleção a obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NONATO JÚNIOR, Raimundo. A análise Institucional: um passeio pela Filosofia da instituição. In: VASCONCELOS, José Gerardo e alii (orgs). **Polifonias: vozes, olhares e registros na Filosofia da Educação**. Coleção Diálogos Intempestivos, nº23. Fortaleza, EdUFC: 2005.

NONATO JÚNIOR, Raimundo. **Carta à Cultura Brasileira – notas etnográficas da disciplina classe, raça e nação**. Fortaleza: UFC, 2004. (Educação & Debate: Revista da Faculdade de Educação da UFC, ano 26, vol 1, nº 47, 2004).

NOVA CULTURAL. **Os pré-socráticos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2000.

NOVA CULTURAL. **Santo Agostinho**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova cultural, 2000b.

PERON, F. et al. (orgs). **La maritimé aujourd'hui**. Paris: Éditions L'Hmattan, 1996.

PETIT, Sandra Haydée e SOARES, Rosileide de Maria Silva. **Mapeando novos territórios acerca do modelo conscientizador da EP – na busca de alternativas ANPED – GT 6**, 2000.

PETIT, Sandra H. **Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa**. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de e VASCONCELOS, J. Gerardo. Registros de pesquisas na educação. Coleção Diálogos Intempestivos: UFC, 2002.

PETIT, Sandra Haydée. **Rapports de pouvoir dans deux écoles communautaires au Brésil. Thèse de Doctorat en Sciences de l'Éducation**. Université de Paris VIII: Paris, 1995.

PETIT, Sandra Haydée. **Estudos Orientados**. (Gravado em Maio de 2005). Fortaleza, 2005.

PETIT, Sandra Haydée. **Dos “produtos paralelos” de uma pesquisa**. In: UFF. Revista do Departamento de Psicologia. V. 13 – Nº 1, EdUFF: Niterói, 2001.

PIÑON, Nélica. **A roda do vento**. Ática, São Paulo: 1996.

PLATÃO. **A República**. Coleção a obra-prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2004.

RIBEIRO NETO, José. **A pesca e os pescadores de Beberibe: natureza, especialização e conflito**. Fortaleza: UFC, 1993. (Dissertação de Mestrado em Sociologia - UFC).

ROCHA, Everardo. **O que é Mito**. Coleção primeiros passos, nº 151. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RODRIGUES, H. C. e BARROS, R.D.B. **História do Movimento Insitucionalista**. Rio de Janeiro, 1986, mimeogr., p. 02.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde e SOUZA, Vera Lúcia Batista de. **A Análise Institucional e a Profissionalização do Psicólogo**. In: Khamkagi, Vida Rachel et Saidom, Osvaldo(org). *A Análise Institucional no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura**. In: LINS, Daniel (org). *Cultura e Subjetividade – saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental da América: produção do desejo na era da cultura industrial**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1987.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura**. In: LINS, Daniel (org). *Cultura e Subjetividade – saberes nômades*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

RUTHVEN, K. K. **O Mito**. São Paulo: perspectiva, 1997.

SALES, Ivandro da Costa. **Educação Popular: Uma perspectiva, um modo de atuar (alimentando um debate)**. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso e MELO NETO, José Francisco de (orgs). **Educação Popular – outros caminhos**. João Pessoa: Ed UFPb, 2000.

SEVERIANO, Maria de Fátima. **Narcisismo e Publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade**. São Paulo: Anna Blume, 2001.

SOUSA, Antonio Rodrigues de. **A Instituição Carcerária: Um olhar sobre a Pedagogia da Prisão**. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira-UFC: Fortaleza, 2001.

SOUSA, E. **Mitologia – História e Mito**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2004.

SOUZA, João Francisco de. **Educação popular para o terceiro milênio – desafios e perspectivas**. In: COSTA, Marisa Vorraber (org). **Educação Popular Hoje**. Edições Loyola. 2003.

SYMONDS, J. A. **Essays speculative and suggestive**. V 2. Londres, 1890.

TILLMAN, Diane. **Conhecimento Teórico e Apoio para Vivendo Valores: um programa educacional**. In: **Vivendo Valores na Educação**. São Paulo: BK Editora, 2005.

TIRIBA, Lea. **Buscando Caminhos para a Pré-escola popular**. São Paulo, Ática: 1997.

TUPINAMBÁ, S. V. **Do tempo da captura à captura do tempo livre – terra e mar: caminhos da sustentabilidade**. Fortaleza, Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/ UFC, 1999.

VALLA, Victor. **Saúde e Educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

ZILLES, Urbano. **Teoria do Conhecimento**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze une Philosophie de l'événement.** Philosophies.
Paris, PUF:1994.